

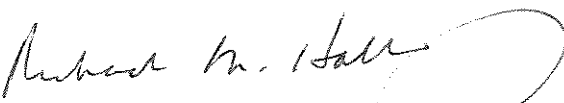
BEATRIZ DE MIRANDA BRUSANTIN

***ANAUÊ PAULISTA: UM ESTUDO SOBRE A PRÁTICA
POLÍTICA DA PRIMEIRA 'CIDADE INTEGRALISTA'
DO ESTADO DE SÃO PAULO
(1932 - 1943)***

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas sob
orientação do Prof. Dr. Michael Hall.

Este exemplar corresponde à redação final
da dissertação defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em 23/09/2004

BANCA

Prof. Dr. Michael Hall (orientador) 

Prof. Dr. Claudio Batalha (professor IFCH) 

Profa. Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro (professora USP) 

SETEMBRO/2004

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

UNIDADE	ABC
Nº CHAMADA	7/Unimp
	B838a
V	EX
TOMBO BC/	60861
PROC.	16-117-09
C	☐
D	☒
PREÇO	11,000
DATA	18-11-09
Nº CPD	

Bib Id 333754

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

Brusantin, Beatriz de Miranda	
B838a	Anauê paulista : um estudo sobre a prática política da primeira 'cidade integralista' do Estado de São Paulo (1932-1943) / Beatriz de Miranda Brusantin - Campinas, SP : [s.n.], 2004. Orientador: Michael Hall. <u>Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de</u> Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 1. Integralismo – Rio Claro (SP) (SP). 2. Fascismo – São Paulo (SP). 3. Ferroviários – São Paulo (Estado) – Atividades políticas. 4. Igreja Católica. I. Hall, Michael M. (Michael McDonald). 1941-. II. Universidade Estadual de Campinas.

RESUMO

Este trabalho pretende analisar as práticas políticas do movimento integralista paulista, a partir da cidade de Rio Claro (SP), durante o período de 1932 a 1943. Através da documentação policial do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS), das imprensas municipais paulistas e integralistas e da Ata do núcleo da AIB de Rio Claro (SP), pesquisamos o perfil social dos militantes do Sigma e suas relações com os sindicatos ferroviários e a Igreja Católica nas décadas de 30 e 40.

Desse modo, almejamos completar a historiografia contemporânea brasileira sobre o Integralismo paulista em âmbito municipal e compreender as bases sociais, culturais e políticas que deram suporte e contribuíram para que a cultura fascista se constituísse no Estado de São Paulo durante o primeiro governo Vargas.

PALAVRAS-CHAVE: Integralismo, Rio Claro (SP), Estado de São Paulo, Fascismo, sindicato ferroviário, Igreja Católica.

ABSTRAT

This work seeks to analyze the political practices of the São Paulo Integralist movement, based on a study of the city of Rio Claro (SP) between 1932 and 1943. Using police archives from the State Department of Political and Social Order (DEOPS), the local and Integralist press, and the minutes of the Rio Claro (SP) branch of the AIB, the study traces a social profile of the Sigma and its relations with the railway workers and the Catholic Church in the 1930s and 1940s.

The study thus seeks to fill a lacuna in the Brazilian historiography on Integralism at the local level and to understand the social, cultural, and political bases which sustained and contributed to the establishing of fascist culture in the during the first Vargas government.

KEY-WORDS: Integralism, Rio Claro (SP), state of São Paulo, Fascism, railway works union, Catholic Church.

ÍNDICE

Agradecimentos.....	p.9
----------------------------	------------

Introdução

A - Ideologia, práticas políticas e estudos locais: o estudo sobre o Integralismo na historiografia.....	p.11
B - De 1932 a 1943: o momento histórico que o Integralismo estava inserido.....	p.23
C - Do nacional ao municipal: nasce em São Paulo um novo Partido político.....	p.28

Capítulo 1 - O perfil do integralista paulista

1.1 - O exemplo individual: Roteiro de um paulista.....	p.35
1.2 - Que classe média é essa? O perfil social dos integralistas.....	p.40
1.3 - Ampliando o perfil dos seguidores do Sigma para além da classe média: a classe operária.....	p.46
1.4 - O universo partidário paulista: a Ação Integralista Brasileira, o Partido Republicano e o Partido Constitucionalista.....	p.52
1.5 - Os primeiros camisas verdes paulistas: o perfil militante e as atividades do núcleo da cidade de Rio Claro (SP).....	p.59
1.6 - Rio Claro (SP) - a primeira cidade integralista do Estado de São Paulo: a Ação Integralista Brasileira e o universo político e social local.....	p.66
1.7 - No jogo político-cultural: as relações e articulações integralistas na sociedade rio-clarense.....	p.72
1.8 - Jogando com as palavras e agindo na prática: as disputas e buscas ideológicas integralistas através da imprensa local e das ações políticas.....	p.85

Capítulo 2 - As intervenções integralistas nos sindicatos ferroviários

2.1- Na esfera do trabalho: o Sigma e o sindicalismo.....	p.97
2.2 - O Sigma de Pimentel Jr: A Ação Integralista no meio Ferroviário em Rio Claro (SP)	p.107
2.3 - O Clube do Treze: Os integralistas de Bauru (SP) e o Sindicato dos Ferroviários da Noroeste do Brasil.....	p.119
2.4 - Guiados pela prática: algumas conclusões sobre a ação integralista nos Sindicatos da Noroeste do Brasil e Cia Paulista.....	p.131
2.5 - Outros instrumentos de intervenção: A imprensa sindical da Noroeste do Brasil nas mãos dos Integralistas e Fascistas.....	p.135

Capítulo 3 - As ações dos integralistas rio-clarenses nas organizações católicas

3.1 - O Sigma e a Cruz: relações entre o Integralismo e a Igreja Católica.....	p. 149
3.2 - Por uma reforma social: a investida social da Igreja em nome de Cristo.....	p.151
3.3 - Ponto de confluência: a relação entre a Ação Social Cristã e a Ação Social Integralista.....	p.160
3.4 - Ligações 'perigosas' no pós-1937: as relações entre Igreja e Sigma no Estado de São Paulo.....	p.165
3.5 - Camisas e blusas verdes no caminho de Cristo: a ação dos integralistas de Rio Claro (SP) na Ação Católica.....	p.171
3.6 - Algumas conclusões: da política partidária para a ação católica.....	p.189

Conclusão

"Integralismos": um movimento paulista heterogêneo.....	p.193
---	-------

Anexo	p.199
--------------------	-------

Fontes e Bibliografia	p.207
------------------------------------	-------

ABREVIATURAS

AEL - Arquivo Edgard Laueronth

AESP - Arquivo Estadual de São Paulo

APRC - Arquivo Público de Rio Claro (SP)

DEOPS - Departamento Estadual de Ordem Política e Social

FPS - Fundo Plínio Salgado

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas (SP)

AGRADECIMENTOS

Não caberia em palavras toda a ajuda e compreensão que recebi das pessoas que me cercaram durante estes dois anos e meio de mestrado e mais todos os outros anos que antecederam o período deste trabalho. Pessoas amigas, profissionais, trabalhadoras, estagiárias, pais, irmãos e irmãs. Muitas e de diversas formas as ajudas aconteceram e me fizeram crescer.

Logo no início, ao Prof. Michael Hall, meu orientador, por ter me recebido na UNICAMP e apostado em meu projeto de mestrado, abrindo meus olhos para um amplo universo de dúvidas e possibilidades para interpretar os fatos históricos.

Aos Profs. Claudio Batalha e Fernando Teixeira da Linha História Social que além de uma cuidadosa e dedicada avaliação no processo da Qualificação, também foram generosos e me auxiliaram muito através das reuniões da linha.

Como tutora dos meus primeiros passos enquanto historiadora, nos tempos da Iniciação Científica na USP, fico imensamente grata a Profa. Maria Luiza Tucci Carneiro pela presença na banca de defesa e por toda a ajuda na minha formação enquanto pesquisadora.

Sou grata as Profas. Maria Clementina da Cunha e Margareth Rago que ministraram dois ótimos cursos de mestrado em História, mostrando-me novos e instigantes caminhos de interpretação histórica que foram decisivos para a minha escolha metodológica.

Agradeço aos funcionários do Arquivo do Estado de São Paulo, Arquivo Público de Rio Claro (SP), Secretaria da Igreja Matriz de Rio Claro (SP) e do Arquivo Edgard Lauenroth pelos diversos serviços prestados a uma pesquisadora curiosa.

Ao CNPQ por ter me concedido 2 meses de bolsa e à FAPESP pelos 22 meses restantes e pela Reserva Técnica que possibilitou a realização da preciosa pesquisa de campo e da participação e divulgação deste trabalho em eventos científicos nacionais.

Fico imensamente grata à Ana Paula Galdeano e Thiago Galletta pela amizade e carinho ao me ajudarem com a revisão do texto e à minha irmã Daniela pelas digitalizações.

Aos amigos da UNICAMP e da vida toda: Alinnie, Janis, Socorro, Vanessa, Vitor, Marcelo, Ricardo, Rita, Ana, Camilo, Maíra, Paulo e Gabriel que entre um papo acadêmico e outro, ensinaram-me muito sobre a História e outras milongas mais.

Em especial, ao Thiago por estar presente em toda a caminhada ajudando-me a transformar as estradas cheias de pedra em trilhas mais floridas.

Ao meu grupo de dança Peleja (vulgo Sabença) que além de tornar meus dias de mestranda muito mais prazerosos e sonhadores, ensinou-me “outras formas de Ser historiadora”.

Aos irmãos e irmãs pelo apoio e admiração e ao meu pai Edie e minha mãe Maria Izabel por sempre estarem ao meu lado: acreditando e compreendendo as minhas escolhas.

INTRODUÇÃO

A) Ideologia, práticas políticas e estudos locais: o estudo sobre o Integralismo na historiografia.

A idéia de desenvolver essa dissertação veio a partir do contato com a documentação do DEOPS referente ao interior paulista que suscitou o interesse de investigar o movimento integralista de forma local a partir da sua base militante, da sua prática política, da sua estratégia de propaganda na imprensa, suas intervenções institucionais e sua ação junto a classe média e operária. Foi, portanto, uma proposta de análise historiográfica que se diferenciava dos trabalhos desenvolvidos na década de 70 e 80 e se assemelhava com as tendências recentes de uma pesquisa regional e centrada não apenas nas estruturas sociais, mas também na ação individual e nas dinâmicas locais.

Assim, buscando alcançar as singularidades das práticas integralistas optamos por centrar nossos estudos na cidade paulista de Rio Claro, a primeira cidade do Estado de São Paulo a receber do chefe nacional Plínio Salgado o título de Cidade Integralista. Analisar o Integralismo de forma municipal nos trouxe a necessidade de buscarmos algumas comparações com outras localidades. Desse modo, desenvolvemos no *Capítulo 2 - A intervenção dos integralistas nos sindicatos ferroviários* - uma análise comparativa com a ação ferroviária integralista na cidade de Bauru (SP). Uma forma analítica ainda pouco utilizada nos estudos sobre o movimento do Sigma até o momento.

De forma geral, podemos dividir os trabalhos sobre o Integralismo nos anos 30 em duas vertentes: os elaborados nas décadas de 70 e 80 que fazem um estudo teórico e ideológico do Sigma e os trabalhos que se iniciaram na década de 90 investindo em um corte geográfico (regional ou municipal) ou temático (a imprensa, a mulher, o Anticomunismo, o Eugenismo).

Na historiografia da década de 70, observamos intensos estudos na área das ciências humanas sobre o discurso integralista. Essa tendência decorreu em grande parte das influências do pensamento estruturalista sobre aquelas ciências, que privilegiava a análise da dimensão superestrutural da sociedade. Como obras básicas sobre o tema destacamos os

estudos de Héglio Trindade¹, Marilena Chauí², J. Chasin³, Gilberto Vasconcellos⁴ e, nos anos 80, Ricardo Araújo⁵.

A obra de Héglio Trindade destaca-se como um trabalho pioneiro e de referência sobre a gênese da ideologia de Plínio Salgado, a natureza do movimento integralista e sua estrutura partidária. Em sua investida sobre a natureza do movimento, Trindade aponta como questão chave para a reflexão sobre as formações sociais do público integralista e suas intenções de adesão a AIB que segundo ele se daria através de uma investigação sobre seus inimigos, principalmente, o Comunismo que segundo as pesquisas semidiretivas de Trindade simbolizou um dos maiores motivos para a grande filiação a AIB. Entre outros inimigos, Héglio Trindade coloca o Liberalismo, o socialismo, o Capitalismo internacional e as sociedades secretas vinculadas ao judaísmo e à maçonaria. Segundo os teóricos integralistas o socialismo e o Liberalismo são considerados expressões diferentes da concepção filosófica materialista e foram superadas pela experiência fascista integral. Já o combate ao Comunismo é explicado por uma linguagem primária, procurando provocar o medo nos militantes e simpatizantes do Integralismo.

Sobre o pensamento de Plínio Salgado, Trindade analisa a conjuntura histórica social da época marcada pelo período entre guerras e a revolução literária e artística modernista. Buscando relacionar a evolução política brasileira e o contexto internacional (principalmente a ascensão do fascismo na Europa), o autor aponta as justificativas evidentes no contexto histórico brasileiro após a revolução de 30, que possibilitou o nascimento da Ação Integralista Brasileira.

No trabalho de Trindade, verificamos a discussão em torno da raiz ideológica do Integralismo que perpassa vários trabalhos da década de 70, mas que não são centrais em estudos mais recentes. Sobre o tema, Trindade defende uma opinião contrária daqueles autores. Para ele, o Integralismo tem um caráter plenamente fascista. Apesar de levantar

¹ TRINDADE, 1974.

² CHAUÍ, 1978.

³ CHASIN, 1978.

⁴ VASCONCELLOS, 1979.

⁵ ARAÚJO, 1988.

características históricas e ideológicas específicas da conjuntura brasileira que estão refletidas no Integralismo. Trindade⁶, diferente de Chasin e Vasconcellos, por exemplo, define o movimento dos camisas verdes como a versão brasileira do fascismo italiano.

Vasconcellos, por sua vez, no ensaio *Ideologia Curupira*, analisa o discurso integralista ressaltando sua consistência e especificidade numa sociedade capitalista periférica a partir, principalmente, das correntes literárias modernas. Demonstra, baseando-se, sobretudo, na "teoria da dependência" e nas teorias psicanalíticas do mito narcisista, de que maneira o discurso dos camisas verdes nascera vazio em embates de apego e repulsa do pensamento integralista com relação à ideologia fascista européia.

O autor, em intensa (des) construção da literatura integralista, expõe a "teoria da dependência" para entender e dissecar os processos culturais do "Brasil moderno" apontando a questão da dependência cultural como ponto central de discussão sobre o Integralismo. Coloca como essencial analisarmos a repulsa pela ideologia fascista européia (exógena) expressa nos discursos integralistas que, exaltando o nacional, preocupava-se constantemente em expor a autonomia da sua doutrina a fim de fugir de um possível mimetismo ideológico. Aqui, Vasconcellos, contrapondo Héglio Trindade, afirma que a necessidade de sustentar a autonomia do Sigma e a impossibilidade em torná-la real, não evidencia a indigência intelectual, mas tem raízes objetivas na sociedade brasileira.

Para Vasconcellos, o discurso integralista traz uma especificidade: o delírio da autonomia cultural, que se consubstancia na resposta equivocada à situação heteronômica do país. Adianta pouco mostrar sua ausência total de originalidade em relação ao fascismo europeu; o importante é mostrar a que ponto essa importação ideológica (independente da consciência dos camisas verdes) combinou-se com a particular realidade social do país ou em que medida se deixou contaminar pelo contexto da dependência. A saber: o desejo narcisista de cortar os laços com o Ocidente, de converter o Brasil numa totalidade perversamente auto-suficiente e socialmente indiferente, um esconderijo invulnerável à excitação do dissoluto mundo "moderno", um país recheado da grandeza, longe da "exótica" luta de classes, à distância e bem protegido das *garras sangüinolentas do*

⁶ Vale dizer que Trindade, em estudo posterior, de certa forma, retifica seus pensamentos e redefine a ideologia integralista como diferente do fascismo italiano onde "o fato procedeu a doutrina".

Comunismo. Parafraseando Freud: um país que se beija a si mesmo, eis o ideal narcisista que o Estado totalitário deveria concretizar, segundo os camisas verdes⁷.

Caminhando para uma análise mais centrada no âmbito econômico, Chasin, com seu trabalho, tenta desvendar a relação existente entre o fascismo, o Integralismo e o Capitalismo. Levanta, portanto, discussões de cunho histórico, social, político e econômico para tentar buscar compreender a *natureza real* da doutrina integralista pliniana.

Para o autor, o Integralismo apenas usou o fascismo como recurso intelectual para alcançar a idéia de regresso ao passado tradicional e cultural *ruralista* brasileira. Chasin define o fascismo como uma ideologia que ocorreu baseada em uma sociedade de expansão econômica combinada com a regressão social e política. Já a corrente de Plínio Salgado representava a própria regressão econômica que se encaminhava a uma idealização da *tradição ruralista* brasileira como via de contenção do desenvolvimento capitalista. Portanto, uma conjuntura histórica e econômica divergente entre os dois países (Itália e Brasil) que conseqüentemente resultaram em diferentes naturezas político-ideológicas.

O autor acredita que o Integralismo não foi uma cópia do fascismo italiano; correspondendo às condições históricas e sociais, foi um movimento reacionário conciliatório, norteado por valores e interesses da pequena - burguesia parasitária do Capitalismo e inscrito num panorama de Capitalismo atrasado que incorporou um máximo de tradição ruralista patriótica, rejeitando a dinâmica do mundo industrial.⁸

Apesar do interessante estudo realizado por Chasin, vale ressaltar, como bem expôs Antônio Cândido⁹, que a noção de fascismo aplicado está estritamente relacionada ao movimento político italiano e alemão e não ao fascismo como um sentido amplo uma vez que, se assim pensado, outras implicações surgiriam e, portanto, em outras reflexões e conclusões. Além do mais, Chasin em seu estudo analisou exclusivamente o lado teórico ideológico de Plínio Salgado não investigando a prática integralista que, como expomos no presente trabalho, tem muito a nos dizer.

⁷ VASCONCELLOS, 1979, pg. 197.

⁸ Vale dizer, que o autor não descarta algumas características comuns entre fascismo e integralismo, no entanto, descarta a o caráter mimético do integralismo. Assinala que esse, a fim de chegar as ideais acima apontados, usou-se de alguns elementos essenciais do fascismo.

⁹ CÂNDIDO, Apud CHASIN, 1978, p. 17-18.

A discussão sobre o caráter fascista do Integralismo que atravessa os trabalhos de Trindade, Vasconcellos e Chasin tornou-se pouco abordado nos trabalhos mais recentes sobre a ação integralista. O presente trabalho apesar de seguir essas tendências analíticas recentes e, sobretudo, investigar a ação municipal do Sigma sem intensas reflexões teóricas ideológicas sobre o caráter fascista do Integralismo, indiretamente trouxe à tona o caráter do Integralismo como um movimento com características ideológicas e práticas fascistas.

Distante, no entanto, de centrar esforços nesta exclusiva direção, abordamos a questão teórica do fascismo através, principalmente, das discussões colocadas por Martin Kitchen¹⁰ e Renzo De Felice, refletindo sobre quais elementos das práticas e teorias fascistas o movimento integralista paulista se apoiou e ressaltando a diferença entre o "fascismo movimento" e o "fascismo regime".

Martin Kitchen, afastando-se das classificações sobre as teorias do fascismo defendidas por Ernest Nolte que, resumidamente, aposta no fascismo como um fenômeno específico e supranacional de uma época particular, defendeu a idéia de que sendo o fascismo um movimento social, deve ser socialmente determinado e não produzido por particularidades de características nacionais, por acidentes ou fantasias da mente. Para o autor o fascismo é o produto da sociedade que bloqueou o desenvolvimento da liberdade humana genuína e que é determinada para manter o modo de produção irracional. Assim, o estudo do fascismo está atrelado à necessidade de explicar as atuais tendências fascistas e diretas ou indiretas tendências repressivas contemporâneas.

Desse modo, através da caracterização de Kitchen sobre o fascismo, ampliamos nossa interpretação e investimos em uma reflexão sobre as bases sociais e políticas do movimento integralista paulista como possíveis representações sociais das práticas fascistas na sociedade contemporânea brasileira dos anos 30¹¹.

Primeiramente, defendemos a idéia de que existiram "Integralismos" no Brasil e que seu caráter fascista veio, sobretudo, em decorrência de suas práticas políticas e culturais se

¹⁰ KITCHEN, 1976.

¹¹ Vale ressaltar que Kitchen deixa bem claro que para ele o fascismo é um produto da sociedade capitalista e portanto próprio das sociedades industrializadas, desse modo, não considera as ditaduras da América Latina como fascistas. Todavia, nada impede que falemos em práticas e ideais fascistas na América Latina através de movimentos de extrema direita como, por exemplo, o Integralismo.

constituírem de aspectos fascistas conforme dinâmicas específicas locais. A visão sobre o fascismo de Kicthen leva-nos a observar tal fenômeno não apenas como uma teoria estanque, mas em transformação (por exemplo, neofascismo) conforme necessidades sociais capitalistas, portanto em constante relação com as práticas sociais e políticas da sociedade moderna.

Aproveitando essa perspectiva analítica, porém abordando outros aspectos interpretativos, Marilena Chauí, em seus *Apontamentos para uma crítica sobre a AIB*, analisa o movimento integralista a partir das características político-sociais e ideológicas da sociedade brasileira vigente nas décadas de 20 e 30. A autora assinala a incapacidade das classes brasileiras de produzirem uma ideologia propriamente dita. Dessa forma, afirma ser inevitável que os ideários autoritários, liberal e revolucionário tivessem sido importados e adaptados às condições locais, resultando disso que, no Brasil, as idéias estejam fora do lugar.

Chauí ressalta que o traço mais marcante dos ideólogos autoritários brasileiros revela-se na construção de discursos onde tais condições não podem aparecer. Para a autora, tal ausência engendra a debilidade teórica e sua contrapartida, isto é, a eficácia prática, pois, ausentes às premissas o discurso torna-se normativo e programático-pragmático, o dever ocupando assim, o lugar do ser, e as técnicas de ação, o lugar do agir. Baseando-se na idéia de debilidade teórica e eficácia prática, Marilena propõe investigarmos como e por que o Integralismo tornou-se uma proposta política capaz de converter a AIB em um agente social e político bem sucedido durante um certo momento da história do Brasil.

Sugere indagarmos por que para os dirigentes e militantes, a doutrina era tida como uma teoria sólida acerca da realidade brasileira e capaz de apontar uma linha de ação considerada justa. Trata-se de compreendermos os motivos pelos quais os militantes e vanguardas integralistas apostaram nestes ideais e por que muitos o repudiaram. Trata-se, sobretudo, de buscar o público alvo do pensamento integralista refletindo sobre sua inserção social atrelada a sua conjuntura histórica, principalmente, política e ideológica.

Como Chauí, apostamos na interpretação de que o movimento integralista possuía uma teoria pragmática e, por isso, estava estreitamente ligado com uma prática de ação eficaz e bem articulada. Sendo assim, cabe ao investigador também valorizar, sobretudo, o militante integralista, sua inserção social e sua relação com a dinâmica política. Não apenas

pensar a relação fascismo e Integralismo pelo lado teórico ideológico, mas também pelo aspecto prático político e social.

Fazendo um paralelo com o fascismo internacional, os estudiosos como Shlomo Sand, Michel Winock e Jacques Julliard defendem que o fascismo mais do que qualquer outro movimento social do século XX repousou, principalmente, sobre uma prática. Assim, o fascismo foi um movimento pragmático, cujos elementos teóricos mudaram constantemente. Nem mesmo quando unificado em movimento, como na Itália, podemos considerar um sólido quadro conceitual da ideologia fascista. Seria mais como um sistema condicionado pelos acontecimentos.¹²

Assim, acreditamos que o movimento integralista fez-se sobre práticas fascistas que com o passar dos acontecimentos dos anos 30 e início dos 40 foram se transformando. Portanto, aqui, a compreensão do movimento do Sigma como fascista é feita através da investigação da sua própria dinâmica política e social que carregou características do fascismo, principalmente, italiano, e como tal, foi modificando-se conforme a dinâmica histórica brasileira das décadas de 30 e 40.

Nesse sentido, é de suma importância as considerações de Renzo De Felice sobre a diferença entre o fascismo regime e o fascismo movimento. Como coloca De Felice analisando o caso italiano, o fascismo movimento possuiu aspirações renovadoras que constituiu uma porção de "revolucionarismo" existente no próprio fascismo tendendo a construir alguma coisa de novo. Era um conjunto de elementos culturais (conscientes ou inconscientes) e psicológicos que em parte pertenceu ao fascismo intransigente e no período pré-marcha sobre Roma, mas em parte era alguma coisa de novo e de diferente (e de sucessivo) que constituiu a auto-apresentação do fascismo projetado no futuro, além dos condicionamentos, dos medos, das derrotas impostas pelo regime e da própria vida de Mussolini.¹³

O fascismo regime, ao contrário, era a política de Mussolini; o resultado de uma política que - quer queira quer não - tendeu a fazer do fato fascismo apenas a superestrutura de um poder pessoal, de uma linha política que por muitos aspectos tornou-se sempre mais

¹² PINTO, 1985, p. 109-121.

¹³ DE FELICE, 1998, p. 29 -32.

herança de uma tradição. O discurso da continuidade - fratura que é hoje tantas vezes feita pela história da Itália, em relação com pré-fascismo, com o fascismo, com o pós-fascismo - se articulou através do discurso sobre o fascismo regime. Por outro lado, o fascismo movimento saltou todo o problema. Teve uma linha própria que constituiu uma fratura nítida entre o pré-fascismo e o fascismo. O fascismo movimento era fratura e o regime era continuidade.

Assim, podemos dizer que o fascismo movimento foi uma tentativa de apresentar novas soluções "modernas" e mais "adequadas" que se utilizou, por exemplo, de um certo tipo de corporativismo e de "interclassismo". Em outras palavras, o movimento era a idéia da realidade; o regime era a realização desta realidade, com todas as dificuldades objetivas que isto comportava.

A partir das considerações de De Felice, observamos no Integralismo um fascismo movimento que dentro da dinâmica política, social e cultural brasileira propôs novos caminhos para a sociedade. A idealização do novo, de uma revolução espiritual. Idealizações, todavia, que não alcançaram o poder, não se tornaram regime e que, portanto, caracterizaram-se pela prática militante enquanto movimento e não enquanto poder (regime). Nesse sentido, se buscamos compreender o movimento integralista enquanto tal e como expressão fascista necessariamente temos que abordar a questão da prática política, seus militantes e sua inserção na sociedade brasileira dos anos 30.

Na historiografia sobre o Integralismo, Ricardo Araújo em *Totalitarismo e Revolução* é um dos autores que analisa o caráter revolucionário do Sigma. Araújo coloca o pensamento de Plínio Salgado em contraposição às concepções autoritárias vigentes e ao pensamento conservador. Para o autor, distante do autoritarismo em voga que apostava na defesa de uma ordem social hierárquica contra o impacto avassalador das forças da individualização e da competição econômica, o Integralismo de Plínio Salgado, pautando-se nos ideais totalitários, pregava uma "revolução espiritual" que levasse à criação de uma sociedade radicalmente justa e fraterna, constituída por indivíduos rigorosamente iguais - uma sociedade homogênea, equalitária e permanentemente mobilizada. O aspecto conservador estaria apenas relacionado ao antiLiberalismo e à crítica da sociedade burguesa e da ética individualista.

O trabalho de Araújo certamente nos presta para definirmos os tênues descontínuos político - ideológicos existentes entre as correntes ideológicas autoritárias da época como também as próprias divergências entre os vários ideólogos integralistas. Não obstante, para entendermos o movimento integralista enquanto prática política fascista talvez não nos dê tantos caminhos. Daí a contribuição historiográfica dos recentes trabalhos sobre os camisas verdes que partem de uma análise regional e centrada nos aspectos da dinâmica cotidiana do movimento.

Os recentes trabalhos sobre o Integralismo apresentam uma nova geração de investigadores que buscam a compreensão do movimento não apenas pelo viés ideológico do discurso e da doutrina integralista, mas, sobretudo, almejam desvendar suas articulações com políticas regionais, com as imigrações italianas e alemãs e através da ação das AIBs locais: seus dirigentes, seus militantes, seu público.

Entre os estudos de João Fábio Bertonha, por exemplo, o que mais se assemelhou com as propostas desta pesquisa foi o ensaio sobre as relações, que não era apenas de conflito, entre o Sigma e o Fascio no Brasil¹⁴. O autor aborda as relações existentes entre estes dois grupos políticos não apenas no âmbito ideológico como bem fizeram os autores acima destacados, mas pontua os canais de comunicações entre o governo fascista e a AIB. Desta relação, além de surgirem fornecimentos de fundo e apoio logísticos provindos do governo fascista ao Brasil, também serviram de apoio nesta íntima relação às coletividades italianas presentes no Brasil e a estrutura de catequese montada pelo governo fascista, além dos órgãos fascistas ativos no Brasil.¹⁵

Neste ensaio, Bertonha reflete sobre a questão da etnia como fator determinante para a adesão política aos movimentos da extrema direita no Brasil. Neste ponto destaca a existência correlativa entre os italianos natos que aderiam aos grupos fascistas e seus descendentes que, em busca da "brasilidade", optaram pelo Integralismo. Porém, o autor deixa claro que não só a etnia, por exemplo, ser italiano/alemão ou descendente, definia as posições dos cidadãos perante as ideologias fascistas e integralistas, mas, também, a inserção social destes grupos influenciava em suas posições políticas.

¹⁴ Também sobre a relação fascismo / integralismo no Estado de São Paulo. Ver: SANTOS, 2001.

¹⁵ BERTONHA, Madison, 1998.

René Gertz, em seu estudo expõe esta questão defendendo que pensar apenas na etnia como fator definidor da opção pelo fascismo ou nazismo é insustentável. René, extrapolando o que Bertonha coloca, chega a afirmar que é possível abstrair o fato de as populações dessas regiões terem, em grande parte, um sobrenome alemão. Para ele optar para uma análise sócio-cultural a fim de compreender as posturas político-ideológicas dos imigrantes (italianos e alemães) é mais interessante e coerente.¹⁶

Bertonha e Gertz contribuíram muito para a interpretação do Integralismo como movimento fascista através da análise das relações pessoais entre os camisas verdes e italianos fascistas e entre os Integralistas e o governo fascista. Informações e conclusões que trazem luz para a questão da etnia e da cultura italiana que se relacionam com a temática do Integralismo. Mais do que definir teoricamente se o Sigma era fascista, é mais interessante revelarmos as relações, opções e escolhas dos próprios militantes integralistas.

Atrelada a essa idéia temos a inserção dos militantes nas conjunturas políticas e sociais em nível regional e local. Seria ingênuo pensarmos em um movimento de todo homogêneo em um país com grandes diversidades culturais como é o Brasil ou ignorar as especificidades das dinâmicas sociais e políticas locais. O importante é reconhecer que uma realidade social não é a mesma dependendo do nível de análise - ou, da escala de observação - em que escolhemos nos situar. Como coloca Revel, entender, por exemplo, os fenômenos maciços que estamos habituados a pensar em termos globais, como o crescimento do Estado e a formação da sociedade industrial podem ser lidos em termos completamente diferentes se tentarmos apreendê-los por intermédio das estratégias individuais, das trajetórias biográficas, familiares e dos homens que foram postos diante deles.¹⁷

Assim, apostar da análise microssocial – e sua opção experimental – é reconhecer que a experiência mais elementar, a do grupo restrito, e até mesmo do indivíduo, é mais esclarecedora porque é mais complexa e se inscreve no maior número de contextos diferentes. Isto é, o recurso a sistemas classificatórios baseados em critérios explícitos

¹⁶ GERTZ, 1987.

¹⁷ REVEL, 1998.

(gerais ou locais) é substituído na microanálise pela decisão de levar em consideração os comportamentos por meio dos quais as identidades coletivas se constituem e se deformam. Trata-se, portanto, não apenas em aumentar (ou diminuir) o tamanho do objeto no visor, mas significa modificar sua forma e sua trama. Transformar o conteúdo da representação. É, sobretudo, a recusa da idéia de que existiria um contexto universal e homogêneo, para construir a pluralidade dos contextos que são necessários à compreensão dos comportamentos observados.

Um pouco nessa perspectiva, com relação à temática do Integralismo destacamos, por exemplo, os trabalhos de João Caldeira, Giselda Brito e Carla Brandalise, que podemos assemelhar com o enfoque pretendido nessa dissertação.

O estudo de Caldeira sobre a AIB no Maranhão tem muito para contribuir a cerca do Integralismo. O autor ressalta as especificidade do movimento dos camisas verdes no Maranhão, destacando as articulações e alianças do "Partido do Sigma" com o poder local, como também a presença de vários jornais partidários e de uma rádio - a rádio *Sigma*. Neste estudo, as estratégias adotadas pelos partidários do Sigma no Maranhão foram avaliadas em direções distintas: *da trama como o poder*, se considerarmos que os dois grupos (Estado e integralistas) articulavam discursos nacionalistas similares em defesa da ordem, da família e da nação; e ao *nível da sociedade* em geral, público alvo dos militantes convictos. O autor trabalha, portanto com duas vertentes interpretativas – a sociedade e os jogos do poder - abrindo um interessante caminho de compreensão sobre o Integralismo em âmbito local.¹⁸

Com seu estudo sobre A Ação Integralista de Pernambuco, Giselda Brito também discorre sobre os mandonismo locais os quais determinavam o sucesso ou insucesso dos vários núcleos da AIB (PE). Neste trabalho, no entanto, temos a utilização de fontes como o DOPS e relatos orais que Caldeira não pesquisou. Com estas informações extras, Giselda analisa o discurso policial sobre os integralistas pernambucanos e suas posições como subversivos. Os relatos orais prestam para concluir como ainda sobrevive a ideologia do Sigma nos discursos dos antigos integralistas que foram profundamente afetados em seus hábitos e comportamentos sociais e políticos.¹⁹

¹⁸ CALDEIRA, 1999.

¹⁹ SILVA, 1996.

Brandalise já esboça a ação integralista no Rio Grande do Sul analisando a inserção da AIB no contexto sócio-político do Estado durante os anos 30, levantando as vicissitudes enfrentadas pelo movimento integralista ao longo de seu processo de expansão regional, em função de particularidades do momento histórico do Rio Grande do Sul.²⁰

Apesar desses trabalhos divergirem na dinâmica de análise como também nas fontes documentais utilizadas, eles possuem em comum a intenção metodológica de pensar o Integralismo e os contextos sócio-político locais. O que contribui para que observemos a AIB como um movimento com diversos perfis e em dimensões regionais.

O presente trabalho vem investir em uma outra frente que também tem como inspiração os estudos regionais, mas, sobretudo, aposta na análise municipal como escala para compreender o Sigma no Estado de São Paulo. Nesse sentido, vale destacar que trabalhamos com o Integralismo constituído, principalmente, por relações humanas, jogos de prestígios pessoais, redes interpessoais, relações interinstitucionais e dinâmicas políticas locais. Um foco, portanto, menor que as escalas regionais e, por isso, mais complexo uma vez que abrange as diversas possibilidades de escolhas, opções e estratégias dos membros de uma comunidade e sua conjuntura histórica específica.²¹

Essa empreitada acadêmica levou-nos a ampliarmos o perfil do militante integralista para além da classe média. Desse modo desenvolvemos o Capítulo 1 - *O perfil do integralista Paulista*, que pretendeu alcançar o caráter heterogêneo dos seguidores do Sigma e, conseqüentemente, sua prática política no Estado de São Paulo. Discorremos sobre as ações e articulações do movimento integralista em Rio Claro (SP) e sua inserção na sociedade local.

A constatação de que os ferroviários rio-clarenses foram os militantes do Integralismo mais ativos, fez-nos reconstruir no Capítulo 2 a ação dos integralistas no sindicato ferroviário da Cia Paulista de Estrada de Ferro e, a fim de comparação, no Sindicato da Noroeste do Brasil com sede na cidade de Bauru. As investigações trouxeram

²⁰ BRANDALISE, 1992.

²¹ Há outros trabalhos com enfoques municipais como, por exemplo, o de MILKE, 1999. Ou de RIBEIRO, 2002.

conclusões tanto sobre as formas de ação e estratégias de doutrinação como também reflexões sobre o caráter fascista e revolucionário do Sigma.

Reflexões, no entanto, que no Capítulo 3 tornaram-se mais complexas ao avançamos nossa análise para o período Estado novista no qual constatamos estreitas ligações entre as representações de base da Ação Católica em Rio Claro (SP) e o chefe integralista local. Relações que caracterizaram a ação integralista junto aos trabalhadores, no início dos anos 40, com aspectos conservadores e católicos.

Complexidades que tentamos resolver no desenvolvimento dessa pesquisa que, todavia, mais do que buscar certezas almejou criar novos caminhos interpretativos para o estudo da prática política fascista no Brasil e acrescentar à historiografia informações sobre o movimento do Sigma paulista em nível municipal.

B) De 1932 a 1943: o momento histórico que o Integralismo estava inserido.

Tendo em vista o período entre 1932 a 1943, momento do primeiro governo Vargas, temos como importantes marcos históricos brasileiros os seguintes anos: 1932, 1934, 1935, 1937, 1943. Destacamos em 1932 a Revolta Constitucionalista e a criação da Ação Integralista Brasileira; em 1934 a promulgação da Constituição de 1934; em 1935 a fundação da Aliança Nacional Libertadora, em 1937, o golpe de Estado de Getúlio Vargas instaurando o Estado Novo e, finalmente, em 1943, com o Brasil já na II Guerra Mundial ao lado dos aliados.

Vale ressaltar, no entanto, que apesar de investigarmos o movimento integralista em Rio Claro (SP), o qual iniciou suas atividades a partir de 1933, é importante refletirmos também sobre o período anterior uma vez que ocorreram intensas atividades fascistas no país e no exterior, como ações políticas e sociais dos cidadãos que se tornariam integralistas.

No Brasil, desde a década de 20, por exemplo, existiram diversas manifestações ideológicas e políticas de caráter autoritário e direitista. Verificamos, por exemplo, o modernismo verde – amarelista do qual vem Plínio Salgado (fundador da AIB); as bases do fascismo italiano a partir de março de 1923, com a fundação do *Fascio de São Paulo “Filippo Corridori”* na capital paulista²², ou ainda, a partir de dezembro de 1928, a ação do Partido Nacional Fascista na

²² SANTOS, 2001, p. 25.

associação italiana *Circolo Italiano* em São Paulo que, segundo Trento²³, em pouco tempo tornou-se o principal centro de atividades fascistas no Brasil. Em 1930, temos a fundação do Partido Fascista Brasileiro, que segundo Carone²⁴ já tinha suas manifestações em 1922, com a Legião do Cruzeiro do Sul e avistava o surgimento da Ação Integralista Brasileira. Em 1931, surgem a Legião de Outubro, de Amaro Lanari e Francisco Campos; o Partido Nacional Sindicalista, de Olbiano de Melo; o Partido Nacionalista de São Paulo, de Mário Antunes e a pequena ala do Partido Socialista Brasileiro, de Cristiano das Neves, que para Carone²⁵ também foram alguns dos outros núcleos que antecederam e ajudaram a formar futuramente o movimento integralista²⁶.

Vale destacar dentre esses movimentos que antecederam o Integralismo o verde-amarelismo, que louvava, entre outras coisas, o regionalismo paulista. Para os verde-amarelos, São Paulo se apresentava sempre como o cerne da nacionalidade brasileira, justamente por sua configuração geográfica. A originalidade de geografia paulista atribuiria à região um destino especial: ser o guia da nacionalidade brasileira.

Como coloca Velloso, eles ressaltavam que, diferentemente das demais regiões do país, em São Paulo os rios correm em direção ao interior. Este fato obrigou os paulistas a caminharem em direção ao sertão, abandonando o litoral. Por uma questão de fatalidade do meio ambiente, eles se tornaram, então, bandeirantes e desbravadores. Ao se internarem nos sertões, os bandeirantes teriam abdicado dos falsos valores do litoral - alienígena para encontrar os filões do "Brasil-autêntico" que era o rural.²⁷

Nessa busca pela brasilidade, os verde-amarelos almejavam construir a nacionalidade e o valor patriótico através da história-geografia. Daí surgiu a idéia de defesa das fronteiras, cujo o conceito extrapolava uma representação puramente jurídica para exprimir a própria idéia de nação: sua economia, política, cultura e espiritualidade.

²³ TRENTO, 1989, p. 330.

²⁴ CARONE, 1978, p. 288.

²⁵ CARONE, 1978, p. 295.

²⁶ Vale acrescentar a ação da Legião Cearense do Trabalho que também teve relações com futuras integralistas além de possuir direção e métodos semelhantes aos movimentos fascistas.

²⁷ VELLOSO, 1987, p.48.

O intelectual, dessa forma, devia se transformar em um cidadão-soldado sempre alerta, guardando as fronteiras do país contra as invasões alienígenas. Sua missão seria resgatar a "fisionomia interior da pátria", que está na terra, na língua e no Brasil território.²⁸

Sem a intenção de traçarmos um minucioso estudo comparativo entre verde-amarelismo e Integralismo, o que nos interessa é perceber a "cultura ideológica" que existiu nos anos 20 e que, certamente, inspirou e contribuiu para que o movimento Integralista entrasse em cena. Um primeiro aspecto interessante é a louvação do Estado de São Paulo como exemplo da brasilidade e nacionalidade. Objeto de estudo do presente trabalho, o Integralismo paulista possivelmente incorporou aspectos da cultura verde amarela, que também lutava pelo ideal nacionalista. Portanto, tratar de militantes paulistas do Sigma implica em pensarmos também possíveis reconstruções do espírito bandeirante, da idéia de exemplo de nacionalidade e de vanguarda da brasilidade.

Outra idéia emblemática é a do cidadão-soldado e do guardião das fronteiras. Imagens que sob o título de soldados de Cristo também foram construídas pelos integralistas. Ainda que descartassem a concepção de cidadão, reutilizaram a idéia de soldado vinculada à espiritualidade e ao intelectualismo, valores defendidos pelo Integralismo. Muitos militantes do alto escalão eram intelectuais e a ação política desses no movimento do Sigma provavelmente veio da cultura construída na década de 20 de que a intelectualidade precisava preservar com suas próprias mãos os elementos nacionais contra os alienígenas, ou em outras palavras, comunistas.

Internacionalmente, temos nos anos 20 e, principalmente, nos anos 30, a política ideológica de expansão e propaganda do regime fascista italiano que teve como um dos principais alvos os imigrantes italianos no Brasil e até mesmo o governo Vargas. Como colocou Bertonha²⁹ desde os anos 20, há na política externa fascista a tendência de fusão dos objetivos nacionais do Estado italiano com aqueles de divulgação e expansão da ideologia fascista. Daí que, com o surgimento de grupos de clara tendência fascista na América Latina a partir de 1932/33 abriu-se um novo canal pelo qual a influência italiana podia ser transmitida. No caso brasileiro, essa possibilidade foi explorada a fundo através do mais importante movimento fascista das Américas: a AIB. Segundo o autor, o interesse fascista italiano de uma hegemonia política no Brasil era

²⁸ VELLOSO, 1987, p. 53.

²⁹ BERTONHA, Campinas, 1998, p. 59-62.

apoiado pela a existência do tripé: coletividade italiana, propaganda e o relacionamento com o Integralismo e, em menor escala, com o regime de Getúlio Vargas.

No Brasil, bem próxima à declaração do Manifesto Integralista destacamos a Revolução de 1932, que explicitou o radicalismo presente nos antagonismos do início do governo Provisório. Esta, através da proposta da constitucionalização, assumiu a dimensão de principal movimento capaz de alterar a situação vigente, colocando as reivindicações da oligarquia divergente (autonomia estadual e limitação dos poderes da União) em debate público, o que identificou o fim de 1932 com os mais complexos momentos de divisão interna nas principais forças políticas do país. Transformações políticas e sociais, contemporâneas ao nascimento do Partido Integralista, que claramente expôs as confluências ideológicas, partidárias e políticas do período, que traziam em seu bojo uma sociedade em busca de representação política.

A Revolução de 32 levou à aprovação da Constituição de 34, que também foi um marco histórico importante, por oferecer uma certa abertura política, possibilitando a canalização dos conflitos políticos para um espaço institucional delimitado mas, segundo Sérgio Buarque, ao mesmo tempo, outros mecanismos foram acionados de forma a controlar os rumos do processo de organização política do país: *sem dúvida, a constituição de 34 era uma imposição que o governo provisório procurava absorver, tentando tirar dela os maiores benefícios, com as menores perdas*³⁰.

O processo de abertura política dos anos 30 teve como ponto crucial os debates que agitaram o plenário da Assembléia e que resultaram na construção de um verdadeiro pacto consagrado na Constituição de 1934. Porém, para Buarque, como toda abertura política põe em risco o poder do governante uma vez que não se pode controlar todos os espaços públicos, esta Constituinte teve curta duração sendo solapada em 1935 pela Lei de Segurança Nacional e, em 1937, pelo golpe do Estado Novo.

1935 foi um ano chave para a definição dos rumos das opções políticas e sociais brasileiras. Como defende Sérgio Buarque, para a classe operária e para os sindicatos: *o Estado Novo não começou em 1937 e sim em 1935*³¹. Ocorreu o reagrupamento das várias frações das classes dominantes. O Liberalismo se retraiu e o Estado dotou-se de meios para conter e reprimir

³ BUARQUE de HOLANDA, 1981, p.280.

⁴ Idem, p.285.

as classes populares. No período de 1934 e 1935, Carone aponta que, as greves tiveram caráter reivindicatório e político com a presença dos Partidos. Segundo o autor, as Frentes Populares Antifascistas e Antiimperialistas formadas na Europa e a Aliança Nacional Libertadora, criada em 1935, emergiram como uma resposta para a recém criada AIB, propagando as idéias de democracia, do nacionalismo e do reformismo.³²

Em abril de 1935 foi aprovada a Lei de Segurança Nacional, que como previu um manifesto do Sindicato dos Brasileiros: *entramos em Estado de sítio permanente. Desaparecerá a liberdade de crítica*³³. Em meados de 1936, as forças mais intransigentes de oposição estavam enfraquecidas, proporcionando o agrupamento das disputas das classes dominantes. Esse processo culminou em um golpe de Getúlio através do plano Cohen e a proclamação em 1937 do início do Estado Novo.

A partir do Estado Novo, a AIB foi fechada e entrou na clandestinidade. Fato, todavia, que não implica em descartarmos a ação integralista em outras instituições da sociedade. Como esboçamos no Capítulo 3, a sede da Ação Católica em Rio Claro (SP) foi liderada pelo chefe integralista local, Pimentel Jr. A Igreja, portanto, pode ter prEstado como veículo de comunicação católica e integralista durante o período ditatorial.

Mesmo após a entrada do Brasil na guerra contra os países do Eixo em 1943, ainda verificamos a ação do Sigma, por exemplo, na cidade paulista de Araraquara³⁴, evidenciando a necessidade do estudo, neste período, não apenas porque sua ação ainda existia, mas, sobretudo, pela investigação das ações do Integralismo em um período em que constatamos, oficialmente, o posicionamento político governamental brasileiro contrário aos ideais fascistas e em nome da "democracia" americana.

Portanto, estudar o movimento integralista é, sobretudo, perceber o momento histórico que estava inserido. Isto é, um momento de (re) definições da política governamental representativa, longe do controle paulista e mineiro. Período de efervescência social, de mobilizações sociais buscando um equilíbrio de mercado (como diziam os mais conservadores) e de direitos trabalhistas (para a esquerda). A busca de alguns setores sociais pela Constituição e de

⁵ CARONE, 1974, p.84.

⁶ ALENCAR.&CARDI, L.&RIBEIRO, 1985, p.51.

³⁴ *Ação Integralista de Araraquara*. Pront. 70001. DEOPS/AESP.

outros, como a classe média, em ascendência, por representações políticas. Um momento, de muita reivindicação e mobilização da classe operária urbana e agrária que, principalmente, pelo PCB, e depois pela ANL, clamaram pela luta de classes e pela reforma agrária.

Nesse contexto, o Integralismo, vindo de uma cultura nacionalista das décadas de 10 e 20, nos anos 30 fez-se ouvir como inovador da ordem pela pátria e família e acabou trazendo para suas fileiras cerca de 500 mil seguidores em todo o país. Seguidores que se em maior escala eram cidadãos da classe média, por outro lado também se constituíram de trabalhadores, mulheres e jovens. De uma forma geral, foram setores sociais que optaram ideologicamente pela direita, mas que também buscaram a novidade, o espiritualismo, o antielitismo, a antioligarquia, o antiLiberalismo e o Anticomunismo num período de crise política e social brasileira.

Assim, diante do contexto de transformações políticas e sociais, os integralistas também apostaram num ideal novo, num outro Estado, numa outra representação de classe, num outro sistema sindical e numa outra nação. Ideais que na forma de ação política certamente deixaram muitas heranças na cultura contemporânea brasileira. Heranças culturais que nasceram na conjuntura política e social dos anos 30 e 40 e que, portanto, revela-nos aspectos de uma cultura fascista, como anseios de uma determinada camada social que pela AIB se expressaram ideologicamente, socialmente e politicamente. Expressões que muito pode nos contar sobre a sociedade paulista e brasileira nesse período histórico.

C) Do nacional ao municipal: nasce em São Paulo um novo Partido político.

Oficialmente, a Ação Integralista Brasileira (AIB) foi criada por Plínio Salgado no dia 7 de outubro de 1932 em São Paulo, através de um manifesto lido em reunião solene no Teatro Municipal de São Paulo. Esse manifesto tornou-se conhecido posteriormente, em todo o país, com o nome de *Manifesto de Outubro*. Todavia, o embrião desse manifesto foi germinado em março de 1932 na assembléia de fundação da Sociedade de Estatutos Políticos (SEP) da qual se originaria a AIB.

Na época Plínio Salgado articulou-se com Olbiano de Mello de Minas Gerais, com João Alves dos Santos da Bahia, com o tenente Severino Sombra, da *Legião Cearense do Trabalho* do Ceará, com Altamiro Nunes Pereira e Petrônio Rodrigues Chaves do Rio de Janeiro e com Leaes Sobrinho do Rio Grande do Sul.

Em São Paulo, Salgado realizou uma série de conferências na Faculdade de Direito e na Academia Paulista de Letras. Em outubro de 1932 lançou o manifesto e fundou o primeiro núcleo da AIB na cidade de São Paulo onde se instalou a Sede Nacional e a Provincial.³⁵

No final de fevereiro e início de março de 1934, a AIB realizou seu I Congresso em Vitória-ES, ocasião em que foram aprovados os seus estatutos, que posteriormente foram modificados no II Congresso Integralista realizado em Petrópolis em março de 1935. A partir de então, a AIB passa a ser não somente uma sociedade civil (centro de estudos e de produção moral, física e cívica), mas também um Partido político visando realizar "a reforma do Estado". Nos Protocolos e Rituais da AIB, publicados em abril de 1937, por exemplo, a linguagem alterou-se, pois não se tratava mais de *implantar* o Estado Integral ou nacional-corporativo, mas de *reformular* o Estado brasileiro pela posse legal do poder político. Os objetivos explícitos eram *criar uma nova cultura filosófica e jurídica*, a fim de assegurar o *culto de Deus, da Pátria e da Família*, a *unidade nacional*; o *princípio da Ordem e da Autoridade*; o *prestígio do Brasil no exterior*, *justiça social*, garantindo-se aos trabalhadores a remuneração correspondente às suas necessidades e a contribuição que cada um deveria dar à economia nacional; a *paz entre as famílias brasileiras e entre as forças vivas da Nação*, *mediante o sistema orgânico e cristão das corporações*; a *liberdade da pessoa humana dentro da ordem e da harmonia social*; a *grandeza e o prestígio das classes armadas*; a *união de todos os brasileiros*.³⁶

Em setembro de 1937, a AIB obteve o registro como Partido político junto ao Supremo Tribunal de Justiça Eleitoral. A partir de um plebiscito interno, Plínio Salgado foi o candidato do Partido à presidência da República. Candidatura que foi solapada pela decretação do Estado Novo. Em função da dissolução dos Partidos políticos, ainda em dezembro de 1937 a AIB, adaptando-se aos novos tempos, transformou-se novamente em sociedade civil com a denominação de Associação Brasileira de Cultura (ABC).

Após esse período ditatorial, em 1945, no contexto da redemocratização brasileira, os integralistas se rearticularam e retornaram à atividade política com a formação do Partido

³⁵ CAVALARI, 1999, p.13 - 20.

³⁶ TRINDADE, 1974, p. 170-171.

de Representação Popular (PRP), reunindo grande parte dos ex-membros da Ação Integralista Brasileira sob a liderança de Plínio Salgado. O PRP permaneceu sendo o principal instrumento político dos integralistas até 1965, quando o Ato Institucional número 2 dissolveu os Partidos políticos.

A formação do PRP tornou possível a retomada do projeto político integralista, com algumas reformulações. Em virtude do novo contexto político marcado pela derrota do nazi-fascismo, Salgado e outros líderes do movimento reformularam a doutrina integralista e adaptaram seu discurso, minimizando a importância de temas como o corporativismo e o antiLiberalismo em virtude da participação do Brasil na II Guerra Mundial. O PRP centrou-se no Anticomunismo, no nacionalismo e no “espiritualismo”, e defendeu permanentemente a centralização do poder. Seu momento de maior destaque foi na eleição presidencial de 1955, quando Salgado obteve mais de 700.000 votos (8% do total), mas o Partido também realizou coligações com quase todos os Partidos registrados, tendo participado de diversos governos estaduais e do governo federal e mantido uma bancada federal atuante, e administradas diversas prefeituras.³⁷

As atividades do núcleo de Rio Claro (SP) tiveram muitas ligações com o desenvolvimento das diretrizes do chefe nacional da AIB. Vale dizer que a organização da Ação Integralista não foi somente um meio eficaz voltado para a ação política, mas um instrumento de elaboração e experimentação, em escala reduzida, do Estado Integral. Para Trindade, a estrutura da AIB, desde o chefe até os militantes de base, consistia numa organização burocrática e totalitária que se manifestaram através de um complexo de órgãos, funções, papéis, comportamentos previstos minuciosamente pelos estatutos e através das relações rígidas entre os órgãos de enquadramento disciplinado dos militantes (a partir das organizações da juventude até a milícia) e da submissão autoritária e fidelidade aos superiores.³⁸

Contudo, mesmo diante dessa estrutura hierarquizada e totalitária, não acreditamos na ação partidária da AIB como homogênea. Estruturalmente verificamos um certo padrão no Partido, mas não necessariamente as dinâmicas de ação eram iguais ou com um mesmo

³⁷ Ver CALIL, 2001.

³⁸ TRINDADE, 1974, p.169.

perfil. Dessa forma, diferente de Trindade, apostamos numa prática partidária autoritária e não totalitária. Acreditamos que havia ações e expressões integralistas que escapavam à ordem superior do Partido. A concepção partidária pode ter sido totalitária, mas as práticas políticas integralistas no Brasil possivelmente não se caracterizaram como um conjunto homogêneo.

Analisando o núcleo da cidade de Rio Claro (SP), principalmente, através do seu livro *Ata*, observamos a presença da estrutura partidária da AIB. Com a fundação do núcleo em julho de 1933, Rio Claro (SP) foi condecorada, em maio de 1934, pelo chefe nacional Plínio Salgado com o título de Cidade Integralista. Observando o periódico *Monitor Integralista* da AIB, que quinzenalmente circulava no país, constatamos que a Chefia Nacional da AIB resolveu que a partir da resolução número 4 de 9 de março de 1934:

*Art. 1º - Fica criada, dentro da organização do país a categoria de 'Cidade Integralista', que corresponde a uma distinção destinada a honrar as cidades brasileiras que mais se ballentaram na campanha do Integralismo.*³⁹

Portanto, Rio Claro (SP) seria para o movimento integralista e para o chefe nacional um exemplo de cidade na evolução do Integralismo. Uma localidade que auxiliava a propaganda doutrinária integralista e que, portanto, desempenhava papel importante no progresso do movimento do Sigma no Estado de São Paulo. A condecoração aconteceu na própria cidade, com a presença de Plínio Salgado numa cerimônia na Sociedade Italiana da cidade para camisas e blusas verdes locais e visitantes.⁴⁰

Assim, no *Monitor Integralista* da 1ª Quinzena de maio de 1934 foi publicado pelo chefe Plínio Salgado:

Considerando que a cidade de Rio Claro (SP) (província de São Paulo) foi a 1ª do país aonde se vestiu a camisa verde do integralismo considerando que, no primeiro desfile dos camisas verdes que se deu no território brasileiro (São Paulo, abril de 1933) a cidade de Rio

³⁹ *Monitor Integralista*. 1ª Quinzena de maio de 1934, ano II, no 6, pg. 7. AEL/UNICAMP.

⁴⁰ *Ata do núcleo da AIB de Rio Claro (SP)*. Boletim de maio de 1934, 1/05/34. FPS/APRC.

Claro (SP) compareceu com 3 decúrias; considerando que a milícia rio-clarense tem se distinguido pela pontualidade em todos os chamados do comando provincial; considerando que a recepção ao Chefe Nacional, na data de hoje foi uma demonstração eloquente do garbo e disciplina da milícia de Rio Claro (SP); resolvo, de conformidade como o disposto da resolução no 4 de 9 de março de 1934, conferir à cidade de Rio Claro (SP) o título de Cidade Integralista. Rio Claro (SP), 22 de abril de 1934.⁴¹

Classificada pelo chefe nacional como a primeira cidade do país a vestir a camisa verde, o núcleo de Rio Claro (SP) manteve as atividades de 1933 até março de 1938 quando foi fechada pela polícia.

De 1933 a 1938, o número de militantes integralistas rio-clarenses atingiu a soma de 177, contando integralistas ativos e coordenados, estagiários e o departamento dos plinianos, isto é, mulheres, jovens e crianças integralistas. A partir da relação de eleitores da AIB em algumas cidades paulistas na eleição para prefeito de 1936, constatamos que a cidade de Rio Claro (SP) não apresentou um índice de eleitores expressivo.

CIDADE	ELEITORES DA AIB
AGUDOS	134
ARARAS	142
ASSIS	100
BATATAIS	0
BAURU	199
BOTUCATU	328
CASA BRANCA	115
ITAPETININGA	120
JABOTICABAL	212
JAÚ	1076
LEME	0
LORENA	69
MOCOCA	0
PARAGUASSÚ	115
PAULISTA	
PRESIDENTE PRUDENTE	200
RIO CLARO	207

Fonte: Prontuários das delegacias das respectivas cidades paulistas. **DEOPS/AESP.**⁴²

⁴¹ Monitor Integralista, 1ª Quinzena de maio de 1934, ano II, no 6, p. 9. AEL/UNICAMP.

⁴² Prontuários: Delegacia de Agudos No 585, Delegacia de Araras No 40709, Delegacia de Assis No 2787, Delegacia de Batatais No 1134, Delegacia de Jaboticabal No 3357, Delegacia de Leme No 40810, Delegacia

Comparativamente com as demais cidades paulistas, verificamos que, na eleição de 1936, a AIB de Rio Claro (SP) não teve um grande número de eleitores. Na cidade de Jaú, por outro lado, era bastante expressivo o número de eleitores integralistas. Todavia, apesar da cidade apresentar um número menor que outros núcleos, isso não significa necessariamente sua maior ou menor importância na ação integralista como movimento político. Rio Claro (SP) foi a primeira cidade a ser condecorada com o título de Cidade Integralista, seguida por Jaboticabal que também não tinha um alto número de eleitores da AIB. Desse modo, acreditamos que investigar a dinâmica cotidiana política e social dos "Integralismos" paulistas é mais significativo e esclarecedor do que analisarmos quantitativamente os núcleos das AIBs paulistas.

Assim, buscamos caracterizar os integralistas rio-clarenses, suas estratégias de ação, sua inserção social, suas redes de relações pessoais e suas intervenções institucionais para, a partir daí, sugerir um perfil do Integralismo local. Rio Claro (SP) foi escolhida como foco justamente porque foi pioneira no movimento Integralista em São Paulo carregando o título de cidade exemplar na ação pelo Sigma. Por isso, almejando entender o nacional pelo local, isto é, analisar em escala reduzida um fenômeno político de amplitude nacional, a cidade de Rio Claro (SP) tornou-se um caminho de investigação interessante para entender a AIB também em nível estadual.⁴³

Em suma, nesse trabalho analisamos o movimento integralista em nível municipal, privilegiando as relações entre a ação integralista e a sociedade rio-clarense, especialmente aquelas que ocorreram dentro dos sindicatos ferroviários e da Ação Católica. Desse modo, caracterizaremos o movimento do Sigma paulista de forma heterogênea, refletindo sobre suas especificidades sociais, políticas e culturais intrínsecas ao seu desenvolvimento.

de Lorena No 40813, Delegacia de Mococa No 2053, Delegacia de Paraguassú Paulista No 342, Delegacia de Rio Claro (SP) No 71, Delegacia Regional de Bauru No 552 vol 3, Delegacia Regional de Botucatu No 588 vol. 2, Delegacia regional de Casa Branca No 2055, Delegacia Regional de Itapetininga No 3433 vol 1, Delegacia Regional de Jaú No 2027, Delegacia Regional de Presidente Prudente No 550 vol. 1.
DEOPS/AESP.

⁴³ Vale colocar que, segundo notas da AIB, em 1936, o Estado de São Paulo era o primeiro Estado em número de núcleos e seguidores do Sigma empatando com o Estado da Bahia. Assim, São Paulo possuía cerca de 145.000 militantes e 613 núcleos. Eram 232 municipais, 308 distritais, 63 rurais e 10 coordenação. *Monitor Integralista*. 20/02/37, ano V, p. 17. **FPS/APRC.**

CAPÍTULO 1

O perfil do integralista paulista

1.1) O exemplo individual: Roteiro de um paulista.

A fim de reconstruir o perfil do militante integralista paulista podemos seguir diversos caminhos metodológicos. Analisar, por exemplo, as estatísticas relativas ao perfil social, os discursos doutrinários, as evidências dos militantes em nível local e entre outros. A escolha para esse trabalho foi à investigação das relações sociais e políticas dos integralistas, principalmente, da cidade paulista de Rio Claro (SP). Uma maneira de pensarmos não só o perfil social do integralista paulista, mas também sua dinâmica de atuação na sociedade e sua prática política.

Quando pensamos em militante integralista, é interessante destacar que estamos tratando de um indivíduo dos anos 30 que estava vivendo as agitações políticas e sociais de um momento histórico que era de muitas transformações e poucas definições. Buscando de alcançar o universo que cercava os camisas verdes, verificamos uma crônica publicada no jornal *Aço Verde* do Sigma, que nos indica como se dava possivelmente a caminhada política de um militante da cidade paulista de Piratininga.

Em 1935, através do artigo *O Roteiro de um paulista*, publicado neste jornal *Aço Verde*, observamos que ao estudar o perfil do integralista lidamos com duas vertentes de análise: de um lado, o enfoque no aspecto individual do militante, isto é, suas vivências pessoais e suas interpretações sobre a dinâmica política, e de outro o estudo da representação do militante por parte do próprio Partido, isto é, a imagem que a AIB queria passar do seguidor do Sigma ao público.

Constatamos nas palavras do integralista, suas frustrações, suas descobertas, suas lutas e sua entrega a AIB. Assim, dividimos o texto em quatro partes temáticas. Primeiro, a fase de envolvimento do autor com os democratas. Depois, o momento da descoberta, do espanto ao encontrar um judeu patriota. Em terceiro, a decepção com o governo de Armando Sales, com a ação judaica e com o Partido Constitucionalista. E por fim, a luta e a entrega. Luta contra os traidores do país e contra a falsa política vigente. E, em seguida, a entrega ao Integralismo deixando de lado aqueles que fossem contrários ao Sigma.

O autor, um Paulista de Vinte Anos, narrou ser o tipo de sujeito de boa fé de São Paulo que acreditou nos democratas de 30 e tremeu de emoção com a bravura patriótica dos líderes políticos e militantes do movimento de 32. Afirmou ter sido separatista, xingado os nordestinos de cabeça chata e acusado Getúlio Vargas, Oswaldo e Juarez Távora dos chefões do bando de Lampeão. Fez arruaças no tempo de João Alberto pró - Lima Barreto e ajudou a reduzir a zero a moral de Waldomiro Lima. Ficou empolgado no 3 de Maio em favor da chapa única pró- São Paulo Unido e, orientado pela bússola do *O Estado*, acreditou que Getúlio era menos ruim, achando natural a legalização dos seus atos ditatoriais por parte da bancada paulista.

Assim, quando Getúlio Vargas estava no poder, o paulista simpatizou com as manobras de Macedo Soares para integração da política paulista na máquina do governo, ficando roxo de entusiasmo quando o pessoal do Partido Democrático começou a querer tornar realidade o velho sonho do interventor paulista e civil, trazendo para o campo das possibilidades o nome do simpático engenheiro Armando Salles Oliveira. Desse modo, torceu contra as manobras de Waldomiro, as quais buscaram impedir a ascensão gloriosa de Armando Salles ao grupo notável da alta finança paulista cujos serviços, para ele, foram de grande importância para a economia brasileira (os bancos da Rua 15, o ilustre Roberto Simonsen, etc.).

Depois, brigou com o PRP, pois na sua visão o Partido não queria compreender a política altamente paulista do interventor de trazer São Paulo para o concerto da vida nacional. E, diante disso, fez discursos na campanha eleitoral de Outubro, acordando com os banqueiros de São Paulo que mandaram fazer um cartaz na fachada do interventor paulista:

*(...) delirei de prazer cívico com a vitória do Partido Constitucionalista botado pela Interventoria na chocadeira do Partido Democrático e destinado a renovar os carcomidos processos políticos de São Paulo, tão do gosto do nefando PRP.*⁴⁴

Meu Deus, escreveu o autor:

⁴⁴ *Aço Verde*, São Paulo, 20/06/35, no 5, ano I, p. 8. **FPS/APRC**.

Quanta vibração na inauguração da augusta Assembléia Constituinte Paulista, legítimo orgulho dos brasões brasileiros de cultura e de sangue, onde a opinião de Piratininga refletiu-se esmagadoramente a favor da patriótica agremiação que ia dar à nossa terra novos moldes de vida, que nunca soube quais eram, mas que O Estado que nunca mentiu, que foi sempre sério e possuidor das grandes verdades, disse que ia ocorrer. Foi assim até o dia da posse do elegante e inteligente Armando Salles como governador de São Paulo, eleito pela maioria da Assembléia que procurava dar novos rumos a este Estado tão magoado em sua civilização pela sujeira política do PRP.

No dia da comemoração, o Paulista se arrumou *direitinho* e tremendo de delírio patriótico, penteou o cabelo, pôs um distintivo do Partido Constitucionalista cuidadosamente na lapela e foi para a cidade ver a posse do homem moço que iria remoçar a vida do brasileiro.

A caminho da cidade ele conheceu um judeu *bonzinho* desses que vendem uma porção de coisas por um prazo enorme e que sorriem de complacência quando alguém não pode pagar uma prestação.

Para o paulista, o judeu Isaac era bom, amigo do Brasil e de São Paulo, mas ele nunca pensou que fosse tão patriota a ponto de hastear a bandeira do Brasil nos dias de festa como presenciou no dia em que Armando Salles tomou posse. Espantado, o paulista de Piratininga foi conversar com o judeu Isaac, que disse:

*- Pois então! Hoje é o maior dia da história do Brasil. O Armando vai salvar a riqueza de todos os paulistas que os tenentes estavam roubando e que elle como interventor não podia defender direito. E salvando a economia de São Paulo, elle salva o Brasil. Elle é um grande homem, acima de Partidos, acima de raças, acima de religiões. Nós desta terra vamos nascer de novo hoje. Até eu que sou estrangeiro tenho a obrigação de comemorar o bruto dia de hoje.*⁴⁵

Diante das falas do judeu, o Paulista se convenceu e foi em embora, tendo *berrado* para burro aclamando o Sr. Salles.

⁴⁵ Aço Verde, São Paulo, 20/06/35, no 5, ano I, p. 8. FPS/APRC.

Depois não viu mais a bandeira nacional na porta do judeu que também não foi mais em comemorações públicas de datas nacionais. Então, coincidentemente, começou a ler os *Protocolos dos Sábios de Sião, o Judeu internacional e a Preparação ao Nacionalismo* de Affonso Arinos de Mello Franco. Leu alguns telegramas de solidariedade de todas as sociedades judaicas e jornais hebreus da capital para Armando Salles, alguma coisa sobre maçonaria e certos movimentos de libertação. Viu o irmão de um líder do Partido Constitucionalista entrar num Partido desagregador e depois convidar o Partido para ajudá-lo contra o fascismo que almejava manter a trilogia Deus, Pátria e Família. E assim, acabou presenciando muitos judeus conhecidos ajudando a Aliança Libertadora, *uma corrente que queria amputar o homem tornando-o escravo do estômago e do sexo.*

Foi então que começou a decepção e o Paulista, *como homem profundamente brasileiro*, se revoltou:

Eu compreendi o Partido Democrático, O Estado de São Paulo, a Chapa Única, o sr. Armando Salles, o PC e a sua adesão ao Getúlio, o interesse de Murray & Simonsen e dos bancos pela nossa política, a bandeira do Isaac, o entusiasmo dos judeus pelo sr. Armando, pai do entusiasmo dos judeus pela Aliança. Fiquei então sabendo que há qualquer força oculta que quer nos manter em Estado de divisão permanente, nos deixando eternamente tributários de certos deuses internacionais.⁴⁶

O Paulista brigou com os seus amigos, com os seus parentes que não acreditavam em "fantasmas" e foi para o Integralismo *que quer tornar o Brasil do Brasil.*

Por fim, jurou solenemente: *Nunca mais serei besta.*

A narrativa publicada no jornal integralista *Aço Verde* era, possivelmente, destinada a um público leitor do Integralismo que, muitas vezes, ainda não fazia parte do Sigma. O fato, portanto, dessa crônica ter apontado as experiências políticas cotidianas de um cidadão paulista sugeriu aos leitores uma certa identidade política que passava pela ação patriótica, pela decepção com os liberais, com a traição dos judeus, pela louvação ao fascismo e pela afirmação do mal do Comunismo. Elementos que eram trabalhados pelo

⁴⁶ Idem.

discurso integralista, mas que na crônica, através de uma narrativa pessoal, foi passada ao leitor de forma pessoal criando uma possível identificação de indivíduos que se consideravam de *boa fé*.

O tipo de propaganda veiculada pelo Integralismo sugere-nos de que forma os militantes do Sigma enxergavam ser a identidade integralista. O Paulista de 20 anos era o tipo de militante passível de representar o movimento. Um cidadão de boa fé, patriota, no início democrata, adepto a interventoria de Armando Salles, amigo dos judeus que lutassem pelo Brasil e crente nos bancários. Contudo, um homem pronto à revolta, a deixar amigos e parentes em nome de um ideal: o Integralismo.

Foram atribuídas características revolucionárias, anti-semitas, anticomunistas, antiliberais, patrióticas, nacionalistas, filofascistas e cristãs ao personagem-autor integralista, que pôde ser visto pelo público através da imprensa do Sigma como exemplo de indivíduo consciente e ativo politicamente. Aspectos que possivelmente podem ser transportados aos integralistas paulistas, pois são elementos que estão relacionados com o discurso oficial integralista e porque a militância política também vem da identificação individual com o grupo.

De qualquer modo, a crônica indicou como autor um militante do interior Paulista, trazendo pistas de como foi o processo pessoal de muitos cidadãos paulistas que entraram para o Integralismo. Pistas que nos ajudam, de certa forma, a responder à pergunta: Quem era o militante paulista?

Evidentemente, a investigação precisa ser operada modo mais amplo, podendo até mesmo ir de encontro com essa narrativa. Todavia, o fato dessa crônica ter sido publicada na imprensa integralista nos demonstra que havia uma certa identidade com o conteúdo escrito ou a intenção de arregimentar para o Integralismo aquele tipo de militante. Assim, se a propaganda atingiu um grande público e teve repercussões pode ter realmente incentivado muitos indivíduos com esse perfil a ingressarem nas fileiras do Sigma.

Diante disso, o texto nos oferece uma perspectiva de compreendermos o movimento integralista a partir do militante e de suas práticas políticas cotidianas. Tanto como cidadão, eleitor, como líder sindical ou religioso. Cada indivíduo com sua história. Nosso Paulista de 20 anos foi um exemplo. Inventado, real ou usado como propaganda, carregou características subjetivas de um cidadão que diante da dinâmica política nacional e

estadual, tornou-se integralista. E, como foi algo divulgado publicamente, provavelmente pode ter servido como um instrumento de construção de identidade, imposta ou criada pela imprensa da AIB.

A partir das sugestões retiradas desse exemplo isolado, cabe investigar mais amplamente o perfil integralista inserido nas dinâmicas locais, no jogo das relações sócio-políticas, pois só assim atingiremos a complexidade do militante do Sigma. O artigo trouxe-nos a ponta do *Iceberg* do que possivelmente era ser um integralista, como também elementos do universo estratégico propagandístico que cercava a figura do camisa verde. As representações do seguidor atreladas à figura do jovem, do patriota, do Boa fé e do lutador foram instrumentos chaves para a formação da massa verde. Desse modo, tentar reconstruir as relações cotidianas desses militantes serviria também para desconfigurar a imagem construída pela imprensa do integralista e possivelmente abrir novas percepções sobre o perfil do militante verde paulista.

1.2) Que classe média é essa? O perfil social dos integralistas.

Pesquisando sobre o movimento integralista no Estado de São Paulo através de diversas fontes, tanto policiais como da imprensa ou do núcleo da cidade de Rio Claro (SP), percebemos uma certa heterogeneidade quanto ao perfil integralista. Constatamos a presença de japoneses, italianos, alemães, ferroviários, advogados, fazendeiros, lavradores, comerciantes, operários, estudantes, professores, etc. Poderíamos colocá-los na usual classificação de elementos da classe média brasileira, mas, consideramos geral e pouco esclarecedor classificarmos os camisas verdes dentro de um determinado setor que também não era assim tão claro e homogêneo.

Temos duas vertentes de análise. Uma possibilidade é pensarmos o público alvo do movimento integralista e outra é percebermos o perfil dos próprios ativistas. Por exemplo, como colocou Chauí, o Integralismo foi um movimento de revolução cultural, uma doutrina sobre a civilização, que se dirigiu à classe média urbana, pois a considerava como uma classe revolucionária portadora de idéias. Para os integralistas a classe média era a

inteligência, a moralidade e a guardiã da pessoa acima das lutas mesquinhas.⁴⁷ Era a presença da sociedade política no interior da sociedade civil, a mediadora entre o Estado e as demais classes através da função no governo, na administração e na justiça que protegia a pessoa e a propriedade privada. A classe média era universal, uma vez que era funcionária da sociedade civil e do Estado (intelectuais e Forças Armadas).⁴⁸

Assim, constatamos que existia um discurso do centro do movimento integralista, isto é, dos seus pensadores, que investia em direção à classe média. Contudo, sabemos que a classe operária também freqüentava as fileiras do Sigma. Desse modo, analisar o perfil dos camisas verdes em São Paulo, além de pedir um conhecimento amplo do público alvo do movimento integralista, também clama pela necessidade de uma análise centrada nas características de cada localidade.

Como apontou Fábio Bertonha, seria realmente estranho imaginar que, num país de dimensões continentais como o Brasil, onde as tradições culturais, os problemas econômicos e as disputas políticas diferiam notavelmente de região para região, o Integralismo configurasse uma totalidade homogênea, cem por cento equivalente, seja no Amazonas ou no Paraná. Assim, para ele, os estudos em nível estadual e também municipal são fundamentais ao permitir que dados fragmentários e especificidades locais forneçam uma base consistente para generalizações e análises integradas, e não o contrário.⁴⁹

Há que se atentar, portanto, para o fator regional, que certamente influenciou o perfil dos camisas verdes paulistas. Verificamos, por exemplo, a presença dos japoneses na cidade de Presidente Prudente (SP) - região que assentava diversas colônias desta nacionalidade.⁵⁰ Já em Jundiaí (SP) constatamos a forte presença de representantes católicos.⁵¹ Assim, o público alvo e o perfil dos ativistas são duas vertentes de análise que se complementam porque também são dinâmicas dependendo de uma conjunção de fatores que, às vezes, apresentavam-se distantes das doutrinas integralistas, mas intrinsecamente

⁴⁷ CHAUI, 1978, p. 54.

⁴⁸ Para Marilena o Integralismo seria a forma ratificada da República Velha. CHAUI, 1978, p. 65.

⁴⁹ BERTONHA, 2002.

⁵⁰ Ver BRUSANTIN, 2003.

⁵¹ Imagem Dossiê político DOPS 20 z 5 4. DEOPS/ AESP.

ligadas com o espaço onde agiam, as relações sociais que desenvolviam, as instituições que participavam e interagiam e as condições sócio-econômicas que configuravam a sociedade nas quais os camisas verdes paulistas viviam.

Nos estudos gerais sobre o perfil integralista encontramos Marilena Chauí⁵² e Helgio Trindade⁵³ que, entre outros estudiosos do Integralismo, defendem a idéia de que o perfil do militante e o público alvo do movimento Integralismo foram à classe média dos anos 30. Classes médias urbanas oriundas da burocracia, do comércio, das pequenas empresas e do exército, que no pós-guerra foi caracterizada pela tomada de consciência política, pois se revoltaram e se insurgiram contra o sistema político existente e manifestaram o desejo de renovação dos costumes políticos.

Marilena Chauí e Trindade dividem o público alvo da Ação Integralista Brasileira em três camadas conforme o grau de participação nacional, regional ou local: superior, média e inferior.

A camada superior, constituída por dirigentes nacionais, era integrada exclusivamente por membros da burguesia e da média burguesia, sob a supremacia das elites intelectuais. A média, constituída pelos dirigentes regionais encontrava-se ainda sob preponderância da média burguesia intelectual que, com a burguesia e média burguesia dos oficiais, ocupava quase três quartos dos postos de direção. Na camada inferior ficaria a pequena burguesia e as camadas populares que formavam os três quartos do total dos militantes locais.

Todavia, perguntamos: quem era a classe média urbana dos anos 30? É possível pensar em unidade ideológica da classe média?

Segundo Décio Saes⁵⁴, não é possível superar as características econômicas e classificar como uma unidade política ideológica, isto é, classe média (média distinta dos proprietários do capital e da classe operária). A divisão capitalista do trabalho torna impossível essa unidade, a qual isola ideologicamente do conjunto das classes trabalhadoras (num plano mais geral) e do conjunto da camada dos trabalhadores

⁵² CHAUI, 1978.

⁵³ TRINDADE, 1974.

⁵⁴ SAES, 1981.

improdutivos (num plano mais específico) uma parcela determinada dos trabalhadores improdutivos: aqueles que exercem um trabalho predominantemente não manual (divisão do trabalho em manuais e não manuais).

Assim, para Saes existiu nos anos 30 uma classe média dividida em frações, o que imprimiu ao setor uma diversidade política. O autor defende que o motivo desta divisão vem justamente da existência de diferentes situações de trabalho no seio da classe média. A cada inserção no mundo do trabalho corresponde um modo específico de combinação de elementos como: relações de trabalho (posição diante dos que decidem e dos trabalhadores manuais), forma de remuneração (salário, honorários), nível de remuneração (próximo ou distante do salário operário), nível de formação necessário (técnico, universitário).

De acordo com estas diferentes relações com o Capital, Décio Saes coloca que as frações políticas da classe média tendiam a se aproximar da classe capitalista ou do proletariado, de uma ou outra fração da burguesia. Variações de posicionamento político que dependiam muito da capacidade de direção das organizações políticas da burguesia e do proletariado na sua luta de conquista pela classe média.⁵⁵ Portanto, fica evidente que não era possível uma ideologia comum ao conjunto da classe média, além de que, suas opções políticas modificavam conforme as ações e aproximações das correntes políticas proletárias e burguesas. Daí pensarmos na variante sócio – política local para a análise do perfil integralista.

Desse modo, levamos em conta a análise sociológica de Saes e optamos por não apenas classificarmos estaticamente os integralistas como classe média, mas também nos munirmos de uma reflexão sobre suas camadas e sua heterogeneidade ideológica por conta das suas diferentes formas de relação com o trabalho.⁵⁶

Historicamente, Saes aponta que, de modo geral, as tendências políticas da classe média nas primeiras décadas do século XX se dividiam em classe média superior e baixa,

⁵⁵ Capacidade que além de incluir elementos característicos dos movimentos políticos em si também considero estar relacionada com as dinâmicas históricas de cada localidade.

⁵⁶ No caso, como classifica Saes, a classe média constituiria, predominantemente, em trabalhadores não manuais que sentem muito mais o peso da hierarquia do trabalho uma vez que os trabalhadores manuais conseguem se unir à classe operária fabril na crítica integral. Para o autor, diferentemente do proletariado comercial ou dos transportes, a classe média é uma criação do Capitalismo que tende a funcionar como um amortecedor da luta anticapitalista instalado no seio das próprias classes trabalhadoras.

optando por dois lados distintos. A camada superior (altos funcionários públicos, gerentes de bancos, profissionais liberais) foi atraída para o campo ideológico da burguesia comercial, transformando-se em instrumento de preservação da hegemonia política dessa fração burguesa no seio da classe dominante. Geralmente cultuavam o Liberalismo e defendiam um discurso econômico antiintervencionista e antiindustrialista. Assim, como não colocavam em cheque a hegemonia da política da burguesia comercial/urbana do café, a classe média superior ficou sujeita aos Partidos políticos da burguesia comercial/bancária, urbana e antiindustrialista que eram, sobretudo, representados pelo Partido Republicano Paulista (PRP).

Já a classe média baixa (baixos funcionários públicos, empregados do comércio, bancários) manteve-se distante do Liberalismo econômico e político. Caracterizada pela frustração dos seus desejos frente ao consumo crescente do produtor industrial e vitimada pela política estatal de defesa prioritária das exportações, a classe média baixa aderiu a um protesto difuso contra a política do Estado conduzida pela burguesia comercial cafeeira.

Na década de 20, o movimento tenentista captou, à moda militar, essas tendências divergentes nascidas no seio da classe média. Se até 1930 o movimento aparentou um caráter unitário devido a sua forma e organização pautadas em características militares: elitismo, culto a hierarquia, subestimação das relações políticas com os civis (classes sociais, Partidos políticos); após 30 as facções no seio do movimento apareceram, de forma geral em duas frentes: a reformista, de luta pela centralização autoritária e a liberal democrática.

A partir de 30, a classe média superior lutou pela reconquista da hegemonia política empreendida pela burguesia comercial e a classe média baixa investiu no sindicalismo como uma nova forma de reivindicação.⁵⁷ No entanto, a classe média baixa caracterizou-se por uma inércia político-partidária devido a sua concepção superestatista que colocava o Estado como o meio de resolução, como via de acesso ao trabalhador urbano ao consumo moderno.⁵⁸

⁵⁷ Antes o protesto contra o Estado era conduzido pelo capital comercial.

⁵⁸ SAES, 1981, p. 491.

Décio Saes aponta no Integralismo justamente o reaparecimento do objetivo tenentista de transformação centralista e autoritária do Estado brasileiro. Coloca que, ao ápice em 1934-1935 do movimento proletário, semeou-se no conjunto da classe média (baixa e superior) o temor da *proletarização*, o que empurrou amplo contingente dessa classe para posições antioperárias, anticomunistas e repressivas.⁵⁹

De certa forma, as explicações sociológicas de Décio Saes, nos prestam como reflexão no sentido de que apontam para a heterogeneidade da classe média como classe social e também para a possível homogeneidade contra a *proletarização*. O desafio, no entanto, para pensarmos os integralistas é justamente relacionar o perfil social e o processo histórico local abrindo para novas formas de aproximação ou distanciamento entre as camadas da classe média e a classe operária. Observemos que o termo *proletarização* foi construído historicamente e carrega valores burgueses contra os operários. Desse modo, pensar na classe média optando pelo fascismo, é pensarmos a classe média optando para burguesia. Esse processo, entretanto, não necessariamente foi uma regra geral, uma vez que como Saes também afirma, as relações sociais entre o Trabalho e o Capital variam e assim também a ideologia da classe. Além disso, existem fatores sociais e culturais específicos de cada local que permite ou não notarmos uma conduta pró-burguesia e contra operários.

Conforme a pesquisa realizada, consideramos genérico classificar os integralistas como cidadãos da média burguesia intelectual, pequena burguesia dos pequenos proprietários e camadas populares. Constatamos funcionários públicos, oficiais militares, padres, professores, estudantes, ferroviários, operários industriais, barbeiros, mecânicos, fazendeiros, comerciários, comerciantes, prefeitos, bancários, médicos, advogados e donas de casas, que dependendo da localidade eram mais presentes ou não.

Além disso, será apropriado desconsiderarmos os diversos tipos de relações sociais e classificar os integralistas apenas como classe média ou popular sem discutir a rede social e política de relações? Existia uma consciência destes como tais, ou seria apenas uma

⁵⁹ Como expôs Chauí, frustrada com a burguesia e sob influência do clima ideológico europeu, a classe média brasileira teria posto para si o dilema "fascismo ou Comunismo?" Sem que, no entanto, este correspondesse a uma situação vivida pela classe. Por outro lado, como a representação política desses setores pode efetuar-se dentro dos quadros oligárquicos hegemônicos sem necessidade de um conflito aberto com eles, a opção seria pelo fascismo, pois a consciência política desenvolvida nessas circunstâncias é sempre conservadora. CHAUI, 1978, p. 67.

classificação pautada em categorias sociais que nem mesmo podem nos revelar o seu real perfil monetário e muito menos político e ideológico? Como esses cidadãos se relacionavam nas diferentes cidades paulistas? Eram comerciantes que agiam politicamente com fazendeiros ou eram comerciários que agiam com ferroviários?

O fato de encontrarmos fazendeiros, por exemplo, na cidade de Chavantes⁶⁰, ferroviários no comando da AIB de Bauru⁶¹, operários participando da ala dirigente do núcleo de Rio Claro (SP)⁶², ou ainda, japoneses em Presidente Prudente (SP)⁶³, denota-nos um perfil um pouco mais heterogêneo, amplo e complexo. Será que existiram fatores locais relacionados à política e ao quadro social que influenciavam o perfil dos camisas verdes?

Diante dessas evidências, acreditamos na necessidade de um estudo mais localizado para enfim compreendermos o perfil dos seguidores do Sigma. Podemos sugerir a classe média como público alvo do discurso integralista oficial, mas devemos também abrir novas possibilidades para o perfil dos seguidores do Sigma nas cidades paulistas, como também seu público alvo. Vale dizer que a própria compreensão da classe média como classe social está atrelada a um conjunto de fatores sociais referentes à classe profissional e à dinâmica política histórica que nos leva, ainda mais, a problematizar a referência dos militantes integralistas como indivíduos desta classe.

1.3) Ampliando o perfil dos seguidores do Sigma para além da classe média: a classe operária.

Nos discursos do Sigma sobre a questão do operariado, verificamos um artigo intitulado *Integralismo e Proletariado* que foi publicado, em 1934, no jornal paulista *A Tribuna* da cidade de Mococa.

⁶⁰ Pront. 340. DEOPS/AESP.

⁶¹ Pront. 552 vol. 3. DEOPS/AESP.

⁶² Ata do núcleo da AIB de Rio Claro (SP). APS/APRC.

⁶³ Dossiê 24 k 7. DEOPS/AESP.

No artigo escrito por Henrique de Brito Vianna, chefe municipal da cidade de Poços de Caldas, constatamos que os integralistas classificavam-se como um movimento também voltado para a classe operária. Assim, o Integralismo:

(...) é um movimento de reabilitação do operariado. Todos aqueles que vestem uma camisa verde, para trabalhar, são considerados verdadeiros operários da Nação.

O Integralismo quer dar ao operariado uma vida associativa municipal, pois o Integralismo vai além do socialismo e supera-o.

Contem o socialismo porque não permite que o operariado seja escravizado como na Rússia e porque liberta o operariado das cadeias de um trabalho exclusivamente manual, encorajando-o para obter uma casa para construir sua família, para enobrecer sua alma na Religião, para amar a sua Pátria e cooperar para a sua grandeza.⁶⁴

Através desse artigo publicado em *A Tribuna*, que era um órgão da AIB, constatamos que atrelar operariado e Integralismo era uma questão também polêmica para o movimento integralista, que precisava justificar sua função junto à classe operária enquanto corrente política. O discurso, portanto, era dirigido aos operários a fim de convencê-los a aderir ao movimento. O conteúdo da propaganda era justamente a questão da classe, da representação política, por isso a afirmativa de uma vida associativa. Representação que era proposta pela AIB em busca também de condições justas para o trabalho.

Dessa forma, percebemos que os operários também eram alvos do discurso do Sigma cujas propostas eram até mesmo de representação de classe e trabalho digno. Não era, desse modo, um Partido que buscava arregimentar para suas fileiras apenas a classe média culta ou os militares. Verificamos que a proposta ideológica do movimento também era feita de modo a atrair o operariado. Obviamente, pautada na tríade Deus, Família e Pátria.

Assim, em outro trecho do artigo observamos que para o autor e possivelmente para o Sigma, o operariado deveria entrar para as fileiras do Integralismo,

⁶⁴ *A Tribuna*. Mococa, 22/11/34, ano 1, No 2, p. 2. FPS/APRC.

*(...) vestir a camisa verde, vir para junto da mocidade das escolas, com os advogados, os médicos, os professores integralistas, com empregados no comércio integralistas, com os militares, com os camponeses, com os empregados de hotéis integralistas e com todos eles porque no integralismo há lugar para todos. Todos os que trabalham são integralistas, todos os que crêem em Deus são integralistas, todos os que tem e querem uma família são integralistas, todos os que querem o Brasil uma nação forte e poderosa são integralistas. Diante disso, ridículo é dizer que o Integralismo combate o operariado.*⁶⁵

Através desse trecho, constatamos que possivelmente a questão do operariado estava engendrada no caráter interclassista do Integralismo. Não estamos, portanto, tratando de um movimento "dos" e "para" os operários e sim de uma corrente política que também alcançava a classe operária. Desse modo, consideramos a hipótese de que existiu um discurso integralista direcionado aos operários que abordava temas como a representação de classe e a dignidade do trabalho, mas que não chegou a caracterizar o movimento como de representação exclusivamente operária e sim, como interclassista. Vale, contudo, observar outros casos paulistas.

De modo semelhante, próximo à cidade de Mococa (SP), verificamos que a cidade paulista de Casa Branca (SP) também foi palco do discurso integralista voltado para os operários.

Segundo relatos policiais, o núcleo da AIB local era chefiado pelo professor da escola Normal de Casa Branca (SP) Henrique Gaspar Medon, que pregava abertamente o credo do Sigma durante as aulas. Os seguidores eram, sobretudo, estudantes menores de idade, porém com 115 eleitores em 1936.⁶⁶ O núcleo era composto por Marina Midon, Chefe do Departamento Feminino; João Carvalho Nogueira, Secretário de Organização Política; Ademar N. Figueiredo, Secretário de Finanças; Nívio Beni, Secretário de Cultura

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ Pront. 2055. DEOPS/AESP.

Artística; Olímpio Souza Andrade, Secretário de Propaganda; Tomaz C. Mascaro, Secretário de Estudos e Everlon Ferreira, Secretário de Educação.⁶⁷

No final dos anos 30, Casa Branca (SP) era uma cidade com cerca de 6 mil habitantes, com um quadro industrial relativamente desenvolvido, contendo oficinas mecânicas e armazéns. Localizada no entroncamento entre Mococa, Ribeirão Preto e sul de Minas Gerais, seus elementos operários compunham-se majoritariamente de ferroviários que, segundo a polícia local, não possuíam uma *mentalidade definida sobre a questão social*. A presença do movimento comunista era considerada pequena.⁶⁸

Tendo em vista este quadro, em março de 1937, em um comício realizado na sede da Sociedade Italiana Vittorio Veneto em Tambahú (SP), região de Casa Branca, o orador Henrique Medon iniciou seu discurso saudando o fascio local e a doutrina fascista considerando-a irmã gêmea do Integralismo.⁶⁹ Em seguida saudou os operários presentes e começou a discorrer sobre a situação dos trabalhadores. Atacou a desvalorização salarial, uma vez que desde 1924 o salário não aumentava, sendo que no ano de 1937 os valores das mercadorias eram bem maiores.

Posteriormente, enfatizando as péssimas condições econômicas dos operários, Medon exemplificou a injustiça estabelecendo uma comparação entre os filhos de operários e dos patrões, dizendo que enquanto aqueles mal conseguiam terminar um curso primário, estes já estavam formando-se no ensino superior. E assim, perguntou: *os filhos dos pobres serão menos inteligentes do que os dos ricos? Não é a inteligência um dom da natureza e não um privilégio de classe? Por que os filhos dos operários não se formam também?*⁷⁰

Em seguida passou à questão da terra, declarando que no Brasil - a terra do açúcar, do feijão, do arroz e do gado - nada disso era compartilhado com o operariado. Faltava-lhe o açúcar para o café que também era de qualidade inferior. Era necessário que o povo percebesse, ao andar pela Central do Brasil, que as enormes fazendas às margens do Rio

⁶⁷ Boletim do núcleo da AIB de Casa Branca, 22/08/1935. Pront. 2055. DEOPS/AESP.

⁶⁸ Relatório do delegado regional de Casa Branca para o delegado de Ordem Política e Social. Casa Branca, s/data. Pront. 2055. DEOPS/AESP.

⁶⁹ Ofício do delegado de Tambahu para o Secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo. Tambahu, 15/03/1937. Pront. 40499 vol.2. DEOPS/AESP.

⁷⁰ Idem. Pront. 40499 vol.2. DEOPS/AESP.

Paraíba pertenciam a dois ou três indivíduos, que ao fim da colheita ensacavam o arroz, esperando a alta nos armazéns dos gêneros de primeira necessidade.

Assim, num discurso inflamado, o chefe da AIB de Casa Branca (SP) apontou para os ouvintes operários as injustiças econômicas e sociais a que estavam sujeitos, acusando o governo de não tomar nenhuma atitude em favor dos trabalhadores, os quais, enquanto os políticos conversavam sobre política ao redor de uma mesa em meio a cigarros e charutos, morriam de fome.

A oratória de Medon logo foi interrompida sob ordens do delegado local que percebendo a exaltação do público frente às palavras do orador, não permitiu que a ordem fosse desfeita. Medon teve que prestar declarações para a polícia e justificar sua fala que muito se assemelhava com as falas comunistas. Não podemos identificar igualmente as palavras do integralista Henrique Medon e de algum comunista da época, mas se percebemos que além de ter sido um incômodo para as autoridades locais, o discurso também tinha um conteúdo que remetia a conceitos como luta de classes, desigualdade social e má distribuição de terra, podemos sugerir que de fato este não era um perfil comum entre os integralistas e que a atenção das palavras estava voltada exclusivamente para o operariado e não para a classe média.

O caso pode ser incluído em uma exceção no meio integralista, embora estejamos falando de um chefe integralista local que era indicado por superiores e também controlado pela hierarquia do Partido Integralista. Há também a constatação de que o núcleo de Casa Branca (SP) mantinha relações com o núcleo de Ribeirão Preto (SP) o que nos sugere uma maior influência desse perfil. Exceção, portanto, pertencente a própria estrutura integralista e que se desenvolveu sob os moldes de uma cultura integralista voltada para os operários na cidade de Casa Branca (SP) e região.

A investida do núcleo integralista de Casa Branca (SP) sobre os operários foi novamente confirmada pela evidência de um conflito político, detectar na produção de boletins de forma ofensiva, entre comunistas de São Paulo e os camisas verdes locais.

Em 1935, ocorreu a distribuição de um boletim em Casa Branca (SP) que atacava os integralistas e que segundo relatos policiais e declarações integralistas, tratava-se de um boletim produzido pelos comunistas da capital. O folheto, todavia, continha dizeres sobre o Integralismo em nome dos próprios integralistas. O caso não foi completamente

desvendado pela polícia, que chegou a declarar que a produção seria dos seguidores do Sigma que queriam se auto promover. Como resposta veio a produção de outro boletim assinado pelos integralistas condenando os comunistas pelo ato covarde e repugnante.

Talvez tenha realmente sido uma estratégia dos camisas verdes para afirmarem-se contra os comunistas e difamarem os mesmos, talvez não.⁷¹ Mas o fato é que representamos uma disputa político-ideológica realizada pelos integralistas na busca de arregimentar operários para a sua fileira partidária. A cidade, como relatou a polícia, não possuía um movimento comunista forte e era dotada de ferroviários que não tinham expressão política definida, e desse modo, nada mais sugestivo que os integralistas ao afirmarem seu espaço, englobassem e apostassem no operariado como militantes de sua ideologia.

Casa Branca (SP) não foi considerado nem pela polícia e nem pelos dirigentes da AIB nacional como um centro forte de seguidores. Na política local o eleitorado majoritário era do Partido Constitucionalista (cerca de 1508 eleitores) seguido pelo Partido Republicado Paulista (cerca de 1149 eleitores). Assim, diante da ausência de uma voz política partidária para os operários e de uma dominação partidária em nome da burguesia, é possível que sendo Integralismo um movimento de revolução espiritual e de renovação da consciência política, encontrou sua força na própria classe operária, mais do que na classe média local, que certamente tendeu para o lado dos Partidos de hegemonia política e prestígio social como o Partido Comunista que era um Partido que cooptava parte da classe média através do discurso liberal democrático.

Como expôs Saes, é difícil pensar em uma unidade ideológica da classe média devido justamente às suas diferentes relações com o capital. Isto é, há diversos fatores nas relações de trabalho que influenciam no modo como os indivíduos em questão vão optar politicamente e, por isso o caráter heterogêneo deste setor e as possíveis divergências nas próprias frações da classe média. Juntamente com a questão das relações de trabalho, também podemos pensar nas figuras políticas locais. Desse modo, vale investigar como ocorriam as relações políticas entre a Ação Integralista Brasileira, o Partido Constitucionalista e o Partido Republicano Paulista.

⁷¹ Ver BRUSANTIN, 2003, p.82.

1.4) O universo partidário paulista: a Ação Integralista Brasileira, o Partido Republicano e o Partido Constitucionalista.

A partir dos dados eleitorais de Casa Branca (SP), verificamos que os fazendeiros possuíam, através do PRP, grande prestígio e poder partidário, sendo bem provável o apoio da classe média. Desse modo, talvez em Casa Branca (SP) a busca integralista por um discurso mais voltado para os operários tenha sido justamente para cooptar a camada operária que não era adepta ao Comunismo, mas que também era contra a aristocracia do PRP. Mesmo que liderado por professores, que pertenceriam a um setor classificado como pequena burguesia intelectual ou classe média baixa, é difícil avaliar se a atuação política deste setor era mais voltada para a classe média ou para o operariado. Se considerarmos o discurso de Henrique Medon, chefe integralista local, podemos considerar que a identificação era mais com o operariado.

Como Saes colocou, as frações políticas da classe média tendiam à aproximação com a classe capitalista ou com o proletariado, com uma ou outra fração da burguesia dependendo da capacidade de direção das organizações políticas destas classes e do proletariado na sua luta pela conquista da classe média. Com vistas nestas idéias, se procuramos investigar quais eram os setores que aderiram ao Integralismo e, assim, formaram suas fileiras, torna-se essencial percebermos as articulações dos Partidos locais com a classe média.

Comparando com outro caso paulista na cidade de Chavantes (SP) onde, em 1935, Caio Prado Júnior fundou o núcleo da Aliança Nacional Libertadora e ocorreram diversas reivindicações de colonos; a ação integralista procedeu ao lado dos fazendeiros locais que realizaram um abaixo assinado para o Secretário da Segurança Pública.

Com cerca de 100 assinaturas de comerciantes e fazendeiros, a carta reclamou ordem na localidade que era freqüentemente perturbada por indivíduos que *invadiam* as fazendas e *desorganizavam* o trabalho. Após cinco dias, a resposta da esquerda política veio com uma carta de Caio Prado Júnior ao Secretário de Segurança Pública pedindo o fim da opressão a ANL de Chavantes (SP), que estava sendo perseguida pelos integralistas locais. Diante disso, Prado Júnior solicitou a interferência do secretário junto ao delegado

local e protestou contra a demissão de dois funcionários aliancistas do Banco do Brasil devido a ameaças de *inimigos disfarçados do Brasil*.⁷²

Através da dinâmica política partidária de Chavantes (SP) constatamos que, em 1936, diferentemente de Casa Branca (SP), a maioria dos correligionários eleitorais era do Partido Republicano Paulista, seguido pelo Partido Constitucionalista. Assim, de modo comparativo, podemos sugerir que o perfil e a ação política dos militantes da AIB variaram conforme a dinâmica política de cada localidade. Isto é, se em Casa Branca (SP) ocorreu à vitória do Partido Constitucionalista que era um Partido também da classe média, e a ação do Partido Comunista era praticamente nula, parece-nos cabível que a AIB tivesse um maior apoio da classe operária. Já em Chavantes (SP) a presença forte da esquerda política, somada, a liderança política partidária da oligarquia do PRP, sugere-nos que o perfil da AIB estava formado por setores da classe média alta (comerciantes, pequenos proprietários urbanos) aliados à elite rural contra o Comunismo.

Infelizmente, para essa pesquisa não foi possível analisar diversas dinâmicas políticas locais para concluirmos empiricamente de que forma procediam as possíveis relações entre quadro eleitoral, ação comunista e o perfil militante da AIB. Porém, analisemos algumas referências partidárias quantitativas e do Comunismo em algumas cidades paulistas.

Relação dos eleitores e presença comunista em 1936.

CIDADES PAULISTAS	ELEITORES DA AIB	ELEITORES DO PC	ELEITORES DO PRP	DIFERENÇA ENTRE PRP E PC	PRESEÇA COMUNISTA
AGUDOS	134	611	365	246	FRACO
ARARAS	142	1128	856	272	FRACO
BOTUCATU	328	3000	2500	500	FORTE
CASA BRANCA	115	1508	1149	359	FRACO
CHAVANTES	-	305	554	249	FORTE
ITAPETININGA	120	2800	2900	100	FORTE
JABOTICABAL	212	1513	1447	66	FORTE
JAÚ	1076	2823	-	2823	FORTE
LEME	0	1000	450	550	FRACO
LORENA	69	955	965	10	FRACO
MOCOCA	0	700	1200	500	FRACO
PARAGUASSÚ	115	561	179	382	FRACO

⁷² Carta de Caio Prado Júnior, presidente da ANL de São Paulo, para o Secretário de Segurança Pública. Aliança Nacional Libertadora, 13/06/35. Pront. 340. DEOPS/AESP.

PAULISTA					
PRESIDENTE PRUDENTE	200	2000	800	1200	FORTE
RIO CLARO	207	2.474	2.556	82	FRACO

Fonte: Prontuários das delegacias das respectivas cidades paulistas. **DEOPS/AESP.**⁷³

Através dessa referente à relação eleitoral de algumas cidades paulistas, constatamos que na maioria dos casos os eleitores da AIB tinham condições de decidir as eleições. Isto é, apesar do número baixo de eleitores do Integralismo comparativamente com os Partidos Constitucionalista e Republicano Paulista, a parcela de eleitores da AIB poderia dar ou tirar a vitória do outros Partidos. Nas cidades, por exemplo, de Itapetininga (SP), Lorena (SP), Jaboticabal (SP) e Rio Claro (SP), a diferença entre PRP e PC era inferior ao número de eleitores integralistas. Concluimos, portanto, que nessas localidades a AIB tinha um papel importante partidariamente. Mesmo com poucos eleitores, se colocava como um interessante aliado no jogo político e, por outro lado, como um respeitado inimigo.

Desse modo, observamos que em algumas localidades a AIB era o equilíbrio ou desequilíbrio da estabilidade política do PC e PRP. E se considerarmos que os militantes do Sigma eram justamente indivíduos que estavam descontentes politicamente com os Partidos majoritários, concluimos que o Integralismo era a própria resistência eleitoral buscando um novo rumo político e ideológico nacional.

Assim, pensar no perfil integralista nos municípios locais é também considerar militantes políticos que optaram por uma terceira via nos anos 30, uma opção por uma representação política nacional e de transformação da ordem vigente, isto é, do partidarismo local. Nesse sentido, a concorrência partidária fazia-se, sobretudo com o Partido Comunista que era ideologicamente contrário ao fascismo e que também possuía uma amplitude nacional.

⁷³ Prontuários: Delegacia de Agudos No 585, Delegacia de Araras No 40709, Delegacia de Batatais No 1134, Delegacia de Jaboticabal No 3357, Delegacia de Leme No 40810, Delegacia de Lorena No 40813, Delegacia de Mococa No 2053, Delegacia de Paraguassú Paulista No 342, Delegacia de Rio Claro (SP) No 71, Delegacia Regional de Botucatu No 588 vol. 2, Delegacia regional de Casa Branca No 2055, Delegacia Regional de Itapetininga No 3433 vol 1, Delegacia Regional de Jaú No 2027, Delegacia Regional de Presidente Prudente No 550 vol. 1. **DEOPS/AESP.**

O Partido Comunista, por sua vez, arregimentava para suas fileiras, principalmente, a classe operária; por outro lado, a AIB, como observamos anteriormente, também propunha discursos voltados para os operários tendo considerado-os filhos do Integralismo.

Nesse sentido, a dinâmica política da tríade - PRP, PC e Comunismo - possivelmente estava ligada diretamente com a formação da AIB. Se o Integralismo quisesse conquistar a classe média tinha que concorrer com o PC; se possuísse um perfil militante composto de fazendeiros, podia ser aliado do PRP, ou se buscava atingir os operários, a luta política se concentrava contra o Comunismo.

Analisando as relações do Integralismo com os Partidos dos anos 30, temos que o Partido Constitucionalista veio do Partido Democrático, fundado em 1926. Era um Partido oriundo das classes médias e de setores da oligarquia liberal do Estado que se opunham aos setores mais conservadores da elite paulista que estavam agrupados no Partido Republicano Paulista.

Segundo Bertonha⁷⁴, o debate fascismo/antifascismo italiano no Estado de São Paulo só veio à tona por problemas específicos da política estadual no período entre guerras. Vale, contudo ressaltar estas discussões através dos dois Partidos mais influentes na política paulista: o *Partido Democrático* e o *Partido Republicano Paulista*.

O *Partido Democrático* sempre deu forte apoio aos antifascistas italianos de São Paulo, o que é explicável pelo fato dos ideais democráticos e reformistas do PD serem próximos aos dos antifascistas italianos de São Paulo e também por um fator crucial: ambos concordavam com a necessidade do imigrante italiano assimilar-se o mais rápido possível à sua nova Pátria.

De fato, os ideais liberais e a concordância sobre a questão da assimilação fizeram dos membros do PD bons aliados dos antifascistas italianos. O curioso, porém, é que o antifascismo dos democráticos não era apenas um apoio a um aliado que compartilhava das mesmas idéias, mas também um reflexo de um fato especificamente local, a dizer, o filofascismo do grande inimigo do PD e bastião por décadas do poder da elite paulista: o PRP.

⁷⁴ BERTONHA, 1998, p. 327-332.

Tal Partido não era totalmente favorável aos imigrantes, mas, da mesma forma que fazia com a população brasileira, procurava cooptá-los numa relação clientelística. Era nesse contexto que parece se situar o filofascismo do Partido. Claro que, ideologicamente, eles tinham simpatias pelo regime de Mussolini, mas muito mais importante era o fato de que, através do filofascismo, eles pareciam ter uma ponte a mais com a elite industrial italiana de São Paulo e, especialmente, um canal para aproximar e incorporar parte dos italianos dentro de seu sistema clientelístico.

Essa dinâmica política precisa, no entanto, ser mais bem investigada a fim de percebermos como o fascismo e o antifascismo se articulavam na política local e determinavam com quais aliados podiam contar, no jogo do poder e no apoio/perseguição da máquina do governo estadual e porque o governo estadual, apesar de tudo, nunca teve uma política firmemente antifascista.⁷⁵

O fato, portanto, do PRP ser filofascista e o PD, e depois Partido Constitucionalista, serem mais adeptos ao antifascismo italiano, pode nos sugerir que nas dinâmicas políticas locais estes fatores eram explícitos a ponto de se constituírem como essenciais na formação do perfil militante da AIB. Se o PRP estava no poder do governo municipal isso mostrava um prestígio social, um apoio cultural político por parte dos cidadãos. A AIB como Partido nascente e ainda com poucos adeptos disputando o público não liberal que ficaria ao lado dos constitucionalistas, acabava dirigindo-se aos setores da classe média alta e aos próprios eleitores do PRP dentro do jogo do poder local. Ou ainda, em disputa com o PC, o PRP se articulava com o Integralismo dentro do clientelismo e do jogo político.

Apesar de não analisarmos minuciosamente todo o perfil militante dos integralistas paulistas e compará-los com a política local, vale sugerir que em cidades onde a corrente de esquerda era intensa e com representação partidária e onde a elite perrepista liderava a política, a AIB teve um perfil militante classe média alta, classe média. Na maioria das vezes, nas localidades em que o Partido Comunista ou a Aliança Nacional Libertadora não tinham expressão e os liberais democráticos do Partido Constitucionalista possuíam a

⁷⁵ Por último, Bertonha colocou que o fato do PRP estar em decadência nos anos 30 talvez ajude a explicar também a transferência do apoio de muitos italianos e descendentes, antes absorvidos em parte pela máquina do Partido, ao movimento integralista.

grande parcela do eleitorado, o Integralismo aglomerou grande parte da classe média baixa e operariado.

Contudo, não se trata de uma regra, justamente porque são as especificidades de cada localidade que constroem a dinâmica política. Por exemplo, na cidade paulista de Araras, em 1936, onde a maioria dos eleitores era do PC e o movimento comunista era fraco, segundo os relatos policiais, o PRP estava ao lado do Integralismo que era dirigido por um carroceiro. Assim, para a polícia:

Em Araras não existem chefes políticos, no sentido clássico, isto é, guias ou cabeças de fortes contingentes eleitorais. Desapareceram também o tipo do coronel. Os filiados do PC obedecem a orientação política do Cesario Coimbra (fazendeiro), ao passo que os elementos do PRP se sujeitam à orientação do dr. Godofredo da Silva Telles da chefia do Integralismo.

O eleitorado da AIB compõe-se de moradores da cidade, principalmente rapazes. Entretanto, convém observar que a fazenda Santo Antônio apesar de pertencer a figura saliente do PRP, fornece contingente regular ao Integralismo. As filhas e filhos do senhor Godofredo, o seu administrador, os seus fiscais, os seus colonos e aos seus camaradas todos vestem a camisa verde.⁷⁶

Portanto, em Araras, verificamos que o movimento integralista era composto por rapazes urbanos, colonos, carroceiros e também fazendeiros. Vale ressaltar, que segundo o delegado local o eleitorado do PC provinha de nove fazendas do município e que o PRP era oriundo de três. Diante disso, podemos sugerir que a AIB estava fazendo frente aos constitucionalistas unindo-se ao PRP, porém, não necessariamente representava sua escolha partidária. Pelo contrário, a AIB teve, em 1936, 142 eleitores para as eleições municipais e elegeu Plínio Salgado para candidato à presidência da República. Assim, como segunda sugestão, talvez seja mais aceitável compreendermos que o perfil dos militantes integralistas variou conforme o perfil militante do Partido que representasse maior concorrência. Isto é, se o PC estava agindo no âmbito das fazendas, a AIB também

⁷⁶ *Relatório dos Partido Políticos do delegado de Araras para o delegado de Ordem Política e Social. Araras, 9/09/36, Pront. 40709. DEOPS/AESP.*

procurava agir nesse setor social, caso fosse o Comunismo agindo no seio sindical, era dentro dos sindicatos que o Integralismo tentaria ganhar seu espaço.

Nessa perspectiva, constatamos a ação da AIB de Botucatu (SP) dentro do Sindicato Ferroviário da Sorocabana. Em novembro de 1937, segundo um informe de investigação policial, o chefe integralista Bandeira de Melo, engenheiro civil chefe do 4º Distrito da Estrada de Ferro Sorocabana, assediou os operários ferroviários a fim de que ingressassem nas fileiras do Sigma ameaçando fechar o sindicato caso a "onda vermelha" continuasse estabelecida.⁷⁷

Verificamos, portanto, em Botucatu (SP), a ação integralista sobre os operários em uma dinâmica política local na qual o PC possuía o maior eleitorado e a ação comunista era forte. Mesmo sendo o chefe integralista um profissional liberal, membro da classe média, a ação do Sigma ocorreu no âmbito sindical onde também atuava o Comunismo. Nesse caso, o jogo político da AIB foi de combate ao Comunismo arregimentando operários para as suas fileiras.

De qualquer modo, diante dessas suposições, o que estamos sugerindo para compreender o perfil do Sigma é analisarmos também os processos políticos que envolveram a mobilização social das camadas médias e operárias e o perfil de dominação da elite em cada localidade. Assim, problematizaremos a questão do perfil do Sigma e ampliaremos a definição estática da sua condição social como classe média.

Como verificamos, a classe operária também era um alvo para o Sigma. Até mesmo, alianças entre o PRP e os fazendeiros existiram. Então, a fim de construir um viés interpretativo que relacione classificação social e fatores sociais e políticos locais, apostamos no caráter eminentemente heterogêneo do perfil integralista no Estado de São Paulo. Processo interpretativo que, nesse trabalho, iniciamos através de uma análise municipal. No caso, a partir da investigação da prática política dos camisas verdes da cidade de Rio Claro (SP).

⁷⁷ *Informe de investigação para o delegado adido de São Paulo. Botucatú, 13/10/37, Pront. 588 vol. 1. DEOPS/AESP.*

1.5) Os primeiros camisas verdes paulistas: o perfil militante e as atividades do núcleo da cidade de Rio Claro (SP).

O núcleo de Rio Claro (SP) fazia parte da 20ª Região de São Paulo englobando as cidades de Pirassununga, Cordeiro, Araras, Leme e Porto Ferreira. O quadro dos adeptos ao núcleo era de 177 integralistas, sendo 121 homens (68,36%), 33 mulheres (18,6%) e 23 plinianos (12,9%). Com relação ao perfil profissional constatamos que do total de 154 integralistas (menos mulheres e crianças) eram: ferroviários (38), comerciários (14), operários (13), lavradores (7), trabalhadores (6), funcionários (5), barbeiros (2), motoristas (2), sapateiros (2), pintores (2), professores (2), dentistas (2), advogados (1), médicos (1), proprietários (1), outros (18) e sem especificação (20).⁷⁸

Portanto, a partir das profissões, percebemos que a maioria dos camisas verdes era vinculada à classe média baixa e operária, destacando-se a grande presença dos ferroviários. Todavia se contarmos o número de militantes mulheres, concluímos que a o público do Sigma em Rio Claro (SP) era, em ordem decrescente: os ferroviários, as donas de casa, os comerciários e os operários.

Na divisão interna do Partido constatamos o seguinte quadro em 1934:

Divisão de funções da AIB de Rio Claro (SP) em 1934.

NOMES	FUNÇÃO	PROFISSÃO
Onofre Penteado Junior	Secretário do Dep. de Organização Política	Professor
Júlio Pedro Medina	Secretário do Dep. de Doutrina	Operário
José Dagnone	Secretário do Departamento de Finanças	Ferrovário
Lindolfo de Almeida	Secretário do Departamento de Milícia	-
João Rossini	Chefe da Casa Militar	Ferrovário
Luis Alves de Godoy	Secretário do Gabinete da Chefia	-

Fonte: Boletim de setembro de 1934. Ata do núcleo da AIB de Rio Claro (SP). **FPS/APRC.**

Frente as modificações estruturais propostas pela AIB nacional em que foram criadas novas secretarias, o quadro de ocupações foi modificado em dezembro de 1936 sendo composto da seguinte forma:

⁷⁸ *Relação dos filiados a AIB de Rio Claro (SP).* Ata do núcleo da AIB de Rio Claro (SP). **FPS/APRC.**

Divisão de algumas funções da AIB de Rio Claro (SP) em 1937.

NOMES	FUNÇÃO	PROFISSÃO
Carlos Kohne	Secretário do Dep. de Finanças	Ferroviário
João Rossini	Secretário do Dep. de Educação	Ferroviário
Herculano Canto	Secretário do Dep. de Propaganda	Dentista
Ernesto Fischer	Secretário do Dep. de Corporações e Serviços Eleitorais	Comerciário
José Ferreira Carrate	Secretário do Dep. de Cultura Artística e Estudos	-
Godofredo Pignatário	Secretário do Dep. de Assistência Social	Médico
Julietta Fussatta	Secretária do Dep. de Arregimentação Feminina e Plinianos	Do lar.
Antônio de Pilla	Secretário do Dep. de Imprensa	-

Fonte: Boletim de fevereiro de 1937. Ata do núcleo da AIB de Rio Claro (SP). **FPS/APRC.**

Quanto ao desenvolvimento do núcleo verificamos através da ata da AIB o seguinte quadro cronológico de algumas atividades e cerimônias realizadas na AIB de Rio Claro (SP) entre julho de 1933 e março de 1936:

DATA	ATIVIDADES
4/07/33	Fundação do núcleo: chefe José Pires de Oliveira Pimentel Jr. Local: Rua 6 prédio 118.
1/04/34	7ª reunião: preparativos para a vinda de Plínio Salgado. Discussão sobre problemas financeiros.
1/05/34	8ª reunião: condecoração de Rio Claro (SP) como Cidade Integralista. Cerimônia com a presença de Plínio Salgado.
1/09/34	11ª reunião: nomeações de secretários.
1/11/34	13ª reunião: homenagem aos companheiros que participaram do conflito no dia 7 de outubro na praça da Sé em São Paulo.
1/02/35	2ª reunião: comentários sobre o 1o Congresso Provincial realizado em São Bento.
1/04/35	3ª reunião: formação de Embaixada para ir ao Congresso de Petrópolis. Conferência com o cientista uruguaio José Nigno Basciano.
1/05/35	4ª reunião: retorno da caravana de Petrópolis com sessão solene para operariado em geral na Sociedade Italiana.
1/07/35	5ª reunião: divulgação do Integralismo nas cidades vizinhas com distribuição de boletins e impressos.
1/09/35	7ª reunião: parabenização aos integralistas de Rio Claro (SP) que foram para Piracicaba por ocasião da visita de Plínio Salgado.
6/09/35	Reunião extra: visita de Plínio Salgado a Rio Claro (SP).
1/11/35	9ª reunião: aviso para integralistas ficarem em alerta. Inauguração dos núcleos das cidades vizinhas de Santa Gertrudes e Rios das Pedras.

1/12/35	10ª reunião: vigília integralista contra rebelião comunista. Disposição de 60 integralistas para auxiliar trabalho da delegacia local.
15/01/36	1ª reunião: organização da chapa dos vereadores.
1/03/36	3ª reunião: aprovação da chapa de vereadores pelo chefe Provincial e arrecadação de dinheiro para a campanha.

Fonte: Ata do núcleo da AIB de Rio Claro (SP). Boletim de maio de 1934, 1/05/34. **FPS/APRC**.

Nesta cronologia, constatamos alguns exemplos das atividades do núcleo de Rio Claro (SP). Quanto à frequência de reuniões, percebemos que era registrada na Ata do núcleo uma reunião por mês. Todavia, como constatamos nos conteúdos das atas, as sessões de doutrinação ocorriam todos sábados e, a partir de novembro de 1935, todas as quintas e sábados aconteciam sessões públicas. Porém, eram encontros não registrados em forma de ata.

Nesse período, observamos alguns aspectos interessantes como, por exemplo, a preocupação financeira. Essa questão foi apresentada no dia 1/04/34 e no dia 1/03/36. O primeiro por conta da visita de Plínio Salgado e em março devido à campanha eleitoral dos vereadores. Dificuldades, mas que se comparadas com outros núcleos paulistas não eram tantas.

Arrecadação da Taxa do Sigma de 1936

Núcleo	Arrecadação
São Paulo	563\$000
Agudos	190\$000
Araraquara	150\$000
Araras	56\$000
Araranguá	73\$000
Avaré	20\$000
Bariry	25\$000
Barra Bonita	25\$000
Barra Funda (SP)	62\$000
Barretos	180\$000
Bebedouro	20\$000
Birigui	14\$000
Bofete	60\$000
Botucatu	259\$000
Braúna	135\$000
Caçapava	247\$000
Cachoeira	69\$000

Cafelândia	452\$000
Cajuru	68\$000
Campinas	865\$000
Cândido Mota	61\$000
Cruzeiro	160\$000
Duartina	20\$000
Espírito Santo Do Pinhal	60\$000
Fartura	26\$000
Franca	73\$000
Guarantan	116\$000
Guaratinguetá	230\$000
Igarapava	109\$000
Itapetininga	15\$000
Jaboticabal	250\$000
Jacaré	73\$000
Jaú	15\$000
Jundiaí	203\$000
Liberdade (SP)	100\$000
Limeira	100\$000
Lins	149\$000
Lorena	161\$000
Marília	112\$000
Mogi Das Cruzes	50\$000
Mogi Guassú	50\$000
Mogi Mirim	356\$000
Ourinhos	76\$000
Penha (SP)	10\$000
Pindorama	119\$000
Pinheiros (SP)	64\$000
Piracicaba	512\$000
Pirassununga	50\$000
Presidente Bernardes	20\$000
Presidente Prudente	312\$000
Presidente Venceslau	83\$000
Ribeirão Bonito	30\$000
Ribeirão Preto	200\$000
Rio Claro	341\$000
Rio Preto	170\$000
Santana (SP)	235\$000
Santa Gertrudes	20\$000
São Caetano	16\$000
São Carlos	26\$000
Sertãozinho	20\$000
Taquaritinga	50\$000
Taubaté	82\$000
Vila Mariana (SP)	222\$000

Fonte: A Offensiva. 3/01/37, no 377, ano IV, p. 13. **FPS/APRC.**

Os recursos financeiros da AIB eram gerados pelo Departamento de Finanças e oriundos da Taxa do Sigma instituída em 1935, que obrigava todos os militantes a pagar uma cota mensal, com exceção dos membros de organizações da juventude. Segundo Trindade, como o sistema de imposto interno não se revelava sempre muito eficaz, os núcleos da AIB muitas vezes utilizavam-se de outras fontes de financiamento: campanhas financeiras internas (Campanha do Ouro), contribuições de industriais e comerciantes, integralistas ou simpatizantes, que quisessem colaborar com um movimento anticomunista.⁷⁹

No caso do núcleo de Rio Claro (SP), constatamos que a maioria dos integralistas ativos e organizados contribuía com cerca de 2\$000, salvo algumas exceções como, por exemplo, o chefe municipal que doava 20\$000. Verificamos também outros métodos de arrecadação como, por exemplo, a Campanha do Ouro e a Campanha Financeira em prol da Assistência Social da AIB, ambas no ano de 1937.

Vale ressaltar, todavia, que apesar de constatarmos que as condições financeiras do núcleo de Rio Claro (SP) eram satisfatórias (341\$000) o núcleo não dispunha de um jornal próprio. O núcleo de Araraquara (SP), por exemplo, que apresentou uma arrecadação de 150\$000, ou a cidade de Taquaritinga (SP) com o valor de 50\$000, produziam, respectivamente, os jornais integralistas *O Nacionalista* e *Folha Integralista*.

Sugerimos, portanto, que o fundo financeiro dos núcleos não tinham finalidades iguais. A utilização do dinheiro arrecadado para os jornais, as campanhas eleitorais, as caravanas etc., ocorria conforme os contextos políticos e sociais locais e as articulações dos integralistas na sociedade. No caso de Rio Claro (SP), os integralistas publicavam artigos nos jornais oficiais da cidade livremente. Desse modo, a imprensa do Sigma não era essencial. Por outro lado, como verificamos, o recurso financeiro era importante para as campanhas eleitorais.

Assim, ao que parecem, as diferentes formas de utilização dos recursos financeiros dos núcleos da AIB sinalizavam o caráter heterogêneo do movimento integralista. Isto é, mesmo submetidos a uma estrutura partidária hierarquizada, os núcleos possuíam uma certa

⁷⁹ TRINDADE, Héglio, 1974, p. 194.

autonomia para utilizarem seus recursos financeiros conforme as necessidades de cada localidade.

Concomitantemente, com o passar dos anos 30 a AIB foi crescendo e construindo outras perspectivas, como, por exemplo, metas eleitorais. Desse modo, a partir de outubro de 1936, as reuniões do núcleo passaram a ser semanais, sendo os boletins das atas divididos quinzenalmente e não mais por reuniões mensais. As atividades do núcleo começaram a tomar o perfil de um Partido político.

DATA	ATIVIDADES
7/10/36	Noite dos Tambores Selenciosos. Realização na Sociedade Italiana.
25/10/36	Visita do chefe provincial Dr. Marciel da Silva Telles.
26/10/36	Concentração núcleos da 20ª Região. Conferência do chefe provincial Arnaldo Machado Florence.
14/11/36	Visita do coordenador dos Ferroviários à SP por conta da Reunião do Comitê Ferroviário.
21/11/36	Convite da Igreja Presbiteriana para realização de conferência.
30/11/36	Congresso Sindical no Rio de Janeiro.
6/12/36	Reunião dos chefes municipais da região de Rio Claro (SP). Divulgação das novas diretrizes.
1/01/37	Homenagem ao Juiz de direito Antônio Carlos P. da Costa.
15/01/37	Primeira sessão do Grupo Profissional dos Ferroviários.
16/01/37	Aberta a sessão para Campanha do Ouro.
21/01/37	Visita de Paulo Menezes Ferraz do núcleo de Bebedouro.
22/01/37	Início da Campanha Financeira em prol da Assistência Social da AIB.
1/02/37	Visita de Miguel Reale e Jeovah Motta com cerimônia na Sociedade Italiana.
5/02/37	Novas nomeações para as secretarias do núcleo.
4/03/37	Visita do deputado J. C. Fairbanks.
17/03/37	Instalação do núcleo da cidade paulista de Leme.
20/03/37	Conferência com Jayme Regale Pereira em Piracicaba (SP).
15/04/37	Arrecadação da Campanha do Ouro.
17/04/37	O integralista do núcleo de Campinas Luis Arruda Barbosa palestra para companheiros de Rio Claro (SP).
21/04/37	Homenagem à Tiradentes.
23/04/37	Comemoração do 4º aniversário do primeiro desfile dos camisas verdes. Lançamento da campanha eleitoral.
1/05/37	Comemoração Dia do trabalho.
5/05/37	Organização das Juntas Profissionais Eleitoral.
22/05/37	Abertura de sessão plebiscitara para a escolha do candidato a presidência da República.
3/07/37	Transferência da sede para a rua 3 no 84.
17/07/37	Lançamento da candidatura de Plínio Salgado.
6/08/37	Instalação do núcleo de São Pedro (SP).
11/08/37	Visita de Oswaldo Bastos encarregado de levantar empréstimo do Sigma.
21/08/37	Proibição do chefe nacional do uso da camisa verde e distintivos.

22/08/37	Caravanas e instalação do núcleo de Itirapina (SP).
24/08/37	Organização do serviço de emergência contra possíveis revoltas comunistas.
7/09/37	Comemoração do Dia da Pátria.
14/09/37	Reforço da guarda da sede da AIB.
19/09/37	Indicação de nomes para deputado federal pelo Partido da AIB,
30/09/37	Sessão solene em memória dos integralistas mortos no levante comunista de 35.
7/10/37	Noite dos Tambores Silenciosos.
24/10/37	Comemoração pela ordem governamental de fechamento das Lojas Maçônicas.
19/11/37	Desfile do Dia da Bandeira.
26/11/37	Arrecadação de doativos para Natal do Pobres.
4/12/37	Viagem do chefe municipal à Campinas para receber informações do chefe provincial Dr. Machado Florence sobre a proibição de associações partidárias decretada pelo governo.
3/02/38	Problemas com a irregularidade das remessas do jornal Acção.
4/03/38	Fechamento da sede da AIB de Rio Claro (SP). Inscrição reservada do delegado de polícia Milton Barros.

Fonte: Ata do núcleo da AIB de Rio Claro (SP). Boletim de maio de 1934, 1/05/34. **FPS/APRC**.

Através dessa tabela cronológica referente a algumas atividades do núcleo da AIB de Rio Claro (SP), verificamos que se tornou mais freqüente os encontros dos integralistas. Todavia, apesar de uma ascensão política, constatamos também a queda do movimento. Desse modo, poderíamos classificar o ano de 1937 como o ano das contradições.

Se, por um lado, verificamos uma investida eleitoral da AIB nas direções de cargos legislativos ou da presidência da república, por outro, percebemos um reforço da guarda do Sigma contra possíveis ataques comunistas. Assim, ao mesmo tempo em que se articulavam para uma disputa partidária, também se armavam para um confronto físico com os "vermelhos". Os integralistas, desse modo, estavam investindo tanto no âmbito político partidário como na disputa armada. Isto é, era importante a empreitada eleitoral, mas a ação armada poderia ser necessária para a defesa ideológica e partidária.

Do mesmo modo, observamos a tensão entre o avanço e o retrocesso do movimento. Se um dia proibiam o uso da camisa verde, em outro organizavam caravanas e instalavam núcleos. Se de um lado lançavam Plínio Salgado para presidência da república, de outro reforçavam a guarda da sede contra possíveis ataques. Se por um lado, fecharam a sede, em contrapartida, conseguiram a inscrição para o Partido do delegado de polícia.

O ano de 1937, portanto, foi de altos e baixos para os integralistas de Rio Claro (SP) que resistiram e agiram pelo movimento até o momento do fechamento da sede. De fato, é

interessante observar que o livro de ata da AIB continua sendo o mesmo após 1945 com a fundação do Partido de Representação Popular. Evidência de que o Estado Novo representou apenas uma pausa e não o fim do Integralismo rio-clarense.

Diante disso, a fim de compreendermos a ação do núcleo da AIB de Rio Claro (SP) e seus militantes, é necessário que pensemos também o contexto social e político fora do núcleo. Não apenas no âmbito nacional, mas, sobretudo local. Cabe-nos investigar como se davam às relações sociais e políticas dos integralistas buscando conhecer seu perfil social estático e suas ações internas, também suas práticas políticas na dinâmica da cidade de Rio Claro (SP).

1.6) Rio Claro - a primeira Cidade Integralista do Estado de São Paulo: a Ação Integralista Brasileira e o universo político e social local.

A cidade de Rio Claro (SP) apesar de apresentar características comuns a qualquer cidade média do interior paulista, do ponto de vista histórico. Tem aspectos bastante peculiares que instigaram nossa investigação sobre a ação do Sigma nesta localidade. Menos de um ano depois da fundação do núcleo da AIB, em abril de 1934, Plínio Salgado honrou-a com o título de "Cidade Integralista". Como constatamos, havia uma íntima relação de Rio Claro (SP) com Plínio Salgado, tanto pelas honras prestadas após apenas seis meses que a AIB local tinha sido instalada, como também pelas evidências de que Pimentel Jr, chefe integralista, mantinha boas relações com Salgado. Segundo o chefe nacional do integralismo, Rio Claro (SP) foi a primeira cidade do Estado de São Paulo a vestir a camisa verde.

Nos anos 40, a cidade de Rio Claro (SP) tinha cerca de 47.073 habitantes, sendo 36.136 residentes na zona urbana. Existiam 354 indústrias, uma considerável base de agricultura e alguns indícios da existência de petróleo. Acomodava um comércio de 775 estabelecimentos e estava dotada de todas as estruturas urbanas que caracterizavam uma urbanização moderna.

Do ponto de vista cultural, possuía uma considerável produção de periódicos e cerca de 74,23% da população alfabetizada.

Nome periódico	Frequência	Tiragem	Caráter
Diário de Rio Claro (SP)	Diário	1800	Noticioso
O Bilac	Trimestral	600	Literário
A cidade de Rio Claro	Diário	1500	Noticioso
A voz da Amizade	Trimestral	800	Literário
Artífice	Trimestral	800	Literário
Folha Pedagógica	Mensal	700	Noticioso
O Ribeirense	Trimestral	2000	Literário
Nossa Folha	Bimensal	300	Religioso
Eco Estudantino	Mensal	350	Literário
O Circulista	Mensal	2000	Noticioso
Boletim	Mensal	200	Noticioso
Novidades	Mensal	3000	Noticioso

Fonte: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Vol 30, p.46, RJ, IBGE, 1957.

Politicamente, em Rio Claro (SP), observamos cidadãos pertencentes à classe dos operários adeptos ao Integralismo. Em 1936 a vitória eleitoral foi do PRP (denominado Partido Republicano Histórico) com 2.556 votos seguido pelo PC com 2.474.⁸⁰ Vale notar que a AIB obteve 207 votos, quantidade que poderia dar a vitória para o Partido Constitucionalista sobre o PRP.

Sugerimos, portanto, que apesar do Integralismo ter tido uma votação relativamente pequena, no contexto de uma política local disputada, tornou-se grande elemento de equilíbrio ou de decisão. Evidência que nos mostra o quanto era interessante para o PRP ou o PC manter boas relações com o Integralismo, ou melhor, ser conivente com o movimento integralista, que não tinha chances de vencer uma eleição, mas que detinha uma quantidade de seguidores que poderia dar ou impedir a vitória de algum destes Partidos.

Quanto às principais figuras políticas, segundo a autora Maria Beatriz Bilac, no período pós-30, foram consolidadas as lideranças de indivíduos que haviam iniciado sua ascensão no final da década de 20, como Augusto Schmidt Filho, Humberto Cartolano e Benedito Pires Joly. Ao mesmo tempo, verificou-se o aumento de prestígio de

⁸⁰ BILAC, 2001, p.107.

descendentes de famílias de imigrantes já com expressão política na cidade, como a família Hofling, que mais tarde faria três gestões na Prefeitura. Assim, nos idos de 1930, o poder local acompanhou as tendências do contexto nacional, com a diluição do coronelismo paralela à ascensão de novos setores sociais. Uma presença marcante no período foi a de Humberto Cartolano (que era chefe da casa comercial Castelano Castelano & Cia), um filho de imigrantes que foi nomeado prefeito em 1930.

Após as eleições de 1936, na qual venceu Francisco Penteado Junior, herdeiro político do irmão (antigo chefe do PRP) seguiu-se uma longa troca de acusações políticas e pessoais entre os dois Partidos. Segundo Bilac, a Revolução de 30 não chegou a abalar o predomínio do PRP em Rio Claro (SP), mas abriu um espaço significativo para a oposição.⁸¹

As forças locais dividiram-se, cada uma contando com o apoio de representantes dos mais diversos interesses. Observa-se nesta época a importância das associações comerciais e industriais, das associações voluntárias, como clubes sociais, esportivos, Santa Casa etc., que funcionaram tanto como fatores de pressão político-econômico quanto como canais de prestígio social. Logo depois de 1930, as associações comerciais e industriais agregaram os interesses da burguesia local nascente nas cidades do interior paulista, que já vinham competindo em condições mais favoráveis com a velha oligarquia rural. Essas associações tornaram-se instrumento de organização do comércio e da indústria, constituindo-se como órgãos de defesa dessas frações de classe e servindo como mediadora frente ao Estado e as decisões do decorrer da política local.⁸²

Como colocou Bilac, a Associação Comercial de Rio Claro (SP) foi decisiva para a eleição do candidato. Aliás, como constatou a autora, a maioria dos prefeitos e vereadores que exerceu essas funções entre 1930 e 1945, pertenceu a essas associações. O único prefeito que foi eleito sem participar das associações foi um político que já fazia carreira política e era um proprietário rural apoiado pelo Coronel Schmidt.

⁸¹ BILAC, 2001, p.109-113.

⁸² Ver VIEIRA, 1987, p. 45-66.

Através das considerações de Bilac, percebemos que, diante do contexto político rio-clarense, para o Integralismo alcançar a prefeitura, três fatores eram considerados importantes: fazer parte ou ter ligações com a aristocracia rural (PRP), ser imigrante de poder social (industrial, importante comerciante) ou pertencer a uma associação comercial ou industrial que, no caso, seriam os políticos representantes da oposição perrepista, isto é, o Partido Constitucionalista.

Diante deste quadro de possibilidades, se nos voltarmos para os integralistas, percebemos que como Partido político as chances de conquistar o governo municipal eram mínimas. Primeiro porque na sua maioria eram ferroviários, em segundo, o chefe Pimentel Júnior era funcionário público e por último, o imigrante italiano de grande envergadura na AIB era Godofredo Pignatário que era médico e fascista.⁸³

Todavia, quanto às ligações com a aristocracia rural, coronéis, por exemplo, constatamos que os integralistas possuíam uma relação, ao menos de amizade e confiança, com o Coronel Cornélio Schmidt, pois, investigando a ata do núcleo da AIB de Rio Claro (SP), verificamos que o Coronel foi o responsável por fiscalizar o plebiscito realizado em 22 de maio de 1937 para eleger o candidato integralista que sairia como presidente pela chapa da AIB.⁸⁴

Por outro lado, observamos que o discurso da chefia nacional da AIB continha outros propósitos para a participação do Partido nas eleições. A intenção política não estava centrada na conquista eleitoral.

Analisando uma carta de Plínio Salgado ao chefe provincial de São Paulo, em 2 de agosto de 1934, na qual o chefe nacional explicava os motivos de participação da AIB nas eleições para as assembleias constituintes estaduais e câmara dos deputados federais, verificamos as estratégias do Integralismo frente às disputas eleitorais. Para Plínio Salgado, as eleições para os Partidos liberais-democratas, constituíam uma finalidade; para o Integralismo, representava unicamente uma operação tática, um meio de propaganda, de infiltração doutrinária *em todos os rincões da terra brasileira*, de organização de novos núcleos e de arregimentação de novos elementos.

⁸³ Pront. 17587. DEOPS/AEPS.

⁸⁴ Ata do núcleo da AIB de Rio Claro (SP). FPS/APRC.

Segundo o chefe nacional, o Integralismo não acreditava na eficácia do voto. Considerava o voto secreto como uma prova evidente da falência do regime liberal que seria incapaz de oferecer garantias para a livre manifestação da vontade de cada um. Para ele, o voto seria tão ilógico que os integralistas se serviriam dele para combatê-lo. Cumpria notar, no entanto, que uma campanha de caráter doutrinário não teria vida objetiva, real, se não lhe servissem dos elementos materiais da história. A luta teria que se traduzir em fatos sociais, de acordo com a realidade ambiente e consultando o temperamento do povo.

Assim, para Plínio Salgado, a interferência do Integralismo teria muitas vantagens na batalha eleitoral:

- A) Os simpatizantes que votassem no Integralismo por uma questão de amor próprio, se apaixonariam pelos resultados do pleito e acabariam aderindo completamente à causa do Sigma.
- B) Durante a propaganda os integralistas teriam a oportunidade de comprometer muita gente, durante a qual, os que tivessem profunda simpatia ficariam definitivamente com os camisas-verdes e os demais ficariam inutilizados da confiança de outros Partidos, tornando-se forças neutras que não lhes incomodariam mais.
- C) A propaganda exigiria a organização de caravanas a todas as localidades do Brasil. Quando terminassem as eleições, teriam núcleos e milícias organizadas em todos os municípios e distritos do país.
- D) A palavra Integralismo seria obrigatoriamente publicada em todos os jornais durante muitas semanas, durante a apuração. Dentro de muitos lares se pronunciariam essas palavras e muitos comentários seriam feitos.
- E) No caso de elegerem deputados estaduais teriam vozes a pregar Integralismo em todos os congressos e os discursos seriam publicados obrigatoriamente nos órgãos oficiais.
- F) Interessariam as mulheres na campanha integralista, pois pelo fato delas não poderem desfilar em paradas públicas, faria com que elas se manifestassem nas urnas.
- G) Evitariam que lhes apontassem como organização subversiva, uma vez que falavam em atingir o poder, mas sabiam que para isso havia apenas dois meios: eleições ou movimento armado.

H) Evitariam que lhes apontassem (como já estava acontecendo em São Paulo) como organização subordinada a um dos Partidos em luta, com o fim de desviar do outro, fingindo não lhes interessar pelo pleito, traficando em segredo os votos disponíveis.⁸⁵

Diante destas considerações sobre a participação do Integralismo na campanha eleitoral, verificamos que para Plínio a empreitada era uma grande tática doutrinária. Podemos concluir que como Partido político as intenções do Integralismo eram mais amplas que apenas uma disputa eleitoral. O movimento não queria apenas conquistar o poder político como Partido, mas também construir uma cultura favorável ao Integralismo através da propaganda eleitoral e das caravanas. Apostava no espaço cotidiano criado pelo momento de decisão política nacional para alcançar a simpatia da população e introduzir, ao lado dos Partidos já existentes, uma outra forma de ideologia, de política e de cultura.

O fato estratégico de arregimentar as mulheres para as urnas em favor do Integralismo demonstra-nos perfeitamente essa tática de ampliação cultural e política proposta por Plínio Salgado. Traços não só da concepção integral que envolvia questões como a família, mas também, da investida dos integralistas na ampliação do perfil militante.

Para os integralistas, disputar as eleições também construiria uma cultura representativa legal. As eleições destacariam o Integralismo como Partido e não como movimento subversivo, justamente pelo fato de que no cerne de sua ideologia, a revolução e a reforma social eram explícitas, mas publicamente o perfil partidário deveria ser sob as ordens e sob as leis. Representação pública que também traria a autonomia política descartando a possibilidade do Integralismo estar atrelado a outros Partidos.

Para Plínio Salgado, as influências do meio ambiente, as solicitações e as injúrias que ocorressem no processo eleitoral poderiam agir sobre os pensamentos dos integralistas que ainda não estavam com o espírito do Sigma cristalizado e solenemente jurado. Segundo o chefe nacional, havia a necessidade de criar para os camisas-verdes um fato tão concreto quanto aqueles que lhe fossem oferecidos pelos Partidos através das mais prementes injunções na vida municipal e familiar.

⁸⁵ *Carta de Plínio Salgado para o chefe provincial de São Paulo. Ação Integralista Brasileira, São Paulo, 2/08/34. FPS/APRC.*

Segundo Salgado, se a AIB não participasse das eleições faria com que os simpatizantes raciocinassem: *uma vez que o Integralismo não se interessa pelo meu voto não vejo inconveniente de dá-lo a fulano.*⁸⁶ Para ele, em São Paulo, Ceará e Minas Gerais existiam fortes insinuações dos outros Partidos contra o Integralismo. A ausência da AIB dos pleitos desorganizaria todas as zonas de influência do Sigma restando-lhes após as eleições apenas os núcleos de 1ª linha.⁸⁷

Assim, concluiu que a intervenção integralista no pleito eleitoral deveria ser explicada como simples manobra ou tática. Segundo o Manifesto de Outubro, os integralistas se declararam proscritos da falsa vida política da Nação. Isso quer dizer que não aceitavam cargos de confiança política que fossem oferecidos por pessoas não integralistas ou que dependessem de conchavos. *Nada de conchavos, nada de acordos com Partidos, quer da oposição ou dos governos. Nada de transigências doutrinárias para obter votos. Nada de concessões para obter apoio.*

Portanto, desde 1934, os integralistas estavam doutrinados, frente às eleições, a seguir a linha proposta por Plínio Salgado: inserção tática, doutrinação e propaganda ao lado dos Partidos, mas sem alianças a estes ou participação em ciclos de conchavos, favores ou trocas políticas. Os camisas verdes deveriam seguir firmes em seu caminho de forma autônoma e ativos na dinâmica política eleitoral.

Assim, verificamos quais eram as intenções políticas do Integralismo como Partido numa eleição. No entanto, é necessário perceber como ocorria na prática a ação integralista, e de que forma os camisas verdes agiam diante dos diversos contextos locais⁸⁸.

Visualizando o histórico social dos representantes políticos de Rio Claro (SP), Bilac constatou que, entre 1900-1930, dos 11 prefeitos, 4 (36%) eram fazendeiros de expressão na cidade ou na região, 4 eram funcionários públicos (36%), e 3, profissionais liberais

⁸⁶ Idem. **FPS/APRC**.

⁸⁷ Núcleos de 1ª linha eram os núcleos centrais compostos de milicianos de 1ª linha sujeitos a uma rígida disciplina, ortodoxos nos pontos doutrinários, evangelizadores dos ideais e depositários imediatos da confiança do chefe. (*Carta de Plínio Salgado para o chefe provincial de São Paulo. Ação Integralista Brasileira, São Paulo, 2/08/34. FPS/APRC*).

⁸⁸ Na cidade de Presidente Purdente, por exemplo, nas eleições de 1936 foi nomeado como prefeito local o integralista Bento Lippel que, todavia, devido às pressões do Partido Constitucionalista, foi obrigado a deixar o cargo. Ver: ABREU, 1996.

(27%), sendo estes descendentes ou ligados por casamento a famílias proprietárias. Em relação aos vereadores, era grande a proporção de comerciantes (59%), ao lado de 31,8% de fazendeiros. No que diz respeito dos imigrantes, até 1930, representavam 70% do Legislativo; entre 1930 e 1945, ocupavam 50% dos cargos, num total de quatro prefeitos e cinco vereadores.

A classe média local distinguia-se pelo alto número de indivíduos exercendo profissões liberais (farmácia, na maioria) e por funcionários públicos. Caracterizou-se na cidade, já na década de 20, o fenômeno do médico e do farmacêutico político.

No período que se estendeu até 1945 a autora constatou a continuidade da influência da oligarquia, seja pela ocupação direta dos cargos, seja por laços de parentesco ou interesses. Dos 15 prefeitos, 9 (60%) eram fazendeiros, profissionais liberais originários ou ligados às famílias de proprietários rurais por casamentos ou que havia entrado na política por influência destes. A partir de 1945, as alterações no perfil dos ocupantes de cargos políticos eram mais significativas, dado que categorias antes excluídas do poder começavam a ter expressão, como os trabalhadores (todos ferroviários da Cia Paulista de Estrada de Ferro) e profissionais de nível técnico.

As eleições municipais diretas proporcionaram o acesso das mais diversas camadas da população aos cargos políticos. Entre os vereadores, encontravam-se comerciantes (28,5%), médicos (4,7%), ferroviários (9,5%), engenheiros (7,2%), técnicos (11,9%), dentistas (4,7%) etc. A importância das famílias políticas era evidente neste contexto. Existia, por exemplo, o auxílio que os membros destas recebiam em suas carreiras: a apresentação aos líderes e introdução nos Partidos, a arrancada através de conexões familiares e o prestígio proporcionado por um nome famoso.⁸⁹

A entrada de novos elementos na política se deu por meio de critérios como as relações com os antigos coronéis (parentesco ou amizade), o fato de serem naturais da cidade e da região (nesta ordem) e a participação em associações (sendo as mais recorrentes a Associação Comercial, clubes recreativos e desportivos).

Sobre a elite política rio-clarense, os membros acabaram sendo elementos pertencentes aos setores médios da sociedade, sendo significativa a ausência das classes mais baixas. Estas foram excluídas, ao lado dos impedimentos de ordem estrutural, por

obstáculos como a falta de meios econômicos para entrar na disputa eleitoral ou pelo restrito círculo de influência, elementos fundamentais para a entrada na vida política, como os contatos importantes e as amizades.

A partir de 30 aumentou a participação na política por parte da classe média, principalmente, comerciantes e industriais seguidos pelos funcionários públicos e profissionais liberais. De forma geral, pode-se atribuir as mudanças na estrutura ocupacional do Executivo ao aumento da representação da classe média, sua composição setorial e seu caráter mutante.

Diante deste contexto, percebemos que em Rio Claro (SP) a classe operária só teve espaço como representante político a partir de 45, sendo os ferroviários os grandes conquistadores na política local. Observamos também que a elite local foi formada neste período, sobretudo pela classe média e que a classe popular não teve chances no meio político pois não tinha condições econômicas para disputar as eleições e nem laços de amizade ou parentesco que auxiliasse sua entrada para a política local.

Assim, constatamos que para a classe operária rio-clarense alcançar poder político tinha que se infiltrar no âmbito das personalidades políticas a fim de ascenderem politicamente às custas dos laços sociais. A classe média, por sua vez, devido o desenvolvimento econômico do seu setor, atingiu a elite e a representação política demonstrando seu desenvolvimento em direção às camadas sociais mais altas e assim, um distanciamento da classe operária.

Tendo em vista este processo de mobilização social dos anos 30 e 40 em Rio Claro (SP), vale pensarmos a política integralista rio-clarense nesse período como um movimento de classe média baixa e operária que estava inserido em uma sociedade cujas relações de parentesco e amizade, a participação em associações e o prestígio econômico determinavam as ascensões políticas. Quadro a que, teoricamente, os integralistas não aderiam pois apostavam numa política sem favores e nomeações.

Diante disso, como procedeu a ação política da AIB em Rio Claro (SP)? Como pensar o perfil destes seguidores diante do contexto político local? Como caracterizar a ação política da AIB como Partido político neste meio social?

⁸⁹ BILAC, 2001, p. 116-120.

1.7) No jogo político-cultural: as relações e articulações integralistas na sociedade rio-clarense.

Segundo recomendações dos coordenadores integralistas provinciais aos coordenadores locais durante o primeiro trimestre de 1936, logo que estes recebessem suas titulações não deveriam perder tempo, pois a situação do Brasil estava bastante grave e exigia todas as energias dos camisas verdes. De um lado, estaria o Capitalismo internacional ameaçando-lhes, sugando o produto de seus trabalhos; de outro lado, o Comunismo materialista, ameaçando-lhes do terrorismo vermelho. Urgia, portanto, reunir os brasileiros de caráter. Daí a grandiosa missão dos coordenadores do interior de transformarem a sua cidade num poderoso núcleo de resistência contra os perigos que lhes ameaçassem, congregando homens dispostos a tudo. Homens preparados doutrinariamente e fisicamente na defesa do Integralismo e que resumissem todas as aspirações legítimas do povo brasileiro.

Assim, os coordenadores provinciais chamavam a atenção dos locais para as seguintes observações:

- A) Deveriam evitar quaisquer resquícios de luta partidária local procurando arregimentar todos os homens bons da localidade, pois o interior deveria estar unido em torno de um ideal como o integralista que, entre outras grandes aspirações, visava defender os legítimos interesses dos municípios, até aquele momento tão desprezados pela democracia liberal.
- B) A parcela intelectual da localidade (médico, advogados, engenheiros, etc) deveria ser avisada insistentemente, fazendo-a ler os livros e publicações integralistas. Tratando-se de indivíduos que reunissem cultura, probidade (de caráter íntegro) e boa reputação no local, deveriam ser preferidos para os cargos e direção. O mesmo procedimento deveria ser aplicado aos militares.
- C) Quanto a mocidade local, ex-combatentes de 32, os trabalhadores do campo e da cidade deveriam ser visados de preferência, pois seriam estes os indivíduos que mais sofriam naquele contexto. Os coordenadores deveriam procurar arrancar das ilusões do credo comunista os trabalhadores que tivessem transviado para este caminho, que conduziria o país à escravidão coletiva. Esses elementos, quando sinceros, representariam, muitas vezes, os integralistas mais entusiastas e combatentes.

D) Sobre a imprensa, se possível deveriam conseguir acolhida nos jornais locais para artigos e comunicados do Sigma. Os coordenadores também poderiam pedir artigos para a sede da capital.

E) As correspondências com a sede da capital deveriam ser endereçadas ao chefe provincial Dr. Marcel da Silva Telles, na rua Brigadeiro Tobias no 66.

F) Uma vez nucleados e inscrito certo número de adeptos, o núcleo deveria ser estruturado com nomeação do chefe municipal e seus secretários.⁹⁰

Percebemos que os itens A, B e C eram direcionamentos de como os dirigentes locais deveriam arregimentar os indivíduos para o núcleo. Ainda assim, não havia uma seleção político-partidária para as escolhas, pelo contrário, os integralistas deveriam manter-se distantes dos conflitos políticos, mas com olhos treinados a valorizar, segundo o viés integralista, os homens bons e os indivíduos moralmente decentes. Houve a sugestão de incentivar participantes que fossem das camadas média alta, como advogados, intelectuais, sem, contudo, configurar-se um perfil integralista fechado. Pelo contrário, consideravam os trabalhadores e a mocidade como eficientes camisas-verdes se sinceros com a doutrina do Sigma.

Quanto ao direcionamento dos núcleos, os coordenadores provinciais aconselhavam para os cargos os intelectuais (advogados, médicos) e militares que fossem cultos, íntegros e de boa reputação local, isto é, influentes na cidade. Porém, isto não significava que na prática os núcleos se formassem assim.

Observamos, portanto, que apesar dos integralistas terem construído um ideal do camisa verde intelectual e da classe média alta, não necessariamente este perfil deveria ser seguido, ainda mais porque os fatores de escolha salientados nas recomendações dos chefes nacionais eram subjetivas e variáveis dependendo da localidade. A construção podia ser pautada no ideal integral que era proposto na produção doutrinária, mas, por outro lado, a teoria integralista estava sujeita aos fatores ligados a prática cotidiana dos camisas verdes. Os seguidores do Sigma de cada cidade determinavam suas relações de amizade e de parentesco, que podiam ter ligações com qualquer Partido político, tradição aristocrática, burguesa e estrangeira.

⁹⁰ Dossiê político: 24 Z 5 5. DEOPS/AESP.

Mesmo que Plínio Salgado pregasse o distanciamento do Integralismo das relações de conchavos políticos, ainda assim constatamos diversas ligações sociais dos camisas verdes na cidade de Rio Claro (SP), fato que nos sugeriu uma prática política do Sigma um pouco diferente desse perfil.

Ao analisar, por exemplo, as diversas relações entre integralistas e fascistas e a sociedade de Rio Claro (SP), percebemos em 1934, durante as comemorações do Dia do Trabalho, a ligação entre os integralistas, o Centro Operário local e a corporação musical da União Comercial. Segundo artigo da AIB de Rio Claro (SP) publicado no Diário local, a comemoração do 1º de Maio ocorreu em frente à sede dos integralistas com a presença da diretoria do Centro Operário, acompanhada da corporação musical União Comercial e da grande massa proletária, os quais fizeram uma manifestação de simpatia ao núcleo da AIB que retribuiu o gesto através das saudações do chefe local Pimentel Jr.⁹¹

A comemoração continuou ao som da União Comercial que tocou o Hino Nacional e o Hino do Operário seguido pelas *Vivas ao Brasil Integral, ao operariado brasileiro, ao Centro Operário e a Ação Integralista*. À noite, ocorreu uma sessão solene na sede do Sigma dedicada aos operários.

A partir desse evento, constatamos que os integralistas rio-clarenses tinham ligações com centros de representação social, no caso dos operários, como também com grupos representativos do setor comercial. Essas relações nos revelam o próprio perfil do Sigma em Rio Claro (SP) que foi composto por diversos cidadãos operários e da área comercial. As relações da Ação Integralista Brasileira ultrapassavam as dimensões interpessoal, de amizade e parentesco para as interinstitucionais, o que era muito mais legítimo diante da sociedade local e que oferecia muito mais prestígio social aos integralistas.

Muitas vezes, essas ligações interinstitucionais ocorriam não somente nas ocasiões de festividades, mas alcançavam o cerne das ações integralistas: as sessões doutrinárias. Em fevereiro de 1937, por exemplo, o núcleo de Rio Claro (SP) recebeu as visitas de Miguel Reale e Jehoval Motta, os quais proferiram uma cerimônia na Sociedade Italiana

⁹¹ *Diário de Rio Claro (SP)*. 3/05/34, no 14.038, ano XLVIII, p.2. **APRC**.

com a presença das organizações operárias: Assistência Operária rio-clarense, Sindicato dos Trabalhadores de Madeira e organizadores da União Operária.⁹²

Ao observar a presença das organizações operárias nessa sessão integralista, verificamos que as relações sociais, o perfil militante e o público alvo integralista eram caracterizados fortemente pela participação operária e trabalhadora. Como observamos, uma presença operária institucional e ativa dentro das sessões doutrinárias do Sigma.

Vale ressaltar que não constatamos, por exemplo, ligações com a Associação Comercial do político peceísta Humberto Cartolano ou com grêmios e clubes. É interessante perceber que não se tratava de um ato cordial da sociedade com os integralistas. Como verificamos através do artigo publicado pela AIB na ocasião das comemorações do 1º de Maio, os integralistas afirmaram que *foram obrigados a usar de energia pela atitude desrespeitosa de indivíduos que atacaram a bandeira nacional*:

*Porque se os integralistas não podem obrigar a ninguém ser patriota só tem, entretanto, obrigar e obrigarão mesmo - a respeitar a bandeira nacional, que é o retrato vivo do esforço fecundo dos bandeirantes que nos ligaram esta pátria soberba e gigantesca pela qual devemos velar e trabalhar.*⁹³

Através do artigo percebemos que os integralistas mantinham boas relações com determinados setores da sociedade rio-clarense não apenas pela harmonia em si, mas porque existiam entre os camisas verdes e as organizações operárias interesses e afinidades políticas e ideológicas comuns. O fato, por exemplo, das recomendações da coordenadoria provincial terem aconselhado o não envolvimento dos seguidores do Sigma em conflitos partidários, sugere-nos que mais do que a propagação da harmonia social e da ação estritamente partidária, o Integralismo buscava formar um movimento voltado para as questões morais, culturais e sociais da sociedade.

A partir das redes de afinidades dos integralistas rio-clarenses, que ocorriam entre vários níveis sociais, constatamos que as recomendações de Plínio Salgado para que

⁹² *Boletim de fevereiro de 1937*. Ata do núcleo da AIB de Rio Claro (SP). **FPS/APRC**.

⁹³ *Diário de Rio Claro (SP)*. 3/05/34, no 14.038, ano XLVIII, p.2. **APRC**.

advogados, médicos e intelectuais fossem os escolhidos para a direção do Sigma, na prática política não eram seguidas rigorosamente. Mesmo que a direção nacional da AIB almejasse arregimentar a classe média alta para suas fileiras, na prática política municipal integralista, a militância era interclassista.

Assim, se, em Rio Claro (SP), verificamos o envolvimento dos integralistas com os operários e os ferroviários, também presenciamos nas fileiras do Sigma alguns advogados de prestígio social. O integralista Vicente Ferraz Pacheco, por exemplo, era um respeitável advogado da cidade que mantinha ligações com a elite local. Constatamos, por exemplo, que na inauguração da Maternidade da Santa Casa de Rio Claro (SP) pelas *senhoras da elite*, o dr. Pacheco foi uma das personalidades públicas que discursou no evento e parabenizou a ação considerando-a como *grandiosamente humanitária*.⁹⁴

Através da figura do integralista Dr. Pacheco, observamos que as relações do Sigma alcançavam também os setores elitistas rio-clarenses, nos demonstrando que de certa forma era interessante para o Sigma manter-se próximo da elite e de suas caridades. Como coloca Vieira, nos anos 30 as associações comerciais, industriais e voluntárias como clubes sociais, esportivos, Santa Casa etc., funcionavam tanto como fatores de pressão político-econômico, como canais de ascensão social⁹⁵. Daí, sugerimos que era interessante para os integralistas rio-clarenses manter-se próximos da elite que coordenava associações voluntárias, a fim de ascender-se socialmente e politicamente na cidade.

Como terceiro público alvo dos integralistas de Rio Claro (SP), constatamos a elite intelectual. Em 1934, verificamos que o integralista e professor Onofre Penteado foi convidado pela AIB local para desenvolver um curso de sociologia. A palestra inaugural teve a oportunidade de ser irradiada pela Rádio PRF 2 - Rádio Clube de Rio Claro (SP) que era de propriedade de Humberto Cartolano.⁹⁶

O evento ocorreu na Sociedade Italiana local e foi anunciada pela AIB como a:

⁹⁴ *Diário de Rio Claro (SP)*. 6/05/34, no 14.041, ano XLVIII, p.2. **APRC**.

⁹⁵ Vieira, 1987.

⁹⁶ *Diário de Rio Claro (SP)*. 2/06/34, no 14.057, ano XLVIII, p.3. **APRC**.

*noitada de cultura que estava sendo aguardada com vivo interesse e grande entusiasmo pelas pessoas cultas e pela elite intelectual local que estava tendo a oportunidade de conhecer, em bem expressada e clara exposição sintética, o valor e a profundidade do movimento integralista que era o mais sério e mais empolgante movimento da inteligentsia e da cultura brasileira.*⁹⁷

A conferência deu início ao curso de sociologia da AIB que ocorreu no mês de junho de 1934. A partir daí, a empreitada integralista se direcionou para a *mocidade estudiosa* de Rio Claro (SP).

Segundo o anúncio integralista, o curso era sobre as realidades políticas sociais sem interesses partidários, apoio ou frequência ao Integralismo.⁹⁸ Era, portanto, uma investida doutrinária do Sigma direcionada para a mocidade rio-clarense, mas com um alcance geral, sem compromissos com a AIB, justamente porque se tratava de uma ação doutrinária e de conquista militante.

Aliás, era constante nos convites do núcleo da AIB publicados no jornal local a declaração de que não importava a filiação partidária e nem a adesão ao Integralismo para que a comunidade comparecesse às reuniões convocadas pelo núcleo. O fato destes convites serem publicados nos jornais, de acesso público, apesar de ser seletivo pelos temas propostos nas reuniões, não tinham uma direção determinada, restrição partidária ou política. Fato que ampliava o público alvo dos integralistas como também o perfil dos militantes de base.

Esta amplitude também era consagrada pelos integralistas que, em ocasião do desfile integralista em São Paulo do dia 24 de junho de 1934, fizeram questão de explicitar que cerca de 50 cidadãos rio-clarenses que eram estranhos ao movimento integralista, mas

⁹⁷ Idem.

⁹⁸ O curso abordou os seguintes temas: 1) Sociologia: rudimentos sociológicos, sociologia geral e sociologia aplicada; 2) História da Pátria: subsídios da Civilização Brasileira; 3) Filosofia: súpula das correntes filosóficas, psicologia e lógica; 4) Generalidades sobre método das ciências: experimentação, subjetivismo e objetivismo, conceitos de leis e de ciências; 5) Metodologia da Sociologia: sociologia e ciência, ciência e arte; 6) Associação como fato natural e universal; 7) Leis da organização Social do mundo animal segundo Spencer. Durante o curso foram usados os seguintes autores: Conte, Spencer, Ward, Le Play, Ardigo, Parito, Mell, Semmel, Tristão, Delgado Carvalho e Pontes Miranda. *Diário de Rio Claro (SP)*. 8/06/34, no 14.063, ano XLVIII, p.4. **APRC**.

que nutriam idéias de brasilidade e renovação, se filiaram à AIB. Propostas do *maior e mais sério movimento cultural* do Brasil que era o Integralismo.⁹⁹

Outra evidência de que o movimento integralista em Rio Claro (SP) não era estritamente direcionado a elite intelectual, advogados e médicos foi a própria configuração da organização do núcleo no ano de 1935. No Departamento de Organização Política: secretário - Jairo Pimentel, funcionário público e auxiliar - Vasco Capelatto, funcionário público. No Departamento de Doutrina: secretário - Júlio Pedro Medina, operário e auxiliar - Manoel Gomes, pintor. No Departamento de Finanças: secretário - Carlos Hone, sapateiro e auxiliar - Joaquim Pimentel Sobrinho, funcionário público. No Departamento de Justiça: secretário - José Quinteiro, ferroviário e auxiliar - Giacomo Rossatti, ferroviário. No Departamento de Milícia: secretário - José Rossini, ferroviário e auxiliar - Pedro Longhi, ferroviário. Chefe de Gabinete do Executivo: secretário - José Dagnoni, ferroviário e auxiliar - Luiz Alves de Godoy. No Departamento Feminino: secretária - Amélia Rossini e auxiliar - Sebastiana Costa.¹⁰⁰

Percebemos, portanto, diversos setores sociais na coordenação da AIB de Rio Claro (SP), perfil que vai de encontro com as recomendações sugeridas pela coordenadoria provincial do Integralismo que apostava em um perfil de comando voltado para os intelectuais, os médicos e os advogados. Em 1935, na AIB de Rio Claro (SP) a organização do núcleo era composta pelos operários, ferroviários e funcionários públicos que constituíram o Partido da AIB como uma organização da classe média baixa e operária.

Porém, não podemos esquecer que também constatamos a relação dos integralistas com outros setores da sociedade rio-clarense como, por exemplo, as instituições comerciais e operárias e indivíduos da elite intelectual local.

Desse modo, se caracterizarmos o perfil dos integralistas tendo em vista a sua composição social, as suas relações pessoais e interinstitucionais e os seus conteúdos de comunicação e propaganda, perceberemos que apesar dos integralistas terem mantido ligações com setores da elite e propagarem artigo-convites à elite intelectual, o movimento movia-se pelas mãos de ferroviários, operários e funcionários públicos.

⁹⁹ *Diário de Rio Claro (SP)*. 21/06/34, no 14.072, ano XLVIII, p.2. APRC.

¹⁰⁰ *Diário de Rio Claro (SP)*. 4/01/35, no 14.282, ano XLIX, p.4. APRC.

Inclusive, como apresentou o cronograma do dia 5 de janeiro de 1935, eram estes próprios que faziam as doutrinações nas sessões do núcleo. No caso, Jairo Pimentel, José Quinteiro, Julio Medina e Manoel Gomes coordenaram as discussões de livros como: A Palavra Nova do Tempo Novo, O Poder da Vontade, O Território e a Nação e Estudo da Psicologia Humana.

O fato de terem existido ligações entre integralistas e a elite intelectual rio-clarense e a sua formação enquanto Partido ter sido caracterizada pela classe média baixa e operária, possibilitou aos integralistas a construção de um status social pautado na cordialidade e nas boas relações interpessoais e, em alguns casos, interinstitucionais.

Ainda assim, é notória a ausência de relações com determinado setor da elite política local. A intervenção ou ligação, por exemplo, com a Associação Comercial não foi verificada. Como afirmamos, nesse período estas associações eram consideradas como meio de pressão política da burguesia industrial e comercial. Como destacou Bilac, o próprio prefeito Humberto Cartolano foi eleito devido a sua influência na Associação Comercial de Rio Claro (SP). Portanto, essas organizações eram um meio de reivindicação burguesa frente ao Estado e também de conquistas políticas locais.

No ano de 1935, no entanto, percebemos através do Diário de Rio Claro (SP) que a Associação Comercial estava em franca atividade. Ao lado desta tinha também a Rádio Clube que era de propriedade de Humberto Cartolano e que se em 1934 houve uma certa ligação com os integralistas, a partir de 1935, não verificamos mais nenhum contato. A burguesia industrial e comercial em Rio Claro (SP) era, portanto, bastante articulada e representada institucionalmente. Fato que nos evidencia que os representantes do comércio filiados a AIB de Rio Claro (SP) eram rio-clarenses do pequeno comércio local uma vez que a burguesia comercial estava vinculada com as instituições e com os sujeitos políticos que não tinham relações com o Integralismo local.

Por um lado, se em Rio Claro (SP) a burguesia comercial e industrial estava bem representada pelas associações, por outro lado, os comerciários, os funcionários públicos, os operários e outros filiados do Sigma se encontravam distantes deste tipo de mobilização social. Mesmo porque fazia parte da ideologia integralista não se envolverem com elites políticas que se aproveitavam das *boas relações*.

Assim, ainda que desempenhando uma função social diferente da Associação Comercial, em janeiro de 1935, a Ação Integralista de Rio Claro (SP) instalou a Beneficência Integralista - Sociedade Beneficente de Auxílios Mútuos, apostando em uma representação social paralela ao Partido.

Certamente essa organização não possuía as mesmas características que a Associação Comercial, no entanto, de qualquer forma serviu como assistência e representação institucional a determinados setores sociais que não eram atendidos pela Associação. Foi uma forma de criar uma identidade comum e uma força ideológica aparentemente apartidária entre os segmentos sociais que não eram comprometidos com Partido Constitucionalista.

Desse modo, em janeiro de 1935, a AIB publicou que se cogitava a fundação, sob os auspícios do núcleo integralista local, de uma associação beneficente de caráter inteiramente particular baseada no auxílio mútuo.

De início a associação ofereceria assistência médica inteiramente gratuita para todos os casos de necessidade a todos os sócios e as pessoas das famílias inscritas. O sócio ao inscrever-se pagaria a taxa de 3\$000 e a mensalidade de 2\$000 por pessoa. *Das vantagens dessa associação só assistência médica era uma prova mais exuberante, pois que, mediante essa modesta contribuição, o associado estaria garantindo de ter em sua casa um médico competente para toda e qualquer emergência.*¹⁰¹ Assim, qualquer pessoa que desejasse pertencer a essa sociedade não implicaria em compromisso algum com o movimento Integralista uma vez que a organização era inteiramente particular e estava sendo organizada com o feito típico de demonstrar ao novo o poder e a força da União.

No artigo, a AIB adiantou que o médico responsável pela Sociedade seria o conhecido e *abalizado* facultativo o Dr. Godofredo Pignatário o qual logo que a sociedade estivesse em funcionamento, atenderia prontamente todos os sócios, a qualquer hora do dia e da noite. Por fim:

O leitor pense bem. Veja que, com um pequeno despendio mensal poderá economisar muito dinheiro tendo garantido a assistência média para os casos de necessidade.

¹⁰¹ *Diário de Rio Claro (SP)*. 9/01/35, no 14.236, ano XLIX, p.2. APRC.

*Inscreva-se como sócio hoje mesmo e faça propaganda desta associação entre seus amigos e conhecidos. Porque essa associação tem o intuito de amparar e proteger as classes menos abastadas pela fortuna. Mais tarde com o progressivo desenvolvimento da nossa associação poderemos manter um serviço de Assistência Dentária e mesmo um serviço especial de Maternidade. Um por todos, todos por um.*¹⁰²

A partir das palavras publicadas no artigo, percebemos que o público alvo dos integralistas era os trabalhadores com menos condições financeiras, por exemplo, os operários e a classe média baixa. Para Glucksman, é possível conceber que uma organização aparentemente "privada" possa desempenhar um papel ideológico e político decisivo na unificação da classe, transformando-se em "quase Partidos" implantados na sociedade civil desempenhando um papel ideológico e político decisivo na unificação da classe.¹⁰³ No caso da Sociedade Beficiente, a investida veio no sentido de criar uma identificação comum entre sócios e a AIB. Uma identidade que até mesmo alcançaria a dimensão ideológica.

Assim, além de angariar pessoas, prestígio e de trazer dinheiro para a manutenção do núcleo, a organização também possibilitava que o Integralismo instrumentalizasse mais um caminho institucional de construção de identidade ideológica e política entre sociedade e AIB. Ou melhor, entre AIB e classe média baixa e operária rio-clarenses.

A organização também servia como meio de ascensão social do médico Godofredo Pignatário que era fascista e integralista. Era uma forma do Sigma também participar do prestígio da classe médica local.¹⁰⁴ Mais do que uma função apenas restrita ao âmbito político, a AIB queria alcançar o nível cultural, assistencialista, associativo, de função social e de interação com a sociedade civil, portanto, de reconhecimento local como homens de boa conduta, iniciativa e humanitários.

No entanto, vale observar, que no ano de 1935, Humberto Cartolano do Partido Constitucionalista era o prefeito de Rio Claro (SP). Como um comerciante influente tinha

¹⁰² Idem.

¹⁰³ GLUCKSMAN, 1980, p. 141.

¹⁰⁴ Como colocou Bilac, em Rio Claro (SP) era comum o médico ou farmacêutico político.

prestígio local e angariava para seu Partido diversos cidadãos da classe média que apostavam no Liberalismo. Na esfera da elite política existia o Partido Republicano Paulista que era representado pela aristocracia local. Ainda no âmbito político, tinha a AIB que diferente dos outros Partidos que eram locais e regionais, a Ação Integralista Brasileira era nacional e almejava atingir um outro nível de prestígio político e envolvimento social. Não apenas buscava a prefeitura local ou a representação de determinados setores na política municipal, mas sim uma adesão cultural dos indivíduos para uma transformação social e política nacional.

Desse modo, as estratégias para buscar boas relações e prestígio social faziam parte da estratégia do movimento integralista para a construção cultural de uma corrente de mudança nacional. Assim, no intuito de construir uma outra concepção política de ação diferente da seguida pelo prefeito liberal, o conflito entre AIB e o Partido da situação dava-se, principalmente, no âmbito da imprensa através de artigos repletos de discussões conceituais sobre a política.

1.8) Jogando com as palavras e agindo na prática: as disputas e buscas ideológicas dos integralistas através da imprensa local e das ações políticas.

Pimentel Jr, chefe integralista de Rio Claro (SP), era uma figura pública que sempre estava presente nos círculos intelectuais. Frequentemente publicava artigos no jornal local sobre o Fascismo, o Integralismo, a religião, a política, o conceito de Estado, etc. Durante a vigência da AIB na cidade, Pimentel Jr e seu irmão Jairo Pimentel foram os grandes oradores públicos das doutrinas do Sigma. Geralmente os discursos eram de combate político ou de repulsa às correntes ideológicas nacionais e internacionais. Porém, muitas vezes, os ataques ao Liberalismo ou a burguesia cabiam aos representantes políticos e figuras sociais locais.

Em 1935, por exemplo, Pimentel Jr publicou no Diário de Rio Claro (SP) o artigo *O que nos trouxe o Liberalismo*. Defendia que criado o *cidadão*¹⁰⁵, o homem foi somente visto pelo seu lado político olvidando-se outras suas qualidades e necessidades, como sua

¹⁰⁵ Apesar de parecer antagônico verificar um Integralista utilizando a palavra cidadão uma vez que carrega conceitos democráticos que eles próprios combatiam, o termo foi transcrito do artigo original.

subsistência sua instrução, seu sentimento para o belo, suas leis de *ethica* e sua própria vida social.

Segundo o autor, uma classe predominou sobre as outras classes. Essa foi a classe dos abastados, que tendo livre campo para dar larguezas as suas ambições desmedidas, não desprezou o azo que lhe facilitava o estrabismo do governo, sacrificando e explorando as classes laboriosas. E com o aperfeiçoamento da máquina cuja criação viria beneficiar o homem, começou a expulsá-los das oficinas. E as produções cresceram numa ânsia de abarrotar todos os depósitos, descontroladas ao consumo, entulhando os armazéns, esperando o resultado dos trustes. E a superprodução originou a crise. E os primeiros sem trabalho começaram a aparecer em crescente.

O trabalho tornou-se mercadoria ínfima. Era o trabalhador *o mais ínfimo que um cãozinho de raça ou um bilhete de porcelana*. Esses valiam o dinheiro que representava mercadoria de luxo. E o homem e o trabalho nada valiam. A luta social não era mais luta de classes. Seria a luta dos indivíduos. A nação já não teria energias, pois estava sangrada pelas lutas fratricidas e sugada de impostos, que iriam ser canalizados para os argentários estrangeiros a quem os brasileiros deviam. Depois, foi a desvalorização da moral. Por causa do Liberalismo, o adultério estaria na moda, o lar teria sido substituído pelos clubes de jogatina e bebedeiras. Reinava a miséria social e moral, as lutas fratricidas, as lutas de classes, a desorganização, a desordem, a angústia.¹⁰⁶

O antiLiberalismo foi o ideal mais defendido pelos integralistas. Desse modo, a publicação desse artigo pelo chefe local em Rio Claro (SP) durante a vigência do Partido Constitucionalista no governo municipal, não nos parece casual. Apesar das coordenadas provinciais integralistas aconselharem a não intervenção dos camisas verdes em conflitos políticos locais, havia a necessidade da propagação pública da ideologia do Sigma como própria estratégia doutrinária. A publicação de um artigo no diário rio-clarense contra o Liberalismo no contexto político que o governo municipal estava sob comando do PC, sugere-nos que a AIB se infiltrava sim em disputas partidárias.

Observar tal dinâmica do Sigma leva-nos a refletir sobre a amplitude do perfil e do público alvo integralista. Segundo este artigo, observamos um certo apoio à classe média

¹⁰⁶ *Diário de Rio Claro (SP)*. 11/01/35, no 14.238, ano XLIX, p.4. APRC.

baixa e operária uma vez que os argumentos contra o Liberalismo pautaram-se, sobretudo, em temas como o aumento do problema social, da miséria e dos desempregados. Naquele momento histórico, realmente a desigualdade econômica mais o crescente índice inflacionário, atingiu a classe média baixa e os operários que sofreram com a queda da qualidade de vida e a desvalorização salarial. Desse modo, acreditamos que através do discurso antiliberal, os integralistas buscaram angaria para suas fileiras os setores mais pobres da sociedade em nítido ataque à classe média alta e elite comercial rio-clarense que apoiavam os constitucionalistas.

A relação entre o desmanche do lar e da família às custas do Liberalismo também confrontou com os setores sociais locais que freqüentavam os clubes e os grêmios que, como já havíamos constatado, não mantinham ligações com os integralistas. Aqui, é interessante ressaltar que no movimento do Sigma havia uma relação íntima entre público e privado; núcleo e família.

Na Ata do núcleo de Rio Claro (SP), constatamos, por exemplo, o registro de diversas sessões do movimento que ocorreram nos lares dos camisas verdes por conta de alguma festividade como, por exemplo, aniversários.¹⁰⁷ Existia, portanto, uma estreita relação entre lar e AIB demonstra-nos a continuidade entre o movimento político e as casas das famílias dos integralistas. As relações entre os membros iam além das afinidades ideológicas e alcançavam o seio familiar cultivando laços de amizade. É interessante notar que todos os filiados podiam desfrutar da estreita ligação entre lar e núcleo: ferroviários, médicos, advogados, funcionários públicos, operários e donas de casa. Estas, por sinal, tornavam-se a própria coordenadora das sessões uma vez que certamente eram as responsáveis pelos preparativos da *feita-sessão*. Inclusive, na própria ata registrava-se o que na reunião havia sido servido, os membros que haviam faltado e o tempo de duração do encontro.¹⁰⁸

Essas *festas-sessão* integralistas construíam uma cultura de louvação à família que iam contra a cultura da classe média alta e elite local que costumava realizar reuniões em clubes, grêmios ou associações. Portanto, mais do que apenas tensões políticas entre os

¹⁰⁷ Boletim de julho de 1937. Ata do núcleo da AIB de Rio Claro (SP). FPS/APRC.

¹⁰⁸ Boletim de setembro de 1937. Ata do núcleo da AIB de Rio Claro (SP). FPS/APRC.

integralistas e os políticos rio-clarenses, observamos nas ações do Sigma uma propaganda doutrinária baseada em conflitos culturais. Podemos visualizar este fato no artigo contra o Liberalismo publicado por Pimentel Jr, ou ainda, na publicação, em março de 1935, do artigo *O coro dos batrachios* do integralista Jairo Pimentel.

Através do artigo, Jairo expôs que os fantoches do salão de baile, com lugares escolhidos nas salas de cinema, os *sobe e desce* da avenida, os fúteis, vergonha de uma geração e amigos de conhecerem e discutirem o que desconheciam sem a coragem necessária a um estudo sério, eram os piores inimigos de tudo o que seria nobre e glorioso. Quando a milícia gloriosa dos camisas verdes desfilava sorriam *o sorriso amarelo dos incapazes dos insensíveis que não poderiam avaliar a nobilitância de um gesto:*

*E quando o movimento que haveria de libertar a Pátria da escravidão judaica em todos os seus sentidos, a imbecilidade desses manequins de esquina lhes taxaram de comunistas. Depois dos conflitos entre integralistas e comunistas ocorridos em Bauru, São Paulo, Bahia e Espírito Santo, eles teriam tido a audácia e a negligência de caráter de injuriar os integralistas como movimento estrangeiro de Mussolini, de Hitler e dos padres.*¹⁰⁹

Através do artigo, percebemos que o conflito cultural exposto pelos integralistas tinha um alvo. Sugerimos que Jairo Pimentel atacou uma camada social da elite ou classe média alta representada pelo Partido Constitucionalista e pela figura do prefeito Humberto Cartolano. Setor social que, provavelmente, classificou os integralistas como extremistas tachando-os de comunistas.

Diante da classificação de extremistas, constatamos que existiam indivíduos que defendendo uma cultura política liberal, julgaram os camisas verdes como seguidores de um movimento radical, revolucionário e anticonservador. Características, portanto, que distanciavam as ações do Sigma dos setores sociais conservadores dos anos 30.

No artigo também verificamos a idéia de inovação cultural vinculada à questão da intelectualidade. A proposta do Sigma de elevação do nível intelectual dos dirigentes brasileiros e da transformação cultural chocava-se com as manifestações sociais pequeno

¹⁰⁹ *Diário de Rio Claro (SP)*. 18/03/35, no 14.292, ano XLIX, p.3. APRC.

burguesas explícitas no artigo. Defendendo uma nova forma de vida social, o movimento integralista sugeriu um cotidiano cultural que apostasse nos estudos, na família, na ordem, na disciplina e na luta. Modos de viver que não combinavam com o estilo de vida nascente principalmente no seio da classe burguesa que freqüentava bailes, cinemas, clubes numa substituição do lar como única opção de lazer e da diversão, ou até mesmo, do material ao invés do desenvolvimento espiritual.

A partir da insatisfação do autor quanto às classificações de movimento estrangeiro de Mussolini, Hitler e dos padres, verificamos que os integralistas não queriam aparecer como uma corrente política ligada ao fascismo estrangeiro e nem aos movimentos católicos. O movimento integralista fazia questão de se colocar distante destas correntes, ainda que ideologicamente houvesse afinidades. No caso, o caráter nacional prevaleceu no lugar do estrangeiro. O mesmo vale para a suposta ligação com os padres, o Sigma era um movimento original e não admitia ser comparado ou vinculado com outras correntes políticas e sociais. Isso, no entanto, não significava que, na prática, não mantivessem alianças ou afinidades com atividades religiosas ou fascistas.

Ao investigar as possíveis relações entre fascistas e integralistas na cidade de Rio Claro (SP), constatamos que neste período havia intensa atividade do fascio local Armando Dias. É interessante observar que uma semana após a publicação do artigo de Jairo Pimentel, os italianos fascistas anunciaram (em português e italiano, diferente do costume que era apenas em italiano) uma reunião em comemoração ao aniversário do fascio na qual desenvolveriam o *palpitante assunto* da origem do Fascismo, sua doutrina e seu processo histórico. A conferência ocorreu na Sociedade Italiana e foi comandado pelo fascista José Marciano, secretário do Fascio local e distinto médico da cidade.¹¹⁰

O fato dos fascistas realizarem uma discussão sobre o Fascismo na mesma semana em que os integralistas se defenderam como um movimento distinto do Fascismo italiano não nos parece apenas coincidência. Apesar de constataremos algumas reuniões dos integralistas na sociedade italiana¹¹¹ - inclusive com a presença de Plínio Salgado - não observamos a presença de fascistas na lista de filiados da AIB (a não ser de Godofredo

¹¹⁰ *Diário de Rio Claro (SP)*. 23/03/35, no 14.297, ano XLIX, p.1. **APRC**.

¹¹¹ Boletim de maio de 1934. Ata do núcleo da AIB de Rio Claro (SP). **FPS/APRC**.

Pignatário). Notamos, por exemplo, que na véspera da chegada de Plínio Salgado em maio de 1934, o fascio Armando Dias inaugurou o busto de Mussolini, doado por Fortunato Pignatário, e comemorou a ação do fascio na colônia italiana de Rio Claro (SP) que foi prestigiada pelos fascistas com uma escola que desenvolveria a cultura italiana através de livros, jornais e revistas.

Esse episódio apesar de não afirmar categoricamente uma distância ou confronto entre fascistas e integralistas, revela que ambos se afirmavam publicamente como movimentos distintos, com líderes e nacionalidades diferentes. Assim, se de um lado, os integralistas festejavam a vinda do líder Plínio Salgado, comemoravam o título honrado a Rio Claro (SP) de Cidade Integralista e exaltavam a pátria brasileira, por outro lado, os fascistas louvavam o busto de Mussolini, investiam na afirmação da cultura italiana nas colônias locais e apostavam nas escolas que ensinassem a língua italiana.

Apostamos que eram ideologias que conversavam, no entanto, notamos que na prática política rio-clarense eram movimentos distintos que publicamente faziam questão de não se identificar. Por um lado, havia a louvação da italianidade e, por outro lado, da brasilidade. Nas fileiras do Sigma não tinham diversos filiados fascistas e o público alvo era diferente. O Fascio era voltado aos italianos residentes em Rio Claro (SP), o Integralismo era um movimento para brasileiros de classe média baixa e operária. Perfil social que, localmente, configurou dois movimentos políticos diferentes.

Em outras palavras, acreditamos que o movimento integralista constituiu-se com características de bases fascistas, porém, em Rio Claro (SP), nos anos 30, na prática política o Fascio Armando Dias e o Sigma agiam em setores sociais diferentes. Contudo, vale ressaltar que muitas atividades do Sigma ocorriam na Sociedade Italiana e que existiam fascistas que também eram integralistas. Nesse sentido, concluímos que antes do Estado Novo, no momento político de eleições, o jogo político partidário era mais forte e publicamente, como também, institucionalmente, as alianças entre o Fascio e a AIB não ocorreram.

Vale perceber, por exemplo, que como colocou Bilac, os imigrantes de Rio Claro (SP) ascenderam socialmente através das suas conquistas econômicas no setor comercial e industrial. Situação que alcançava apenas a classe média alta e burguesia comercial, que não era o público alvo dos integralistas. Além do mais, os fascistas italianos já tinham os

seus Partidos locais. Em 1935, por exemplo, representantes do Fascio local compuseram o diretório do Partido Constitucionalista apoiando a candidatura do prefeito Humberto Cartolano, filho de imigrantes e comerciante em ascensão social.

Através de uma lista nominal de adesão ao prefeito Cartolano, publicada pelo Jornal local, observamos, por exemplo, os nomes de Fortunato Pignatário, José Marciano e do Monsenhor Botti, respectivamente, fascistas do núcleo Armando Dias e representante católico e coordenador religioso da Liga Católica local.¹¹² Portanto, verificamos fascistas e religiosos aderindo politicamente aos liberais e não aos integralistas que na época eram partidariamente representados pela AIB. Adesão entre fascistas e PC¹¹³ que se estendeu até 1936 quando Agnello Caetano Castellano, banqueiro, comerciante e membro do fascio Armando Dias, foi um dos membros sugeridos para constituir a Câmara Municipal pelo Partido Constitucionalista.¹¹⁴

Em 1936 a AIB também participou das eleições municipais, no entanto, se percebemos fascistas italianos e o Monsenhor Botti filiados ao PC, concluímos, numa relação direta com a dinâmica política partidária local, que o perfil militante integralista em Rio Claro (SP), como também seu público alvo, constituiu-se, principalmente, pela classe média baixa e operária.

Comparando este quadro de adesões políticas com as relações entre italianos e integralistas no Rio Grande do Sul, Brandalise ressalta que a elite italiana local se manteve relativamente afastada da Ação Integralista, não por incompatibilidade com a ideologia do movimento, mas para não comprometer a sua relação com a elite tradicional gaúcha. Do mesmo modo, as classes médias da zona colonial italiana apreciavam positivamente o fascismo italiano e só não aderiram a ele por precisarem positivamente de um veículo próprio de expressão (o Integralismo) que superasse os limites oferecidos pelo antigo sistema político do Estado.¹¹⁵

¹¹² *Diário de Rio Claro (SP)*. 21/04/35, no 14.319, ano XLIX, p.4. **APRC**.

¹¹³ Aqui temos um problema: como assinalamos anteriormente, segundo Bertonha o PC era um Partido anti-fascista e o PRP era o filofascista. Contudo na cidade de Rio Claro (SP), percebemos uma outra relação política.

¹¹⁴ *Diário de Rio Claro (SP)*. 8/03/36, no 14.569, ano L, p.1. **APRC**.

¹¹⁵ BRANDALISE, 1992.

Assim, Bertonha¹¹⁶ aponta que a divisão entre fascistas e integralistas na região colonial italiana não foi tão forte como se imagina. Como a causa dessa divisão, ressalta as lutas políticas locais (elite fascista e ligada à classe política dominante no Estado X integralistas representando uma classe média de origem italiana desejosa de participação política) numa suposta "luta de classes" entre Fascismo e Integralismo.

No caso de Rio Claro (SP), parece-nos que as lutas políticas locais, através dos fascistas italianos, pertencentes a classe média alta e burguesa comercial e ligados com a elite política, foram as causas sociais da divisão entre integralistas e fascistas. Por outro lado, não há evidências marcantes que os integralistas representassem uma classe média de origem italiana desejosa de participação política. Pode ter existido um ou outro caso como, por exemplo, o integralista e fascista Godofredo Pignatário, contudo esse mantinha relações com ambos os movimentos, e, portanto, não era pivô de conflitos ou divisão.

Outro fator é a relação entre fascistas e a colônia italiana de Rio Claro (SP). Concluimos que existiam caminhos de propagação ideológica fascista, fato que no Rio Grande do Sul foi destacado por Fábio Bertonha como problemático devido os obstáculos geográficos. Segundo o autor os órgãos fascistas gaúchos se queixavam continuamente de como os jornais não atingiam as populações rurais e a rede de *fasci all'estero*, *Dopolavoros*, etc.¹¹⁷ Diferente de Rio Claro (SP) onde os membros do Fascio sempre interviam na colônia levando revistas e jornais como também ensinando a língua italiana.

Desse modo, vale ressaltar que em Rio Claro (SP) mesmo que os italianos fascistas aderissem a elite comercial dominante, eles também apoiavam, ou melhor, auxiliavam os italianos da colônia que tinham condições econômicas desfavoráveis e não possuíam prestígio local. Fato que pode nos demonstrar o caráter assistencialista da elite fascista, mas também sugere a inexistência de uma classe média ou classe operária italiana que aderisse ao Integralismo a fim de participação política. De qualquer modo, vale um estudo mais centrado nessas considerações.

¹¹⁶ BERTONHA, dezembro 1998.

¹¹⁷ BERTONHA, 1998, p. 258.

Quanto ao posicionamento religioso dos integralistas, percebemos que entre 1933 e 1937, momento em que o Integralismo se constituía como Partido político, não houve nenhuma participação de homens ou mulheres integralistas nas atividades das Ligas Católicas.¹¹⁸ Na lista de filiados também não encontramos presença de nenhum padre.

Durante as sessões doutrinárias verificamos algumas conferências de cunho religioso como, por exemplo, a homenagem ao Bispo Diocesano D. Francisco de Campos Barreto¹¹⁹. Ou ainda, os convites da Liga Católica Jesus-Maria-José¹²⁰ ou da Igreja Presbiteriana¹²¹ para uma conferência em seu templo. Portanto, constatamos que apenas ocorreu uma sutil relação entre as instituições religiosas locais e os integralistas. Ligação até mesmo com igrejas não católicas como foi o caso da Igreja Presbiteriana.

A evidência mais forte, enquanto AIB, de uma ligação entre os integralistas e a religião ocorreu em 1935 através do artigo *Prelúdio da Hecatombe* do chefe municipal Pimentel Jr. O artigo avisava a população contra a conspiração nacional que estava partindo dos homens de posições: generais, interventores, ministros, congressistas e capitalistas. O Integralismo, diante desta trama que vinha dos autos escalões da política, alertava a mocidade da Pátria, os chefes de família, os homens de estudos, o *brioso* exército nacional e o operariado consciente do Brasil. *Porque o Integralismo é a atalaia vigilante do Espírito da Pátria, a sentinela viva da nacionalidade: dentro do Integralismo não se conspira, estuda-se, cultuando a Pátria. Porque o Integralismo é campanha cultural é revolução espiritual.* Sem armas e sem dinheiro, os integralistas lutariam contra o inimigo como guerreiros e apóstolos de Cristo.¹²²

Os integralistas apostavam na ação política em nome da Pátria pelo viés cristão enfatizando o perfil de revolucionários do espírito. A publicação deste artigo em Rio Claro (SP) no ano de 1935 revela-nos a investida do Sigma no âmbito religioso, porém centrados

¹¹⁸ *Diário de Rio Claro (SP)*. 15/09/35, no 14.435, ano XLIX, p. 2. **APRC**.

¹¹⁹ *Boletim outubro de 1935*. Ata do núcleo da AIB de Rio Claro (SP). **FPS/APRC**.

¹²⁰ *Boletim março de 1937*. Ata do núcleo da AIB de Rio Claro (SP). **FPS/APRC**.

¹²¹ *Boletim novembro de 1936*. Ata do núcleo da AIB de Rio Claro (SP). **FPS/APRC**.

¹²² *Diário de Rio Claro (SP)*. 23/03/35, no 14.300, ano XLIX, p. 2. **APRC**.

em Cristo. Não eram vinculados às organizações católicas locais, mas eram apóstolos de Cristo em nome da Pátria e assim se expressavam publicamente na cidade.

No início do século houve no Brasil uma investida social da Igreja Católica em nome de uma reforma cristã. Corrente que começou com a Encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII, lembrada com a Encíclica de Pio XI e retomada por D. Sebastião Leme, D. Francisco de Aquino, D. Becker, entre outros. Combatendo o espírito moderno laico e levando elementos como a autoridade, os dirigentes católicos agiam em duas frentes: pela base, formando um sentimento popular e cultivando a crença e o patriotismo; e pelo alto, formando as elites intelectuais e os homens do governo que pela capacidade de compreender algumas doutrinas e assumir alguns ideais, poderiam dirigir as massas.¹²³

Certamente os integralistas estavam atrelados a este ideário religioso de reforma social. A expressão *apóstolos de cristo* revela-nos a idéia de renovação cristã em uma luta pelas massas. A evidência, portanto, que integralistas de Rio Claro (SP) possuíam um perfil religioso parece-nos real. O interessante é observar que entre os camisas verdes não existiam ativistas religiosos. Pelo menos durante a vigência política da AIB como Partido. Com a entrada do Estado Novo em 1937 e com o fechamento do Partido integralista em 1938, verificamos que Pimentel Jr, no momento ex-chefe integralista, começou a coordenar a Ação Católica local e a Revista católica *Vida*.¹²⁴

Marilena Chauí, analisando a produção literária de Plínio Salgado, descreve essas modificações doutrinárias do movimento como sendo as cinco fases do Integralismo. Para ela, a terceira fase da doutrina do Sigma foi a ação partidária de construção de um Estado forte, com centralização política e descentralização administrativa, Estado do tipo corporativo fundado em três pilares: Deus, Pátria e Família. A quarta fase, sob o peso do Estado Novo, foi a que colocou a AIB na ilegalidade e seu líder no exílio (em Portugal), abandonou-se a ação política e ideológica e retornou-se à tarefa doutrinária cristã, que, na verdade, nunca havia sido abandonada, mesmo quando Plínio Salgado propôs e fez análises

¹²³ DIAS, 1996.

¹²⁴ *Revista Católica Vida*. R/0289. AEL/UNICAMP. Mais informações sobre esse tema no capítulo 3 dessa dissertação.

"científicas" da realidade brasileira.¹²⁵ No caso, verificamos justamente esta quarta fase do Integralismo que seria de 1938 até 1945 quando o movimento enfatizou o tema da democracia-cristã.

Na cidade de Rio Claro (SP), como também coloca Chauí referindo-se ao processo nacional, após a vida partidária do Integralismo sua ação se concentrou em temas cristãos. Enquanto a AIB era Partido, publicamente as ligações com o movimento católico local eram nulas. Com o fim do Partido, as relações com organizações católicas se intensificaram revelando que, nesse momento, a prática política dos camisas verde rio-clarenses estava vinculadas às estratégias doutrinárias do chefe do Sigma.

Com a intenção de discutir o perfil militante do Integralismo como também seu público alvo, percebemos que ocorreu uma diferenciação entre a forma de ação da AIB como Partido e depois da decretação do Estado Novo. Através da constatação de que italianos fascistas e representantes católicos estavam ao lado do Partido Constitucionalista no período eleitoral, concluímos que os interesses políticos e partidários definiram os rumos do movimento integralista que como Partido não era tão influente em Rio Claro (SP).

A representação política nos anos 30 até o Estado Novo era um fator forte nas determinações das relações sociais interpessoais e interinstitucionais. O Integralismo rio-clarense só teve espaço para agir nas organizações católicas e nos meios de comunicação religiosos após a sua extinção como Partido. Enquanto concorrente partidário sua ação era restrita e submetida a política de prestígio e influências desenvolvidas pelos políticos da situação.

Ainda que o Integralismo se constituísse como um Partido nacional e apostasse em uma ação de transformação espiritual, moral e cultural, na prática política, seus militantes participavam da rede social e do jogo político local que antes do Estado Novo eram dominados pelas elites políticas da cidade. Segundo as análises de Maria Beatriz Bilac, observamos, que a política rio-clarense era definida pelos laços de parentesco, pelas amizades, status econômico e pelas relações pessoais com aristocracia. Fato que levou as classes médias baixas e operárias apenas alcançarem algum cargo político a partir de 1945.

¹²⁵ CHAUI, 1989, p. 27.

Diante deste quadro, concluímos que as associações, organizações políticas e religiosas também compuseram essa rede restrita de influências colaborando na dinâmica política e social local. Por outro lado, o Integralismo era um movimento visto pela sociedade como revolucionário, de transformação e por isso angariava poucos adeptos para a sua fileira partidária.

Assim, o fato dos integralistas não terem acesso às representações institucionais da classe média e burguesa e diante da diretriz do chefe nacional de não intervenção nestas redes de influências, fez com que o Integralismo apostasse em um meio institucional associativo próprio e inclinasse sua doutrina para cidadãos e instituições da classe média baixa e operária que não faziam parte da elite política e, portanto, do ciclo clientelista.

A investida neste sentido foi de tamanha expressão que, em 15 de janeiro de 1937, o chefe do Grupo Profissional dos Ferroviários, Carlos Kohler, ferroviário, expôs aos camisas verdes na sessão da AIB que o chefe municipal clamava pela necessidade de sindicalização da classes e a atuação do integralista dentro do seu sindicato. Elaborou-se sequencialmente o comitê constituído por José Simões Quinteiro, Pedro Langhi, Carlos Kohler, Benedito Simões, Diogo Limonette, Amadeu Vicentini e Benedito da Costa. Todos ferroviários do núcleo integralista que organizados em um comitê agiram no seio do Sindicato da Cia Paulista de Estrada de Ferro.¹²⁶

Assim, ao investigar como os integralistas atuavam no cotidiano político dos anos 30, visualizamos quem era os militantes e o público alvo do Sigma na cidade paulista e concluímos quais eram suas ligações institucionais sociais diante de uma dinâmica política clientelística.

Diante das constatações, concluímos que a classe operária, principalmente, os ferroviários eram os mais presentes e ativos. A ponte integralista com associações e centros operários ficou evidente confirmando-se ainda mais com a investida dos Grupos Profissionais no sindicato ferroviário.

Será, no entanto, que essa foi uma tendência paulista geral? Constatamos que realmente diversos sindicatos ferroviários do Estado de São Paulo foram alvos da infiltração integralista entre 1933 e 1937. As cidades paulistas de Rio Claro (SP) e Bauru (SP) foram dois exemplos desse tipo de intervenção integralista.

CAPÍTULO 2

As intervenções integralistas nos sindicatos ferroviários

2.1) Na esfera do trabalho: o Sigma e o sindicalismo.

A investigação sobre o movimento integralista no período em que se constituía como Partido político, isto é, entre 1932 e 1938, quando se denominava Ação Integralista Brasileira, leva-nos a refletir sobre a ação dos camisas-verdes no âmbito institucional. Assim, é necessário analisar as formas da interação entre seguidores do Sigma e as instituições como, por exemplo, a Igreja, os sindicatos e as associações operárias, por três principais motivos. Primeiro para compreendermos melhor o perfil do militante integralista, segundo para analisarmos suas formas de ação política e terceiro para reconstruirmos a prática política do primeiro Partido de massa brasileiro de direita dos anos 30.

A presença de integralistas entre os trabalhadores é um estudo que recentemente foi aberto entre os estudiosos. Um primeiro trabalho divulgado até este momento foi o do historiador Renato Dotta¹²⁷ que aborda as relações entre sindicalismo e trabalhadores e a AIB através do jornal do Sigma *Acção*. Através da coluna deste periódico denominada Sindicalismo - Ação Sindical, o autor analisa a estrutura montada pelos camisas-verdes em busca de uma estratégia de arregimentação dos trabalhadores e de um perfil sindical. Segundo dados recolhidos junto ao jornal *Acção*, Dotta ressalta que bancários, ferroviários, garçons, professores, dentistas, comerciários, farmacêuticos e gráficos eram profissões que possuíam representantes integralistas sendo os dois primeiros os mais citados pela imprensa.

Ao investigar a dinâmica do Sigma, constatamos que o movimento investiu sobre os sindicatos e trabalhadores tanto de forma doutrinária como na prática política a partir da Secretaria de Corporações e Serviços Eleitorais, órgão interno da Ação Integralista.¹²⁸

¹²⁶ *Boletim de janeiro de 1937*. Ata do núcleo da AIB de Rio Claro (SP). FPS/APRC.

¹²⁷ DOTTA, 2003.

¹²⁸ Enciclopédia do Integralismo, p. 147 -156.

Na doutrina integralista, desde 1932 no Manifesto de Outubro de Plínio Salgado, verificamos referências sobre o trabalhador e os sindicatos:

(...) a Nação precisa organizar-se em classes profissionais. Cada brasileiro se inscreverá na sua classe. Essas elegem, cada uma de per si, seus representantes nas Câmaras Municipais, nos Congressos Provinciais e nos Congressos Gerais. Os eleitos para as Câmaras Municipais elegem o seu presidente e o prefeito. Os eleitos para os Congressos Provinciais elegem o governador da Província. Os eleitos para os Congressos Nacionais elegem o Chefe da Nação, perante o qual respondem de sua livre escolha.

Ou ainda, em outros trechos a respeito da questão social, nos quais Salgado exprimiu o desejo de obter para o operário garantias de salários adequados às suas necessidades livrando-os da indiferença criminosa dos governos liberais e salvando-os da escravidão do Comunismo: *transfigurar o trabalhador, herói da nova Pátria, no homem superior, iluminado pelos nobres ideais de elevação moral, intelectual e material, esses são nossos propósitos. Ao Estado, compete a proteção de todos.*¹²⁹

O Manifesto, no entanto, apesar de citar os operários e os grupos profissionais, não definiu uma diretriz para a ação sindical. Nessa época, verificamos que apenas os livros: *Psicologia da Revolução* e *O cavaleiro de Itararé* de Plínio Salgado estavam publicados. As obras de Miguel Reale, *O Estado Moderno*, *Perspectivas Integralistas* e *ABC do Integralismo*, que descreviam sobre o Estado sindical-corporativo¹³⁰ e o sindicato integral, ainda não tinham sido divulgadas publicamente. No entanto, Olbiano de Mello, intelectual da década de 20 e 30 já havia publicado em 1931 *Comunismo ou fascismo?*, *República Sindicalista dos Estados Unidos do Brasil* e *Levanta-te Brasil!* e como colocou Trindade¹³¹, a posição de Reale era bastante próxima a de Olbiano Mello, cuja produção ideológica precedeu a da Ação Integralista.

¹²⁹ SALGADO, 1982.

¹³⁰ TRINDADE, 1974, p. 227.

¹³¹ TRINDADE, 1974, p. 231.

Olbiano de Mello, farmacêutico mineiro que em 1931 fundara um Partido político próprio - o Partido Nacional Sindicalista - desenvolveu toda uma ideologia corporativista espelhada no fascismo italiano. Os livros escritos por ele nos anos de 1931 e 1932 - anteriores a AIB, portanto - versaram sobre um sistema sindical-corporativo que ele sonhava ver implantado no país.

Para Olbiano, dentro desse novo estatismo, isto é, quando os aparelhos administrativos fossem organizados por diferentes classes profissionais ou quando o Estado se apresentasse como o agregado soberanamente formado de corporações em um regime sindical - corporativo ter-se-ia, então, os meios de se conjugar o Capital com o trabalho. Estaríamos, então, em pleno corporativismo em que as relações destes dois agentes da produção, controlados e vigiados de perto pelo próprio Estado, se projetariam em uma só diretiva: o bem coletivo, evitando-se, senão acabando-se de vez, com eterno problema da luta de classes.¹³²

Ao analisarmos a concepção de Miguel Reale de Estado sindical-corporativista e a visão do que seria um sindicato integral, reparamos diversas correspondências ideológicas com Olbiano de Mello. A reflexão de Reale era basicamente jurídico político de desenvolvimento social vinculado a liberdade. Ele, partindo da base, procurou sistematizar o quadro social perfeitamente integrado. Possibilidade que estaria numa espécie de aglutinação dos interesses pelos sindicatos e respectivas corporações.¹³³ Em outras palavras, a construção de um Estado corporativo através da transformação dos sindicatos.

Porém, as idéias de Reale apenas apareceram nos livros a partir de 1934 com a publicação do *O Estado Moderno*. Nesse ensaio, Reale ao discutir sobre a evolução do sindicalismo assinalou que:

(...) no Estado demossocialista (que é o único hoje em dia existente, além do fascista e do bolchevista) o operário recebe direitos como uma dádiva do alto; no Estado Integral é o próprio operário que, no círculo das suas atividades, legisla como se fosse Estado através do órgão representativo de sua profissão. São ainda seus pensamentos diretos que, no seio das

¹³² Mello, Olbiano de. *Prelúdios de uma nova Era*. artigo publicado no jornal A Razão, 25/03/32. In: Araújo, 1991.

¹³³ MARTINS, 1982, p. 64.

*corporações decidem de todo o destino da produção, e, no seio da Câmara Corporativa ou do Conselho Nacional das Corporações ou do Conselho Nacional das Corporações, traçam os quadros dos seus deveres.*¹³⁴

Em *Perspectivas Integralistas*, Reale afirmou que embora naquele momento os integralistas ainda não tivessem alcançado os sindicatos integrais e suas funções obrigatórias, tal como concebia a doutrina integralista, já se podia apreciar sindicatos profissionais que não fossem exclusivamente econômicos e imediatistas e sem expressão definida. Competências obrigatórias que no sindicato integral seriam tais como: de tutelar os interesses econômicos e morais dos sócios, de realizar efetivamente obras de assistência social e de educação física, intelectual e moral e de cooperação dentro da comunhão nacional. De mais a mais, para Reale o sindicato reconhecido agiria como *pessoa de direito público*, o que quer dizer que as convenções por ele estabelecidas, os contratos por ele concluídos, valeriam para todos os membros da profissão, *sindicalizados ou não*, como se fossem uma lei do próprio Estado.¹³⁵

Para Miguel Reale, não bastava criar um sindicato de fachada. Era preciso que o operário se concentrasse na missão de seu sindicato e da função de seus diretores, para que estes não se servissem daqueles como instrumentos. Um sindicato constituído como um centro para irradiação da *independência econômica, da autonomia moral e da elevação cultural*. Como simples associação de resistência na luta social ficaria mutilada e perderia a finalidade própria; como órgão de expressão unicamente moral, consumir-se-ia lentamente entre a indiferença dos que tivessem necessidade materiais imperiosas e como sociedade apenas cultural igualar-se-ia às demais. Assim, não era possível separar as três funções.

Quanto a quarta função política, só existiria completamente no Estado Integral, corporativo. Não obstante, segundo Reale, os sindicatos, mesmo no regime Vargas, deveriam constituir-se visando a autonomia econômica e a justiça social, cooperando com as outras forças nacionais a fim de elevarem o nível cultural das massas oboeiras.¹³⁶

¹³⁴ REALE, 1983, tomo II, p. 157.

¹³⁵ REALE, 1983, tomo III, p. 25.

¹³⁶ REALE, 1983, tomo III, p. 28.

Com vistas a essas considerações, Reale elaborou as seguintes funções para um sindicato integral:

- *Função política* - pela indicação livre dos representantes aos Conselhos Municipais, aos Conselhos Econômicos Provinciais e à Câmara Corporativa Nacional diretamente ou através de seus órgãos hierárquicos;
- *Função econômica* - pela participação de seus órgãos superiores na solução dos problemas da economia nacional e pela estipulação dos costumes coletivos;
- *Função cultural* - pelo dever que lhes impõe o Estado de cuidar da cultura de seus associados, mantendo escolas, bibliotecas, cursos técnicos, etc., cooperando na criação dos campos de repouso, de diversão e de esporte;
- *Função moral* - porque deve procurar resolver os conflitos, surgidos na produção, dentro de um espírito de cooperação e de auxílio mútuo, sem esquecer os impositivos da solidariedade nacional.¹³⁷

Para Reale, o sindicato integral se formaria exclusivamente de produtores de um ofício, de uma profissão, de uma categoria ou de uma indústria, mas, em regra, deveria ser constituído ou de empregados ou de empregadores, e não de ambos reunidos.

A reunião dos sindicatos formaria sucessivamente as Federações e as Confederações, cabendo as primeiras, no âmbito provincial, a constituição dos Conselhos Econômicos, órgãos consultivos com determinadas faculdades de deliberação.

A Corporação, órgão institucional do Estado, à semelhança do Município ou da Província, realizaria a disciplina integral, orgânica e unitária das forças produtivas, em colaboração com toda a rede das cooperativas e dos institutos nacionais de crédito, representando integralmente os interesses da economia nacional, resolvendo os conflitos e traçando normas para a produção, a circulação e a distribuição das riquezas em colaboração com o poder executivo. Caber-lhe-ia a função de resolver, quando a solução não surgisse no próprio setor sindical, as dúvidas oriundas da aplicação dos contratos coletivos ou na política dos salários e dos lucros. Quando a Corporação não conseguisse resolver as

¹³⁷ REALE, 1983, tomo III, p. 22.

pendências, as partes recorreriam à Magistratura do Trabalho, sem o sacrifício inútil das greves e lock-outs.

Desse modo, as Corporações constituiriam a Câmara Corporativa que funcionaria ao lado do Senado ou do Conselho Nacional o qual reuniria representantes escolhidos entre as mais altas sociedades culturais, científicas e morais do país, entre os mais altos expoentes da cultura brasileira.

Diante desta configuração representativa dos produtores, no Estado integral, os sindicatos seriam organizados verticalmente e de baixo para cima (do sindicato do município às confederações nacionais), enquanto que a Corporação se organizaria horizontalmente (corporação do Café, do Algodão, do Transporte, etc.), reunindo empregadores, empregados e técnicos em igualdade de condições.

No mais, a doutrina integralista tinha como escopo legitimar o poder do Estado, voltado para a plena realização de todos os segmentos da sociedade. A organização geral, Nação, confundir-se-ia com a do próprio Estado e estaria assentada no Município, nas classes produtoras e na família. Assim, o Município deveria transformar-se na célula da Nação desde que congregasse as famílias e as classes e alcançasse seu importante papel de gerador do sistema porquanto era a sua própria base.¹³⁸

Sobre as concepções teóricas integralistas a respeito dos sindicatos, Dotta ressalta que a imprensa integralista dava cobertura para os assuntos sindicais em colunas específicas ou para assuntos trabalhistas em geral, espalhados pelos seus jornais. Em comparação, ele verificou que nos livros doutrinários de autores integralistas, um discurso específico voltado ou sobre ou trabalhadores foi pouco comum. Nestes, poderia ser encontrada, no máximo, uma temática sindical-corporativa, que era, porém de caráter abstrato, e que muito pouco poderia informar sobre as relações integralistas e trabalhadores.¹³⁹

Portanto concluímos que no início dos anos 30 ainda não estava montada uma logística integralista sobre a política sindical e o que prevaleciam eram escritos soltos e o ideal formulado por Olbiano de Mello a respeito do corporativismo e depois de 1934, as idéias de Reale. Não obstante, verificamos que em 1932 alguns integralistas paulistas

¹³⁸ MARTINS, 1982, p. 70.

¹³⁹ DOTTA, 2003, p. 19.

agindo entre os operários na cidade de Rio Claro (SP) e Bauru (SP) e em 1933 dentro dos sindicatos ferroviários da Cia Paulista e Noroeste do Brasil.

Observamos que a intervenção integralista nos sindicatos ferroviários ocorreu em diversos anos. Em 1933, a ação na Cia Paulista de Estrada de Ferro, em 1936, na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e em 1944, na SP Railway. Considerando os anos de 1933 e 1936, definimos o Integralismo enquanto Partido político, isto é AIB, já em 1944 não. Em 1933, no âmbito político analisamos um perfil pós Lei de Sindicalização de 1931 e em 1936, um contexto pós "Lei Monstro" que decretou a repressão sobre movimentos de esquerda atingindo em cheio o meio sindical. No caso de 1944, além da extinção como Partido da AIB, o meio político brasileiro encontrava-se no Estado de guerra que trouxe outras configurações políticas nacional.

Tendo em vista a década de 30, momento político de profundas modificações trabalhistas, em 1933, verificamos a ação dos camisas verdes na Cia Paulista diante de um contexto sem a Aliança Nacional Libertadora (ANL) - Partido de frente antifascista- sem os Estatutos da AIB (1934), antes do Congresso de Vitória (1934) - 1º encontro nacional integralista onde o movimento deu sua investida crucial como Partido de massa - antes da Constituição de 1934 e da Lei de Segurança Nacional de 1935 e da 1ª Convenção Trabalhista Meridional Integralista (1936). Muitos sindicatos já estavam nas fileiras dos oficiais, porém os comunistas ainda resistiam. Tratava-se, portanto, de um momento histórico de mudanças políticas, mas ainda com poucas definições governamentais. Início de ascensão integralista, do corporativismo Varguista e de presença ainda forte comunista no meio sindical.

Apesar do decreto no 19. 770 de 19 de março de 1931, de autoria de Joaquim Pimenta e Evaristo de Moraes, se caracterizar por: 1) intervenção do Estado e oficialização do sindicato; 2) unicidade sindical e não pluralidade como anteriormente; 3) neutralidade política e de crença, voltados unicamente para reivindicações econômicas e de direitos sociais; ainda ocorria um processo de resistência das alas trotskistas, comunistas e socialistas que perderam a força com o passar de 1933 até 1934 quando as medidas governamentais consolidaram-se, passando pela política classista de intervenção sindical e culminando na Constituição de 1934.

Desse modo, temos em 1933 um cenário de conquistas proletárias para o nascente movimento integralista e um campo político sindical orientado pelo governo provisório de intervenção estatal e controle legislativo, pautados em um ideal corporativo, autoritário e nacionalista. Por afinidades ideológicas, um cenário social de perfeitas condições para o Integralismo acessar a vida dos trabalhadores para as fileiras "verdes".

Diferentemente desse período, a partir de 1935, a intervenção integralista nos sindicatos ferroviários estava sujeita a uma estrutura do Sigma com diversas publicações doutrinárias. Possuía livros sobre o Estado sindical corporativo de Miguel Reale e imprensas informativas e doutrinárias como, por exemplo, a coluna exclusiva sobre o sindicalismo no jornal *Ação* em São Paulo, *O Aço Verde* e *A Ofensiva*.

A partir de 1936, a Secretaria Nacional de Corporação e Serviços Eleitorais da AIB ampliou o campo de ação do antigo Departamento de Organização Política, que se ocupava exclusivamente da orientação e controle político do movimento (a "polícia" fazia "investigações sobre as atividades políticas de todos os membros da AIB" e de "outras correntes ideológicas"), bem como da coordenação dos setores universitários e femininos. A nova secretaria redefiniu suas funções, dirigindo-se especialmente para o campo sindical e corporativo através da ação no meio sindical ("seção de vanguarda"), formação de líderes e serviço de informações sobre as atividades do sindicalismo em geral. Além do setor sindical, a secretaria funcionava para orientar politicamente os dirigentes e candidatos, controlar o funcionamento dos serviços do governo e alistar eleitoralmente os integralistas.

Através da S.N.C.S.E., o Integralismo cooptava a massa trabalhadora para suas fileiras eleitorais e, ainda que nas eleições de 1936 os integralistas não tivessem alcançados tantos êxitos, a experiência renderam-lhe uma nova estratégia para arregimentar trabalhadores para suas fileiras.

Ainda no ano de 1936, os integralistas realizaram no Rio de Janeiro a 1ª Convenção Trabalhista Meridional (6-8 de dezembro). Como os próprios camisas verdes expressaram, essa convenção resultou numa grande demonstração sindicalista em que se empenharam os profissionais do Sigma das Províncias Meridionais do Brasil, dando um testemunho magnífico do esforço e da operosidade dos que se arregimentaram sob a bandeira azul e

branca do Sigma. Serviu, principalmente, para desmentir aqueles que atacaram a Ação Integralista Brasileira chamando-a de inimiga das classes trabalhadoras.¹⁴⁰

Durante a Convenção, ocorreram os discursos de Miguel Reale sobre o *Contrato coletivo de Trabalho e o sentido revolucionário do Integralismo*, de Jehovah Motta, secretário Geral da Convenção, San Thiago Dantas, secretário Nacional da Imprensa, sobre o *Sentido brasileiro da luta de classes*. Além dos integralistas que compunham os altos escalões da AIB, também tiveram voz alguns trabalhadores que expuseram a situação das suas profissões.

A partir da reunião, saiu um manifesto dos Trabalhadores Integralistas aos Sindicalistas do Brasil: *saudando todos os sindicalistas brasileiros, sem distinção de credo religioso e político, numa manifestação de solidariedade nos seus trabalhos, nos seus sofrimentos e nas suas lutas em pró de um sindicalismo puro, nobre, dinâmico, eficiente e construtor*¹⁴¹, anexando o seguinte programa de Reivindicações:

1. Pela unidade sindical
2. Pela justa autonomia do sindicato¹⁴²
3. Pela efetivação do dispositivo que assegura a neutralidade sindical
4. Por uma melhor fiscalização das leis trabalhistas
5. Pela decretação do salário mínimo
6. Pela participação dos lucros
7. Pela justiça do trabalho.¹⁴³

Dentro da Secretaria Nacional de Corporações e Serviços Eleitorais (S. N. C. S. E.) que era coordenada por Almeida Salles, havia o Departamento Nacional dos Serviços Sindicais (D.N.S.S.) cujo chefe era Jehovah Motta. Esse departamento era composto pela organização dos Grupos Profissionais (G. Ps.) que eram os órgãos criados pela AIB para

¹⁴⁰ *Monitor Integralista*. 20/02/37, no 17, ano V, p.9.

¹⁴¹ *Idem*, p.9.

¹⁴² Entende-se por autonomia sindical, a idéia integralista de autonomia econômica uma vez que politicamente o sindicato integral estaria atrelado ao Estado Integral de características corporativistas.

¹⁴³ *Idem*, p.9 -10.

congregar os integralistas de uma mesma profissão. Cada núcleo municipal havia tantos grupos profissionais quantas fossem às profissões exercidas pelos integralistas, que eram orientados pelo Departamento Sindical, subordinado à Divisão de Arregimentação.

O G. P. tinha as seguintes finalidades principais:

1. Sistematizar a propaganda e a infiltração do Integralismo no seio de cada profissão.
2. Conduzir ao Sindicato da profissão respectiva os integralistas que nela exercessem sua atividade.
3. Orientar as atitudes dos integralistas dentro do seu sindicato de classe.
4. Pesquisar por meio de inquéritos, estudar e debater todas as questões atinentes à profissão, de maneira que no G. P. se esclarecessem e assentassem os pontos de vista dos profissionais integralistas, de forma a serem posteriormente conduzidos com clareza e eficiência ao sindicato, em benefício de toda a classe.
5. Criar ambiente propício ao surgimento de "leardes" integralistas em matéria sindical-trabalhista quer pelo estudo, quer pela formação de uma consciência de classe nítida, ativa, esclarecida e vigilante.
6. Estudar a infiltração comunista nos sindicatos, traçando planos de combate a essa infiltração.
7. Promover e adotar medidas pendentes a dar força e prestígio ao movimento sindicalista brasileiro.
8. Articular-se no âmbito Provincial e no Nacional com os G. Ps. Congêneres, a fim de integrar-se no quadro geral dos problemas nacionais.¹⁴⁴

Através das resoluções, concluímos que a estrutura sindical integralista se formou ao longo dos anos 30 tendo seu ponto alto em 1936. No início dos anos 30, verificamos uma construção teórica pautada, sobretudo, em ideais corporativos que tinham suas sementes inspiradas no fascismo italiano. A partir de 1936, constatamos a efetivação de uma logística integralista agindo na própria ação dos ativistas. Investida que muito tem haver com a própria dinâmica política do país tanto eleitoral como legislativa trabalhista.

Sendo assim, em 1933, sugerimos que a ação do Sigma no âmbito sindical estava ligada a uma corrente política de direita, autoritária, com ideais corporativos, positivistas e

nacionalistas que vinha dos anos 20, mais do que propriamente uma ação direcionada do Partido para seus ativistas. Existiam intelectuais como Oliveira Vianna e Olbiano de Mello que divulgavam ideais corporativos para o Estado. E, do mesmo modo, recém integralistas que apostando numa política de direita, logo após a decretação da AIB, engajaram-se no meio sindical para defender seus interesses de classe (como já levemente incitava o *Manifesto de 32*) e suas opções ideológicas.

A partir de 1936, as intervenções integralistas nos sindicatos passaram a seguir as ordens da AIB que através do Departamento Secretarias Nacional dos Serviços Sindicais (D.N.S.S.) e dos Grupos Profissionais estruturaram uma ação coordenada de inserção no mundo do trabalho.

Desse modo, tentando reconstruir a ação sindical integralista durante os anos 30 no Estado de São Paulo, investigamos dois movimentos sindicais e suas respectivas sedes: Cia Paulista de Estrada de Ferro, sede Rio Claro (SP) e Noroeste do Brasil, sede Bauru.

2.2) O Sigma de Pimentel Jr: A Ação Integralista no meio Ferroviário em Rio Claro (SP).

Antes mesmo do Integralismo se tornar publicamente um movimento político, verificamos a ação no meio operário do chefe integralista de Rio Claro (SP), Pimentel Jr.

Em maio de 1932, segundo notas do diário de Rio Claro (SP), ocorreu uma grande reunião operária em Bauru (SP) entre operários da Zona Noroeste patrocinada pela Liga Operária local, a qual Pimentel Jr foi convidado e teve grande louvação. Durante a cerimônia cantaram o Hino Operário e seguiram para a sede da Liga Regional Operária onde Pimentel discursou e propôs uma sugestão de programa para a Liga que posteriormente iria ser impressa e distribuída a todas as associações operárias, a fim de fecharem uma diretriz definitiva. Na reunião estavam presentes J. Jubert de Pirajuhy, Sebastião Lins, líder trabalhista de Bauru (SP) e futuramente um dos líderes da AIB local, e representantes da Cia de Estrada de Ferro Sorocabana. Assim: *o ilustre Pimentel Jr. foi*

¹⁴⁴ Idem, p.11.

*muito louvado e bem recebido pelo espírito democrático de Bauru, representado pela figura de Sebastião Lins, numa campanha genuinamente nacionalista.*¹⁴⁵

Segundo a autora Lúcia Possas, a Liga Regional Operária tratava-se de mais uma estratégia governista de subordinar as tentativas de autonomia das lideranças operárias através da maior aproximação com os ferroviários organizados em sindicatos. Fundada em maio de 1931 como associação de classe com fins de assistência moral e material de seus associados e defendendo a social democracia como alternativa para a classe operária para afastá-la das convulsões anarquistas, reuniu, inicialmente, em torno de 300 associados e possuiu o jornal *A Tribuna Operária* que circulou de julho de 1931 a setembro de 1932.¹⁴⁶

Nessa época, a AIB de Rio Claro (SP) ainda não havia sido instalada, mas Pimentel Jr. através da imprensa da cidade já mostrava seus ideais de transformação social e política junto à classe operária. Vale dizer, que Pimentel era oficial de registro, fato, no entanto, que não o impediu de agir politicamente no âmbito ferroviário. Nesse período, o sindicato ferroviário da Cia Paulista em Rio Claro (SP) era representado por: 1º Delegado Joaquim Bonifácio Rocha; 2º Delegado, Emílio Rodrigues; 1º Secretário, Antônio Bovo; 2º Secretário, José Conceição Ramos; 1º Procurador, José Artencio, 2º Procurador, Ernesto Ferreira Pinheiro.¹⁴⁷ Desse modo, Pimentel Jr não fazia parte da estrutura sindical ferroviária, servia mais como condutor intelectual do meio operário.

Através dessas considerações, constatamos que antes mesmo da fundação das sedes da AIB, tanto em Bauru (SP) como em Rio Claro (SP), os futuros líderes integralistas já agiam politicamente no meio operário, possivelmente, pregando ideais corporativistas e de direita.

Será que este tipo de organização ocorreu em outras localidades?

Verificamos que a primeira ação integralista dentro do sindicato ferroviário ocorreu em uma assembléia ferroviária na cidade de São Carlos (SP) no ano de 1933. Segundo o informe policial:

¹⁴⁵ *Diário de Rio Claro (SP)*, 6/05/32, no 13514, XLVI, p.3. APRC.

¹⁴⁶ POSSAS, 1993, p.36.

¹⁴⁷ *Diário de Rio Claro (SP)*, 4/05/32, no 13512, XLVI, p. 4. APRC.

O orador official da Delegação da Cia Paulista naquella localidade é integralista.

Compareceram a dita reunião muitos adeptos desse credo político devidamente fardados. A maioria delles era de ferroviários.

Não houve assim, a perturbação da ordem que se previa de início.

No fim da plenária foi aclamada uma comissão para ir ao Rio de Janeiro, tratar da reforma da lei alludida (Lei das Caixas e Pensões) e criação do regulamento do Trabalho Ferroviário.

Comissão esta que foi composta por Jurandyr Bueno (da Noroeste), João Soares Pinheiros (da Paulista) e José Antunes de Oliveira (da SP Railway).¹⁴⁸

A partir do documento, verificamos que no ano de 1933 a intervenção integralista no movimento ferroviário se fez de forma doutrinária e ativista. Não só composta por um ou dois camisas verdes que estavam ali pregando a doutrina do Sigma, mas por diversos adeptos vestidos pelo Partido, defendendo seu credo político e seu setor de trabalho. O envolvimento na reunião de outras companhias ferroviárias nos revela uma consciência coletiva dos ferroviários quanto à ação do Sigma.

Constatamos que a ação do Integralismo não ocorreu apenas através dos ativistas de bases, mas também pelo próprio orador da assembléia e membro da Comissão, no caso, Jurandyr Bueno, do Sindicato da Noroeste do Brasil e integralista da cidade de Bauru, que reivindicou os direitos trabalhistas dos ferroviários frente ao governo federal.

Ao observar que, no ano de 1933, o núcleo da AIB de Rio Claro (SP) já estava funcionando desde o mês de setembro sob a direção de José Pires Pimentel Jr, oficial de registro,¹⁴⁹ concluímos que existia um suporte estrutural do Partido possibilitando a reunião e ação dos militantes verdes rio-clarenses da Cia Paulista em uma assembléia sindical ferroviária na cidade de São Carlos (SP).

No entanto, apesar de encontrarmos poucas informações sobre o movimento integralista no sindicato da Cia Paulista nos documentos do DEOPS e do Arquivo Público de Rio Claro (SP), verificamos diversos ferroviários na relação de filiados da AIB local.

¹⁴⁸ *Informe do investigador Rubens para o delegado de ordem Política e Social. Delegacia de Polícia de São Paulo, São Paulo, 19/12/33. Pront: 2347. DEOPS, AESP.*

¹⁴⁹ *Ata do núcleo da AIB de Rio Claro (SP). FPS/ APRC.*

Além do mais, para a polícia política, Rio Claro (SP) era uma cidade considerada sem movimentos políticos de esquerda que pusessem em perigo a ordem pública.¹⁵⁰

O registro de vigilância realizado pelo DEOPS foi, justamente, a acusação sobre o cidadão José Pimentel apontando-o como seguidor do Sigma e agitador no meio ferroviário.¹⁵¹ Evidências, portanto, que integralistas e ferroviários se comunicavam e agiam de forma conjunta na cidade de Rio Claro (SP) no ano de 1933.

Observando o perfil dos sindicatos nos anos 30, destacamos que no caso citado anteriormente, o integralista de São Carlos (SP), orador da assembléia ferroviária como também Jurandyr Bueno, camisa verde da Noroeste e membro da comissão, estavam agindo no sindicato ao lado de outros cidadãos que foram considerados pela polícia como "subversivos" de esquerda¹⁵².

Como podemos pensar essas relações?

Analisando pelo viés da dinâmica política brasileira, no início dos anos 30, havia uma luta comum entre os trabalhadores devido às próprias condições sócio-econômicas vividas e as indefinições políticas. Como coloca Silva, havia uma série de problemas que os trabalhadores estavam enfrentando e que eram reivindicados por greves através dos sindicatos, principalmente, dos ferroviários (da Inglesa Railway), dos ramos têxteis e bancários (Banespa). Duas ordens eram denunciadas pelos trabalhadores: aquelas decorrentes da crise do mercado de trabalho e as provenientes das reformas introduzidas pelo governo, concretizando a gestão do Estado no mercado de trabalho.¹⁵³ Possivelmente, frente a essa situação de instabilidade nacional, anarco-sindicalistas¹⁵⁴, comunistas,

¹⁵⁰ Pront. 71. DEOPS/AESP.

¹⁵¹ Pront. 2546. DEOPS/AESP.

¹⁵² Não acreditamos que o caso tenha sido uma confusão da polícia política uma vez que outros prontuários confirmam a informação de que diversos sindicatos ferroviários, por exemplo, da NOB e Cia Paulista, eram alvos da ação tanto comunista como integralista. Sobre o assunto ver os prontuários: João Soares Pinheiro: 2347, Nuncio Soares da Silva: 2345 e Jurandyr Bueno: 81177. DEOPS/AESP.

¹⁵³ SILVA, 1990, p.106.

¹⁵⁴ SILVA, 1990, p. 95.

trozkistas, socialistas, tenentes de esquerda e os integralistas¹⁵⁵ agiram politicamente, pela necessidade de mudanças e em prol dos trabalhadores, dentro de seus sindicatos que, muitas vezes, possuíam um perfil ideológico heterogêneo.

Em 1933, João Soares Pinheiros¹⁵⁶ foi fichado pelo DEOPS como membro de grande prestígio no meio sindical da Cia Paulista, mas não foi identificado com nenhum Partido político. Este fato pode nos mostrar a existência de uma ala entre os trabalhadores, que estava envolvida com as questões sociais de reivindicação, no entanto, não era filiada ou seguidora dos credos comunistas, socialistas ou integralistas.

Mesmo sem definirmos a tendência política partidária dos ativistas, verificamos que o momento político era de luta trabalhista por definições no campo dos conflitos de trabalho, de regularização salarial e dos direitos de trabalho, levando diversos setores para as fileiras dos sindicatos em busca de direitos. Até mesmo entre direitistas e reformistas circulavam ideais de reivindicação de classe, legislação de direitos trabalhistas, formação de um Estado controlador dos conflitos ou como colocou o próprio Plínio Salgado no Manifesto Integralista de 32: *temos de adotar novos processos reguladores da produção e do comercio, de modo que o governo possa evitar os desequilíbrios nocivos à estabilidade social.*¹⁵⁷

No momento político pós-Lei de Sindicalização a partir da qual a intervenção estatal sobre os sindicatos é incisiva, ocorreu a luta dos trabalhadores da esquerda como anarco-sindicalistas¹⁵⁸ e de outras alas sindicalistas como os socialistas, os reformistas e a nascente direita fascista brasileira que agindo em dimensões político-ideológicas distintas inferiam no âmbito sindical e configuravam o seu perfil. Diante deste contexto, era bastante compreensível que os integralistas, no início de seu processo doutrinário e da sua própria estruturação como Partido político, isto é, como um movimento político de massa, orientador de uma corrente ideológica e de ativistas operários, engendrassem nos sindicatos

¹⁵⁵ CARONE, 1991, p. 92.

¹⁵⁶ Pront. 2347. DEOPS/AESP.

¹⁵⁷ SALGADO, 1982.

¹⁵⁸ SILVA, 1990: p. 90-97.

com tendências socialistas e legionárias na busca dos direitos trabalhistas e de uma reforma social pelo viés ideológico que acreditavam ser o adequado para os trabalhadores.

Em outro sentido, se considerarmos as tendências fascistas do Integralismo, e pensarmos a trajetória da ideologia fascista italiana podemos alcançar outras dimensões analíticas.

Segundo o estudo do israelense Zeev Sternhell sobre o nascimento da ideologia fascista, constatamos a concepção do fascismo como síntese do nacionalismo orgânico e da revisão antimaterialista do marxismo. Para ele o fascismo apareceu como uma revolução que almejou aproveitar o melhor do Capitalismo, do desenvolvimento da tecnologia moderna e do progresso industrial. A revolução fascista pretendeu mudar a natureza das relações entre o indivíduo e a coletividade sem que por ele fosse necessário romper o motor da atividade econômica, nem abolir seus cimentos - a propriedade privada ou destruir o marco indispensável - economia de mercado.¹⁵⁹ Para Zeev Sternhell, o fascismo foi uma experiência complexa na qual confluíram elementos ideológicos de direita e de esquerda que se encontraram no corporativismo.

Em primeira instância, observamos que o Integralismo, como o Fascismo, possuía um caráter revolucionário do ponto de vista social, porém sem grandes mudanças na parte econômica. Desse modo, ao analisar o caráter revolucionário da direita abrimos novas possibilidades de pensarmos as relações políticas entre Sigma e outras correntes revolucionárias da época e da distância do mesmo da direita conservadora.

Sobre a experiência italiana do Sindicalismo Revolucionário Socialista, Sternhell assinala a trajetória do sindicalismo revolucionário passando pelo sindicato nacional e chegando no movimento fascista. Rossoni, Pannunzio, Orano, Olivetti, Bianchi, Rossi, Rocca, Masotti e outros foram alguns dos sindicalistas revolucionários que se tornaram fascistas.

Através da trajetória dos sindicalistas revolucionários compreendemos um pouco da dinâmica da ideologia sindical.¹⁶⁰ Rossoni, por exemplo, foi um dos líderes da transformação no meio operário. Desde as correntes sindicalistas revolucionárias, Rossoni

¹⁵⁹ STERNHELL, 1994, p. 7.

¹⁶⁰ Ver TOLEDO, 2002.

contribuiu para definir o corporativismo dentro do sindicato italiano que se organizou a partir da confederação e que se exprimiu através da famosa *Carta del Lavoro*. Para ele a liderança tinha que ser desenvolvida dentro da *Confederazione Nazionale du Sindicatti Fascisti (CNSF)*, confederação da qual foi o maior artífice.

Assim, Sternhell considera, segundo ressalta Toledo¹⁶¹, que ao substituir o modelo marxista de luta de classes com o das corporações, o que seria uma solução integral da questão social e da questão nacional, o sindicalismo revolucionário inspirou o fascismo.¹⁶² Segundo Sternhell, com o Sindicato Nacional a teoria do produtivismo se constituiu como uma antítese do marxismo. Abandonou-se a noção de *proletariado nacional* sendo substituído pela de *produtores*. Os produtores, por sua vez, procediam de todas as classes sociais e se encontravam em todas as camadas sociais. A partir daí, na busca da Nova Itália em um discurso pela salvação e preservação econômica nacional, construiu-se a idéia de "renovação italiana" que veio atrelada a concepção de colaboração de classe. Assim, do pilar do produtivismo, a colaboração se converteu em um elemento fundamental do corporativismo.

Temos, portanto, em linhas gerais, uma corrente de crítica marxista que veio dos sindicalistas revolucionários que numa conjuntura histórica de apelo nacional e preservação econômica, encaminhou-se ideologicamente para a idéia de colaboração de classes e assim para a concepção do corporativismo que era uma característica sindical fascista. Então, idéias como de uma reforma social, de nacionalismo, de colaboração de classes, produtivismo, entre outras, levaram a uma cultura ideológica justificável para a instalação e aplicação de uma política fascista no âmbito sindical. Essas transformações, por sua vez, o meio conservador não compartilhava, sendo os grandes adeptos os meios revolucionários da esquerda e da direita.

Diante disso, ao traçar um paralelo entre o processo de formação da ideologia fascista italiana e as ideologias que estavam em voga no Brasil no início dos anos 30, sugerimos

¹⁶¹ Idem, p. 371.

¹⁶² A autora, no entanto, discorda da idéia de Sternhell assinalando aspectos da práxis sindical italiana que demonstram que o sindicalismo revolucionário tem pouco haver com o fascismo. Para Toledo, Sternhell fica muito no plano do teórico ideológico deixando de lado as práticas no meio sindical que podem revelar outras relações entre as duas correntes.

que os integralistas, indivíduos, portanto, ao menos simpatizantes do nacionalismo e do corporativismo, compartilharam tais ideais com as tendências de esquerda que também queriam transformar o meio sindical em busca de uma reforma social que passava longe da luta de classes e se afinasse com a idéia de colaboração de classe, de união nacional e de unidade sindical.

Através dessas considerações, compreendemos, por exemplo, o fato de que em dezembro de 1933, quando em uma reunião coletiva dos Sindicatos Ferroviários¹⁶³ declarou-se uma greve geral do setor, a polícia ao reprimir o movimento levou para o encarceramento elementos da esquerda e os integralistas - entre eles Jurandyr Bueno, chefe integralista de Bauru (SP)- que agiam junto aos ferroviários.

Nesse sentido, sugerimos que ação sindical no início dos anos 30 acomodava diversas tendências ideológicas que buscavam definições no campo social e econômico para suas classes profissionais. Ações sindicais, todavia, que se modificaram conforme o Partido integralista e a política trabalhista de Vargas se estruturaram.

As diferenças entre os processos históricos de ação sindical em Rio Claro (SP) e em Bauru (SP) também colaboraram para o sucesso da intervenção integralista entre os ferroviários. Se, em 1933, na Noroeste do Brasil, constatamos a prisão do integralista Jurandyr Bueno, em 1934, na Cia Paulista foram suspensos justamente os considerados pela polícia varguista como sendo os seguidores da esquerda: Nuncio Soares da Silva, João Soares Pinheiros, Tarcio Mora, Pedro Martins, Antônio Ruas, Mario Costa Alves, Pedro Moreira, João Quintana e José Martins.¹⁶⁴ Desse modo, concluímos que a partir da prisão dos sindicalistas de esquerda da Cia Paulista, abriram-se novos caminhos para a intervenção da direita política.

Segundo um relato policial de setembro de 1934, o movimento operário paulista de um modo geral foi caracterizado como:

¹⁶³ *Relatório de investigação para o delegado de Ordem Política e Social*. Delegacia de Ordem Política e Social. SP, 30/12/33. Pront: 2432 vol 2. DEOPS/AESP.

¹⁶⁴ *Relação do Pessoal Suspenso da Cia Paulista de Estradas de Ferro*. São Paulo, 24/02/34. Pront. 1066. DEOSP/AESP.

No interior, a influência estranha mais acentuada é política, por parte dos legionários e socialistas, conforme se verá. Enquanto que na capital: as organizações comunistas – stalinistas, os comunistas – trozkistas ganharam bastante terreno no campo da influência sobre o movimento sindical, ao lado dos anarquistas, legionários e socialistas. Santos predomina comunistas – stalinistas nos movimentos sindicais.

Interior do Estado

No interior, os sindicatos mais importantes, no ponto de vista político – social, são os de ferroviários. Encontramos, por exemplo, o da Paulista (em São Carlos) a fazer aberta propaganda em favor dos socialistas e legionários, o mesmo acontecendo com os sindicatos da Noroeste do Brasil, São Paulo – Goyaz, Araraquarareense, Douradense, Mogiana e Sorocabana, onde os ferroviários em porcentagem elevada são filiados as alludidas organizações, dirigentes locais das mesmas e seus mais ardorosos defensores.

Somente nos sindicatos da Noroeste se faz sentir alguma pressão da ideologia comunista, na linha de Mato Grosso e em Bauru, o mesmo acontecendo na Mogiana, em Ribeirão Preto e Campinas.¹⁶⁵

Através do documento, verificamos que após a greve geral de 34, em várias cidades paulistas o sindicato ferroviário ainda estava sob a influência da esquerda. No entanto, vale observar que a cidade de Rio Claro (SP) não foi citada como centro da esquerda ferroviária. Realmente, através do diário local, constatamos que diante da paralisação de 1934, os ferroviários rio-clarenses da Cia Paulista agiram de forma digna e disciplinada. Segundo o artigo *Ameaça a greve geral dos ferroviários*,¹⁶⁶ a cidade conhecia bem a qualidade superior do elemento ferroviário que era parte preponderante da população rio-clarense: ordeiro e trabalhador, pacífico e obediente, sem com que esta obediência, deixasse periclitir a justiça de suas aspirações sempre atendidas pela alta administração da Paulista. O artigo expressava as convicções sobre: *a conduta sempre digna e correta do grande operariado rio-clarense que, por mais de uma ou duas vezes tinha sido tentado em vão para aderir a esses movimentos que só poderia trazer prejuízos e dessabores.*

¹⁶⁵ *Relatório dos Sindicatos de Empregados em São Paulo*. Gabinete de Investigações, São Paulo, 12/09/34. Fls. 77-85. **Pront. 1579 vol.1.** DEOPS/AESP.

¹⁶⁶ *Diário de Rio Claro (SP)*. 20/01/34, no 13961, ano XLVIII, P. 2. **APRC.**

Em 1934 o sindicato da Cia Paulista de Estrada de Ferro em Rio Claro (SP) estava sob comando ferroviário integralista. Realmente, constatamos diversos adeptos do Sigma ferroviários como também ações sindicalistas do núcleo local da AIB. Naquele ano, a intervenção dos integralistas no sindicato estava atrelada a uma estrutura partidária organizada localmente. Diferentemente da cidade de Bauru (SP) que em janeiro de 1934 ainda não havia montado o seu núcleo e sofria com a pressão dos comunistas locais. Em Rio Claro (SP), por outro lado, a greve geral dos ferroviários e a influência da esquerda não abalaram a ação dos camisas verdes junto aos operários que mantiveram-se *digno e disciplinado*.

No ano de 1935, no entanto, Rio Claro (SP) foi palco de manifestações do Partido Socialista Brasileiro. Segundo nota de um dos diários da cidade, uma comissão de operários da Cia Paulista aspirava organizar o Partido Socialista. Para a reunião vieram representantes da capital: Gerlades Filho, Carmello S. Crispin, Marcelino Serrano, José P. Athayde, Wlademar Godoy e Mathias Simão. A investida da esquerda no ano de 1935 realmente se fez em todo o país. Rio Claro (SP) não podia fugir da regra sendo uma cidade com expressiva movimentação integralista e com um quadro grande de operários ferroviários. Vale ressaltar que o Partido socialista ainda não existia na cidade e a investida veio da capital. Fato que nos remete a uma diretriz da central do Partido para o interior e não algo que apenas e somente partiu dos rio-clarenses.

De qualquer modo, a ação socialista em Rio Claro (SP) repercutiu na sede local da Cia Paulista. Através de um folheto apreendido pela polícia, intitulado *Companheiros*, encaminhado para os ferroviários da Cia Paulista, constatamos a manifestação do trabalhador Benedicto Martini membro da J. A. Caixa de Aposentadorias que após visitar a sede de Rio Claro (SP), em abaixo assinado, fez ciente aos ferroviários da sede central do sindicato em São Carlos (SP) que não tomava mais parte das assembléias de outros sindicatos da mesma empresa que não estivessem legalmente reconhecidos pelo Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio em assunto da Caixa de Aposentadoria e Pensão dos Empregados da Cia Paulista salvo autorizado pela sede central. Declarou, que foi forçado a tomar esta atitude para fazer valer a sua honra de operário ferroviário e membro da frente

administrativa da Caixa. E se assim procedeu foi devido a grande confusão reinante nos meios ferroviários da Cia Paulista.¹⁶⁷

Diante desta manifestação pública do membro da Caixa de Aposentadoria e Pensão, sugerimos que naquele momento a política dos sindicatos da Cia Paulista estava dividida e que em Rio Claro (SP) a esquerda ainda resistia. Realmente, em 1935 na relação dos sindicatos oficiais apenas encontramos o sindicato ferroviário de Bauru (SP) e São Carlos (SP).¹⁶⁸ Desse modo, acreditamos que houve um recuo no meio ferroviário por parte dos integralistas.

Por outro lado, em 1937, a AIB investiu fortemente no meio sindical, através das Convenções, secretarias, departamentos e grupos profissionais. Em janeiro de 1937, na sede de Rio Claro (SP), ocorreu sob coordenação de Carlos Kohler, ferroviário da Cia Paulista, a primeira sessão do Grupo Profissional dos Ferroviários. Assim, em reunião no núcleo, o chefe municipal passou as diretrizes, explicou a necessidade de sindicalização das classes e o modo de atuação dos camisas-verdes dentro de seu sindicato e nomeou o seguinte comitê de ação: José Simões Quinteto, Pedro Langhi, Carlos Kohler, Benedito Simões, Diogo Limonette, Amadeu Vicentini e Benedito da Costa.¹⁶⁹

No mês de fevereiro, Miguel Reale e o deputado Jehoval Motta visitaram o núcleo e proferiram uma conferência para os integralistas do núcleo, para a Assistência Operária Rio-clarense, para os Sindicatos dos Trabalhadores de Madeira e para os organizadores da União Operária, discutindo sobre o problema sindical brasileiro.

Portanto, constatamos que a atuação dos seguidores do Sigma em Rio Claro (SP) variou com o passar da década de 30. Inicialmente, verificamos que, alguns meses antes da fundação do núcleo, o chefe integralista Pimentel Jr agiu entre os ferroviários e junto à Liga Regional Operária da cidade de Bauru. A partir de 1937, os rio-clarenses intervieram no sindicato da Cia Paulista sob as diretrizes dos altos representantes da AIB através dos Grupos Profissionais. Nesse momento agir nos sindicatos era uma ordem institucional da AIB.

¹⁶⁷ *Folheto de Benedito Martini*. Rio Claro (SP), 21/08/35. Pront. 1066. DEOPS/AESP.

¹⁶⁸ BRUSANTIN, 2003, p.40.

¹⁶⁹ *Boletim de janeiro de 1937*. Ata da sede da AIB de Rio Claro (SP). FPS/APRC.

Porém, no ano de 1937, constatamos outras correntes políticas atuando entre os ferroviários da Cia Paulista¹⁷⁰. Segundo uma seqüência de artigos publicada no jornal *A Cidade de Rio Claro*, os ferroviários da sede de Rio Claro (SP) estavam sendo vítimas de pressões políticas do Partido Republicano Paulista:

*A opressão perrepista no meio ferroviário de Rio Claro (SP) desdobra-se em aspectos impressionantes, perigosos até mesmo para a boa organização da Cia Paulista. Para os ferroviários deste Município a liberdade de consciência e de crença assegurada pela constituição Federal é um mito.*¹⁷¹

A partir do artigo, verificamos que, em 1937, a Cia Paulista foi alvo dos perrepistas locais sendo criticados por outros grupos políticos. Pelo uso de termos como *liberdade de consciência e de crença e constituição Federal* e analisando a dinâmica política local, sugerimos que os ataques contra a ação do PRP ocorreram por parte dos peceístas que eram seus inimigos políticos.

Desse modo, ainda que os integralistas não estivessem no poder sindical, o fato do PRP possuir tendências filofascistas¹⁷², sugere-nos que, possivelmente, a ideologia de direita e antiliberal predominou dentro da Cia Paulista local.

Por isso, verificamos que os integralistas de Rio Claro (SP) agiram entre os operários ferroviários até 1952. Apesar do fim da AIB, através do Partido de Representação Popular os seguidores do Sigma interferiram nas assembléias dos operários da Estrada de Ferro. Romão Romim Filho, por exemplo, ex-membro da AIB e atuante pelo PRP, foi um dos membros que discursou na Assembléia Geral dos Ferroviários da Estrada de Ferro em virtude do aumento da tabela proposta por Antônio Vergara.¹⁷³

Não obstante, acreditamos, por exemplo, que o fato de Pimentel Jr, chefe integralista de Rio Claro (SP), não ser um funcionário da Cia Paulista, dificultou sua ascensão política

¹⁷⁰ Diferentemente dos camisas-verdes de Bauru como veremos a seguir.

¹⁷¹ *A Cidade de Rio Claro (SP)*, 14/05/37, 767, ano III, p. 1.

¹⁷² BERTONHA, 1998.

¹⁷³ *Relatório de Investigação para o Delegado Especial de Ordem Social*. SP, 2/04/52. DEOPS/AESP.

dentro do sindicato dos ferroviários. Como observamos, a disputa política em Rio Claro (SP) era grande, tanto dos socialistas como dos perrepistas. Assim, ocupar um cargo de chefia dentro da Cia, talvez desse maior poder de articulação e pregação política para o Sigma. Verificamos esse perfil na cidade de Bauru (SP) na qual os líderes integralistas eram ferroviários e alcançaram a diretoria no Sindicato da Noroeste do Brasil.

2.3) O Clube do Treze: Os integralistas de Bauru (SP) e o Sindicato dos Ferroviários da Noroeste do Brasil.

Em Bauru, a primeira evidência de ação da direita entre os ferroviários, foi, em 1932, através de Sebastião Lins, um dos fundadores da AIB, que agia na Liga Regional Operária.

A partir do jornal *A Tribuna Operária* constatamos que a Liga Regional Operária fechou, pois não se solidarizava com ideais da Revolução Paulista:

Não! O operariado que sempre o fora revolucionário desta vez fora conservador. Conservador porque o termo revolucionário não é, não pode ser, e nunca o será empregado a qualquer sublevação da ordem, donde não advenham reformas donde não advenham evoluções.

*Conservar aqui é marchar e não retroceder, porque significa afastar os dias mizerrimos de oligarchia que vivemos por longos anos(...) E por isto a Liga Regional Operária encerrou suas portas durante o período revolucionário, da qual o único ideal imanente eram os apetites monstruosos dos chefes políticos.*¹⁷⁴

Através do artigo, verificamos que os membros da Liga Operária eram partidários da Revolução de 30 e com o levante Constitucionalista, os seguidores da Liga apelaram para um recuo conservador numa ação *anti-revolucionária de julho de 1932*. Não obstante, ser revolucionário não era algo maléfico, pelo contrário, constituía-se como meta, mudança e evolução. Assim, no momento da revolução paulista, ser conservador não significava o lado ruim do termo, mas sim, seguir para frente, marchando e indo contra os revolucionários de

¹⁷⁴ A Tribuna Operária. Bauru, 11/10/32, no 68, ano II, p. 1.

32. Em outras palavras, eram contra a revolução paulista, porém, não defendiam o conservadorismo.

Ao analisar os anseios da ação operária dos integralistas de Bauru, também constatamos o uso da concepção revolucionária adotada pela Liga Regional Operária. Os camisas verdes apostavam em uma revolução social e espiritual, pela ordem, pela pátria e pela família.

Como membro da Liga Regional Operária e do Clube 3 de outubro¹⁷⁵, Sebastião Lins foi o grande líder dos trabalhadores da cidade de Bauru. Em 1932, o advogado Lins ocupou o cargo de prefeito empossado pelo Major Antônio Gonçalves Fraga. Em 1933, foi deposto do governo municipal e entrou para o Partido Socialista para concorrer às eleições da Assembléia Nacional Constituinte. Vencido pela coligação da Chapa Única, aproximou-se da Ação Integralista em 1934, sendo diretor do departamento de doutrina.¹⁷⁶

Essa curiosa trajetória de Lins também foi compartilhada por Pimentel Jr, líder integralista de Rio Claro (SP). Ambos no início dos anos 30 agiram no meio operário através da Liga Regional que apostava na idéia da revolução social pela ordem. Proposta defendida e louvada também por Plínio Salgado.

Segundo o texto *Revolução Integralista* de Plínio Salgado, conteúdo intensamente estudado pelos integralistas de Bauru,¹⁷⁷ revolução não seria *masorca de soldados amotinados*; rebelião de camponeses ou proletários; movimento armado de burguesias oligárquicas; movimento de tropas de governos provinciais; golpe militar; conspiração dos Partidos ou guerra civil generalizada. Para integralistas, revolução era o movimento de cultura e de espírito. Transformar-se-ia em cultura, assumiria nova atitude espiritual, como consequência, abalar-se-ia até os alicerces os velhos costumes, destruindo tudo, para construir de novo, porque destruir apenas não seria Revolução.

Desse modo, era uma proposta de mudança social pelo espírito e pela moral. Um ideal revolucionário que não pretendia restabelecer ordens políticas, mas promover uma

¹⁷⁵ Ambas agremiações coordenadas pelo interventor federal Gen. Waldomiro Castilho Lima. POSSAS, 1993, p. 66.

¹⁷⁶ POSSAS, 1993, p. 66.

¹⁷⁷ POSSAS, 1993, nota de rodapé, p. 81.

reestruturação na moral social. Mudanças que utilizou a classe operária, e mais especificamente, o meio ferroviário da Noroeste do Brasil.

No âmbito sindical, a intervenção desses ativistas ocorreu em 1933 com Jurandyr Bueno como representante do Sindicato da Noroeste. Intervenção que durou pouco por conta da repressão policial.

Não obstante, apesar do recuo dos integralistas no meio ferroviário, verificamos que nos anos de 1934 e 1935 ocorreram avanços do movimento na cidade de Bauru. Os camisas verdes fundaram o núcleo local, realizaram encontros e distribuíram boletins¹⁷⁸. Os confrontos políticos também aumentaram. Em sintonia com a Internacional Comunista, a esquerda brasileira começou a se mobilizar contra o crescimento do fascismo mundial, acarretando no Brasil na fundação da Aliança Nacional Libertadora em 1935. O Integralismo, símbolo partidário fascista - pois o governo Vargas com seus decretos também era considerado fascista pela esquerda - tornou-se alvo dos ataques de comunistas e aliancistas que diante da crescente mobilização do Sigma através de desfiles, símbolos e exhibições imagéticas públicas, realizaram manifestações pelas ruas das cidades do Estado de São Paulo.

Com a intensa intervenção da Polícia Política, em nome da ordem e da segurança pública, esses conflitos muitas vezes acabaram em mortes. Em 1934, o integralista Nicola Rosica, companheiro de Jurandyr Bueno do núcleo de Bauru, foi vítima de um desses encontros tumultuados da época, que envolviam comunistas e integralistas. Sobre o fatídico acontecimento, constatamos através da documentação do DEOPS que Josue Pereira, 2º Secretário do Sindicato da Noroeste do Brasil, protestou contra a prisão de sindicalistas que foram acusados pela polícia de participarem do conflito na manifestação integralista que resultou na morte de Rosica¹⁷⁹.

Por causa dos conflitos entre os ativistas aliancistas e integralistas e devido a greve ferroviária de janeiro de 1934, vários sindicalistas da NOB foram presos. No entanto, as atividades do sindicato não cessaram e foram retomadas sobre o comando dos cidadãos

¹⁷⁸ Boletim da Ação Integralista Brasileira. Bauru, -/09/34. Pront. 552 vol. 1. DEOPS/AESP.

¹⁷⁹ *Informe do Secretário da Interventoria para o Chefe de Polícia da Ordem Política e Social*. Bauru, 4/10/34. Pront. 202. DEOPS/AESP.

sugeridos pela polícia como ativistas da esquerda política. Desse modo, após o período turbulento, os camisas verdes dividiram o meio sindical com a esquerda e perderam o poder, centrando seus esforços em outras formas de ação política como por exemplo, desfiles e encontros do Sigma.

Como apontou Possas, no ano de 1934, a cidade de Bauru (SP) estava marcada pelo grande conflito entre a Coligação Operária, liderada por Jeronymo de Cunto Jr, ferroviário e divulgador das idéias da Internacional Comunista, e pelos integralistas da NOB. O cenário, portanto, era de grande resistência por parte da esquerda o que promoveu um recuo por parte dos camisas verdes que não tinham condições hegemônicas de poder.¹⁸⁰

Por outro lado, na ação política partidária, o Sigma estava em ascensão. Como constatou Possas, através dos jornais da época, podia-se observar que tanto remanescentes do Partido da Lavoura como da Federação dos Voluntários tendiam para as fileiras da AIB que fazia boa propaganda entre as outras correntes políticas de Bauru.

Diante disso, a partir de 1934, constatamos que o sindicato da Noroeste foi palco também da *ação vermelha*. Assim, em 1935, no Sindicato dos ferroviários da Noroeste do Brasil ainda a influência dominante era aliancista. Evidência que observamos através do periódico *O Sindicato*. Em junho de 1935, por exemplo, foi publicado o artigo *O movimento anti-chistão na Alemanha* que fez profundos ataques ao movimento fascista alemão e comparou-o com o Integralismo tachando ambos de *aberrações*.¹⁸¹

Assim, se em 1933 o integralista de Bauru, Jurandyr Bueno, era um representante político sindical da Noroeste, em 1935 o delegado regional de Bauru (SP) informou ao Secretário de Segurança Pública que o:

Sindicato da Noroeste do Brasil foi fechado devido decreto no 229 de 11/09/35:

1º) na sede daquelle syndicato se realizavam assembléias e comícios da ANL.

2º) ANL não tinha sede, assim a assembléia ocorria no Sindicato ou no Cine-theatro Brasil ou Teatro S. Chistovam ou Grêmio Baurense e Sociedade Dançante União da Mocidade.

¹⁸⁰ POSSAS, 1993, p. 72.

¹⁸¹ *O Sindicato*. Bauru, junho de 1935, ano 2, no 18. AEL/UNICAMP.

3º) presidente Henrique Von Dreirus faz parte da ANL como também outros membros da sua diretoria como Antonio Duarte, Antônio Rodrigues, Manoel Rosa Neto, Napoleão Vianna de Campos e João de Deus Oliveira.

4º) no sindicato uma minoria tumultuosa dominava nas assembléias. Minoria esta composta de comunistas ou aliancistas que impedia que os elementos chamados de amarelos da própria diretoria do sindicato e associados se manifestavam com sensatez.¹⁸²

Através do informe policial, verificamos que, em 1935, o Sindicato da NOB foi centro de ação política da ANL tendo sua diretoria formada por membros aliancistas e por sindicalistas considerados amarelos pertencentes à diretoria. Constituíam-se, portanto, como um sindicato de forças aliancistas e reformistas.

Neste período como aponta Araújo¹⁸³ houve uma investida política do governo provisório de intervenção estatal nos sindicatos os quais foram vítimas da oficialização. Frente a esta política os comunistas não só intensificaram seu trabalho de oposição sindical como chegaram em alguns casos a participarem ou a liderarem sindicatos oficiais. A partir de 1934 e, principalmente, 1935, iniciou-se, com a Internacional Comunista, a substituição de uma política de classe contra classe para uma ação de alianças entre os PCS e os sócio-democratas e os reformistas que compartilhassem com ideais antifascistas.¹⁸⁴

Ainda assim, no caso da Noroeste parece-nos ter ocorrido um fato, ao menos, curioso. Apesar dos ataques dos aliancistas aos integralistas através da imprensa *O Sindicato* e de constataremos os relatos policiais declarando a ação comunista no meio sindical, verificamos que, dez dias depois do fechamento do sindicato, um folheto da própria Noroeste do Brasil anunciou sua reabertura, declarando os apoios dos classistas e de João Maringoni, ferroviário da NOB e considerado pela polícia como fascista.¹⁸⁵

Concluimos que diante do fechamento do Sindicato da Noroeste, as forças políticas interessadas na vida ativa do meio sindical reuniram suas influências e agiram de forma

¹⁸² Informe do delegado regional de Bauru para o secretário de Segurança Pública. Bauru, 3/08/35. Pront. 202. AESP/DEOPS.

¹⁸³ ARAÚJO, 1998.

¹⁸⁴ ARAÚJO, 1998, p. 230.

¹⁸⁵ Ver Dossiê Político: 24 B 003. DEOPS/AESP.

conjunta para manterem as portas abertas do sindicato. Analisando a atuação dos deputados classistas na Assembléia Nacional de 1934, Ângela de Castro Gomes¹⁸⁶ apontou que, muitas vezes, dentro da bancada dos empregados encontramos elementos que, embora criticando a representação de classes e considerando-a sem grande valia, usaram seu mandato para realizarem denúncias, como a das violências e prisões realizadas pela polícia contra os operários. Assim, podemos pensar na existência de práticas de interesses políticos que, em alguns momentos, distanciavam-se dos discursos ideológicos.

Não obstante, as articulações das correntes políticas, nos revelam que as relevâncias ideológicas, muitas vezes, ultrapassavam as alas classistas e chegavam até os seguidores da extrema direita como, por exemplo, o fascista João Maringoni. Desse modo, se é compreensível que políticos classistas auxiliassem operários dentro de um jogo político eleitoral, é, ao menos, paradoxal entendermos os relacionamentos políticos entre operários de esquerda e fascistas num período internacionalmente de ação comunista contra o fascismo.

Para resolver a questão da relação entre direita e esquerda em torno da abertura do Sindicato da Noroeste do Brasil, apostamos numa visão analítica em menor escala, diminuindo o objeto de estudo e ampliando a complexidade do problema. Assim, verificamos que existiam duas pessoas chaves para uma possível interpretação da dinâmica política local e da interferência sindical dos fascistas e integralistas em Bauru: o fascista João Maringoni e o integralista José Fernandes.

Maringoni foi fichado pelo DEOPS como conhecido fascista de Bauru (SP) que lutava a favor do Integralismo. Em 1939, foi condecorado com a insígnia de Cavaleiro Oficial de Mussolini entregue pelo corpo consular da capital e em 1942, ocupou o cargo de presidente do Tiro de Guerra no 82 de Bauru (SP) sendo homenageado com uma placa em seu nome na Casa D'Itália local.¹⁸⁷ Segundo as investigações policiais, na década de 40, o fascista Maringoni mantinha íntimas relações com o chefe da 6ª CR de Bauru, Coronel Ciro Vidal e com o integralista e diretor do *Correio da Noroeste*, José Fernandes. Fernandes, por

¹⁸⁶ GOMES, 1978, p. 113.

¹⁸⁷ Ver Dossiê Político: 24 B 003. DEOPS/AESP.

sua vez, além de ser diretor do jornal *Correio da Noroeste* e um funcionário da NOB que estabeleceu relações com o eixo durante a Segunda Guerra, também foi considerado pela polícia como sinecura da prefeitura local.¹⁸⁸

Considerando Bauru, nos anos 30, como uma cidade paulista da região noroeste marcada por características agrárias e do clientelismo, percebermos o quanto às relações pessoais visualizadas em Maringoni e José Fernandes foram importantes na dinâmica política local. Constatamos, por exemplo, que as relações políticas e sociais entre integralistas e fascistas alcançavam a ala civil, militar e do governo municipal. Assim, Fernandes e Maringoni agiam dentro do Sindicato da NOB articulando com a imprensa, o executivo, os militares e os italianos, possibilitando a formação de uma teia social que sustentasse culturalmente a ascensão política da direita.

O alcance das relações até os aliancistas da diretoria do sindicato ferroviário no ano de 1935 nos mostra o quanto a esquerda em Bauru (SP) estava sujeita aos poderes públicos locais. No mais, a intervenção de Maringoni no processo de abertura do sindicato significou uma ampliação da rede de influências dos fascistas e integralistas de Bauru (SP) centrada, principalmente, nos *amarelos* que compunham a diretoria e se afinavam com ideais corporativistas defendida pela direita. Era a brecha perfeita para a entrada fascista e integralista no campo sindical e um cenário *político-cultural* local de grandes vantagens para o desenvolvimento ideológico da direita brasileira.

Desse modo, acreditamos que manter um sindicato aberto era o interesse primordial para as forças políticas da época a ponto de ocorrerem recuos estratégicos nas disputas ideológicas. Assim, analisando a ação integralista no sindicato da NOB, concluímos que diante da situação de implementação do corporativismo pelo governo Vargas, do processo de oficialização dos sindicatos e de intervenção estatal, a direita fascista brasileira, tendo afinidades ideológicas com esse processo político trabalhista, manteve-se ligada ao meio operário utilizando-se das brechas da política sindical. Através de João Maringoni, a direita exerceu seu poder de influências agindo pelo sindicato ferroviário frente a polícia de Bauru

¹⁸⁸ *Ofício de Ribeiro Cruz, investigador de polícia, para o delegado Regional de Bauru. Bauru, 5/10/42. Dossiê Político: 24 B 003. DEOPS/AESP.*

(SP) e diante de um cenário cultural de facilidades para os fascistas afirmarem-se, através do discurso anticomunista, detentores do *poder público* local.

Nesse sentido, a semente da ocupação dos ferroviários de direita na região de Bauru (SP) se plantou devido: as medidas políticas de Vargas (incluindo, sobretudo, a repressão sobre os comunistas) atreladas a presença dos reformistas no meio sindical da Noroeste, que associada as possibilidades de redes de influências entre os cidadãos, abriu brechas para fascistas e integralistas agirem de forma pública e afirmarem-se no meio sindical.

A colheita integralista veio justamente após a Revolta de novembro de 1935 e a decretação do Estado de Sítio pelo governo federal. Em fevereiro de 1936, no sindicato da Noroeste do Brasil, foi eleita uma Junta Governativa formada por: Basílio Ceschine, presidente; Hélio de Moraes Barbosa (integralista), secretário; Roberto Leite e Silva, tesoureiro; José Rodrigues de Almeida, José Nora Bittencourt e Angelo Costa, membros.¹⁸⁹

Hélio de Moraes Barbosa (ao lado de Jurandyr Bueno e Sebastião Lins) foi um dos chefes do núcleo da AIB de Bauru. Através da ata da Assembléia do sindicato constatamos que Moraes destacou-se como principal orador e pregador ideológico do novo perfil do sindicato.¹⁹⁰ Sugerimos que sua postura de secretário certamente tratava-se mais de titulações (até mesmo porque ele era o chefe da AIB local) do que propriamente uma postura política inferior ao do presidente. Acreditamos que a idéia de formar uma Junta e substituir a antiga diretoria caçada pelo DEOPS partiu do próprio Hélio de Moraes Barbosa que era companheiro do camisa verde Jurandyr Bueno o qual já havia tentando infiltração em 1933 e tinha ligações com os italianos fascistas de Bauru (SP) João Maringoni, Carlos Cariani e Tolentino Meraglia, ferroviários da NOB.¹⁹¹

Assim, em 22 de fevereiro de 1936, Basílio Ceschine, Hélio de Moraes Barbosa e Roberto Leite e Silva, através de um boletim do Sindicato da Ferroviários da Noroeste do Brasil, declararam, como Junta Governativa deliberada por mais de 30 sócios do sindicato,

¹⁸⁹ *Informe do delegado Regional de Bauru para o Superintendente de Ordem Política e Social*. Bauru, 28/06/36. Pront. 81189. **DEOPS/AESP**.

¹⁹⁰ *Ata da Assembléia do sindicato da Noroeste do Brasil*. Bauru, 11/03/36. Pront. 202. **DEOPS/AESP**.

¹⁹¹ Ver: *Dossiê político*. 24 B 003. **DEOPS/AESP**.

que a partir daquele momento a diretoria estaria constituída pela Junta até as próximas eleições.

*(...) ameaçado de extinguir-se o nosso Sindicato, por falta de quem o dirigisse aquela iniciativa não teve outro intuito que levantar a fé quebrantada e reunir as vontades dispersas dos ferroviários sindicalizados.*¹⁹²

Segundo o discurso da Junta Governativa, era preciso recompor os ânimos perdidos do organismo associativo e que o primeiro passo seria relatar aos sindicalizados a verdadeira situação que se encontrava o sindicato. Os novos diretores apareceram, portanto, como salvadores do meio operário, limpadores e reconstrutores do meio político de reivindicação operária que estava sem controle e encaminhando para a desarticulação e para o falecimento. A nova diretoria significava a mudança da ordem vigente, o despertar das vozes e ânimos ferroviários, a própria salvação. Assim, afirmavam a noção de uma quebra e de um corte na história sindical:

*Deixamos a consciência dos próprios sindicalizados o julgamento do passado. Que cada um tire as conclusões e os ensinamentos que os próprios factos se encarregam de desvendar aos olhos de todos.*¹⁹³

Através da exclusão dos sindicalizados da esquerda política ferroviária, os novos membros concretizaram a idéia de renovação do sindicato. Assim, através de um ofício para o delegado regional de Bauru, os novos diretores excluíram do sindicato da NOB cerca de 60 funcionários, sobretudo, da 1ª, 2ª e 4ª divisão. Assim, *ordenando a exclusão dos mesmos do quadro social desta associação como medida acauteladora em prol da manutenção da ordem legal vigente*¹⁹⁴, a diretoria fascista mudou o quadro social e político

¹⁹² *Folheto do Sindicato da Noroeste do Brasil*. Bauru, 27/02/36. DEOPS/AESP.

¹⁹³ *Idem*.

¹⁹⁴ *Ofício do Sindicato Ferroviário da Noroeste do Brasil para Fábio Barbosa Lima, delegado regional de Bauru*. Bauru, 9/05/36. Pront. 202. DEOPS/AESP.

do sindicato, retirando da ação, operários que eram das repartições mais baixas e que apostavam em um ideal de esquerda.

Os dirigentes da nova ordem posicionaram-se como redentores dos operários, e como sujeitos da mudança. Não julgaram e nem mesmo apontaram os erros da antiga diretoria aliancista pois, para os novos membros, a própria história vivida pelos ferroviários era suficiente. Nacionalmente, a ideologia predominante era contra as correntes alternativas de esquerda consideradas extremistas e causadora da desordem social e política. Em Bauru, as personalidades fascistas e integralistas inferiram culturalmente no meio operário por uma política de direita.

Nesse sentido, os diretores fascistas e integralistas declararam que:

(...) tres cousas se impõem a nossa direcção e aos interesses da classe:

1º - repor o Sindicato no meu verdadeiro caminho, que é o de pugnar pelos interesses collectivos dos ferroviários da Noroeste;

2º - respeitar e fazer respeitar a lei e os nossos estatutos, para que também sejamos respeitados. É iníqua, além de contraproducente, qualquer grita contra o desrespeito daquillo que vivemos a chamar de NOSSOS DIREITOS, emquanto o exemplo do respeito à aos interesses da collectividade não partir primeiro de nós mesmos;

*3º - varrer dos meios syndicaes toda a contenda, discussão ou propaganda política ou sectária. O sindicato não é propriedade de grupos ou de indivíduos. Elle pertence à collectividade e, como órgão representativo desta, terá que reflectir fielmente o pensamento e a vontade unanime dos que o mantêm e o animam.*¹⁹⁵

Através do ofício da nova diretoria do Sindicato da NOB, constatamos o caráter corporativista da nova direção. Fazia-se o discurso da coletividade que era comum entre direitistas e esquerdistas, mas isolava-o do conceito de luta de classes, típico da esquerda marxista. Assim, coletividade relacionava-se com corpo e corporativismo exaltando os ideais sindicais fascistas. Os novos diretores assinalaram que o sindicato, como órgão representativo da coletividade, deveria ser fiel demonstrando uma modesta relação com a

¹⁹⁵ Idem.

moral e com o pensamento daqueles que o *mantêm e o animam*, isto é, os diretores fascistas e integralistas intitulados como salvadores do sindicato em falecimento.

Seguindo o mesmo raciocínio, os novos diretores, ao mesmo tempo, em que esboçaram a relação entre lei e coletividade local, louvaram a legislação ditada pelo Estado (e daí toda a política cultural a favor do Estado como sujeito da resolução dos conflitos trabalhistas), chamando a atenção para o valor ativo do coletivo, do local, do grupo, da sociedade civil e *de nós mesmos*. Assim, longe de uma concepção de um Estado superior e único sujeito, os novos dirigentes apreciaram a idéia da sociedade civil e do grupo sindical como mãos da política varguista. Portanto, apostaram na ação individual ou grupal interagindo com a ordem varguista, não se fechando a um perfil pacato e domesticado pela legislação.

Desse modo, acreditamos que os integralistas, ainda que se afinassem com as medidas de Vargas, buscavam um Estado integral dentro dos planos do Sigma. Por conseguinte, sugerimos que exaltar o grupo local como sujeitos dos deveres civis trabalhistas vigentes, era uma forma de investir na ação da sociedade civil em defesa dos interesses da classe profissional, tendo como ponto de partida o grupo envolvido e não apenas o Estado. Daí uma forma doutrinária e uma estratégia política para envolver os ferroviários em uma cultura corporativista, fiel e obediente a partir da organização sindical e não apenas do Estado. Cultura política que levaria os trabalhadores para as fileiras do Sigma.

Sugerimos que os integralistas de Bauru (SP) queriam alcançar, através da intervenção no sindicato da NOB, uma ação transformadora pelo viés ideológico do Sigma que partiria do âmbito municipal bauruense através da classe produtora ferroviária. Estratégia ideológica que era defendida por Miguel Reale em suas teorias sobre o Estado corporativo.

Assim, se em 1933, a ação sindical integralista em Bauru (SP) aconteceu antes da fundação do núcleo ou da publicação dos livros de Reale sobre sindicato integral; em 1936, o Integralismo se encontrava com uma outra estrutura partidária: com núcleos fundados, com doutrinas publicadas e com mais adeptos. Os livros de Miguel Reale já estavam disponíveis para leitura na biblioteca do núcleo da AIB de Bauru (SP) (após seu fechamento em 1938, a biblioteca com 80 volumes incluindo obras de Plínio Salgado,

Miguel Reale, Gustavo Barroso, Pio XI, Alceu de Amoroso Lima e outros; foram distribuídos para Hélio de Moraes Barbosa)¹⁹⁶. Evidência de que a ação sindical da NOB, possivelmente, seguia as doutrinas de Reale e, portanto, visava um sindicato nos moldes do Integralismo ou ao menos sob influência corporativista do Sigma.

Através da Ata da Assembléia de fevereiro de 1936 na qual foi aprovada a nova diretoria, ou a partir de 1937, no periódico *O Sindicato*, verificamos que os fascistas e integralistas transformaram a ação política do sindicato ferroviário introduzindo novos aspectos ideológicos de organização profissional.

A partir da Ata, constatamos que Hélio Moraes propôs para presidente da Assembléia Domingos Lamônica, fichado pelo DEOPS como fascista¹⁹⁷ e membro da Comissão Executiva do Sindicato, cumprindo os estatutos do sindicato e exaltando a necessidade de renúncia ou de destituição dos antigos diretores.

Assim, após o discurso de posse do novo presidente, Barbosa historiou a ação dos antigos membros no sindicato e apontando-a como perniciosa e irregular aos interesses da associação. Acusou os antigos diretores de andarem livres em Bauru (SP) e abandonarem os sindicatos causando sérios problemas econômicos para a associação e implantando o desânimo entre os sindicalizados. Declarou que o sindicato havia se desviado de sua finalidade, pela ação e vontade dos seus dirigentes, embora a maioria dos sócios fosse contrária a este modo de encaminhar o pensamento e a necessidade de classe. Falou longamente sobre o assunto e terminou afirmando que devido o Estado do sindicato e o descalabro encontrado na parte econômica, a destituição dos membros da Comissão Executiva, dos seus cargos, se justificaria plenamente e refletiria o pensamento dos presentes naquela assembléia.¹⁹⁸

¹⁹⁶ *Auto de Exibição e Apreensão*. Delegacia Regional de Bauru, Bauru, 9/04/38. Pront. 552 vol. 3. DEOPS/AESP.

¹⁹⁷ Ver dossiê político 24 B 3. DEOPS/AESP.

¹⁹⁸ Hélio Barbosa não nos convence uma vez que observamos que segundo a polícia, em 21 de janeiro de 1936, o sindicato da NOB era um centro de pregação aliancista e comunista nos revelando que os dirigentes antigos não abandonaram o sindicato. Pelo contrário, estavam ali presentes um mês antes da convocação da assembléia assinada pela Junta Governativa. Além do mais, em setembro de 1935 ainda observamos a ação dos aliancistas em pró de uma campanha nacional: Pró-reajustamento salarial. Desse modo, falar em abandono ou falta de ação sindical tratou-se de um discurso anticomunista e de defesa da junta Governativa para fins políticos e de propaganda ideológica fascista.

Foi amplamente aplaudido pelos 48 sócios do sindicato que compunham a assembléia manifestando a posição favorável à destituição de todos os membros da Comissão Executiva. Aprovou-se, portanto, a substituição da antiga diretoria e a nomeação da nova Comissão Executiva deliberada pela assembléia. Deliberação que foi liderada pelo integralista Hélio Barbosa o qual incitou os sócios com um discurso anticomunista e plenamente pautado no estatuto do Sindicato da Noroeste do Brasil, que durante a assembléia foi constantemente utilizado pelo fascista Lamonica.¹⁹⁹

Assim, constatamos que a política repressiva de Vargas associada à presença articulada e influente da direita na cidade de Bauru (SP) foi crucial para a queda da esquerda no âmbito sindical. Na esfera cotidiana de ação política sindical foram os integralistas e os fascistas que construíram a nova ordem política sindical local, semearam a cultura corporativista no meio operário e limpam os comunistas da direção do sindicato da NOB utilizando-se de suas influências políticas e de seus discursos de direita para alcançarem as necessidades dos ferroviários com tendências direitistas.

Não obstante, acreditamos que os fascistas e os integralistas de Bauru, apesar de apoiarem as medidas repressivas contra a esquerda do governo federal, não apenas almejavam auxiliar Getulio Vargas, mas também buscavam se apoderar das promulgações governamentais anticomunistas para se afirmarem culturalmente e politicamente na sociedade local. Constatamos essa idéia, por exemplo, através da sutil contradição que existia na ação dos fascistas: de um lado defendiam um governo estrangeiro, uma cultura italiana e o líder Mussolini; de outro, afirmava-se como a forte influência do corporativismo nos sindicatos oficiais brasileiros que estruturavam um projeto de cunho nacionalista.

2.4) Guiados pela prática: algumas conclusões sobre a ação integralista nos Sindicatos da Noroeste do Brasil e Cia Paulista.

Ao analisar as intervenções dos integralistas de Bauru (SP) e Rio Claro (SP) no meio ferroviário, concluimos que o sindicalismo integral possuía um perfil heterogêneo devido

¹⁹⁹ *Ata da Assembléia do sindicato da Noroeste do Brasil*. Bauru, 11/03/36. Pront. 202.DEOPS/AESP.

ao mundo de relações cotidianas, de particularidades e das dinâmicas políticas local e nacional.

A variação do perfil social dos camisas verdes, as peculiaridades de suas trajetórias políticas, a ação de outros Partidos no meio ferroviário, a repressão policial e as alianças foram fatores que definiram a prática integralista no meio sindical.

No mais, sem perder de vista a dinâmica doutrinária da AIB, constatamos a prática política dos camisas verdes entre os ferroviários atrelada ao desenvolvimento das doutrinas e da estrutura sindical dos líderes do Sigma. Ainda assim, através do histórico ativista de Pimentel Jr, Sebastião Lins e Jurandyr Bueno antes da fundação da AIB, mapeamos sob que bases ideológicas, políticas, sociais e culturais o movimento integralista se estruturou como Partido e trilhou o sindicalismo fascista. Fato que nos revela o Partido da AIB como objeto das ações políticas individuais e não como sujeito.

Sinal de que fora a dinâmica política de cada localidade, as redes de influências de fascistas e integralistas, como também o perfil social dos camisas verdes que abriram o caminho para a AIB intervir nos sindicatos e terem êxitos ou não. Isto é, não bastava apenas uma estrutura partidária hierarquizada e bem articulada, nem mesmo uma doutrina bem formulada e propagada, a micro conjuntura histórica dos espaços de ação do Sigma também determinou os caminhos do sindicalismo verde.

Como verificamos, diferente dos integralistas de Rio Claro (SP), em Bauru (SP) a ascensão do Sigma foi conquistada no meio sindical. Diante disso, sugerimos que, entre outros fatores, o perfil social dos camisas verdes influenciou na dinâmica política do Integralismo. No caso da cidade de Bauru (SP) os integralistas que lideraram o movimento eram ferroviários, diferente de Rio Claro (SP) onde o chefe Pimentel Jr era um oficial de registro.

Associada ao perfil social, a dinâmica política local também auxiliou a intervenção do Sigma nos sindicatos da Noroeste do Brasil e da Cia Paulista. Em Bauru, existia a forte presença dos comunistas no meio ferroviário, já em Rio Claro (SP), os socialistas e perrepistas disputavam o meio sindical. Diante disso, as redes de influência contribuíram para o sucesso ou o insucesso da ação do Sigma nos sindicatos. Em Bauru, constatamos as relações de amizade com ferroviários fascistas e, conseqüentemente, uma ascensão dentro do sindicato da NOB. Já, em Rio Claro (SP), a relação com médicos fascistas colaborou

para que os camisas verdes locais apostassem em uma Sociedade Beneficente Integralista de assistência médica aos operários.

Diante desse contexto social, sugerimos que ideologicamente os integralistas rio-clarenses tenderam mais para uma corrente de direita com apelo religioso, beneficente e que os camisas verdes de Bauru (SP) se serviram mais de um discurso político corporativo. Corporativismo que era louvado pelo fascismo e que serviu como instrumento de ação no meio operário, principalmente, para dissolver a luta de classes tanto defendida pelos comunistas ativos na NOB.

Em suma, para integralistas e fascistas intervir no sindicato da Noroeste constituiu como um processo de articulações locais, de brechas políticas, de aproveitamento das medidas do presidente Vargas e, sobretudo, de uma busca pelo *poder público* local que se relacionava com a afirmação da AIB como Partido político e do fascismo como cultura política local. Cenário político que só foi alcançado no momento histórico pós - 1935 quando o movimento integralista já estava estruturado como grande Partido de massa e Vargas legalmente assumira seu caráter anticomunista.

De qualquer modo, a intervenção integralista e fascista nos sindicatos ferroviários da NOB e da Cia Paulista, não ameaçaram o sistema produtivo vigente. Como aponta Flávio de Almeida²⁰⁰, nos anos 30, promover o sindicato de Estado não era combater o Capitalismo, mas a melhor forma de defendê-lo, isolando o proletariado das forças desagregadoras do Comunismo. Era realizar o que o Liberalismo estava incapacitado de fazer.

O individualismo excessivo - dizia Vargas em 1932 - que caracterizou o século passado, precisava encontrar limite correlativo na preocupação predominantemente do interesse social. Não havia nessa atitude nenhum indício de hostilidade ao capital que, ao contrário, precisava ser atraído, amparado e garantido pelo poder público. No entanto, o melhor meio de garanti-lo estava, justamente, em transformar o proletariado numa força orgânica de cooperação com o Estado e não deixá-lo, pelo abandono da lei, entregue à ação dissolvente de elementos perturbadores, destituídos dos sentimentos de Pátria e Família.

²⁰⁰ ALMEIDA, 1995, p. 116.

Todavia, como colocou Togliatti referindo-se aos sindicatos fascistas, não devemos considerar os sindicatos fascistas como um bloco sem contrastes e sem contradições. Os sindicatos fascistas representaram um terreno em que: *assistimos ao desenrolar de lutas contínuas, onde assistimos a uma modificação contínua das relações de classe e das formas de organização.*²⁰¹

Quanto as atividades fora do ambiente de trabalho, Liliani Garcia²⁰², em seu trabalho sobre as oficinas da Cia Paulista, expôs que a disciplina extrapolava os muros da fábrica, indo atingir a família, seu cotidiano fora da fábrica, suas relações sociais, como uma forma de exaltar a grandiosidade do mundo do trabalho, ou seja, o mundo da Cia Paulista de Estrada de Ferro. Construía-se um paternalismo em nome da ferrovia. Segundo Garcia, havia por parte da administração ferroviária a organização do tempo e do lazer dos ferroviários. A própria criação do *Dopolavoro* foi pautada no neologismo pensado pelo engenheiro italiano Mario Giani para indicar o tempo livre após o trabalho. Sua instituição era defendida pela retórica fascista como uma estratégia para maximizar a produção.

Perceber, portanto, a ação dos integralistas e fascistas nos sindicatos ferroviários não apenas trouxe à tona a amplitude de ação política da direita, mas também tornou possível a identificação dos sujeitos da manutenção do sistema capitalista dentro e fora das fábricas. Foi notar, justamente, os atores do processo de transformação e confirmação capitalista nos anos 30. Não só diretamente na produção, mas também na vida cultural dos trabalhadores e cidadãos. Uma busca de transformação cultural e ideológica que também tinha como instrumento propagador a própria imprensa sindical.

Por isso, a ação intencional de se plantar um sistema corporativista de cunho fascista, devia ser auxiliado por uma imprensa sindical e por atividades fora do ambiente de trabalho, também nas horas de lazer e no cotidiano. O movimento integralista agiu nesse sentido, buscando uma construção cultural e moral pautada na Pátria, Família e Deus.

²⁰¹ TOGLIATTI, 1978, p. 60.

²⁰² GARCIA, 1992, p. 178.

2.5) Outros instrumentos de intervenção: A imprensa sindical da Noroeste do Brasil nas mãos dos Integralistas e Fascistas.

A interferência integralista e fascista no meio sindical da Noroeste do Brasil nos mostra a rede de influências dos seguidores do Sigma como também suas estratégias políticas diante do regime varguista e do poder político local. No mais, se pensarmos que o sindicato possuía periódicos que prestavam como divulgação ideológica trabalhista e de outras ordens, constatamos o quanto era extenso o alcance da tomada de poder sindical pelos integralistas.

Como colocou Cavalari²⁰³, o livro e o jornal ocupavam um lugar de destaque na rede constituída pela AIB. Era, principalmente, por seu intermédio, que a doutrina integralista chegava até o militante. O livro veiculava as idéias produzidas pelos teóricos do Partido e o jornal as popularizava. A doutrina mantinha-se viva para o integralista graças a sua materialidade através do jornal.

O jornal era organizado não só com o fim de doutrinar, mas, mais do que isso, de transmitir a doutrina de modo uniforme. Os jornais do interior, aqueles que chegavam até o militante mais distante, eram organizados de modo a reproduzir os jornais maiores, editados nos grandes centros onde se concentrava a elite dirigente do movimento. No caso São Paulo e Rio de Janeiro.

Atrás da ação da AIB, no sentido de promover imprensas do Partido em diversas localidades nacionais, tinha-se a idéia de doutrinação e de uniformização deste ideal. A imprensa, portanto, prestava-se como instrumento de propagação de homogeneização do ideal do Sigma.

Para garantir este sentido único das publicações integralistas, isto é, garantir a unificação do movimento por meio do pensamento e da orientação doutrinária, e garantir a padronização da forma, as estratégias de unificação e controle, foram adotadas pela AIB, a saber: a criação do *Sigma-Jornais Reunidos*, a Secretaria Nacional de Imprensa (SNI) e as *Comissões de Imprensa*.

O *Sigma - Jornais Reunidos*, um grande consórcio jornalístico criado em 1935, subordinado à Secretaria Nacional de Propaganda, *devidamente autorizado pela Chefia*

²⁰³ CAVALARI, 1999, p.79.

Nacional, compreendia um conjunto de 88 jornais em circulação em todo o território nacional. A função do consórcio era a padronização da orientação doutrinária.

Na parte doutrinária tinha a ação da Secretaria Nacional de Imprensa (SNI) que agia dentro do espírito do Código de Ética Jornalística do Chefe Nacional. Todo jornal integralista enviava obrigatoriamente a SNI um exemplar de cada edição e outro ao Chefe Nacional com o intuito de ser orientado, aprovado ou punido caso estivesse fora da qualidade imposta pela Secretaria.²⁰⁴

Na concepção de Plínio Salgado, através do Código de Ética Jornalística da AIB, o século XX significava a era do jornal doutrinário porque o povo queria se orientar. Desse modo, a imprensa não devia ser livre para poder refletir a pluralidade de idéias. Pelo contrário, acreditava-se que, devido às incertezas e angústias do momento presente, ela tinha que ser partidária e adepta da idéia única.²⁰⁵

Por último, junto ao Gabinete das Chefias Provinciais e Municipais funcionava a Comissão de Imprensa encarregada de censurar e selecionar toda matéria de caráter doutrinário ou partidário, destinada à publicação.²⁰⁶

Diante disso, constatamos que havia uma estrutura muito bem hierarquizada e dividida pelo chefe nacional integralista a fim de que as imprensas integralistas não saíssem do padrão por ele proposto. Não só para manter o perfil homogêneo, mas também para constituir um sentido único das suas idéias vinculadas pela imprensa.

Vários núcleos paulistas da AIB reproduziam a imprensa integralista. Os núcleos de Rio Claro (SP) e Bauru, por outro lado, não possuíam meio de propaganda próprios, divulgando notas do núcleo pela imprensa local. Não obstante, a grande imprensa integralista (*Acção*, *A Ofensiva*, *O Aço Verde*, *Anauê*) se infiltrava nestes núcleos através de assinaturas dos militantes. De qualquer forma, a imprensa integralista realizava sua função.

Como divulgação do sindicalismo integral, a imprensa também cumpria a sua função. No Estado de São Paulo, os jornais *Acção*, *A Ofensiva* e *A Razão* eram fontes de notícias de grande relevância sobre o movimento sindical integralista. Colunas específicas sobre o

²⁰⁴ CAVALARI, 1999, p. 84.

²⁰⁵ Idem, p. 85.

assunto e de discussões variadas eram publicadas: desde a ação até as teorias sobre sindicalismo. Era uma forma bem eficaz de incentivar o movimento sindical conforme o Sigma almejava e que fosse fora do mundo literário dos livros onde as doutrinas sobre o Estado corporativo eram publicadas.

Para o movimento sindical, a imprensa era um instrumento bastante valioso devido a sua facilidade de circulação além de avançar em concorrência com a imprensa dos comunistas e socialistas que também dedicavam linhas e linhas para os operários. Através da imprensa, integralistas viabilizavam o discurso para operários letrados e divulgavam suas idéias de forma pública e dinâmica devido a periodicidade e circulação.

Por outro lado, investigando os instrumentos alternativos de doutrinação dos integralistas, verificamos outras formas de propaganda no mundo da imprensa e da ação do Integralismo no ano de 1937. No caso, constatamos que os camisas verdes propagavam seus ideais também através dos órgãos oficiais do governo como, por exemplo, pelo periódico do Sindicato da Noroeste do Brasil - *O Sindicato*.

Com a entrada dos integralistas no poder do sindicato, a imprensa sindical passou a ser coordenada pelos camisas verdes de Bauru (SP) que puderam divulgar seus ideais pela imprensa oficial da organização mesmo diante das restrições governamentais.

Como citamos anteriormente, o periódico *O Sindicato* era um dos meios de divulgação ferroviária da Noroeste do Brasil desde o início do século. A partir de 1936, verificamos que este passou diretamente a ser subordinado aos estatutos do sindicato e aos seus dirigentes.

Através dos exemplares dos anos de 1935 e de 1937, verificamos as mudanças na imprensa operária diante das trocas das diretorias. Primeiramente, observamos a transferência do local da redação da Rua João Pessoa para a Rua Alfredo Ruiz, 4-33. Em segundo, se, em 1935, existia um corpo redatorial composto por Francisco de Souza Figueró, Manoel Rosa Netto, Sylvio de Mello e Lopo Antonio da Silva, em 1937, a redação se concentrou nas mãos do integralista Hélio de Moraes que assumiu o cargo de redator chefe. O meio de divulgação sindical tornou-se mais autoritário, hierárquico e centralista após a entrada dos fascistas e integralistas.

Ao comparar as notas das respectivas redações, observamos que, em 1935:

(...) está a redação do nosso órgão a cargo desses devotados companheiros, que por este resolvem pedir a colaboração dos que tenham interesse na publicação de artigos sobre assumptos relativos as cousas atinentes a classe, ao movimento social, as reivindicações, etc. etc., cooperando cada um com a materia que lhe parecer conveniente. Encerrando esta nota, espera a diretoria que seja encaminhada ao corpo redactorial do nosso órgão a colaboração pedida, a qual será aceita, de bom grado, de todos os companheiros.²⁰⁷

Já em 1937, declarava-se:

*O artigo 15, dos nossos estatutos, na letra B, diz: Compete ao Secretário (no caso Hélio de Moraes Barbosa) - Controlar as publicações de imprensa que interessem ao Sindicato.*²⁰⁸

A partir das notas do *O Sindicato*, constatamos claramente o que significou a mudança das diretorias no pós 1935. A base ideológica passou a ser centralista, controladora, autoritária, antidemocrática e contra a luta de classes. Devido a isso, o Sigma passou a divulgar suas idéias pelo instrumento de propaganda e divulgação ferroviário da Noroeste, prevenindo-se de possíveis censuras do governo Vargas. Assim, em maio de 1937, verificamos, por exemplo, a publicação do artigo *Cooperativismo* retirado do jornal integralista *Ação*. Fato que nos revela a estratégia de propaganda do Sigma junto ao âmbito sindical.

Se em 1935, constatamos notas que atacavam o regime de Hitler e o movimento integralista, além de diversos artigos de educação sexual para as moças, *Educação sexual na puberdade*²⁰⁹ ou *Diferenciação de Classe*²¹⁰ ; em 1937, constatamos, predominantemente, cópias de decretos e leis governamentais, e artigos referentes à cooperativa ferroviária. Assim, se em 1935, as publicações do periódico variaram entre

²⁰⁷ *O Sindicato*. Abril de 1935, no 11, ano 2, p.1. AEL/UNICAMP.

²⁰⁸ *O Sindicato*. Maio de 1937, no 12, ano 4, p.1. AEL/UNICAMP.

²⁰⁹ *O Sindicato*. Março de 1935, no 10, ano 2, p.3. AEL/UNICAMP.

²¹⁰ *O Sindicato*. Junho de 1935, no 13, ano 2, p.1. AEL/UNICAMP.

temas políticos, econômicos e de educação sexual, com a entrada da nova diretoria os assuntos se pautaram, principalmente, no econômico.

A questão do cooperativismo foi um tema que esteve presente tanto nos anos da diretoria aliancista como na integralista. Apesar de percebermos modificações no âmbito dirigente, a Cooperativa dos Ferroviários da Noroeste do Brasil foi um órgão que existiu nas duas fases do sindicato. Sem entrar em uma análise comparativa profunda sobre as cooperativas, vale ressaltar dois artigos publicados no *O Sindicato* nos anos de 1935 e 1937 que expressaram de forma diferente o tema do cooperativismo. Então, datado em abril de 1935, constatamos o artigo *Cooperativo* sobre a história de dois sindicalistas que dialogavam sobre as vantagens de uma cooperativa:

- *Compro na venda do Nhô Chico, fiado, e estou muito satisfeito. Isso é bom para quem não tem credito.*
- *Mas João, lhe expliquei: você não é sócio do Sindicato?*
- *Sou, sim.*
- *Pois então escute: A luta que empreendemos, unindo-nos em torno da nossa Associação de Classe para a conquista das nossas reivindicações, precisa de um depósito de mercadorias para o nosso abastecimento. O que seria de um exército privado de viveres?*
- *Perderia a batalha.*
- *É isso mesmo. E depois já teve a curiosidade de verificar o peso e a qualidade das mercadorias que compra na venda do Nhô Chico?*
- *Não.*
- *Pois, verifique e verá que é roubado em 100 grs, mais ou menos em cada kilo e a qualidade não está de acordo com o que paga. No fim do anno recebe.*
Na cooperativa, sendo nossa, não acontecerá o mesmo. Não será mais logrado no peso e na qualidade, e no fim do anno terá o juro da sua quota-parte com uma percentagem sobre suas compras.
- *Mas a antiga...*
- *Não falemos nella. Somos os únicos culpados de sua fallencia, porque não a soubemos defender. Nossa acção de limitava a falar muito, sem que tivessemos coragem de agir. Hoje estamos unidos no Sindicato e no Consório Cooperativista para defender a nova organização dos perigos que fizeram fallir a outra...*
- **UNIDOS SEREMOS FORTES**

- *A Cooperativa, João, ainda nos trará mais uma grande vantagem; aumento de ordenado, porque, não sendo roubado no peso e na qualidade, a nossa despesa diminue, não é verdade?*
- *Tem razão. Amanhã irei inscrever-me como sócio da Nova Cooperativa, não deixando de trabalhar por ella junto dos meus companheiros.*²¹¹

Já em 1937, o artigo *Cooperativismo*, retirado do jornal integralista *Acção*, também discorreu sobre as cooperativas, porém, de forma expositiva, sem diálogos e sem personagens, ressaltando que, felizmente, o brasileiro estava compreendendo o alcance do cooperativismo e suas vantagens através do desenvolvimento no comércio, na indústria e na lavoura. Assim:

O exemplo da divisão dos latifúndios agrícolas é evidente comprovante disso. As grandes propriedades se fracionam e o que antes era enorme fazenda, hoje são inúmeras pequenas propriedades que se desenvolvem rapidamente num crescendo admirável de produção.

Na industria e no comercio, vemos com satisfação a acolhida das sociedades por ações, meio pelo qual os técnicos encontram facilmente a oportunidade para a aplicação dos seus conhecimentos e os possuidores de dinheiro, o ensejo para o emprego compensador de suas posses.

Sabemos que o cooperativismo toma impulso necessário, merce dos estudos e publicações divulgadas por todo o território nacional, pelas quaes se nota o interesse que desperta naqueles que pela palavra escrita, trazem à baila, á luz aspectos diversos da vida contemporânea, nas suas múltiplas actividades.

*D' Acção de S. Paulo 11-3-37."*²¹²

Por fim, o artigo apontou, que o brasileiro receoso e tímido, na organização de empreendimentos de vulto, tornou-se um cooperador espontâneo, apresentando a característica necessária para a realização desse gênero. E assim, o Capital, que por todos os motivos deveria ser movimentado, se acercaria do Trabalho aproveitando (*sempre*) o

²¹¹ *O Sindicato*. Abril de 1935, no 11, ano 2, p.1. AEL/UNICAMP.

²¹² *O Sindicato*. Maio de 1937, no 12, ano 4, p.1. AEL/UNICAMP.

máximo das suas possibilidades. Desse modo estaria iniciada a Era do cooperativismo tomando *um impulso digno de registro na marcha segura do progresso brasileiro*.

Através dos artigos publicados no periódico do Sindicato da Noroeste do Brasil, verificamos que durante as duas diretorias, tanto a aliancista como a integralista, o tema do cooperativismo foi desenvolvido, no entanto, as formas e os conteúdos diferiram.

Em 1935, a apresentação do assunto foi muito mais prática e acessível demonstrando que o público alvo era mais abrangente. A própria forma de prosa nos sugere uma discussão do assunto mais pela base, pelas características cotidianas e pelas atitudes operárias. Em 1935, tratou-se do tema pela função prática do órgão: a cooperativa, diferente de 1937 que se falou em Cooperativismo, portanto, mais atrelado ao conceito e voltado para transformações sócio-culturais. Um texto muito mais rebuscado e com reflexões conceituais, buscando transformações institucionais nacional e dirigido para uma camada dos operários mais culta.²¹³

O sindicalismo cooperativista já vinha de uma tendência política conservadora dos anos 20 liderada por Sarandy Raposo.²¹⁴ Em 1921, Raposo fundou a Confederação Sindicalista Cooperativista Brasileira na qual destacamos a participação dos Sindicatos dos ferroviários da Central do Brasil, do Rio de Janeiro, de São Paulo e Sul de Minas e as Associações e Cooperativas dos trabalhadores da União.²¹⁵

Segundo Araújo, o sindicalismo-cooperativista representou o desenvolvimento de um projeto corporativo no interior do movimento sindical. A CSCB defendia um programa de cunho sindicalista e de inspiração positivista que identificava o sindicato e as cooperativas como base da organização da sociedade e como instituição destinada à promoção de um

²¹³ Que existia uma grande hierarquização entre os operários da NOB é fato (a própria diferenciação salarial e de funções). Tanto que existia uma função sindical de alfabetização dos ferroviários, o que comprova que o discurso não era dirigido para muitos trabalhadores do setor. Assim, é mesmo possível que ocorresse uma grande transformação do público que lia o periódico com os aliancistas no poder e depois com os integralistas, mesmo porque as tendências ideológicas eram bem diferentes.

²¹⁴ BATALHA, 1986.

²¹⁵ ARAÚJO, 1998, p. 204.

acordo eqüitativo entre capital e trabalho. Rejeitando a luta de classe e a atuação político-partidária e eleitoral.²¹⁶

Os cooperativistas, defendendo idéias de inspiração nacionalista e antiliberal, propunham a incorporação da classe trabalhadora à sociedade e ao Estado, não por meio da participação política, mas das conquistas econômicas e profissionais, como o reconhecimento dos direitos sociais e a participação na riqueza produzida pelo trabalho. Eram partidários de um parlamento profissional constituído pela representação dos que trabalhavam e produziam riquezas e postulavam uma nova ordem técnico-profissional com a constituição de um Estado corporativo onde a participação de todos os produtores estaria garantida.²¹⁷

Diante dessas correntes cooperativistas, constatamos que as propostas dos artigos *Cooperativos* e *Cooperativismo* eram diferentes. Desenvolver uma cooperativa de auxílio interno para os ferroviários era um tipo de projeto que os aliancistas aplicavam no sindicato da NOB cuja idéia era ligada a uma alternativa de consumo para os trabalhadores e de um cooperativismo com tendências da co-gestão adotadas pelos países socialistas.

Já para os integralistas, através do artigo *Cooperativismo*, verificamos uma elaboração conceitual (apesar de superficialmente) que se tratava de transformações no âmbito do Trabalho e do Capital aproximando-se do corporativismo e da reforma do Estado. Assim, com a tomada da Comissão Executiva do sindicato da NOB pelos fascistas e integralistas, sugerimos que o projeto cooperativista voltou-se para as idéias integralistas, possivelmente, influenciadas pelo cooperativismo da Legião Cearense do Trabalho.

No final dos anos 20, Severino Sombra, através da Legião Cearense do Trabalho, desenvolveu a idéia do cooperativismo que entendemos como sendo uma reforma canalizada para o aperfeiçoamento da moldura institucional do trabalho a pressupor alterações amplas na organização econômica sem desfigurá-las nos fundamentos.

Sombra apostou em uma humanização do trabalho pautando-se em princípios cristãos: resgate do valor da pessoa humana e não por exigências pragmáticas ou simplesmente políticas. Para ele, era necessário que o operariado superasse o

²¹⁶ ARAÚJO, 1998, p.233.

²¹⁷ Ver: BATALHA, 1986 e ARAÚJO, 1998.

individualismo (herança capitalista a qual não pode fugir) e se impregnasse do espírito de associação, condição maior da viabilidade concreta de suas propostas de auto dignificação.²¹⁸

Segundo o ideal legionário cearense, o cooperativismo visaria ampliar-se até tocar na legislação social e na representação de classe a fim de alcançar novas formas políticas e sociais para o Brasil e para a sociedade. Porém, com um extraordinário ímpeto lutador, sua ação havia de exercer sempre dentro da ordem, nos limites do bem. Repelia-se a concepção biologistica em sociologia, pela qual haveríamos de chegar logicamente à lei da evolução natural na sociedade, adotada pelo socialismo que, assim baseado, pregava a luta entre as classes para a vitória tirânica do proletariado. A legião organizaria o operariado para que, protegido, educado e coeso, ele se tornasse um colaborador honesto e consciente das outras classes.

*Nós precisamos, sobretudo, defender o trabalho. Defendê-lo do Liberalismo econômico que, reconhecido ou ignorado, regula atualmente suas relações com o capital. Defendê-lo do Comunismo que, parecendo exaltá-lo, rebaixa-o realmente a uma condição anti-humana.*²¹⁹

Sombra propunha uma reforma de caráter moral religioso chegando até mesmo a combater a legislação varguista que proibia a interferência política e religiosa nos sindicatos. Sabemos que Plínio Salgado tinha diversas afinidades com as idéias de Sombra que foi o próprio divulgador do Integralismo no Ceará. Reale também em *O Capitalismo Internacional* ressaltou a importância da concepção espiritualista apontando que com o Capitalismo designaria não um, mas vários sistemas econômicos, ou melhor, vários modos de ser da vida produtiva, e, em um sentido mais amplo e exato, vários regimes políticos com instituições jurídicas próprias, decorrentes todas de uma única e fundamental atitude de espírito diante dos homens e das cousas: a atitude individualista e racionalista que separou a economia da moral.²²⁰

²¹⁸ MONTENEGRO, 1986, p. 37.

²¹⁹ O Ideal Legionário. Fortaleza, Legião Cearense do Trabalho, sem data, p. 8-9. In: MONTENEGRO, 1986.

²²⁰ REALE, 1935, p.43.

Desse modo, a possibilidade dos integralistas de Bauru (SP) apostarem no desenvolvimento da concepção do cooperativismo pelo viés da Legião do Trabalho Cearense e pelas idéias de Reale parece-nos bem cabível. O próprio artigo *Cooperativismo* trouxe sutis referências de uma valorização do trabalho, dinamizando suas possibilidades de aproveitamento e da multiplicidade de atividades econômicas no país. Além do mais, o texto carregou expressões como *receoso e tímido* ou ainda, *cooperador expontâneo* que nos sugere uma certa elevação da humanização atrelada ao conceito de Trabalho e Capital. Diferente, pois, do artigo *Cooperativo* que se utilizou mais de referências econômicas a respeito da luta de classes, ao baixo salário ou produtos mais baratos, aproximando-se dos ideais desenvolvidos pela esquerda socialista.

Apesar de não encontrarmos temas religiosos no periódico sindical pós-1937 - mesmo porque este tipo de expressão era proibido pelo governo Vargas - através de relatos policiais dos anos 40, constatamos que o integralista José Fernandes, diretor do jornal *Correio da Noroeste*, foi acusado de se aproximar do coronel Cyro Vidal aproveitando-se de seus sentimentos religiosos para se proteger e entrar em choque com os não religiosos da *Folha do Povo* cujo diretor era Paulino Rafael, companheiro de João Corrêa das Neves, antigo diretor de redação do periódico *O Sindicato*.²²¹ Além do mais, dentre os volumes registrados pela polícia, verificamos diversos livros de cunho religioso pertencentes ao núcleo da AIB de Bauru. Evidências, portanto, que dentro do Sindicato da NOB no período de direção fascista e integralista, possivelmente, se desenvolvia uma cultura política de cooperativismo similar a concepção do Sigma: espiritualista, de reforma moral e cristã.

Realmente, nas primeiras décadas dos anos 30, a Igreja investiu em uma reforma social tendo como um dos meios de ação o meio operário. Temos, por exemplo, a Encíclica *Rerum Novarum* que reunia aspectos da reforma cristã para a sociedade às funções das organizações operárias. Segundo a Encíclica, a organização dos operários devia realizar-se com uma sábia e prudente disciplina, de tal modo que possibilitasse alcançar seus objetivos: maior aumento possível dos bens do corpo, do espírito e da fortuna. Evidentemente, devia-se visar, antes de tudo, o objeto principal que seria o aperfeiçoamento moral e religioso.

²²¹ *Ofício do delegado regional de Bauru para o delegado de Ordem Política e Social*. Bauru, 2/10/42. Dossiê político: 24 B 3. DEOPS/AESP. Ver também: *O Sindicato*. Abril de 1935, no 11, ano 2, p.1. AEL/UNICAMP.

Seria principalmente este fim que deveria regular toda a economia das sociedades operárias; de outro modo, elas degenerariam bem depressa e cairiam, por pouco que fosse, na linha das sociedades em que não tem lugar a religião.²²²

Segundo Dias, Leão XIII foi o primeiro pontífice que abriu diálogo com a sociedade moderna. Nos seus documentos é de ressaltar quatro itens: primeiro, sua conclusão de que a partir da recusa da autoridade da Igreja a sociedade moderna acabou numa subversão geral; segundo, a visão de que a soberania popular só produz desordem social, ao contrário de uma sociedade que coloca toda fonte do poder em Deus; terceiro, a condenação da liberdade de imprensa e ensino; quarto, a apologia da unidade. Desse modo, Leão XIII atribui à Igreja a missão restauradora da ordem social pela autoridade que impõe sua tutela à razão individual e social. Em seus pronunciamentos encontramos articulados os princípios da unidade, da autoridade e da ordem.

Nesse mesmo sentido, nos anos 20, Pio XI confirmou o empenho restaurador da sociedade moderna por obra da Igreja Católica. Para Pio XI o mundo estava em crise porque não se orientava pelos princípios do direito e da autoridade. Para ele, Deus fundamento de todo poder, fora excluído da sociedade. Ainda afirmava que restauração da paz, da justa liberdade, da ordem e da concórdia só se daria com o reconhecimento do Cristo por toda a sociedade. O laicismo, denominado como peste do nosso tempo, seria combatido pelo culto do Cristo-Rei. O laicismo teria banido a Igreja da organização social, alimentou ambições desenfreadas e destruiu a paz entre os povos enfraquecendo a família.

Pio XI ao comemorar o aniversário da Rerum Novarum retomou a questão dos operários ressaltando crescimento das associações operárias católicas, todavia, lamentando por estas serem ainda inferiores em número aos socialistas e comunistas. Conclamou aos povos para que voltassem às instituições cristãs como meio de curar a sociedade humana. Para ele a restauração social estaria pautada na ordem religiosa. A reconstrução de uma outra mentalidade deveria consolidar-se com a restauração dos princípios da ordem e da autoridade. O combate à mentalidade moderna viria justamente com a recuperação da soberania da Igreja, do seu papel tutelar sobre o ordenamento social e as consciências dos indivíduos.

²²² DIAS, 1996, p.44.

A investida da Igreja numa reforma social voltada para Cristo e pautada na autoridade e na ordem, assemelha-se com as propostas do Integralismo sobre reforma moral e o pensamento cristão. No entanto, mais do que traçarmos paralelos teóricos entre o sindicalismo cristão e integralista vale investigar se as ações políticas da AIB no Estado de São Paulo se fizeram ao lado das instituições religiosas e com vistas nas idéias católicas de reforma social promulgada nos anos 20.

Através dos relatos policiais, constatamos que na biblioteca integralista do núcleo da AIB de Bauru (SP) existia uma carta encíclica sobre a restauração e o aperfeiçoamento da ordem social de Pio XI que retomava as tendências de Leão XIII. Pio XI também apostava na harmonia social entre operários e patrões que deveriam desenvolver suas organizações de reivindicação por um modo de trabalho justo, porém, munidos com um sentimento religioso pautado na disciplina.

Assim, em 1937, no *O Sindicato* verificamos que:

O operário sindicalizado é mais sério mais sério, mais consciencioso! Pode-se contar com elle.

*(...) A organização sindical não é apenas uma fábrica de revolucionários, é também uma escola de moralidade. Ali o operário aprende os seus direitos ao mesmo tempo que seus deveres.*²²³

E como todas as publicações deveriam ser aprovadas pelo secretário Hélio de Moraes Barbosa, integralista de Bauru, nos parece que o sindicato da NOB duplamente utilizado pelo Sigma: tanto na prática política como via imprensa sindical.

Nos discursos em assembleias, na política sindical ou nas palavras publicadas pelo periódico *O Sindicato*, a interferência do Sigma de Bauru (SP) ocorreu no âmbito do trabalho instrumentalizando a política corporativista varguista, o Anticomunismo, o autoritarismo e o sindicalismo integral com influências cristãs.

Vale ressaltar que a imprensa sindical passou para as mãos dos fascistas e integralistas apenas quando estes tomaram o poder do sindicato, isto é, a partir de 1937. Portanto, concluímos que a ação da direita no órgão de propaganda do sindicato auxiliou o

²²³ *O Sindicato*. Maio de 1937, no 12, ano 4, p.4. AEL/UNICAMP.

projeto cultural de Vargas que cada vez mais controlava a publicação de ideais que fossem contrários ao governo. Assim, a partir de novembro de 1937, através da Constituição de 1937, o governo legalizou a censura prévia dos meios de comunicação e passou a vetar qualquer meio de comunicação que não apoiasse o Estado ditatorial. A imprensa, através da legislação especial, foi investida da função de caráter público, tornando-se instrumento do Estado e veículo oficial da ideologia Estado novista.²²⁴

No mais, perceber a utilização da imprensa pelos integralistas nesse período e analisar seu conteúdo que, possivelmente, tinha afinidades com os ideais da Igreja, leva-nos a reconstruir não só apenas as estratégias de ação dos integralistas, mas também o quadro cultural nacional que o Sigma estava inserido e suas condições políticas e culturais de intervenção no meio operário. Aqui, a presença da Igreja também nos ajuda a pensar o contexto político e cultural e as relações: Igreja ↔ Estado ↔ Sigma ↔ Igreja.

Cabe, então, com intuito de revelar nosso objeto de estudo, analisarmos como procediam as ligações entre a ação da Igreja na reforma da sociedade e a ação dos integralistas no Estado de São Paulo.

Além de idéias como o cooperativismo, havia outras que ambos defendiam na sua saga pela doutrinação da sociedade? E de forma institucional existiram ligações entre membros da Igreja e camisas verdes paulistas?

²²⁴ CAPELATO, 1999, p.171.

CAPÍTULO 3

As ações dos integralistas rio-clarenses nas organizações católicas

3.1) O Sigma e a Cruz: relações entre o Integralismo e a Igreja Católica.

O objetivo desse capítulo é compreender a ação de reforma social da Igreja nos anos 30 e perceber as relações com o Integralismo através da investigação de possíveis ações conjuntas no campo social e político nas cidades paulistas.

Verificamos, por exemplo, a partir de 1938, na cidade de Rio Claro (SP), a atuação no meio operário do chefe integralista Pimentel Jr. Além de diretor da revista *Vida*, meio de comunicação da Ação Católica de circulação municipal, o chefe do Sigma também atuou como presidente da Liga Jesus-Maria-José. Diante dessa evidência, refletimos sobre algumas questões que envolveram as relações entre Sigma e Igreja Católica brasileira.

Quando imaginamos relações entre Cristianismo e Sigma estamos falando de uma simpatia moral entre as duas correntes que se faz, sobretudo, a partir da concepção do Homem. Concepção que vem da doutrina cristã de natureza humana. Isto é, o homem como fundamento, a causa e a finalidade de toda instituição que o eleva a uma ordem sobrenatural superando e transcendendo a ordem natural conforme a doutrina social da Igreja. Assim, A concepção cristã se pautaria em três fatores: a dignidade da pessoa humana, a igualdade fundamental dos homens e o homem como sujeito e não simples objeto de direitos.

Essas concepções foram compartilhadas por Plínio Salgado no *Manifesto Integralista* no qual afirmou que todos os homens eram suscetíveis de harmonização social e toda superioridade provinha de uma só: a sua comum e sobrenatural finalidade. Para Plínio, esse era um pensamento profundamente brasileiro que vinha das raízes cristãs da nossa História e estava no íntimo de todos os corações.

Nas palavras de Gustavo Barroso, o Integralismo alicerçava-se, fundamentava-se e radicava-se nas doutrinas sociais e políticas do Cristianismo. Como movimento cristão, o

Sigma não poderia contrariar os princípios assentados pela Igreja e os integralistas precisariam conhecer a augusta palavra de Roma.²²⁵

Desse modo, como apontou Trindade, todo o conteúdo tradicionalista da ideologia integralista inspirava-se, em parte, na doutrina social da Igreja e nos temas fundamentais da renovação das elites católicas.²²⁶ Além do mais, também existia a estrita ligação entre católicos e integralistas no que diz respeito a moral e a concepção do Homem. A própria formação de Plínio era católica e, os camisas-verdes eram considerados pelo Chefe Nacional como soldados de Deus.

Para Deutsch, ao citar o discurso de um padre brasileiro, o Integralismo, como o Nazismo e o Nacionalismo, sobrepôs a opinião católica. Segundo a autora, Salgado, Barroso e Reale afirmaram que o movimento integralista era baseado em Deus, mas não era uma religião, ainda que Alceu Amoroso e outros líderes católicos concordassem com a revolução espiritual interna proposta pelo Integralismo. Realmente, havia muitos valores comuns entre Igreja e Sigma como, por exemplo, a piedade, a moralidade, a autoridade, a família, o corporativismo, ou ainda, inimigos comuns: o Liberalismo, o Comunismo, os Judeus e os Maçons. Assim, muitos discursos dos camisas verdes foram pautados no ideal do Cristianismo, levando diversos padres e representantes católicos para as fileiras do Integralismo.²²⁷

Ainda assim, perguntamos: como se dava essas ligações na prática política dos integralistas paulistas nos anos 30 e 40? Acreditamos que um fato é a existência de afinidades teóricas e a presença de algumas autoridades católicas nas fileiras do Sigma, outro fato é a constatação da ação institucional conjunta, isto é, AIB e Igreja, ou militantes integralistas em Ligas Católicas. No mais, o interessante é investigarmos também os processos históricos locais e nacionais que contextualizaram as aproximações e os distanciamentos entre Igreja e Integralismo.

Vale ressaltar, que a Igreja nos anos 30 deu uma grande investida no âmbito social construindo um novo perfil para suas ações. Foi um momento histórico em que surgiram

²²⁵ BARROSO, 1935.

²²⁶ TRINDADE, 1974, p.10.

²²⁷ DEUTSCH, 1999, p. 294.

diversas associações católicas voltadas para o operariado, como os Círculos Operários. No entanto, operários também eram alvos de comunistas, socialistas, aliancistas, anarquistas, integralistas e Estado, por isso é necessário que pensemos relações e contextos e não apenas doutrinas.

Aqui nossa abordagem será entender, estudando o caso da cidade de Rio Claro (SP), as relações entre a ação integralista e a ação da Igreja e não o inverso. Buscaremos compreender como o movimento integralista se apropriou das ações sociais da Igreja e não como essa se posicionou frente ao Integralismo. Logicamente as relações são complementares, mas como optamos pela análise das práticas dos camisas verdes, investigaremos suas escolhas e ações diante da estrutura católica de reforma social.

3.2) Por uma reforma social: a investida social da Igreja em nome de Cristo.

A Igreja Católica desde as décadas de 20 e 30 demonstrou uma constante luta em retomar seu prestígio e sua ação em meio à sociedade. Fortalecida internamente com a conscientização do clero e dos leigos para a necessidade e coligação das forças (trabalho meta de Dom Sebastião Leme), ampliada a sua faixa de influência nos meios intelectuais, (desde a fundação do Centro D. Vital e a publicação da revista *A Ordem*, com o grupo de pensadores católicos, liderados, a partir de 1928, por Alceu Amoroso Lima), a Igreja teve condições, após a revolução de 1930, de pressionar o governo para conseguir as reivindicações que, desde a separação dos dois poderes (1890), tornaram-se o pólo central de seus combates (a invocação de Deus na Constituição de 1934, o ensino religioso facultativo nas escolas, o casamento religioso com efeitos civis, a indissolubilidade do vínculo matrimonial, etc.).²²⁸

Em nível nacional, no ano de 1922 ocorreu a fundação do Centro D. Vital, ligada à Revista *A Ordem*, que proporcionou uma renovação espiritual. Segundo Pécaut, o movimento que se organizou em torno do Centro D. Vital buscava um fortalecimento da Igreja e uma maior liberdade perante o Estado.²²⁹

²²⁸ LUSTOSA, 1976, p. 512.

²²⁹ PÉCAUT, 1990, p. 27.

O Centro Dom Vital, fundado em 1922 por Jackson de Figueiredo, iniciou um movimento de recristianização da “inteligência” para combater a crescente indiferença religiosa e apostasia geral das classes intelectuais no princípio do nosso século. Acreditavam que a “inteligência” brasileira passava por uma crise que tinha deixado de crer em verdades para se lançar em aventuras que podia levá-la a anarquia que, segundo Figueiredo, na época reinava em diversos setores. Era uma investida da Igreja para guiar a classe intelectual brasileira para um espírito cristão.

Em 1932, no entanto, a ação da Igreja ampliou seus horizontes para outros setores sociais e para dimensões políticas. Ressaltamos, por exemplo, a criação da Liga Eleitoral Católica (LEC), que funcionaria como coordenadora das forças eleitorais para a escolha de candidatos que defendessem os interesses da Igreja. A LEC passou a ter um papel de mecanismo suprapartidário, amparada pela ajuda da Ação Católica que se destacou no trabalho com leigos e buscou levar a mensagem da Igreja ao campo social.

Diante da grande preocupação em defender as reivindicações na Constituição de 1934, a Igreja exerceu um significativo poder junto a LEC, embora enfatizasse que seu objetivo não era participar da política como um Partido organizado. Defendeu que era necessário à participação dos católicos na vida política nacional com o propósito de colaborar e fiscalizar os projetos e leis que pudessem atentar contra as tradições do país; assim, a Igreja proporcionou *um verdadeiro equilíbrio*, afastando os perigos que parecessem assolar a humanidade. Através da LEC, os católicos receberam orientações e esclarecimentos sobre: *não prestigiarem com seu voto candidatos infensos à Igreja e contrários às reivindicações dos católicos brasileiros. Assim, seria possível desenvolver um trabalho para um Brasil melhor.*²³⁰

Ao lado da LEC, a AC foi um outro viés de atuação social. Carregando uma forte centralização e hierarquização, a Ação Católica foi uma corrente crítica que, desde o século XIX, se refugiou na esfera particular. Entre a crença pessoal e a manifestação pública abriu-se um fosso, sobretudo, entre os homens. A prática pública da fé ficou apenas para as mulheres e crianças. Diante disso, a organização surgiu almejando estabelecer uma ponte entre esfera privada e pública, entre o domínio do sagrado e do profano. Criou-se uma linha

²³⁰ TONINI, 2003, p.46.

direta entre lar e Igreja, entre Igreja e áreas dessacralizadas.²³¹ Nas grandes cidades construiu-se espaços não religiosos no mundo dos negócios, nas fábricas e no campo intelectual e político em que a AC encontrou seu terreno privilegiado.

Para a formação da Ação foi convocada a aristocracia do laicato que reuniu a base social, a força e os limites da organização. Essa, todavia, subordinou-se à hierarquia eclesiástica. O poder de decisão estava nas mãos do cardeal Dom Sebastião Leme que em 1934 enviou a Pio XI o estatuto da Ação Católica.

Leme propunha uma nova espiritualidade, um novo espírito litúrgico que, através dos jovens leigos organizados no apostolado hierárquico da Igreja, fora e acima dos Partidos, estabeleceria o Reino Universal de Cristo. Isto é, uma nova concepção para as ordens econômicas, sociais e políticas que seguiria sob a direção dos princípios cristãos definidos pela Igreja. Tratava-se da ação da Igreja sobre a sociedade a fim de transformá-la no reino de Cristo. Medidas católicas no âmbito social que tinham como escopo controlar e fortalecer a Igreja.

Com esse fim, a Igreja investiu em uma expansão educacional para defender os princípios católicos e anti-revolucionários e alertar sobre o perigo das doutrinas naturalistas e materialistas. Por meio das associações e da imprensa, a instituição católica construiu uma ponte social e operária com a sociedade, consolidando uma cultura religiosa como base para reformas sociais.

Desse modo, a Ação Católica proporcionou formas de ações, que uniu o público e o privado, o profano e o religioso fora do âmbito estritamente religioso, mas também civil e público, atuando pela mobilização do laicato em organismos tipicamente civis.

Seguindo um modelo centralizado na hierarquia, a AC garantiu para a burocracia eclesiástica, o predomínio e o controle sobre a produção, reprodução e distribuição dos dons da salvação, buscando a mobilização dos leigos católicos por meio dos organismos de massa.²³² Portanto, a partir da ecleseologia do Corpo Místico, criou-se a monopolização-homogeneização das práticas católicas num sistema unificado e hierarquizado.

²³¹ BEOZZO, 1984, p. 322.

²³² FARIAS, 1998, p.144.

Vale dizer que a Igreja através desses instrumentos não chegou a explicitar seus interesses políticos. Nas eleições de 1933, a LEC teve a intenção de garantir representação política da Igreja, porém, a AC queria atingir destinos espirituais e metafísicos do povo brasileiro através do conservadorismo organicista, almejando, no campo religioso, relações que, por transmutação simbólica, naturalizam-se as divisões das classes estruturadas em torno do Estado. Assim, no início dos anos 30, a LEC e AC não se posicionaram politicamente, cambaleando em representações partidárias próprias e em movimentos espirituais antimarxistas.

Como colocou Gramsci comentando o sobre a Ação Católica da Itália - modelo importado pelo Brasil - não era mais a Igreja que determinava o terreno e os meios da luta; ao contrário, ela devia aceitar o terreno que lhe impunha os adversários ou a indiferença e servir-se de armas tomadas de empréstimo ao arsenal de seus adversários. A Igreja, portanto, estava na defensiva, sem autonomia de movimento e iniciativa, não era mais uma força ideológica mundial, mas uma força subalterna.²³³

No Brasil, no início dos anos 30, a Igreja seguiu a linha antiliberal, anticomunista e antimaterialista consolidando o ideal do Estado forte, espiritualista, colaboracionista e corporativista, assegurando o poder da situação. Assim, investiu todas as suas ramificações nos operários, que lhe dariam base para continuar jogando com o Estado.

No mais, a matriz ideológica da ação social católica vinha da Encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII elaborada após a depressão da década de 1870. No fim do XIX e início do XX, o Estado passou a ter uma estrutura mais impositiva sobre a sociedade a partir de sua presença não só na reprodução como também na produção das relações capitalistas. Constituiu-se ou ampliou-se uma tecnocracia que deteve e administrou o saber produzido e acumulado, vinculando-se à racionalização da sociedade. A justiça e a igualdade não mais resultavam da mão invisível do mercado, mas do uso da lei na redistribuição das riquezas acumuladas injustamente. A propriedade privada surgiu como compromisso com a satisfação do bem comum. As massas passaram a ser aceitas no meio político com a ampliação da participação por meio do voto.²³⁴

²³³ GRAMSCI, 1984, p. 280.

²³⁴ FARIAS, 1998, p. 160-170.

Tratava-se de um momento no qual a harmonia social deveria reinar justamente para que a constituição de um Estado forte se consumasse. A massa tendo o poder de voto precisava se encaixar neste esquema e, portanto, sem perder a participação política deveria servir de colaborador pela ordem social. Aí entrava a Igreja com o papel de inferir sobre a cultura popular de forma que se tornasse aliada do Estado, mediador e controlador da sociedade.

Das idéias abordadas pela Encíclica, havia a defesa da Igreja sobre o direito natural de associação, que segundo Leão XIII, foi inequivocamente aplicado ao sindicalismo operário. Assim, segundo o documento, reconhecia-se o direito de organização dos operários para defesa de seus interesses, ressaltando o dever para com os seus patrões, como também, o direito ao justo salário e o caráter humano do trabalho em contraposição ao sentido meramente econômico. No entanto, declarava-se que a propriedade privada era um direito natural e o Estado o zelador da prosperidade pública e privada e o responsável por estabelecer seus limites na relação com a sociedade.

Desse modo, numa reconquista da autonomia na Igreja perdida com o advento da sociedade moderna, a *Rerum Novarum* pregou que para sanar a subversão social seria necessário acabar com a soberania popular colocando todos a serviço do poder de Deus. Incentivou, portanto, uma sociedade sem a liberdade de imprensa e ensino, pautada na unidade, na autoridade e na ordem.

Ao operariado caberia fornecer integralmente e fielmente todo o trabalho a que se comprometeu por contrato leve e conforme a equidade; não devia lesar o seu patrão, nem nos seus bens e nem na sua pessoa; as suas reivindicações deviam ser isentas de violências, e nunca revestirem a forma de seduções. Assim, também deveriam fugir dos homens perversos que, nos seus discursos artificiosos; lhe sugerissem esperanças exageradas e lhe fizessem grandes promessas, as quais, só conduziriam a estéreis pesares e à ruína das fortunas.

A preocupação de Leão XIII, segundo a interpretação de João XXIII, era tanto analisar as novidades no âmbito político ao econômico como, sobretudo, estudar o *Estado e condição dos trabalhadores*. Para João XXIII, o que preocupava, fundamentalmente, Leão XIII era uma situação social em que o povo estava dividido em duas classes de cidadãos: *uma, poderosíssima, detendo todas as riquezas em suas mãos, inclusive a administração da*

*coisa pública; a outra, uma multidão pobre, com a alma dilacerada, sempre pronta para a desordem.*²³⁵

É interessante notar como os sucessores católicos de Leão XIII analisavam a *Rerum Novarum* e como se apropriavam do discurso de forma a reutilizá-lo em outra conjuntura histórica. A impressão passada pela *Rerum Novarum* era realmente de uma busca pela harmonia social e pela justiça social. No entanto, a idéia implícita era de controle social, de doutrinação cristã, de unidade e combate ao Comunismo. A reutilização da RN pelos papas posteriores fez com que se ressaltassem, com a autoridade de uma interpretação, por assim dizer autêntica, os pontos mais essenciais da doutrina pontifícia de Leão XIII. A repetição de certos temas ou pontos doutrinários, por exemplo, sobre a propriedade, a família, a intervenção do Estado, o Capitalismo, o Comunismo e o Socialismo; reafirmou, esclareceu e renovou a posição da doutrina social da Igreja durante várias décadas.

Assim, nas décadas de 20 e 30 do século XX, Pio XI reafirmou diversos valores da RN na Encíclica *Quadragesimo Anno*. Momento histórico de avanço das idéias centralizadoras em grande parte dos países que outrora viviam sob regimes liberais, o autoritarismo(a partir da famosa marcha sobre Roma, de Mussolini), variando de intensidade, alastrou-se pelo mundo. No Brasil, a idéia de centralização do Estado estava em voga sob os ideais autoritários, corporativistas e nacionalistas que não faltavam entre os intelectuais.

Na Igreja, a partir da QA, Pio XI retomou a questão da colaboração de classe da RN, e também, defendeu um Estado mais ativo, autoritário, controlador e organicista com claras tendências fascistas. No âmbito do Trabalho, defendeu a idéia da unidade dos patrões e operários que juntos formariam corpos profissionais por meio de organismos ou corporações que se distinguissem por suas funções sociais. Diante disso, o Estado deveria dirigir a economia pelo princípio da justiça e da moral, até mesmo no internacional.²³⁶

Ainda que sob o espírito fascista, Pio XI propôs como solução para o desequilíbrio social e a introdução do Espírito nas instituições humanas afastando a revolução social. A RN já falava em iniciar a organização do proletariado católico construindo sindicatos

²³⁵ As Encíclicas sociais de João XXIII, 1963, p.83.

²³⁶ FARIAS, 1998, p. 177.

submetidos à doutrina social da Igreja, que deveriam servir de instrumentos reguladores de conflitos entre Capital e Trabalho. Na QA ressaltou-se, sobretudo, um processo de organização operária voltado para a Juventude Operária Católica - JOC - cujo objetivo era buscar apóstolos no meio operário e industrial.

Dentro do próprio Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio havia a influência católica de alguns membros como, por exemplo, Waldemar Falcão que também era da LEC e influente intelectual da Igreja. Ou ainda, no II Congresso dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul, em 1936, com a presença de Rubens Porto, arquiteto interino do Serviço de Engenharia do Conselho Nacional do Trabalho, que declarou publicamente terem os Círculos e a legislação social do governo uma perfeita identidade espiritual e uma clara colaboração.²³⁷

Através das articulações entre ação social católica e Ministério do Trabalho, a proposta cristã de moralização do operariado foi expressiva e aplicada tanto nas atividades da Igreja como na legislação trabalhista nacional. A própria Constituição de 1934 sofreu pressão da LEC para a pluralização sindical e acabou assim, servindo de apoio a Igreja que investiu em uma rede de sindicatos. Rede que, segundo Farias, se fez sobre dois eixos: aproximar-se do operariado, organizando-o nas entidades católicas, de modo que impedisse ou combatesse a presença comunista nessa classe social e em seguida garantir base social para o projeto de aumentar sua influência sobre o Estado.

Assim, no contexto pós 1935, como apontou Jesse Souza, a atuação católica junto ao mundo do trabalho estava marcada pela astúcia e cautela. A Igreja Católica precisava impor-se por intermédio de sua articulação com o Ministro Waldemar Falcão²³⁸, enquanto esse realizava uma grande transformação na administração do órgão, promovendo católicos e dando destaque ao Departamento Nacional do Trabalho. Por sua vez, o Departamento, conforme os postulados da Carta Constitucional de 1937, implementava as diretrizes para reorganizar o sindicalismo e impunha um projeto de cunho corporativo.

Portanto, tratavam-se de articulações entre Igreja e Estado que apesar de não oficiais e travadas de forma consistente, agiam na construção de uma cultura de colaboração de

²³⁷ FARIAS, 1998, p.184.

²³⁸ SOUZA, 2002, p. 211.

classes, de harmonia social e cooperativismo, características fortemente pregadas pela Igreja e viabilizadas pelos Círculos Operários.

As primeiras experiências de Círculos Operários em São Paulo ocorreram no início do século XX, por exemplo, em 1919 com a Federação Operária de Campinas; em 1920, com o Centro Operário Católico de Jundiaí (SP); em 1920, com o Centro Operário de Ribeirão Preto.²³⁹ A partir de 1934, período pós Constituinte, a Igreja avançou para a sindicalização e através da Confederação Católica instalou a Federação das Ligas Católicas Jesus-Maria-José em todas as paróquias com intuito de ajudar o trabalho de sindicalização.

Através de jornais, panfletos, programas de rádio e caravanas, o sindicalismo católico propagava seus ideais ampliando seu campo de atuação e doutrinação. Na imprensa, por exemplo, verificamos o jornal *O Operário*, semanário Católico Popular que era um constante divulgador da doutrina cristã. Em 1934, por exemplo, constatamos diversos artigos de Tristão de Ataíde.

Através de seus artigos, Tristão expressava que se as classes eram os grandes grupos naturais os quais aproximavam as famílias em sua convivência propriamente social e cultural, os sindicatos ou corporações eram os pequenos grupos contratuais que aproximavam os indivíduos em sua atividade profissional. Assim, o sindicalismo era toda a ordem social cristã. O que distinguiria nitidamente o sindicalismo cristão era que nele se manifestava a subordinação natural da ordem da natureza à ordem da graça. Do mesmo modo que a família cristã era uma união biológica sacramentada pela sua ordenação à vida sobrenatural, assim também, o sindicato cristão era uma união profissional cuja finalidade econômica imediata se harmonizava naturalmente com outra, espiritual e mediata. Por isso, os sindicatos profissionais não deveriam - fossem operários ou patronais - serem neutros religiosamente.

Portanto, para Tristão de Ataíde, o sindicalismo era a cristalização profissional das classes. A harmonia social se obtinha não pela luta e sim pela colaboração que se processaria por meio do acionato do trabalho, da participação dos lucros e dos conselhos técnicos operários que cooperassem na administração pública e privada. Não obstante, essa

²³⁹ FARIAS, 1998, p. 185.

estrutura social de colaboração de classes era muito delicada e só poderia ser atuado pela intervenção direta do Estado, elemento capital da sociedade.²⁴⁰

Assim, nos anos 30, o mundo do trabalho foi um precioso alvo para os integralistas e para a Igreja que investiram doutrinariamente sobre os operários. Numa proposta de reforma social cristã, a Igreja estabeleceu em nome da harmonia social uma relação com a massa em espaços públicos e profanos, agindo em associações, indústrias, círculos operários e nas famílias buscando criar uma cultura organicista conservadora e atrelada ao Estado. Paralelamente, através de caravanas e desfiles, o Integralismo agia nos espaços públicos afirmando de forma simbólica uma cultura fascista e intervia nas organizações operárias arregimentando militantes para a AIB.

Não obstante, como afirma Sandra Deutsch, apesar de ser comum entre a Igreja e o Integralismo a pregação do sentimento anticomunista, a primeira defendia a idéia de um combate pela paz, pela constituição e pela doutrinação católica, e o segundo, pela revolução através do confronto armado.²⁴¹ Assim, o conservadorismo católico distanciava o Sigma uma vez que se afirmava contra o centralismo e o radicalismo integralista.

Desse modo, ainda que ambos defendessem o Estado forte, o corporativismo e o Anticomunismo, através das investigações da ação do Sigma no meio operário paulista, não acreditamos que a Igreja e o Integralismo paulista agiram juntos nos anos 30. Vale dizer, que a LEC deixava claro o apartidarismo da Igreja em um período em que a AIB era um Partido. E como coloca Deutsch, apesar de certa afinidade entre Igreja e Integralismo, este era receoso com a possibilidade de uma união entre o Estado e a Igreja.²⁴²

Diante disso, como explicamos a ação do chefe integralista de Rio Claro (SP) na instituição católica no final dos anos 30 e início dos 40?

²⁴⁰ *O Operário*. 22/07/34, no 854, ano XXI, P. 3. AEL/ UNICAMP.

²⁴¹ DEUTSCH, 1999, p. 298.

²⁴² DEUTSCH, 1999, p. 294.

3.3) Ponto de confluência: a relação entre a Ação Social Cristã e a Ação Social Integralista.

Para Margareth Willians entre 1932-1937, nunca houve uma relação entre Igreja e Integralismo de forma oficial uma vez que a instituição católica não apoiava a idéia de um Partido nacional defendido pelo movimento do Sigma. Segundo a autora, no Brasil, diferente dos outros países da América Latina que tiveram movimentos de direita, fez-se o maior Partido fascista. De forma semelhante ao Chile, Argentina, Uruguai e Peru, a AIB também combateu o Liberalismo e o Socialismo e foi um movimento de classe média.²⁴³

Para Willians, a relação entre Igreja e Sigma se deu de forma espontânea e natural, isto é, na ação política um e outro se usavam para compartilhar e distinguir os fins políticos. Entretanto, o Integralismo utilizava-se livremente da linguagem e da liturgia do catolicismo para servir-se da aura da legitimidade para sua própria ação. Segundo Williams, para Plínio Salgado a AIB significou ser a repercussão do catolicismo no plano político. O Estado Integral deveria orientar e liderar a Nação em conformidade com as leis de Jesus Cristo.

Assim, a autora, diferindo o Integralismo de outros movimentos da extrema direita, afirma que este tinha diversas afinidades ideológicas com a Igreja o que fez com que se desse uma relação política entre os dois movimentos de forma espontânea, não oficial e solidária. Não apenas tinham afinidades ideológicas, mas também cooperavam entre si para um fim incerto. Existia, e isso era explícito, uma simpatia entre os dois movimentos, mas, ao mesmo tempo, que Dom Sebastião Leme expressava satisfação ao braço político do Integralismo, invocava também a neutralidade da Ação Católica.

A Igreja era contra a idéia de Partido único e queria manter-se superior as instituições políticas, no entanto, ao mesmo tempo mostrava-se simpática ao movimento do Sigma, principalmente, pelo fato de que os integralistas tinham muita afinidade com o ideal de reforma cristã proposta nos anos 30, momento de grande ascensão do Partido. A Igreja queria atingir a massa e a AIB podia ajudá-la uma vez que continuasse propagando a moralização espiritual através de bases filosóficas cristãs. Um servia de mão para o outro no jogo do poder político e cultural da época.

²⁴³ WILLIAMS, agosto 1974, p. 431-451.

Por outro lado, Oscar Lustosa colocou que a ideologia do Sigma - complexa e variada na apresentação do seu programa doutrinal, invocando sempre uma semelhança marcante com os princípios do Evangelho, apelando para a coincidência ou, até mesmo, identificação de seus ensinamentos com a orientação social da Igreja - deixava hesitantes muitos membros da hierarquia católica. Acenava sedutoramente para o idealismo do jovem clero e se impunha, como tábua de salvação, ao grande número de católicos que, privados de espírito crítico, pensavam o catolicismo em termos de dominação completa sobre os quadros sociais, políticos e culturais brasileiros e viam na organização fascista a reação mais adequada e eficiente contra as infiltrações comunistas.²⁴⁴

Assim, para Lustosa, no plano dos *princípios*, era notório o empenho da Igreja em conservar-se fiel ao ensinamento comum de não se pronunciar, aprovando ou reprovando formas de governo ou sistemas políticos, exceto os que eram ostensivamente anti-religiosos. Na *prática*, os comportamentos concretos da Igreja frente aos movimentos e regimes políticos eram pautados pelos usos e costumes da política eclesiástica que variavam de acordo com as situações concretas. Sem esquecer que a comunidade eclesial não era um simples organismo humano e social, era normal, entretanto, que neste setor despontassem divergências entre homens da Igreja, às vezes até com agudeza. E, por mais bem intencionados que eles fossem, podia-se insinuar em suas táticas, um pragmatismo discutível.²⁴⁵

Do ponto de vista do autor, existiam três grandes fatores que ajudaram a entender a irradiação das idéias do Sigma no meio católico no nível do clero e dos leigos. Primeiro, *o nível de consciência crítica dos católicos, incluindo o clero, não atingia um grau de lucidez suficiente para ver, com clareza, as ambigüidades e os perigos do Integralismo. Não houve estudos aprofundados por parte dos católicos não integralistas sobre o Integralismo. Além do mais, o religioso e o político se embaralhavam, completamente, nos espíritos dos católicos camisas verdes.*²⁴⁶

²⁴⁴ LUSTOSA, 1976, p. 513.

²⁴⁵ Idem, p. 527.

²⁴⁶ LUSTOSA, 1976, p. 529.

Outro fator seria a "indústria" anticomunista, *habilmente manipulada e explorada pelos ativistas plinianos para aliciar a consciência ingênua de muitos. Em tal conjuntura, uma campanha anticomunista, feita na base do slogan - Deus, Pátria e Família - encontraria ressonância favorável e teria, a seu favor, a ausência de outras organizações, a fraqueza da própria Igreja em termos de conscientização e coordenação e a complacência oportunista do governo que manobrava a AIB em vista de seus interesses.*²⁴⁷

Por último, o caráter moralista e sentimental dominante no catolicismo brasileiro. Apesar de sustentar a necessidade da formação da consciência nacional através de um longo trabalho de esclarecimento e doutrinação, predominou, na realidade, o recurso ao instintivo, ao emocional e ao não-racional nas adesões em massa à AIB. O discurso moralista e sentimental tanto pregado pela Igreja como pelos discursos plinianos serviram de *link* entre o Sigma e a Cruz.

Quanto à falta de consciência dos católicos, consideramos arriscado demais colocar estas conclusões diante de tantas ações da Igreja no âmbito social no mesmo período que se fazia propaganda, organizações, círculos, conferências em que constantemente se deixava claro qual seria o posicionamento da Igreja diante da política nacional. Acreditamos que esse raciocínio despreza a ação católica como super valoriza a ação integralista, colocando esta como a mais ardilosa e competente. Que a Igreja defendia a liberdade de escolha e, portanto, não impunha aos católicos a adesão ou não ao Integralismo pode ser possível, mas a doutrinação católica, que não era fraca, deixava claro quais eram os seus princípios e suas verdades. Verdades semelhantes a dos camisas verdes que também seguiam princípios cristãos.

Já o Anticomunismo era uma *indústria* forte e realmente servia de causa para uma nova sociedade, para um novo governo e para uma nova política nacional. Todavia, não por simples ingenuidade, mas devido à cultura do "inimigo objetivo" construída internacionalmente em cima do "perigo vermelho" que era utilizada tanto pela Igreja como pelo Integralismo.

Quanto ao sentimentalismo e a moralidade, realmente estes dois elementos eram intensamente utilizados pelo Sigma, principalmente pelo Chefe Nacional. Como colocou

²⁴⁷ LUSTOSA, 1976, p. 530.

Marilena Chauí, o discurso de Salgado era vitorioso na persuasão, pois, ao mesmo tempo, que se gabava de apoio científico, também se utilizava à linguagem religiosa de pregador inflamado reforçando os sentimentos (*ou melhor, os ressetimentos*) de seu ouvinte ou leitor. Assim, oscilando entre a demonstração e a pregação, o pensamento de Plínio Salgado tinha grande poder mobilizador.²⁴⁸

Diante das considerações de Lustosa e Williams apostamos que não podemos considerar apenas um viés de ligação entre o Integralismo e os católicos, pois existiram diversos fatores políticos, doutrinários, ideológicos e culturais que aproximaram os dois movimentos. Vale ressaltar, que tanto do lado da Igreja como do lado do Integralismo as estruturas se abriam ou se fechavam para as possíveis relações conforme interesses particulares e os momentos políticos.

Assim, acreditamos que o grande caminho que levou as duas correntes entrarem em sintonia, foi a investida da Igreja Católica no campo social. Isto é, na reforma social cristã de moralização das massas através da sindicalização católica e da aplicação do corporativismo à luz das Encíclicas *Rerum Novarum* de Leão XIII e *Quadragesimmo Anno* de Pio XI.

Entretanto, em que momento histórico isso ocorreu? E de que forma?

Através do semanário católico *O Operário*, constatamos que no ano de 1934, em artigo intitulado *Nota Política*, a Igreja destacou a organização dos trabalhadores em sindicatos e corporações para fazer valer a justiça social, impedindo a exploração dos fracos pelos fortes e fazendo com que as capacidades comprovadas pudessem emergir do seu nível normal e alcançar situações superiores, contrariamente ao que aconteceria ao filho de um operário que necessariamente seguiria a árdua profissão paterna. Desse modo, a Igreja propõe organizar a sociedade sob novos moldes extirpando a monstruosidade do sufrágio universal e eliminando a sujeira dos Partidos políticos que se devoravam para disputar postos administrativos do Estado.²⁴⁹

Os temas, sindicalização e Sufrágio Universal, expressos no artigo, também eram recorrentes nos discursos dos líderes integralistas que apostavam nas corporações como

²⁴⁸ CHAUI, 1978, p. 42.

²⁴⁹ *O Operário*. 26/08/34, no 859, ano XXI, p. 1.

meio de formação social profissional e eram contra a disputa partidária, tratando-a como repleta de conchavos.²⁵⁰

Portanto, através da ação sindical, constatamos que de fato, diversos ideais foram comuns nos discursos oficiais do Integralismo e da Igreja. Assim, concluímos que existiu uma afinidade entre as duas correntes quanto à espiritualização e a moralização das organizações profissionais tendo como público alvo os operários.

Gustavo Barroso, por exemplo, em 1937, no artigo *Corporação obrigatória e sindicalização livre* publicado no jornal integralista *A Offensiva*, escreveu que o Estado Integral respeitaria a liberdade e a dignidade da pessoa humana uma vez que na boa doutrina da Igreja, que estava sempre com a eterna verdade, o Estado era simplesmente uma pessoa moral formada de individualidades distintas, mas unificadas num todo. Contudo, para ele, esta unificação não poderia ir de encontro à diversidade natural, pois que o universo e tudo o que contém eram sempre diversidade na unidade. Não se poderia tirar a distinção substancial das individualidades e, por isso, o Estado estaria sujeito às mesmas regras e leis morais que os indivíduos. Sua personalidade não demandaria do Direito Positivo, mas do direito natural. Assim, o Estado Integral não poderia ser entendido fora dos fundamentos cristãos. Eram eles que, justamente, iriam caracterizar o Estado Integral face ao Estado Totalitário que o Integralismo combatia.

Desse modo, pela lógica de Barroso, a tendência de se agrupar para realizar o bem comum particular seria absolutamente legítima. O Estado não poderia contrariar tendências de grupos, desde que eles se destinassem ao auxílio, a colaboração, a assistência e ao apostolado. Diante disso, certamente os operários teriam o direito de se unir em associações para defenderem seus interesses. A Igreja, por sua vez, lhes favorecia, pois estariam de acordo com as exigências da natureza.²⁵¹

Assim, em outro artigo *Sindicalização de todas as cores*, também no jornal *A Offensiva*, Gustavo Barroso após classificar o sindicalismo moderno em quatro tipos: sindicalização revolucionária, reformista, católica e amarela, colocou o sindicalismo integral como não se encaixando em nenhum, classificando-o como moldura indestrutível e

²⁵⁰ SALGADO, 1982.

²⁵¹ *A Offensiva*. 10/01/37, no 384, ano IV, p. 1. APRC.

eterna dos princípios cristãos.²⁵² Aqui vale ressaltar, que Barroso relacionou o ideal sindicalista dos camisas verdes como sendo pautado nos princípios cristãos, principalmente, na questão defendida pelas Encíclicas RN e QA de direito natural de associação.

De fato, através dos discursos dos líderes intelectuais do Sigma, constatamos algumas afinidades teóricas entre os princípios sindicais cristãos e integralistas. Contudo, vale ressaltar que, além de se tratar de uma publicação oficial do alto escalão do Partido, não se afirmaram práticas sindicais conjuntas entre católicos e camisas verdes no início dos anos 30.

Do mesmo modo, vale colocar que se tratando de uma análise regional, as dinâmicas políticas e culturais locais eram diversificadas, heterogêneas e por isso não podem ser consideradas de forma homogênea e única. Assim, avaliar as relações entre Igreja e Integralismo, além de pedir um intenso estudo no âmbito teórico das duas doutrinas, também necessita de um exame cuidadoso das variantes locais, pessoais e cotidianas dos integralistas e católicos paulistas.

Tanto a historiografia, como a documentação confirmou que nos anos 30 havia uma afinidade ideológica entre integralistas e doutrinas cristãs, sobretudo, quanto a reforma social através das associações e sindicatos operários. Não obstante, quanto as práticas políticas, muito ainda se pode investigar, principalmente, no período pós-1937.

3.4) Ligações 'perigosas' no pós-1937: as relações entre Igreja e Sigma no Estado de São Paulo.

Se no período anterior a 1937, a partir dos discursos dos líderes intelectuais do Sigma, verificamos diversas referências ao sindicalismo cristão, por outro lado, nas amostras empíricas da prática política das AIBs paulistas, as ligações entre Igreja e Sigma, na maioria das vezes, apareceram depois de 1937.

Dentre os casos paulistas analisados, na cidade de Agudos (região de Bauru), constatamos que padres e camisas verdes agiam juntos politicamente. Em 1936, o movimento integralista local propagava seu ideal sem repressão policial e possuía cerca de

²⁵² A *Offensiva*. 24/01/37, no 396, ano IV, p. 9. APRC.

134 eleitores, contra 611 do Partido Constitucionalista e 365 do Partido Republicano Paulista.²⁵³

Nos anos 40, a cidade foi sede da remoção de diversos marítimos italianos, que ao lado dos integralistas, divulgaram a ideologia fascista. Segundo relatos policiais, o grande centro de irradiação de idéias do Sigma foi o Colégio São Paulo de Agudos através da figura do padre e prefeito João Batista de Aquino e do professor Mamante Torres.²⁵⁴

João Batista além de padre e prefeito de Agudos, também era diretor e proprietário do Colégio São Paulo. Pregava o Integralismo na região de Bauru (SP) e Botucatu (SP) e foi o grande líder o fundador da AIB da cidade. Em 1943, foi afastado do cargo de diretor do colégio por falsificação de documentos, no entanto, manteve-se prefeito passando o cargo para o professor de matemática Mamante Torres.

Segundo o DEOPS, o Colégio São Paulo era um centro de doutrinação integralista com diversos professores seguidores do credo, que incitavam os jovens a aderirem ao Sigma junto com os italianos fascistas. Segundo a polícia, após assumir o cargo de diretor, Mamante Torres admitiu diversos italianos presos e instalados no interior paulista para lecionarem no colégio e assim, propagarem ideais totalitários.

Além dos italianos e dos professores integralistas, Mamante Torres também contratou militares, como, por exemplo, Marinho, o sargento reformado da Força Armada Policial, que como seguidor do Sigma foi designado para ensinar ginástica e instrução militar aos alunos.

Diante das atividades políticas do Sigma dentro do colégio, a comunidade de Agudos pressionou para que o prefeito Aquino tomasse providências e afastasse Mamante Torres do cargo. Todavia, a estrutura de coordenação do colégio continuou a mesma e o padre Aquino não agiu contra a pregação do Sigma no âmbito escolar, demonstrando seu poder cultural local, ainda que conivente com o ideário extremista de direita.

O curioso é que nesse momento histórico, o Brasil tinha se posicionado contra os países do Eixo e, portanto, a postura política nacional já era de repúdio aos governos totalitários e fascistas. Mesmo assim, diante desse contexto, o tal padre Aquino, prefeito e

²⁵³ Prontuário 585. DEOPS/AESP.

²⁵⁴ Relatório de Investigação. Dossiê 24 z 2. DEOPS/AESP.

integralista, continuou pregando o ideário extremista e ignorando as autoridades que fossem contra o Sigma. Constatamos, por exemplo, no ano de 1943, a acusação do funcionário da coletoria estadual, Romeu Ceroni, que ao passar na cidade de Agudos a trabalho, foi insultado pelos alunos do Colégio São Paulo que fizeram apologias ao credo totalitário guiados por Mamante e Aquino.²⁵⁵ O caso foi parar ao Superintendente de Ordem e Política e Social que recebeu uma carta do prefeito Aquino o qual se defendeu afirmando ter sido vítima das falsas acusações de Ceroni.²⁵⁶ Tanto Ceroni como²⁵⁷ Aquino foram ouvidos pelo delegado de Agudos que aceitou as justificativas do prefeito afirmando ser sem fundamentos as acusações do funcionário público Romeu Ceroni.

A partir desse caso, verificamos que, mesmo após o fechamento da AIB, os ideais integralistas continuaram sendo propagados pelas autoridades políticas locais e pela Igreja católica. Assim, diferente de um camisa verde pregando o sindicalismo cristão ou um católico o sindicalismo integral, nos anos 40, verificamos, na cidade de Agudos a relação entre Igreja e Sigma através de religiosos católicos, prefeito, imigrantes italianos, integralistas, fascistas e educadores que agiram juntos no espaço escolar. Através desses indícios, concluímos que no seu cotidiano a trama entre católicos, integralistas e fascistas era muito mais abrangente, heterogênea e complexa do que imaginamos.

Dessa forma, seria extremamente arriscado afirmarmos um perfil para a prática dessas relações. Talvez ideologicamente e filosoficamente possa a ver diretrizes de uma concepção comum, porém, na prática a realidade era mais emaranhada e incerta.

Segundo análise de Fábio Bertonha, o clero e os missionários italianos no Brasil nunca se submeteram totalmente ao fascismo, por outro lado, ao examinar a documentação, podemos perceber que realmente houve uma colaboração por parte dos padres e missionários italianos em difundir uma imagem pró-fascista entre católicos de origem italiana e também brasileira. Entre a Igreja brasileira e o fascismo a relação também existia.

²⁵⁵ *Memorial de Romeu Ceroni para o Superintendente de Ordem Política e Social*. Dossiê 24 z 2. DEOPS/AESP.

²⁵⁶ *Ofício de João Batista de Aquino, prefeito de Agudos ao Superintendente de Ordem Política e Social*. Agudos, 10 maio de 1943. Dossiê 24 z 2. DEOPS/AESP.

²⁵⁷ *Ofício do delegado de Agudos para o Delegado Auxiliar de Ordem Política e Social*. Agudos, 29/05/45. Pront. 44920. DEOPS/AESP.

No Congresso Eucarístico de Belo Horizonte de 1936, por exemplo, vários dos mais importantes prelados brasileiros (como o Núncio Apostólico Aloísio Masella, o Legado Pontifício Cardeal Leme e os arcebispos de Cuiabá, D. Francisco Aquino Correa e de Porto Alegre, D. João Becker) manifestaram seu apreço pelo fascismo, suas obras e pela expansão do catolicismo que ele estaria promovendo na África.

Como aponta Bertonha, o baixo clero também era muito próximo às organizações do fascismo italiano no Brasil, especialmente durante o período em que a assinatura do Tratado de Latrão aproximou, de maneira notável, católicos e fascistas. Houve, por exemplo, viajantes fascistas bem recebidos pelos párocos de pequenas cidades do interior do Brasil.

Com referência aos anos 40, Bertonha assinala que há sinais de que os católicos ficaram desgostosos com os rumos do governo fascista na segunda metade dos anos 30 e, especialmente, com a aliança com a "pagã" Alemanha nazista e as leis raciais de 1938. Mesmo assim, para o autor, o apoio dos católicos brasileiros ao fascismo foi, obviamente com altos e baixos, chave para a sua difusão no país, ao dar a ele uma aura de respeitabilidade e mais facilidade para ser aceito numa nação de maioria católica como o Brasil.²⁵⁸

Portanto, há evidências de que padres brasileiros apoiavam o fascismo e divulgavam o Integralismo nos anos 40. Possivelmente, fazia parte de uma resistência propagandística e doutrinária dos católicos que divulgavam o pensamento de extrema direita na sociedade. Desse modo, acreditamos que um dos atores sociais que colaboraram para o ideário integralista persistir, mesmo após o fechamento da AIB, foi o baixo clero, isto é, os padres. É interessante ressaltar que, na cidade de Agudos, o alvo de doutrinação foi um ambiente escolar, com grande concentração de jovens, público preferido do Sigma e das Juventudes católicas.

A combinação Igreja - Integralismo - Jovem foi realmente uma mistura que deu certo tanto na doutrina social da Igreja como na ação Integralista. Na cidade paulista de Jundiaí (SP), por exemplo, os jovens católicos foram os grandes eleitores para as eleições de 1955. Através de um manifesto apartidário dos estudantes jundiaenses em prol da

²⁵⁸ BERTONHA, 1997, p.45.

candidatura Plínio Salgado, constatamos as assinaturas de diversos estudantes secundaristas que promoveram Salgado para presidência da República uma vez que era o candidato que reunia maiores possibilidades de um governo: *honesto, patriótico, nacionalista em sentido sadio e construtivo, transformador e propugnador da decência político administrativa.*²⁵⁹

Entre os motivos citados pelos estudantes destacamos:

*(...) porque Plínio Salgado é um grande líder cristão e popular que melhor pensa pela juventude e pela mocidade, sendo o seu nobre ideal fazer dos jovens e dos moços de hoje, os líderes que deverão servir a Nação nos dias de amanhã. (...) porque se bate e se tem batido há mais de 20 anos pelo maior problema do Brasil que é a cultura. E quando falamos em cultura compreendemos a educação, os estudos e o preparo físico.*²⁶⁰

Assim, através do manifesto, verificamos que a Igreja e o Integralismo, de certa forma, estavam agindo juntos no âmbito cultural desenvolvendo uma filosofia baseada nos princípios políticos da direita, nos princípios morais cristãos e na ideologia integralista, isto é, fascista brasileira. No Integralismo da cidade de Jundiaí (SP), essa estratégia política e cultural foi desenvolvida durante os anos 30 com a AIB como Partido, nos anos 40, com o auxílio da Igreja e por fim, nos anos 50, pelo o PRP e com o apoio dos jovens católicos.

Através de entrevistas com cidadãos de Jundiaí (SP) e fotos apreendidas pela polícia política²⁶¹, constatamos que a presença católica no Sigma se fez desde o seu nascimento, tendo sido fundado por um bispo local. Outra evidência de que Igreja e Integralismo agiam juntos em Jundiaí (SP), foi, em 1935, através da carta do Partido Socialista Brasileiro de SP confiscada pelo DEOPS, que registrou o conflito entre socialistas, maçons e integralistas da cidade:

Sempre que ocorrer o boato duma concentração integralista voceis devem imediatamente mandar soltar boletins pedindo a concentração de todos os socialistas,

²⁵⁹ *Manifesto dos estudantes da Escola Anchieta, Gínasio Rosa, Instituto Educação da cidade de Jundiaí.* Jundiaí, 23/09/1955. **FPS/APRC.**

²⁶⁰ *Idem.*

²⁶¹ Dossiê 24 z 5 4. **DEOPS/AESP.**

*sindicatos e operários amparados, tanto quanto possível, pelas lojas maçônicas dessa cidade numa frente única. E si necessário pau, nos armemos de pau e voceis façam o mesmo si apesar disso, eles se concentram então faça ronear todas as armas disponíveis. Não esqueça por isso recomendar a todos os operários e socialistas para que guardem com carinho as suas armas seja o que for, faca, revólver, carabina, etc. Corresponda-se continuamente com o Partido.*²⁶²

Portanto, o fato do Partido Socialista e das Lojas Maçônicas se organizarem juntos contra o Integralismo além de sugerir o quanto este era forte localmente, também traz indicações das ligações do movimento do Sigma com os católicos locais uma vez que esses eram os principais rivais dos maçons nos anos 30 e 40.

Outro fator que marca esta rivalidade é o fato de que em 1934, segundo o jornal católico *O Operário*, o sindicalismo católico estava em pleno vigor na cidade de Jundiaí (SP).²⁶³ Assim, socialistas e católicos disputavam o meio operário para as suas fileiras ideológicas e, conseqüentemente, como o Integralismo era fortemente ligado com os católicos, o Sigma era um dos braços políticos da Igreja no sindicalismo e na luta contra o socialismo local.

Como citou Farias, a campanha de sindicalização católica incluía as visitas das várias associações pertencentes a esse credo. Em uma dessas visitas, no início dos anos 30, Benedito Vaz, membro destacado da Juventude Operária Católica, em artigo intitulado *O Operário em Marcha*, escreveu que os heróicos operários de Jundiaí (SP), no firme desejo de reagir contra o elemento vermelho que monopolizava os sindicatos, romperam contra a onda bolchevista, dispostos a erigir o sindicato católico.²⁶⁴

Evidência de que, possivelmente, nos anos 30 e 40, a reforma social cristã foi uma ponte entre o Integralismo e a Igreja. Suspeita que confirmamos a partir da investigação do movimento do Sigma na cidade de Rio Claro (SP) no período posterior à decretação do Estado Novo.

²⁶² *Carta do Partido Socialista Brasileiro de São Paulo para José de Abreu*. SP, 1/03/35. Pront. 581 vol 1. DEOPS/AESP.

²⁶³ *O Operário*. 23/09/34, no 863, ano XXI, p. 1. AEL/UNICAMP.

²⁶⁴ FARIAS, 1998, p. 186.

3.5) Camisas e blusas verdes no caminho de Cristo: a ação dos integralistas de Rio Claro (SP) na Ação Católica.

A cidade de Rio Claro (SP) sempre foi palco de intensas atividades da Igreja Católica que era muito atuante no meio social local. A grande figura católica era o Monsenhor Francisco Botti. De nacionalidade Italiana, natural de Perdefumo, província de Salerno, tornou-se padre pela ordem dos Redentoristas pela Igreja italiana de Santo Afonso de Liguório. Veio para o Brasil em 1891 atuando em diversas paróquias brasileiras nas quais como vigário foi responsável pelas construções das matrizes. Em 1907, chegou em Rio Claro (SP) e iniciou a organização das Irmandades e associações alcançando o número de 30 grupos. Tornou-se, assim, o grande missionário da Eucarística numa empreitada católica que definiu os rumos da Igreja na cidade.

Em 1909, foi elevado a Cônego. A partir de então, voltou-se ao campo educacional trazendo as irmãs Coração de Maria para instalarem a Escola Normal de Rio Claro (SP). Dirigiu a construção da Matriz local e também do Asilo São Vicente. Recebeu o título de Camareiro Secreto de S.S. do Papa e em 1923 de Monsenhor. Em 1929, trouxe os Rers. Pdes da Congregação dos Stigmatinos e montou os Seminários de Santa Cruz. Em 1939 com a vinda das apostolares Irmãs de Jesus crucificado, fundou a Casa de Nossa Senhora.²⁶⁵

Portanto, Monsenhor Botti foi o grande construtor e propagador da ordem católica na cidade de Rio Claro (SP). Desde a construção da matriz até a organização de associações, o Monsenhor foi responsável pela instauração e manutenção da religiosidade cristã na sociedade rio-claresense. Vale dizer, que essa imagem foi intensamente louvada pelas principais imprensas locais que, constantemente, faziam elogios e homenagens à pessoa e às ações do Monsenhor Botti. Era um ator social respeitado pelas diversas camadas sociais e políticas rio-clarenses, mantendo a cultura católica sob respeito social quase que de forma hegemônica.

²⁶⁵ *Cidade de Rio Claro (SP)*. 9/09/39, no 1425, ano VI, p. 16. **APRC**.

Para os integralistas, a figura do Monsenhor Botti era de um homem forte que cumpria bem com a função de propagação católica atrelado ao poder social e político. Assim, nas palavras do integralista Jairo Pimentel:

(...) alto e forte, volumoso e sangüíneo, manso e gestos, rosto redondo e sorridente, era assim o saudoso Monsenhor Francisco Botti, o padre Botti dos rioclarenses. Por mais de cinqüenta anos o bom padre e o bom pastor pastoreou o seu rebanho, com simplicidade e seriedade, sem querer transformar as coisas da criação e modificar a evangelização evangélica. Para avaliar o quanto era estimado, quando da morte do saudoso e ilustre pastor Teodoro Koelle, a pedido deste o féretro passou em frente à casa paroquial que se situava na avenida 1, dando um volta enorme em seu trajeto. Da sacada, Padre Botti rezou para a alma daquele que era seu oposto religiosamente, mas, tão grande pastor quanto ele e ambos seguidores de Cristo.²⁶⁶

Segundo a visão do integralista Jairo Pimentel, Monsenhor Botti era a própria imagem da moral cristã e da divindade católica. Acima de qualquer religião, agia em nome de Cristo. Cumpriu sua função de homem de Cristo fazendo das palavras seus atos e assim a sua própria imagem. Apesar de ser um forte sujeito de modificações sociais e certamente de influência na política local, ainda sim foi colocado por Jairo como um religioso que vivia para passar a palavra de Cristo, bondosamente e saudosamente.

Todavia, por trás da imagem construída pelo integralista, Monsenhor Botti coordenava toda uma estrutura de reforma cristã em Rio Claro (SP) sob orientação da Ação Católica, doutrinando a sociedade e, principalmente, os operários. Até 1938, A Liga Jesus-Maria-José, que prestava como meio de doutrinação do sindicalismo católico e foi presidida pelo líder do Sigma Pimentel Jr, ficou nas mãos do Monsenhor Botti. A circulação da revista *Vida* também se dava sob o comando do Monsenhor e sob a influência junto à hierarquia eclesiástica, possibilitando uma cultura rio-clarense voltada para a ordem cristã da Ação Católica em voga nos anos 30.

Por outro lado, a influência dos integralistas no meio católico não foi intensa por toda a década de 30. Investigando as atividades das organizações católicas de 1932 até

²⁶⁶ Pequenas Crônicas Rio clarenses publicadas no Diário de Rio Claro (SP). p. 108. **APRC**.

1938 publicadas nos jornais locais, não verificamos a ação de integralistas nos órgãos católicos. Nem blusas verdes e nem camisas verdes coordenaram alguma ação católica fosse ela: liga, festa ou associação. Salve uma exceção em maio de 1936, por conta do mês de Maria, a blusa verde Myrthes Pimentel que fez parte da organização da festividade promovida pela União das Filhas de Maria.²⁶⁷

Não obstante, acreditamos que de alguma forma os seguidores do Sigma participavam das cerimônias católicas. No ano de 1936, por exemplo, constatamos a homenagem da AIB ao Bispo D. Francisco de Campos Barreto com a conferência do chefe provincial, sendo punidos os integralistas ausentes.²⁶⁸ Portanto, tratava-se de uma atividade do núcleo do Sigma que demonstrava afinidades com as autoridades católicas em nível institucional uma vez que foi uma cerimônia católica com a mesma disciplina de uma sessão da AIB.

Assim, no Domingo do dia 25 de outubro de 1936, na Semana da Asa programada pela AIB, verificamos a homenagem ao Bispo Diocesano e a Comunhão dos camisas e blusas verdes católicos em ação de graças pelo bom êxito e magnificência do grande conclave integralista realizado no Rio de Janeiro.²⁶⁹

Diante disso, constatamos que o ritual católico foi utilizado pelos integralistas também como expressão política do Sigma. Foi a utilização do ritual cristão nas ações do Partido da AIB. Ainda que, o artigo destacasse que a comunhão era para os camisas verdes católicos, o fato de publicar uma homenagem ao encontro integralista do Rio de Janeiro sob os ritos cristãos, evidenciou as afinidades entre o catolicismo e o Integralismo, e melhor, comprovou a existência de camisas e blusas verdes católicos e, mesmo os que não eram, contra a Igreja não poderiam ser.

No entanto, em Rio Claro (SP), essas ações foram apenas verificadas a partir de 1936. Antes não encontramos nenhuma referência de ligações entre a Igreja e o Sigma, ou ainda, ações públicas neste sentido. O próprio líder integralista Pimentel Jr que,

²⁶⁷ *Diário de Rio Claro (SP)*. 3/05/36, no 14622, ano L, p. 1. **APRC**.

²⁶⁸ *Boletim de outubro de 1936*. Ata da AIB de Rio Claro (SP). **FPS/APRC**.

²⁶⁹ *Diário de Rio Claro (SP)*. 23/10/36, no 14758, ano L, p. 2. **APRC**.

freqüentemente escrevia nos jornais locais, até meados de 1938, não fez referências à religiosidade. A partir de 1937, o cenário começou a mudar e as estratégias doutrinárias da AIB de Rio Claro (SP) tomaram novos rumos.

Em 1937, aconteceu a primeira interferência integralista nos órgãos católicos através da revista *Vida*, que foi lançada sob direção de Gabriel de Arruda e gerência do integralista Odilon Corrêa e de Manoel Dutra Filho. Odilon Corrêa foi um professor renomado de Rio Claro (SP) nos anos 30 e era um dos membros da AIB. Não fazia parte da coordenação do Partido, mas era um dos poucos professores filiados.

A partir de 1938 - cinco meses após o fechamento da AIB de Rio Claro (SP) - Pimentel Jr assumiu a diretoria da revista e foi eleito presidente da Liga Jesus-Maria-José. Início da ditadura Vargas, os integralistas rio-clarenses mudaram suas estratégias de ação e passaram a agir na imprensa e nos órgãos de doutrinação da Ação Católica.

Nos fins dos anos 30, em Rio Claro (SP), a Liga JMJ e a revista *Vida* eram os dois instrumentos de propaganda da reforma cristã dirigida pela Ação Católica. Portanto, o fato de Pimentel, logo após o fim da AIB, ter se engajado no meio católico nos evidencia que já existia, durante a atuação do Partido, uma segura relação entre Sigma e Igreja, e que apenas não era público provavelmente por razões políticas partidárias, e também porque a Igreja era um grande centro de confluência política dos constitucionalistas, perrepistas, fascistas e integralistas da cidade.

Desse modo, o fato de Pimentel Jr ter entrado como presidente da Liga e diretor da Revista no período Estado novista, portanto, após o fechamento da AIB, demonstra-nos que as relações entre Igreja e Sigma nos anos 30 se davam de forma não oficial.

A partir do caso de Rio Claro (SP), verificamos que não existiram bloqueios entre a Igreja e o Integralismo em se afirmarem como aliados na reforma cristã. Durante o Estado Novo a empreitada da Igreja teria que ser cuidadosa e certa, pois esta buscava o apoio do Estado no projeto católico de recuperação da moral social. Nomear Pimentel Jr para liderar uma revista e uma Liga seria um grande risco para a Igreja caso não confiasse nos seus membros. Assim, dificilmente confiaria um cargo de liderança a um cidadão que não tivesse construído laços de amizade e não correspondesse com os objetivos católicos.

Nesse período, como ressaltou Jessie Souza, a própria legislação trabalhista estava sob influência católica através de figuras políticas como deputado Waldemar Falcão. A

relação entre Igreja e Estado deveria ser cautelosa para que não se tornasse nula. Como apontou Souza, no período Estado novista, a Igreja sacralizou o autoritarismo do Estado com seu apoio cultural.²⁷⁰ Assim, diante da situação de ditadura, com a ação partidária emperrada, os integralistas conduziram suas ações para dentro dos órgãos católicos que ainda mantinham uma certa harmonia com o Estado e possuíam apoio no campo do trabalho.

Em Rio Claro (SP), constatamos que o Sigma buscou ter em mãos, ainda que subordinada à Igreja, uma mobilização social e uma estratégia de ação durante o período ditatorial. Através do livro ata da AIB, verificamos que a ação partidária integralista parou durante o Estado Novo e, que ao término desse, sem nem ao menos começar outro livro ata, iniciaram-se as atividades do Partido de Representação Popular. Portanto, sugerimos, que a passagem da AIB para o PRP foi um processo contínuo e que a interferência de Pimentel Jr nos órgãos católicos foi apenas um período de ação do Sigma de forma apartidária para que a doutrina integralista não caísse no ostracismo. Era estratégico para quem ousava manter a chama viva do ideário integralista, continuar a empreitada de transformação social.

A partir do fechamento da AIB em março de 1938, os escritos publicados por Pimentel Jr mudaram sua ênfase política para uma doutrina filosófica católica. Constatamos, por exemplo, uma série de relatos sobre a filosofia de São Thomas de Aquino. Assim, na justificativa da série que iria ser publicada semanalmente, Pimentel afirmava que *o tomismo veria iluminar, com sua esplêndida sabedoria, os idas trevosos e inquietos que estavam vivendo, na afirmação categórica de que a Idade Média não era o tempo obscurantista ou a época da ignorância e das trevas como diziam os espíritos superficiais, sem cultura e vítimas da bolchevização.*²⁷¹

Para José Pimentel Jr., essa intenção, esse desejo de divulgar a obra majestosa de São Thomas de Aquino, não encerraria até conseguir despertar no espírito dos moços estudiosos e no cérebro dos que se dedicassem aos problemas sociais, culturais e das altas cogitações do sobrenatural, o interesse pelo conhecimento da grande profundidade, sabedoria, presciência, verdade e palpitante atualidade que borbulhava, naturalmente, na

²⁷⁰ SOUZA, 2002, p. 233.

²⁷¹ *Cidade de Rio Claro (SP)*. 1/07/38, no 1101, ano IV, p. 3. **APRC**.

majestosa obra do insigne sábio e são Thomas de Aquino, que escrevera não só para as sua época, mas para todas as idades. Assim, São Thomas de Aquino seria o grande escolástico da Idade Média como o doutrinador e guia perene de todas as épocas e lugares, pois sua filosofia, baseada na verdade eterna do Cristianismo, encerrava os elementos essenciais da Filosofia Perene.²⁷²

A exposição da Teoria Thomista seguiu pelo mês de julho e agosto, divididas em tópicos temáticos, numa tradução acessível ao público leigo. Destacamos, por exemplo, a exposição sobre a metafísica e antropologia envolvendo questões como da união da alma com o corpo e o tema do livre arbítrio. Assim, Pimentel Jr expôs que a liberdade teria seus alicerces no conhecimento intelectual sendo o homem livre na escolha dos bens finitos. Porque, dentre as faculdades distintas da alma, a mais perfeita seria a inteligência, ainda que, sob certos aspectos, lhe devessem vantagens à vontade.

Através dos artigos sobre Aquino, Pimentel Jr. divulgou pelos jornais a idéia defendida pela Igreja de livre arbítrio, de alma e corpo numa só união, e também da erudição. Como ele mesmo explicitou era uma leitura para os jovens e para os moços inteligentes, assim, para uma nova era erudita e católica que formaria a nova sociedade, aquela almejada pelos integralistas. A exposição das teorias de São Thomas de Aquino fazia justamente parte dessa nova fase do Integralismo que era de se apoiar na Igreja para se manter na ação social e continuar pregando os ideais do Sigma sob nova roupagem. A publicação dos artigos de louvação ao São Thomas de Aquino fazia parte da própria ação da Igreja que buscava retomar valores da Idade Média contrapondo a era Moderna.

Em julho de 1938, o Integralismo de Rio Claro (SP) estava num momento de transição política uma vez que, apesar de não ser mais Partido, ainda apostava em uma cultura autoritária e corporativa no meio operário. Desse modo, era estratégico para Pimentel Jr apropriar-se do ideário cristão e divulgá-lo publicamente quatro meses após o fechamento da AIB e um mês antes de se tornar presidente da Liga Jesus-Maria-José.

Assim, em agosto de 1938 - momento internacional em que ocorria o acordo entre Ação Católica e o Partido Fascista italiano - por indicação unânime da diretoria da Liga

²⁷² *Cidade de Rio Claro (SP)*. 1/07/38, no 1101, ano IV, p. 3. **APRC**.

JMJ, José Pimentel Jr ocupou a presidência do referido órgão católico e da revista *Vida* que tornou-se: *uma leitura indispensável e útil à cidade de Rio Claro*.²⁷³

Sobre a Liga Jesus-Maria-José, não encontramos, no Arquivo da Igreja Matriz de Rio Claro (SP), registros de atas ou outros documentos que nos trouxessem informações sobre as atividades da liga. Na historiografia, verificamos que a instalação da Federação das Ligas MJJ nas paróquias auxiliou o trabalho de sindicalização católica.²⁷⁴ Assim, observamos que a Liga era guiada pela Ação Católica e estendia-se até os círculos operários que, por sua vez, também cumpriam com a função de moralização do meio operário.

Através dos jornais locais, verificamos que em 1935 a Liga Católica começou a se chamar Jesus-Maria-José e, até 1938, foi coordenada pelo Monsenhor Botti. Assim, ainda que nessa época, através de convites aos camisas-verdes para reuniões, observemos uma simpatia dos integralistas com a Liga MJJ²⁷⁵, foi apenas a partir de 1938, quando Pimentel Jr assumiu a presidência, que realmente constatamos a ação conjunta do Sigma e da Igreja e um novo perfil da organização católica que ficou mais organizada, hierarquizada e ativa.

Desse modo, em agosto de 1938, o jornal local anunciou que conforme deliberação tomada na última reunião, a partir daquele mês a Liga faria reuniões permanentes que seriam realizadas pela diretoria, sendo obrigatório à presença dos dirigentes, dos prefeitos, vice-prefeitos ou encarregados da prefeitura: *pois as mesmas se referiam a pontos de capital importância para os destinos da Liga Católica*.²⁷⁶ Nas reuniões os prefeitos ou seus encarregados deveriam apresentar os livros de suas prefeituras com a relação dos lingüistas e fornecer as informações que fossem solicitadas, bem como estudar os pontos que deveriam ser debatidos nas reuniões. Caso ocorressem faltas seria ação de indisciplina.

Através do artigo, verificamos que com a entrada de Pimentel Jr. o perfil da liga se tornou muito mais disciplinado e rígido. Coagir os membros à participação através de punições era um discurso também utilizado pelos integralistas dentro das reuniões da AIB. O fato de serem reutilizadas essas medidas dentro da Liga muito tem haver com a própria

²⁷³ *Cidade de Rio Claro (SP)*. 28/08/38, no 1133, ano IV, p. 2. **APRC**.

²⁷⁴ FARIAS, 1998, p. 186.

²⁷⁵ *Boletim de Março de 1937*. Ata do núcleo da AIB de Rio Claro (SP). **FPS/APRC**.

²⁷⁶ *Cidade de Rio Claro (SP)*. 31/08/35 no 1.135, ano IV, p. 3. **APRC**.

cultura autoritária e hierárquica desenvolvida pelos camisas verdes e que a partir de 1938 estava sendo propagada dentro dos órgãos católicos.

Além da composição de uma nova diretoria (José de Mello, 1º secretário; João Prado Júnior, 2º secretário e Fábio Marasca, diretor) que para a Liga significou *mais uma credencial segura que contavam para o bom combate em prol da Santa Madre Igreja com a graça e benção da SS Família*²⁷⁷, começou a ocorrer missas mensais da Liga na Igreja Matriz na qual os prefeitos e lingüistas deveriam desenvolver: *o melhor de seus esforços a fim de que a cerimônia constitísse um verdadeiro marco sinalizador do renascimento esplendoroso da Liga Católica em Rio Claro.*²⁷⁸

Mais do que antes, a Liga se fazia católica. A celebração, por exemplo, de uma missa por mês foi algo iniciado pela diretoria de Pimentel Jr. que nitidamente utilizou os rituais e símbolos da Igreja para a concretização da Liga JMJ enquanto organização. Estratégia também utilizada pelos integralistas através de uniformização, cerimônias e rituais que eram características marcantes dos movimentos de direita.

Assim, em setembro de 1938 os novos membros que ocupavam as prefeituras da cidade de Rio Claro (SP) compondo a rede da Liga JMJ eram: São José - José de Carvalho; São Pedro - Angelo Delosso; São João - Luiz Favaro; São Sebastião - Octavio Barsoti, vice-Raimundo Bonatti; Bom Jesus - Andrehu Correa Bueno, vice - Humberto Zanello; Nossa Senhora Aparecida - Luiz Paes de Oliveira; São Benedito - Antônio de Marchi, vice - Isidoro de Marchi. Algumas prefeituras situadas em áreas rurais estavam sem prefeitos e os cargos referentes ao São Francisco, São Gonçalo, Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora da Boa Morte, Imaculada da Conceição e Menino Jesus estavam dependendo de estudo para as definições das prefeituras.

O quadro de cargos foi determinado pelo presidente que fez questão de reorganizar as cadeiras de prefeitos. Esses, no entanto, não eram integralistas. A intervenção do Sigma

²⁷⁷ Idem. 3/09/38, no 1137, ano IV, p. 2. **APRC**.

²⁷⁸ Idem. 24/09/38, número 1152, ano V, p. 2. **APRC**.

veio apenas a partir do líder local, possivelmente porque a Igreja possuía laços com outras camadas sociais e outras frentes políticas que também almejavam ser privilegiadas.²⁷⁹

Como colocou Farias, ao problematizar a questão do caráter assistencialista do circulismo operário, a Igreja, apoiada no ideal corporativo, integrava o poder dominante na medida em que seus interesses estivessem sendo atendidos, quando isso não ocorria, surgiam confrontos. Assim, ao mesmo tempo, que a Igreja queria aparecer neutra, pela harmonia social, anticlassista, sua proximidade com a burguesia existia e até mesmo se confundiam repleta de relações cordiais durante o Estado Novo.²⁸⁰

Pimentel Jr. era uma figura bastante representativa da classe média baixa e operária rio-clarense, no entanto, havia outros setores da própria classe média como os industriais que eram partidários do Partido Constitucionalista, a elite local e os italianos que, de certa forma, eram aliados à Igreja. Em setembro de 1938, por exemplo, José Castellano, italiano, empresário e pertencente ao fascio local foi o homenageado do número 4 da revista *Vida*. Além de um caráter religioso, a revista também abraçava um perfil sócio-político. Outro exemplo foi o espaço cedido pela Radio Club Rio Claro (SP) (PRF-2), de propriedade de Humberto Cartolano do PC, que desejando cooperar com campanha pró-missões determinada pelo Sumo Pontífice, permitiu que Pimentel Jr irradiasse seu discurso como presidente da Liga.²⁸¹

Nesse período, a ação católica estava cercada de uma rede social e política que clamava por representação institucional. Assim, após a decretação do Estado Novo, a Igreja, dentro das suas limitações, possivelmente, serviu como veículo para diversas camadas sociais agirem no campo social. Vale dizer, que a Igreja tinha muito bem definidas as suas metas e ações que atingiam setores industriais, operários e estudantes, além de investir em uma certa harmonia com o Estado.

Assim, se por um lado a Igreja se posicionava como neutra, mas mantinha relações cordiais com a burguesia, a postura de Pimentel Jr tinha que se encaixar nesse quadro. A

²⁷⁹ Vale colocar que não foi a Igreja que se tornou o Sigma, mas os integralistas rio clarenses que se tornaram membros da Igreja.

²⁸⁰ FARIAS, 1998, p. 235.

²⁸¹ *Cidade de Rio Claro (SP)*. 22/10/38, no 1176, ano V, p. 3. **APRC**.

Liga era um órgão católico subordinado a hierarquia da Igreja e canalizadora de diversas tendências políticas e sociais, por isso é explicável a ausência em massa dos integralistas. No entanto, isso não elimina a possibilidade de ter sido uma estratégia política do Sigma a entrada de Pimentel Jr na presidência da Liga e na diretoria da revista uma vez que, como assinalamos, o perfil destes órgãos mudaram após a entrada de Pimentel Jr assemelhando-se muito com a estrutura da AIB.

Sobre a revista *Vida*, infelizmente não verificamos registros das edições dos anos de 1937 e 1938, salve uma exceção que foi do dia 25 de dezembro de 1938 referente ao número 26 do ano 2. No entanto, é curioso notar, que a partir de 1939 constatamos todos os exemplares até 1945, sendo o exemplar do dia 29 de novembro de 1939 referente ao número 1 do ano 1. Portanto, concluímos, que desde 1937 a revista vinha em uma roupagem e a partir de 1939, criou-se uma outra série da revista com o mesmo nome e com a mesma diretoria, mas com outra gráfica e edição. Sugerimos que essas modificações ocorreram por problemas financeiros uma vez que na edição 26 de 1938 a revista publicou em nota informando que o órgão acumulava uma dívida de 4:855\$000. O fato, porém é que logo no ano seguinte a revista já estava novamente em circulação com formato ampliado e não parou mais até 1945. Desse modo, apesar de constatararmos que nos dois anos a revista serviu-se da publicidade para arrecadar fundos, acreditamos que a partir de 1939, a nova roupagem veio, sobretudo, por financiamentos da Igreja não apenas local, mas talvez de setores regionais e mais amplos que investiram em uma nova forma de propaganda católica.

Na edição de dezembro de 1938, antes da nova roupagem das edições de 1939, observamos um discurso de combate aos movimentos do anti-Cristo. Por exemplo, contra a maçonaria: *O mação não pode ser católico, nem o católico ser mação: a incompatibilidade é radica*²⁸², ou ainda, o texto do integralista Jairo Pimentel: *Cristo e o anti-Cristo*.

Segundo o artigo do integralista, estava se fazendo uma terrível batalha: a do anti-Cristo contra Cristo. Para Jairo, a civilização cristã seria a própria antítese do cristianismo, trabalhada como fora durante séculos pelas forças de desagregação que partiria das sinagogas com os olhos voltados para os Protocolos dos Sábios de Sião e para as sociedades secretas. Diante disso, no auge dessa luta sangrenta e cruel, os governos teriam

²⁸²Frase do Padre Júlio Maria publicado na revista católica *Vida*. 25/12/38, no 26, ano 2. AEL/UNICAMP.

esquecido de que todo o poder viria de Deus e os homens olvidariam os ensinamentos de Cristo, servindo a novos deuses dos quais se destacariam o ouro e as tragédias passionais, crimes, roubos, suicídios, infanticídios, a ignóbil fuga, a maternidade, as lutas de classe, as rivalidades entre governos das nações e a terrível ameaça de uma guerra. Fatores que para Jairo, eram sintomas concludentes da podridão da sociedade, onde todos os valores seriam dolorosamente invertidos. Assim, para o autor, o que mais valeria naqueles dias era o fantoche medíocre de um galã de cinema, do que o mais sábio e o mais justo dos homens; tal seria a mentalidade microfacetada, maior vítima desse anti-Cristo desagregador.

Para Jairo Pimentel, a própria mocidade tinha que ser a reação. O futuro dos povos e das pátrias devia formar-se sob o pátio esplendoroso do Cristianismo e beber os ensinamentos maravilhosos na sublime fonte dos Evangelhos, varrendo os ídolos materialistas dos corações: *Pois, naquele momento da história do Cristianismo, naquele máximo da luta do mal contra o bem, não haveria lugar para dubiedades, ou seja, seria pelo Cristo ou contra Cristo.*²⁸³

Através do artigo, constatamos que Jairo Pimentel atrelou o discurso anti-semita, construído sobre o mito dos Protocolos de Sião, ao Anticomunismo e a luta de classes a fim de demonstrar ao leitor as figuras do anti-Cristo. De um lado estariam os materialistas e de outro os seguidores de Cristo. Em outras palavras, ou se era comunista ou se era Cristão, e se fosse Cristão não poderia ser maçom, judeu, socialista ou liberal.

Assim, enquanto a revista publicava artigos dos integralistas que apontavam os caminhos do anti Cristo, a Igreja ensinava as soluções para a salvação através de notas explicativas sobre a Ação Católica. Em 1938, por exemplo, constatamos o artigo *O que é a Ação Católica*:

É querer a salvação não só para si, mas também para outros, é conseguir que mais cristãos fossem à missa. Levar à Igreja quem andaria afastado de Deus, atrair para o catecismo ou ensinar outros a doutrina, levar ao batismo crianças que por um desleixo dos pais crescessem sem eles, convencer os amarrados e casados pelo civil a se casarem religiosamente. É auxiliar ao vigário nas obras das paróquias, é arrebanhar para as associações católicas o maior número de almas. É trabalhar na difusão de boas leituras,

²⁸³ Revista católica Vida. 25/12/38, no 26, ano 2. AEL/UNICAMP.

*jornais, revistas, almanaques católicos. É arrancar das seitas secretas das associações anti-religiosas e dos centros da perdição as suas miseráveis vítimas. É socorrer com suas posses os necessitados, os enfermos e os agonizantes numa palavra: as obras de caridade. É, finalmente, por qualquer forma evitar que o próximo ofenda a Deus. Isso é em concreto a Ação Católica.*²⁸⁴

Através do artigo, verificamos que, durante o Estado Novo, a Igreja investiu, a partir da AC, fortemente na doutrinação dos católicos para aderirem ao movimento de cristianização em massa e do sindicalismo cristão. Assim, em novembro de 1937, no Congresso Operário Nacional, sob coordenação da Ação Católica, foi defendida a diretriz de que em todos os centros de trabalho do país, deveriam ser fundados os Círculos Operários. Portanto, nesse período, no qual o pluralismo sindical estava definitivamente proibido, ocorreu a grande investida da Igreja católica em espalhar e propagar o circulismo operário e incentivar as JOCs (Juventude Operária Católica).

Segundo Souza, a ação circulista dirigia-se para a assistência social e formativa, a fim de enaltecer uma moral firmada numa ética paternalista, como meio de restaurar a ordem social ameaçada pela ação dos comunistas, que, conforme analisavam os católicos, poderiam se beneficiar da legislação trabalhista proposta pelo governo. Através do discurso anticomunista, o circulismo prestava-se como instrumento de viabilização do projeto de sindicalização do Ministério do Trabalho.²⁸⁵

Desse modo, a questão operária, como expressão da questão social, constituiu-se em uma moeda de troca: a Igreja emprestava seu apoio a “sacralização” do trabalho sem estabelecer qualquer concorrência com o Estado, mas o fazia por meio do circulismo, uma entidade que tinha sua própria estratégia, e por intermédio das acessorias estabelecidas junto ao Ministério do Trabalho com as quais ela poderia influir na própria “essência” do problema, isto é, na elaboração do arcabouço jurídico que enquadrava até o final dos anos 40 a totalidade do mundo do trabalho.²⁸⁶

²⁸⁴ *Revista católica Vida*. 25/12/38, no 26, ano 2. AEL/UNICAMP.

²⁸⁵ SOUZA, 2002, p. 195-200.

²⁸⁶ *Idem*, p. 205-210.

Assim, através do caminho de moralização do campo operário e da atuação das JOCS e círculos operários, a Igreja católica manteve-se no campo social e do trabalho construindo a “sacralização” da cultura em aliança não oficial com o Estado. No mais, a partir do caso de Rio Claro (SP), constatamos que foram os integralistas que puseram em prática a cristianização das massas através dos órgãos da Igreja.

Diante disso, concluímos, que durante o Estado Novo, o líder do Sigma Pimentel Jr e mais os integralistas Odilon Corrêa, Godofredo Pignatário e Jair Pimentel serviram como representantes sociais para as ações católicas no âmbito do trabalho e, indiretamente, para a consolidação das medidas trabalhistas do governo ditatorial de Getúlio Vargas. Efetivamente, a ação circulista na cidade de Rio Claro (SP) se fez pelas mãos dos integralistas. Assim, a ação católica rio-clarense, possivelmente, herdou características fascistas, autoritárias e hierárquicas não somente da cultura eclesiástica, mas também do universo cultural do Sigma.

Desse modo, o primeiro número da revista *Vida* iniciou com uma nota homenageando o integralista prof. Odilon Correa, que cooperou pela Santa causa da Igreja, sendo um dos baluartes da religião e o principal fundador da Editora Católica.²⁸⁷ Fonte de divulgação e propaganda da doutrina católica, o fato da editora ter sido fundada pelo integralista Odilon Correa nos demonstra que os dois movimentos estavam interligados e conjuntamente se constituindo desde os anos 30. Fato que nos evidencia os sujeitos sociais da ação católica circulista durante a ditadura varguista.

A própria Liga Jesus-Maria-José que era um instrumento de sindicalização católica, ficou nas mãos do integralista Pimentel Jr, que modificou seu perfil logo que assumiu. Na nova edição da *Vida*, por exemplo, começaram a aparecer notas sobre a Liga que muito se relacionava com a forma de propaganda e doutrinação da AIB. Notas como, por exemplo:

O senhor não pertence a Liga Católica? Então faça imediatamente a sua proposta de sócio. Ou ainda, a Liga Católica necessita do apoio e cooperação de todos os

²⁸⁷ Revista Católica *Vida*. 29/10/39, no 1, ano 1. AIMRC.

*homens moços! Campanha do mais um. Coopera na campanha do mais um, apresentando um novo sócio para a Liga Católica.*²⁸⁸

A campanha do mais um também foi realizada pelos integralistas para arregimentar militantes e eleitores para a AIB. Os convites dirigidos ao público de forma dialógica, convidando o leitor para participar do grupo, assemelhavam-se com os anúncios publicados pela AIB na imprensa rio-clarense. Como não constatamos esse tipo de convocação na coordenação do Monsenhor Botti, concluímos que, até 1939 a Liga JMJ estava voltada a um público fiel da Igreja, restrito aos "católicos praticantes" e com a entrada de Pimentel Jr, apresentou-se como um movimento de massa.

Em Rio Claro (SP), em sintonia com a Ação Católica, o movimento de reforma social cristã foi guiado pelo líder integralista Pimentel Jr que se empenhou em atingir a massa e ampliar a moralização cristã e, em outubro de 1939, dirigiu a primeira assembléia da AC. Assim, como publicou a revista *Vida*, a grandiosa assembléia da Ação Católica e das suas organizações - JIC (Juventude Industrial Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica) e da JOC (Juventude Operária Católica) - calou de maneira vigorosa na inteligência de todos que a assistiram. A atitude corajosa da brava mocidade de Rio Claro (SP), fremente de entusiasmo e patriotismo, ergueu suas vibrantes vivas a Cristo Rei, e demonstrou publicamente e vigorosamente que o Brasil nasceu cristão. Sintetizaram uma das mais fulgidas ressonâncias do palpitar e sentir inequívoco da nacionalidade brasileira, projetando, de maneira lúcida e inteligível, sobre as penumbras de possíveis confusões, o clarão esclarecedor da verdade: *Não perca tempo! Ingresse hoje mesmo, nas fileiras da Liga Católica Jesus-Maria-José e tornais, assim, um elemento útil à sociedade e a Pátria.*

²⁸⁹

Através do artigo, verificamos que o nacionalismo foi incluído no discurso da Ação Católica que reviveu os elementos da mocidade, do Cristo Rei, da verdade absoluta e da inteligência. Vozes que os integralistas louvaram pela AIB, mas que após 1938 se fizeram a partir das ligas e associações católicas, numa ação conjunta entre Igreja e Sigma.

²⁸⁸ Idem.

²⁸⁹ Idem, 26/10/39, número 3, ano 1. AIMRC.

Entre os diversos ideais integralistas publicados na revista *Vida*, em janeiro de 1940, por exemplo, constatamos, a utilização da concepção fascista sobre a família. Assim, Pimentel Jr, em artigo intitulado *Não o permitiréi*, transcreveu trechos da Nova Cruzada com palavras de Mussolini sobre a família como *a base de granito de uma nação poderosa e saudável* ²⁹⁰, pois:

A nação que construiria a sua vida política e industrial sobre uma base de moral corrompida, negando a santidade da família, desmoronaria fragosamente. Por isso, era necessário combater a imoralidade que assolava a moral do digno povo italiano. ²⁹¹

A partir do artigo, constatamos que o discurso pregado pelos católicos no Brasil era o mesmo defendido pelo líder fascista italiano: das palavras de Mussolini, Pimentel Jr fazia as suas. Desse modo, através dos discursos dos órgãos da Ação Católica brasileira, acreditamos, que nos anos 40, as semelhanças e os cruzamentos entre fascistas italianos, fascistas brasileiros e católicos se deram harmoniosamente numa relação entre estratégia política e ideológica para burlar o período ditatorial que assolava a dinâmica partidária brasileira.

Diante da situação de unicidade sindical, de apartidarismo e de consolidação das leis trabalhistas, a Igreja se viu munida do poder de auxiliar o governo e, ao mesmo tempo, afirmar-se como doutrina estruturando-se no circulismo e nos grupos de juventudes para sacralizar a cultura brasileira através do mundo do trabalho e da vida fora das fábricas.

Assim, em Rio Claro (SP), a revista *Vida* e a Liga Jesus-Maria-José, ambas coordenadas pelo integralista Pimentel Jr, foram os principais canais sociais, a fim de que se estruturassem na comunidade, de forma ordeira e hierarquizada, o departamento de propaganda da Ação Católica e as JOCs.

A Ação Católica de Rio Claro (SP) possuía, além do departamento de propaganda coordenado por Nair Spedo, os seguintes grupos de ação: Juventude Operária Católica, por Adélia Mariani, presidente, Iria Maroli, secretária e Antônia Corazza, tesoureira,

²⁹⁰ Idem, 8/01/40, número 8, ano 2. AIMRC.

²⁹¹ Idem.

coordenada também pela jocista Sita Elide Suriam que fazia reuniões operárias no interior da Cervejaria Rio Claro (SP). Juventude Feminina Católica por Felícia Alim, presidente, Adelina Ferraz, secretária e Maria Aurora de Jesus, tesoureira. Juventude Industrial Católica por Filomena Romanelli, presidente, Diva Sampaio, secretária, Luci Abade, tesoureira. Juventude Estudantina Católica que era presidida por Mirtes Pimentel, integralista, e agia no meio estudantil do Ginásio do Estado, Escola Normal e Escola Profissional.²⁹²

Por último, o grupo Homens da Ação Católica, coordenado pelo vigário Pe Antônio Martins da Silva e Pimentel Jr como secretário Geral, dividido nas seguintes seções: Seção dos intelectuais por prof. José Cardoso, presidente, prof. Achilles de Arruda, secretário, prof. Adolfo Janicelli, tesoureiro e Rv. Pe. Antônio Martins e Silva, diretor eclesiástico. Seção dos Ferroviários por Vicente Janicelli, presidente, Adiego Lamonde, secretário e Octávio Barrotti, tesoureiro. Seção dos Industriários por Emílio Valatti, presidente, Firmínio A. Cunha, secretário, João Godoy Barbudo, tesoureiro e Rv. Pe. José dal Vitt, diretor eclesiástico.²⁹³

Os grupos, por sua vez, agiam em Campos de Ação e Setores de Ação. Os Campos de Ação seriam formados por: Homem; crianças, moços e moças, homens e mulheres e pelos Grupos de Ação: família, escola, sindicato, empresa, Estado e sociedades internacionais. Os Setores de Ação eram compostos por um campo Direto: Religioso; teológico e litúrgico e o campo Indireto: Educativo; físico, profissional e intelectual e o Social; moral, econômico e político.

Diante disso, verificamos que a rede de ação católica era bem extensa e alcançava níveis que iam além de uma doutrinação através da catequese, das reuniões nos âmbitos do trabalho ou dos grupos organizados pela Igreja. O alcance era social, econômico, político, físico, moral, intelectual e atingia diversos grupos sociais, desde a família até sociedades internacionais. Portanto, um processo de cristianização da sociedade brasileira, feito com tendências totalitárias e para a mobilização da massa.

²⁹² Idem. 18/02/40, no 14, ano 1, p. 2. AIMRC.

²⁹³ Idem. 28/04/40, no 24, ano 1, p.3. AIMRC.

Não obstante, se traçarmos um paralelo com o movimento integralista (pelo fato de que o grande ator social desta empreitada católica foi o líder integralista de Rio Claro) perceberemos que as semelhanças são constantes entre a ação católica e a ação do Sigma. Plínio Salgado, assim também Pimentel Jr em Rio Claro (SP), apostavam, sobretudo, na revolução espiritual da sociedade através da AIB, que foi um Partido extremamente bem organizado com departamentos e seções atingindo mulheres, crianças e jovens.

A confirmação, de que o Integralismo e a ação cristã se associavam politicamente durante os anos 30, aconteceu em 1945, com a fundação do Partido de Representação Popular que era calcado sobre bases nitidamente cristãs, mas com diversas características da AIB como, por exemplo, o Anticomunismo e o nacionalismo.

Além do PRP, os integralistas constituíram ainda, entre 1945 e 1965, outros instrumentos de intervenção política, destacando-se a Confederação dos Centros Culturais da Juventude, que chegou a congregar mais de 500 núcleos, voltados à disseminação doutrinária do integralismo entre os estudantes; e a União Operária e Camponesa do Brasil, cuja atuação visava à mobilização e doutrinação de trabalhadores, de acordo com princípios do Sigma. Princípios que, nesse momento, eram pautados pelo espiritualismo, nacionalismo e cristianismo.²⁹⁴

Portanto, verificamos desde 1938 a aproximação política e social entre integralistas e ações cristãs que iriam se concretizar em 1945 com a fundação do PRP através do lema *Por Cristo e Pela Nação*. Constatamos que essa passagem se deu em Rio Claro (SP) pela ação dos integralistas nos órgãos da Igreja Católica que coordenados pela Ação Católica alcançaram operários e estudantes, público cortejado tanto pela AIB como pelo PRP.

Assim, sugerimos que as bases do PRP foram criadas no seio da ação católica pelas próprias mãos dos integralistas que construíram a cultura do cristianismo na sociedade durante o Estado Novo, abrindo o caminho para a candidatura de Plínio Salgado nas eleições de 1955.

Vale dizer, que o público alvo dessa empreitada católica foram os jovens e operários, alvos também dos integralistas que agiram nos sindicatos desde os anos 30 e levantaram a mocidade como vanguarda da transformação desde a fundação da AIB. O fato, portanto, de integralistas rio-clarenses apostarem nas JOCs não foi mera coincidência.

Tratou-se de uma continuação da proposta Pliniana após a decretação do Estado Novo. Não foi um simples oportunismo político-social e sim uma ação integralista dentro das possibilidades legais. Na legalidade partidária eram Partidos, na ilegalidade, eram católicos, jocistas, circulistas.

É interessante ressaltar que o discurso anticomunista foi utilizado em toda a trajetória do Sigma. Ora na imprensa local, ora na imprensa integralista, ora na imprensa católica. Pimentel Jr não deixava de lado o Anticomunismo, mesmo porque, pela negativa, pela exaltação do "perigo vermelho" o discurso integralista e cristão se fortalecia.

Assim, em dezembro de 1940 no artigo *De capa e de Chocoalho*, Pimentel fez a propaganda cristã exaltando a imagem do anticristo no demônio, imagem que segundo ele, como na Idade Média, andava solto pelo mundo, disfarçado de várias maneiras, buscando perverter a humanidade, no desempenho da sua satânica e demolidora missão.

Nas palavras de Pimentel, o satã como na Idade Média ainda andaria solto pelo mundo à caça dos despreocupados e dos desprevenidos. Apareceria com vestes suntuosas e ares inofensivos e cativantes. Daria jantares elegantes, enchendo todo mundo de títulos pomposos e bombásticos. Exploraria o *gran-finismo* e a ingenuidade de muita gente boa e, com manha e arte, ia levando tudo de rodada. Por fim, o autor avisava, num tom carregado de medo, vigília e denúncia que: *quem não quisesse cair nas garras do demônio, chacoalhasse logo o bicho que os guizos cantariam. E o demônio, vendo-se descoberto, enfiaria o rabo entre as penas e iria pregar a sua malignidade em outra freguesia.*²⁹⁵

Utilizando-se do sentimento de medo e vigília, o discurso contra o demônio do integralista Pimentel Jr., publicada na revista católica *Vida*, possivelmente, pode ser analisado como um ataque ao Comunismo uma vez que diversas vezes essa corrente política era colocada como o demônio da humanidade. Citações como, *disfarçado de várias maneiras, inofensivos e cativantes, com manha e arte*, entre outras, sugere-nos que mais do que o símbolo do anticristo, a intenção do autor era passar a imagem de um mal próximo ao ser humano e solto pelas ruas que poderia estar ao seu lado vestido de bondade. Era uma idéia, portanto, própria do Anticomunismo e da cultura de "inimigo objetivo" que atrelava

²⁹⁴ Ver CALIL, 1992.

²⁹⁵ Revista católica *Vida*. 1/12/40, no 55, ano 2, p. 1. AIMRC.

sentimentos de medo, vigília, denúncia, estranhamento do outro e do desconhecido.²⁹⁶ Apoiados na política repressiva de Vargas, todos deveriam estar atentos contra o mal para delatá-lo e derrotá-lo em nome da brasilidade e da ordem. Anticristo e Anticomunismo como fases da mesma moeda. Moeda que, por sua vez, era cassada pelo Estado, pela Igreja e pelos integralistas nos anos 40.

No exemplo da cidade de Rio Claro (SP), a caça aos vermelhos foi pregada pelos camisas e blusas verdes através da imprensa católica em plena ditadura Varguista. Evidência de como o Estado, a Igreja e o Sigma se articularam e propagaram o ideário anticomunista para jovens, mulheres e operários. Cada um com sua função: o Estado legalizando a atuação da Ação Católica, a Igreja disponibilizando o veículo de comunicação e os integralistas como atores da ação.

3.6) Algumas conclusões: da política partidária para a ação católica.

Investigar as atividades políticas dos integralistas de 1933 até 1943 na cidade de Rio Claro (SP), nos levou a conhecer de perto como que os seguidores do Sigma agiram para defender seus interesses ideológicos diante das transformações políticas nacionais.

Nos anos 30, período em que a AIB era um Partido político, verificamos que as ligações sociais e políticas se deram, sobretudo, com ferroviários, comerciários, operários, jovens e mulheres. Constatamos que Pimentel Jr, líder integralista, foi uma figura atuante no meio operário, principalmente, entre os ferroviários. Institucionalmente, as associações que não estavam ligadas ao Partido Constitucionalista também participavam de algumas conferências realizadas no núcleo e proferidas por Miguel Reale e Jeovah Motta sobre os problemas do sindicalismo.

Não obstante, nesse período, as relações entre Sigma e Igreja não eram oficiais. Existia uma afinidade ideológica, mas não havia uma ação institucional conjunta uma vez que, nos anos 30, o cenário político era bem agitado, sendo para Igreja, necessário se manter distante de disputas partidárias. Estratégia que Plínio Salgado também propunha aos seus seguidores.

²⁹⁶ Sobre o conceito de inimigo objetivo ver: ARENDT, 1978.

Rio Claro (SP), como muitas cidades brasileiras da época, foi palco de disputas entre constitucionalistas e perrepistas. Os perrepistas que eram considerados filofascistas, venceram as eleições de 1936 nos sugerindo qual era o perfil político-cultural local. Os Integralistas, frente a este quadro, tinham seu espaço social reservado. O líder Pimentel Jr, por exemplo, era um cidadão de prestígio tendo até sido fundada a Pinacoteca Municipal em seu nome. Porém, apesar desse quadro, partidariamente o Integralismo não teve grandes vitórias. A política partidária realmente era dominada pelos Partidos locais.

Ainda assim, a Ação Integralista Brasileira manteve-se viva até 1938 atuando através ações sociais assistencialistas, festividades nacionais, encontros, reuniões, seminários e caravanas. Após seu fechamento, alguns meses depois, o líder integralista tornou-se um líder católico da Igreja local.

A mudança do campo de ação dos integralistas, do Partido da AIB para os órgãos da Ação Católica, revelou-nos o que não constatamos através da expressão pública, isto é, através dos jornais: a ligação entre Igreja Católica e Integralismo era estritamente justa. Só não era explícita, pois não podia ser partidária.

No mais, a constatação de que integralistas agiram no meio católico no pós-1938, não apenas como seguidores, mas como líderes católicos tanto da Liga Católica, como da revista católica local, nos demonstrou quais foram os sujeitos sociais que auxiliaram a prática da reforma social cristã em Rio Claro (SP). Novamente, camisas e blusas verdes, representantes políticos e culturais brasileiros da doutrina fascista, agiram entre operários, estudantes e mulheres na busca de uma revolução espiritual. Só que agora, nos anos 40, de dentro dos órgãos da Igreja católica.

Desse modo, sugerimos que a ponte que ligou integralistas e católicos foi à política de moralização dos operários e de cristianização no âmbito do trabalho. O sindicalismo integral e o sindicalismo católico se misturaram no final dos anos 30 e início dos 40, nos órgãos católicos rio-clarenses. Fato que nos apontou não só a direção que os integralistas estavam seguindo - fundação do Partido de Representação Popular -, mas nos esclareceu o caminho que estava vindo, isto é, numa prática política que abraçava fortemente o meio operário.

Assim, sugerimos que a AIB foi uma investida política de um determinado setor da classe média, com tendências fascistas, que objetivando uma reforma nacional no âmbito

social, político e cultural, apostou e abraçou o operariado que era alvo de vários Partidos da época. Já com o fim do regime partidário, o movimento integralista alia-se à Igreja católica e, juntos, através dos círculos operários, das Ligas e da Ação Católica buscaram cristianizar e moralizar os espaços de trabalho.

Desse modo, acreditamos que a ação fascista brasileira através da AIB, foi uma grande manobra da classe média brasileira para cooptar, para a cultura do pensamento da direita e da Igreja, os sujeitos sociais considerados *presas fáceis* para o Comunismo: jovens, operários e mulheres. Uma prova disso foi o discurso anticomunista sempre presente nas falas integralistas, de 1932 até 1943. Veio em várias roupagens, política ou cristã, mas esteve sempre presente.

Em suma, observar essas formas de ação dos integralistas e suas articulações institucionais, tanto nos sindicatos, como nos órgãos católicos, além de permitir uma análise mais detalhada do Integralismo, também trouxe à tona atores sociais que ajudaram a formar uma cultura autoritária, católica e fascista na sociedade brasileira que concretizada, pôde se mascarar de forma democrática no pós-1945.

Ainda assim, mais do que visualizarmos os fins, constatamos os meios sociais que serviram de trilhas para o fascismo brasileiro se enraizar na cultura nacional com seus ideais corporativos, anticomunistas e autoritários. Se nos anos 30 foi através do Partido Integralista, nos anos 40 foi via Ação Católica. De qualquer modo, ocorreu de forma institucional e permitida pelo Estado varguista, que se até 1937 liberou a ação fascista da AIB, com a ditadura, aceitou e dialogou com a ação de reforma cristã da Igreja Católica brasileira.

CONCLUSÃO

"Integralismos": um movimento paulista heterogêneo

Ao término dessa dissertação, constatamos que para estudar o Integralismo como movimento político fascista é necessário explorar o máximo de direções interpretativas possíveis. Logicamente não atingimos o limite, mas trabalhamos em todo momento com a idéia de multiplicidade documental e interpretativa. Desse modo, não aceitamos os integralistas apenas como imitadores dos seguidores de Mussolini, como grupo de fanáticos ou subordinados de Plínio Salgado. Não encaramos o movimento apenas como cópia do fascismo e desvinculado da realidade social brasileira. Apostamos que se diminuíssemos nosso foco de análise e percebemos os acontecimentos em uma outra trama de ações, conseguimos um outro olhar sobre o Integralismo. Uma visão, sobretudo, heterogênea.

Portanto, buscamos nessa dissertação, primeiramente reconstruir o público alvo integralista e o perfil do militante paulista, elaborando uma análise que atrelasse a classificação social sugerida pela historiografia e a interpretação dos processos políticos, sociais e culturais locais. E em segundo, a partir das cidades de Rio Claro (SP) e Bauru (SP), entender mais a fundo as relações do Integralismo com instituições sindicais e católicas verificadas na investigação sobre as articulações sócio-políticas e culturais dos militantes do Sigma.

Nesse processo, concluímos, que tanto o público alvo como o militante integralista no Estado de São Paulo, caracterizou-se pela presença da classe operária, principalmente, os ferroviários. Não obstante, ficaria ainda mais apropriado classificarmos o movimento do Sigma como "interclassista", uma vez que, como constatamos, além de observarmos outras classes nas fileiras da AIB, de modo geral, nas cidades paulistas de Chavantes (SP), Casa Branca (SP), Araras (SP), Botucatu (SP) e, principalmente, em Rio Claro (SP), as articulações integralistas ocorriam com diversas camadas sociais, Partidos políticos e associações.

A partir do estudo das relações sociais e políticas dos militantes integralistas da cidade de Rio Claro (SP), verificamos que a AIB fazia parte do jogo político partidário local, pois, diante do quadro eleitoral, colocou-se como importante aliado, e assim,

construiu uma cultura política vinculada à classe média baixa e operária, combatendo ideologicamente outras tendências partidárias que apostassem no Liberalismo.

Diante do jogo político partidário, publicamente o movimento integralista em Rio Claro (SP) manteve-se distante das práticas políticas do Fascio local e das organizações católicas porque, entre outros motivos, as principais figuras públicas do Fascio como da Igreja eram adeptos ao Partido Constitucionalista. Em outras palavras, ainda que diversas cerimônias do Sigma ocorressem na Sociedade Italiana, que o núcleo da AIB fosse convidado para encontros católicos e que o chefe integralista classificasse em artigos de jornal os camisas verdes como soldados de Cristo; na prática política partidária, a Igreja, o Fascio e o Integralismo andavam separados.

Por outro lado, após o fim do período partidário, as relações oficiais com a Igreja mudaram, e o chefe municipal Pimentel Jr. foi nomeado como diretor da Revista católica *Vida* e coordenador da Liga Católica Jesus-Maria-José. Quanto ao Fascio, ainda que existissem afinidades ideológicas entre Sigma e fascismo, após 1943, com o Brasil na II guerra, as possíveis ligações ficaram perigosas.

Diante dessas considerações, verificamos que conforme os processos políticos foram se desenrolando nos anos 30 e 40 no Brasil, o movimento integralista de Rio Claro (SP) foi se organizando politicamente, socialmente e culturalmente num *jogo de cintura* articulado pelo Chefe Nacional, Plínio Salgado e pelo chefe municipal de Rio Claro (SP), Pimentel Jr.

Dessas articulações, destacamos duas: uma dentro da Estrutura da AIB nacional e a outra, em nível local. A primeira foi à ação dos integralistas nos Sindicatos Ferroviários Paulistas e a segunda, a intervenção do chefe integralista de Rio Claro (SP) Pimentel Jr. na Liga Católica Jesus-Maria-José e na Revista *Vida*.

A partir das intervenções dos integralistas de Bauru (SP) e Rio Claro (SP), respectivamente, no Sindicato da Noroeste do Brasil e na Cia Paulista de Estrada de Ferro, constatamos que o sindicalismo integral possuía um perfil heterogêneo devido ao mundo de relações cotidianas, de particularidades de cada localidade e de dinâmicas políticas nacionais e locais que o cercavam. Ainda que suas práticas políticas entre os ferroviários se organizassem conforme as doutrinas e a estrutura sindical oriundas dos líderes nacionais do Sigma.

Assim, os integralistas foram bem sucedidos, ou não, conforme seu perfil social, as peculiaridades de suas trajetórias políticas, a ação de outros Partidos no meio ferroviário e a repressão policial. O passado político dos líderes do Integralismo Pimentel Jr., Sebastião Lins e Jurandyr Bueno, das cidades de Rio Claro (SP) e Bauru, também foi um fator que ajudou o Sigma a se firmar no meio sindical.

Em suma, para integralistas e fascistas intervir nos sindicatos constituiu como um processo de articulações locais, de brechas políticas, de aproveitamento das medidas do presidente Vargas e, sobretudo, de uma busca pelo *poder público* local que estava relacionada com a afirmação da AIB como Partido político e do fascismo como cultura política local. Quadro sócio-político, por sua vez, que só foi alcançado no momento histórico pós - 1935 quando o movimento integralista já estava estruturado como Partido de massa e Vargas legalmente assumira seu caráter anticomunista.

Portanto, verificarmos a ação dos integralistas e fascistas nos sindicatos ferroviários não apenas trouxe à tona a amplitude da ação política da direita no Estado de São Paulo, como também tornou possível a identificação dos sujeitos da manutenção do sistema capitalista dentro e fora das fábricas. Foi notar, justamente, os atores do processo de transformação e confirmação capitalista nos anos 30. Não só diretamente na produção, como na vida cultural dos trabalhadores através, por exemplo, da imprensa sindical.

Desse modo, concluímos, que ação sindical dos integralistas mais do que buscar um sistema integral de representação profissional almejou criar no meio operário uma cultura do "fascismo movimento" que como coloca De Felice, se baseou, sobretudo, no "interclassismo" e no corporativismo. Fazia parte do próprio processo de construção do movimento integralista angariar diversas classes sociais para suas fileiras e ao mesmo tempo, transformar através dos sindicatos, trabalhadores em produtores, e assim, colaboradores do Estado num sistema corporativo.

No Estado de São Paulo, essas práticas políticas, por sua vez, se caracterizaram de forma heterogênea uma vez que ocorreram em sintonia com os processos políticos, sociais e culturais de cada localidade. Daí, falarmos em "Integralismos" e práticas fascistas, e não em um Integralismo Brasileiro baseado em um Fascismo Italiano. Concluímos que é mais relevante falarmos em ações políticas, sociais e culturais integralistas que se basearam em aspectos fascistas e que se desenvolveram conforme contextos históricos locais e nacionais.

Assim, após a decretação do Estado Novo e o fechamento da sede da AIB em Rio Claro (SP), o Integralismo rio-clarense se envolveu com as ações católicas através da Liga Jesus-Maria-José e da Revista *Vida*. Iniciou-se um novo processo na prática política do Sigma que estava estritamente relacionada com a Igreja Católica e seus propósitos de doutrinação das massas: operários, jovens e mulheres.

A partir desse momento, as ações integralistas de Rio Claro (SP) passaram a seguir as diretrizes conservadoras da Igreja que pregavam a moralização dos operários e a cristianização no âmbito do trabalho. A própria Liga Jesus-Maria-José, coordenada pelo chefe da AIB, Pimentel Jr., era um instrumento de sindicalização católica. A revista *Vida* que também era dirigida por Pimentel, servia de canal de comunicação e propaganda da Ação Católica em Rio Claro (SP).

Tratou-se, portanto, de uma outra configuração na prática do Sigma em Rio Claro (SP). A hierarquia da AIB foi substituída pela da Ação Católica. Os mecanismos de ação e doutrinação também foram centralizados nos instrumentos já propostos pela Igreja. Não se tratava mais de uma disputa partidária, mas de uma empreitada ideológica e religiosa.

Desse modo, verificamos que a ponte ideológica entre Igreja e Integralismo se fez sobre o discurso anticomunista. Ideologia que perpassou toda a trajetória da AIB e que casava perfeitamente com a investida de moralização operária sugerida pela Ação Católica e apoiada pelo Governo Vargas. Assim, constatamos que a estratégia dos integralistas rio-clarense de atuar dentro dos órgãos católicos foi uma solução eficaz para saírem da repressão política e sobreviverem culturalmente.

Não obstante, o fato de agirem dentro de um órgão da Igreja Católica e sob a vigência do Estado Novo, fez com que o Integralismo perdesse seus aspectos revolucionários de um "fascismo movimento" e, portanto, se encaixasse na cultura autoritária e conservadora da Igreja e do Estado Novo.

Com a ditadura, a cultura política de Rio Claro (SP) se modificou e (re) configurou a prática política da AIB. Diante de um Estado autoritário e corporativista, ainda que não fosse totalmente nos moldes do Estado Integral, parte da busca política integralista estava concretizada pelo governo Vargas. Restava apenas o caráter espiritual que o Integralismo tanto propagava. E foi justamente na Igreja que essa ideologia encontrou ecos e espaço.

Por outro lado, pensando no processo político local, os integralistas no pós-1937 foram responsáveis pela construção da cultura da ordem e da moral pregada por Getúlio Vargas em nível municipal. Em outras palavras, foram os braços ativos na organização da sociedade rio-clarense nos moldes do autoritarismo vigente. E mais ainda, através dos órgãos da Igreja que agiram culturalmente no seio do operariado local.

Mais uma vez, o Integralismo cooptou para seus ideais os operários, os jovens e as mulheres. Ainda que consideremos o caráter "interclassista" do movimento integralista, insistimos em mostrar que os operários foram importantes alvos do Sigma. Dentro dos sindicatos, nas sociedades beneficentes, nas ligas católicas e nos constantes discursos anticomunistas, o Integralismo paulista, de forma heterogênea, trouxe a classe operária para dentro do seu sistema fascista e autoritário.

Vale ressaltar que a prática política integralista no Estado de São Paulo variou conforme contextos locais atrelados aos nacionais, por isso, não cabe classificarmos de modo geral o Integralismo com tais características, ainda mais quando nos deparamos com o caráter fascista do Sigma. Isto é, se verificamos uma forte expressão revolucionária do "fascismo movimento" na cidade de Bauru, por outro, depois de 1937, constatamos o caráter do "fascismo regime", portanto, conservador, em Rio Claro (SP). Mesmo que ambos atingissem os operários, agiram de forma diferente, e assim, se constituíram como tipos de "Integralismos" e "fascismos".

Assim, com esse trabalho tentamos mostrar que é impossível classificarmos de forma homogênea e única o movimento integralista brasileiro. Quatro eixos temáticos tentaram demonstrar essa hipótese: as particularidades políticas, sociais e culturais locais, o perfil militante além da classe média, o caráter fascista revolucionário na ação sindical ferroviária e fascista conservador nas ligas católicas. Eixos, todavia, que só foram contemplados porque diminuimos o foco de análise e ampliarmos as complexidades. Em outras palavras, estudamos a prática política integralista no Estado de São Paulo a partir dos processos históricos municipais, relacionando os aspectos singulares do Sigma nas localidades paulistas e seus respectivos processos políticos, sociais e culturais entre 1932 e 1943.

ANEXO

Relação dos integralistas da AIB de Rio Claro (SP)²⁹⁷

Integralistas (ativos e coordenados)

<u>NOME</u>	<u>PROFISSÃO</u>
Adão Pinto	Trabalhador
Affonso Antonio Pagano	Barbeiro
Alessio Ciavolella	Ferroviário
Aureo Bapt. da Fonseca	Operário
Augusto Grunevad	Ferroviário
Antônio Angelo	Operário
Antônio Gregorio	Eletricista
Antônio Rosário Filho	-
Bartholomeu C. Bueno	Motorista
Benedicto da Costa	Motorista
Benedicto Evang. Costa	Ferroviário
Benedicto Garcia Oliveira	Ferroviário
Benedicto Simões	Ferroviário
Carlos Hoehne	Sapateiro
Carlos Kohler	Ferroviário
Carlos Simonetti	Sapateiro
Celso Pimentel de Oliveira	Ferroviário
Dilermundo Vianna	Estudante
Diogo Simonetti	Ferroviário
Durval Bustamonte Gonzalea	Funcionário Público
Ernesto Corbanez	Operário
Ernesto Fischer	Comerciário
Euclydes de Carvalho	Pedreiro

²⁹⁷Relação dos integralistas do núcleo de Rio Claro (SP). Ata do AIB de Rio Claro (SP). **FPS/APRC.**

Francisco Ciavolella	Ferroviário
Francisco Fracchia	Pedreiro
Geraldo Ramos Corrêa	Professor
Giocondo Rossatti	Ferroviário
Dr. Godofredo Pignataro	Médico
Gualter Pinto	Proprietário
Herculano Andr. Canto	Dentista
Humberto Christofani	Comerciário
Jacob Baubenstein	Trabalhador
Jairo Andrade Pimentel	Funcionário Público
Japyr Pimentel	Funcionário Público
Jurandyr Pimentel	Funcionário Público
Julio Pedro Meduna	Operário
José Attilio Lunardi	Ferroviário
Pimentel Junior	Funcionário Público
José Simões Quinteiro	Ferroviário
José Manoel Gerard	Comerciário
José Sacco	Barbeiro
José da Silva Rosa	Marcineiro
José Caparotai	Ferroviário
José Pimentel de Oliveira Sobrinho	Comerciário
João Baptista de Godoy	Ferroviário
João Buettner	-
João da Costa Cypriano	Ferroviário
João Eufrozino Vollet	Lavrador
João Evang. Costa	-
João Polycarpo	Ferroviário
João Rossini	Pintor
João Simonetti	Ferroviário
João Jacyntho de Goes	Operário

Laudelino B. Teixeira	-
Luiz Alves de Godoy	Comerciário
Mario Almeida Soares	Ferroviário
Manoel Gomes	Pintor
Odilon Ildefonso Ramos Correa	Professor
Palmiro Luiz Gonzaga	Trabalhador
Pedro Longhi	Ferroviário
Pedro Vellozo Losz	Escrivão
René Lisboa Oliveira	Gráfico
Romão Romim Filho	Tecelão
Salvador Boltanha	Ferroviário
Salvador Simonetti	-
Salvador Pagano	Comerciário
Santo Antônio Rossatti	Ferroviário
Sebastião de Abreu	Ferroviário
Sebastião de Souza	Operário
Ubyrajara Galembeck	Comeciário
Waldomiro Nepomuceno	Ferroviário
Zelindo Ranazzini	-

Integralistas

<u>NOME</u>	<u>PROFISSÃO</u>
Alfredo Cintra	-
Antônio Thomaz Jr.	Ferroviário
Antônio Carreira	Ferroviário
Augusto Rodr. Martins	Operário
Ayres Gonçalves Rosa	-
Carlos Vidal	-
Domingos Reginatto	Comerciário
Dorival Siss	-
Dyonisio Nunes	Ferroviário
Fausto Santomauro	Comerciário
Gabriel Romim	Lavrador
José da Costa	-
José Henrique Silva	Ferroviário
José Dagnoni	Ferroviário
José Isaías de Moraes	-
José Vallati	Ourives
João Hummel	-
Lindolpho Almeida	-
Luiz Bortolotti	-
Mercedes Molina Cintra	-
Nathalino Barboza	Operário
Nestor Raphael de Goes	-
Olivio Bortolotti	-
Osvaldo Ferreira Duarte	Ferroviário
Pedro Ragazzini	-
Pedro Sampaio	Carroceiro

Rosa Bortolotti	-
Sebastião Machado da Luz	Dentista
Victor Massullo	-
Dr. Vicente Ferraz Pacheco	Advogado

Integralistas em contato

<u>NOME</u>	<u>PROFISSÃO</u>
Antônio Esteves	-
Fóca Simonetti	Lavrador
João Trevilatto	Comerciário
Achilles Stancatti	Comerciário
Americo Spedo	-
Alberto Lombardo	Padeiro
Alvimar Bortolotti	Mecânico
Arthur Araújo Cintra	Operário
Antônio Bortolotti	Comerciário
Antônio de Pilla	-
Benedicto Ferreira	Operário
José Hilsdorf	Lavrador
José Oliva	Ferroviário
João Guilherme Filho	Ferroviário
Luiz Beluzzo	Estudante
Octavio David Teixeira	Gráfico
Vasco Capelatto	Ferroviário

Departamento feminino

NOME

Anna Biotto Pimentel

Amelia Rossini

Benedicta Cintra Garcia

Edith Vidal

Emilia Fracchia

Ernestina Pinto

Eliza Lunardi

Elisa Quinteiro

Irene Bortolotti

Izabel Bortolotti

Izaura Rezende Carvalho

Jandyra Martins Teixeira

Julietta Spiller

Julietta Fuzzatto

Joaquino Pinto

Lazara Costa

Laura Pinto

Leonarda Marangoni Tritto

Lucia Marques Fonseca

Maria de Lourdes Rossini

Maria Folconi Melatto

Maria Alves Ferreira

Myretti Picentel Corrêa Leite

Maria Albertina Andr. Pimentel

Myrthes Pimentel

Margarida Graf

Mercedes Cordoba Buettner

Nair de Oliveira

Olympia Pinto

Olivia Pinto

Rosa Kohler

Sebastiana Costa

Maria Emilia Vollet

Plinianos

NOME

Adão da Costa Cypriano

Arlindo Fuzzatto

Armando d'Abronzio

Benoni Hoehne

Catharina Melatto

Constantino Simonetti

Doracy Rossini

Felicio Marangoni

Ignacio Corrêa Leite Jor.

Jair Pimentel

João Pires Barboza

José Marangoni

José Melatto

Orlando Romim

Orlando Rossatti

Orlando Rossini

Raymundo Melatto

Regina Marangoni

Sebastião Evangelista Costa

Victorio Rossatti

Waldemar Hoehne

Wilson Hoehne

Yara do Sigma Pimentel

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes:

Departamento de Ordem Política e Social/Arquivo do Estado de São Paulo:

- Prontuários do DEOPS
- Dossiês do DEOPS

Arquivo Público de Rio Claro e Fundo Plínio Salgado

- Jornal *A Cidade de Rio Claro*
- Jornal *O Diário de Rio Claro*
- Ata do núcleo da AIB de Rio Claro (SP)
- Correspondências de Plínio Salgado
- Jornais integralistas: *A Ação*, *A Offensiva*, *O Nacionalista* e outros.
- Etc.

Arquivo Edgard Laueronth/ UNICAMP

- Periódico sindical *O Sindicato*
- Periódico católico *O Operário*
- Monitor Integralista
- Revista católica *Vida*
- Etc.

Arquivo da Igreja Matriz de Rio Claro (SP)

- Revista católica *Vida*

Bibliografia:

ABREU, D. S. *Poder político local no Populismo Presidente Prudente (SP) 1928-1959.*, Presidente Prudente, UNESP/IPEA, 1996.

ALMEIDA, L. F. de. *Nacional e Nacionalismo*. SP, Educ, 1995.

ARAÚJO, Ângela. *A construção do consentimento. Corporativismo e Trabalhismo nos anos trinta*. SP, Seritta, 1998.

ARAÚJO, Célia. *A ideologia Integralista de Olbiano de Mello*. SP, PUC, 1991.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e Revolução: o Integralismo de Plínio Salgado*. RJ, Zahar, 1988.

ARENDT, Hannah. *O sistema totalitário*. Lisboa, Dom Quixote, 1978.

AS ENCÍCLICAS SOCIAIS DE JOÃO XXIII. Vol 1, RJ, José Olympio, 1963.

BATALHA, Claudio. *Le sinicalisme amarelo a Rio de Janeiro (1906-1930)*. Tese de doutoramento (mimeo), Université de Paris, Paris, 1986.

BARROSO, Gustavo. *O que o integralista deve saber*. RJ, Civilização Brasileira, 1935.

BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre a revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização*. IN: FAUSTO, Boris. (Org.). *História Geral da Civilização brasileira*. SP, DIFEL, 1984, T. 3, v. 4.

BERTONHA, João Fábio. *Entre o Sigma e o Fascio: um balanço das relações entre o Fascismo italiano e o Integralismo brasileiro*. IN: *Luso Brazilian Review*. Madison, 1998.

_____. *O Brasil, os imigrantes italianos e a política externa fascista: 1922-1943*. In: *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, ano 40, no.2, 1997.

_____. *Sob o signo do Fascio: o fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil (1922-1943)*. Tese de Doutorado em História, Unicamp, Campinas, 1998.

_____. *Entre a bombacha e a camisa negra*. Estudos Ibero- Americanos, XXIV (2), dezembro 1998.

_____. *Restrição espacial e ampliação temporal: uma análise da produção histórica recente sobre o Integralismo no Rio Grande do Sul*. Estudos Ibero- Americanos, PUCRS, v. XXVIII, no 2, p. 193-198, dezembro 2002.

_____. *Entre a Cruz e o Fascio Littorio. A Igreja Católica Brasileira, os missionários italianos e a questão do fascismo, 1922 - 1943*. In: *História & Perspectivas*, Uberlândia, 916/17): 29-45, Jan./Dez. 1997.

BILAC, M. Beatriz Bianchini. *As elites políticas de Rio Claro: um estudo sobre a formação dos setores dirigentes em um município paulista*. Tese de doutoramento, IFCH, Unicamp, Campinas, 1995.

BRANDALISE, Carla. *O Fascismo na periferia latino Americana: o paradoxo da implantação do Integralismo no Rio Grande do Sul*. Mestrado, URGs, Porto Alegre, 1992.

BRUSANTIN, B. de M. *Na Boca do Sertão: O 'perigo' político no interior do Estado de São Paulo (1930 -1945)*. Inventário DEOPS, Arquivo do Estado de São Paulo, Imprensa Oficial, 2003.

BUARQUE de HOLANDA, S. *História Geral da Civilização Brasileira*. vol. III, São Paulo, DIFEL, 1981.

CALDEIRA, J. R. de Castro. *Integralismo e política regional*. Annablume, São Paulo, 1999.

CALIL, Gilberto. *O Integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre, Edipucrs, 2001.

CANCELLI, E. *O Mundo da Violência: a polícia na Era Vargas*. Brasília, UnB, 1993.

CAPELATO, Maria Helena. *Propaganda política e controle dos meios de comunicação*. IN: PANDOLFI, Dulce. *Repensando o Estado Novo*. RJ, FGV, 1999.

CARONE, Edgard. *A República Nova: 1930 - 1937*. SP, DIFEL, 1974.

_____. *O Estado Novo: 1937 -1945*. SP, DIFEL, 1977.

_____. *A Segunda República: 1930-1937*. SP, DIFEL, 1978.

CAVALARI, Rosa Maria F. *Integralismo: ideologia e organização de um Partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru-SP, Edusc, 1999.

CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado. Formas de regressividade no Capitalismo hiper-tardio*. SP, Livraria Ed. Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, Marilena. *Apontamentos para uma crítica da razão integralista*. In: CHAUÍ, M. & FRANCO, M. S. Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular*. RJ, Paz e Terra, 1978.

_____. *Notas sobre o pensamento conservador nos anos 30: Plínio Salgado*. In: ANTUNES, R.; FERRANTE, V.B.; MORAES, R. (orgs.). *Inteligência brasileira*. Brasiliense, São Paulo, 1986.

CYTRYNOWICZ, R. *Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30*. Dissertação de Mestrado/FFLCH -USP, SP, 1992.

DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. RJ, Paz e Terra, 1987.

DE DECA, Edgard. *O silêncio dos vencidos*. São Paulo, Brasiliense, 1976.

DE FELICE, R. *Explicar o fascismo*. ED. 70, Lisboa, 1978.

_____. *Entrevista sobre o fascismo*. RJ, Civilização Brasileira, 1988.

DIAS, Romualdo. *Imagens de Ordem. A doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922-33)*. UNESP, SP, 1996.

DOTTA, Renato. *O Integralismo e os Trabalhadores. As relações entre a AIB, os Sindicatos e os Trabalhadores através do jornal Acção (1936-1938)*. Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, SP, 2003.

DUTRA, Eliana. *O Ardil Totalitário: Imaginário Político no Brasil dos anos 30*, UFRJ/UFGM, 1997.

Enciclopédia do Integralismo. RJ, GRD/Livraria Clássica Brasileira, s/d, vol X.

FARIAS, Damião. *Em defesa da Ordem. Aspectos da Práxis Conservadora Católica no meio operário em SP (1930-45)*. SP, HUCITEC, 1998.

FAUSTO, B. (dir.). *História geral da civilização brasileira. O Brasil Republicano. Sociedade e política (1930-1964)*. SP, DIFEL, 1981, tomo III, vol. 3.

_____. *Historiografia da Imigração para São Paulo*. SP, DIFEL, 1983.

GARCIA, Liliani B. dos Reis. *Rio Claro e as Oficinas da Cia Paulista de Estrada de Ferro*. Tese de doutorado, UNICAMP, Campinas, 1992, p. 178.

GEERTZ, C. *A interpretação das Culturas*. RJ, Zahar, s/d.

GERTZ, R.. *O Fascismo no sul do Brasil – Germanismo, Nazismo, Integralismo*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.

_____. *Nazismo, Fascismo, Integralismo e o apoio das oligarquias do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina no Estado Novo*. IN: Estudos Ibero Americanos, XIV, 1;21-30, 1988.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. SP, Cia das Letras, 2001.

GOMES, Ângela Maria de Castro. *A representação de classes na constituinte de 1934*. IN: Revista de Ciência Política 3, vol. 21, RJ, jul/set. 1978.

GLUCKSMAN, C. B. *Gramsci e o Estado*. RJ, Paz e Terra, 1980.

GRAMSCI, Antônio. *A Ação Católica*. In: *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*. Civilização Brasileira, RJ, 1984.

HALL, Michael. *Italianos em São Paulo*. IN: Anais do Museu Paulista, 29:201-215, 1979.

KITCHEN, M. *Fascism*. Lodon, Macmillan, 1976.

LENHARO, A. *Sacralização da política*. Campinas, Papirus, 1986.

LEVINE, R. *O regime de Vargas: Os anos críticos (1934-1938)*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

LUSTOSA, O. de Figueiredo. *A Igreja e o Integralismo no Brasil: 1932-1939*. Revista de História (out./dez.), FFLCH-USP, SP, 1976.

MARTINS, Francisco de Souza. *O Integralismo: Curso Introdutório ao Pensamento Político Brasileiro*. Unidade IX e X. Brasília, Editora UnB, 1982.

MEDEIROS, J. *Ideologia Autoritária no Brasil: 1930-1945*. RJ, FGV, 1978.

MILKE, Daniel. *Integralismo na capital gaúcha: espaço político de alianças e participação nos governos estaduais do Rio Grande do Sul de 1958 e 1962*. Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

MONTENEGRO, J. A. *O Integralismo no Ceará – Variações ideológicas*. Fortaleza, Imprensa Oficial, 1986.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e nação*. SP, Ática, 1990.

PINHEIROS, P. S. *A estratégia das ilusões: a revolução Mundial e o Brasil(1922-35)*, São Paulo, Cia das Letras, 1991.

PINTO, Antônio C. *A ideologia do fascismo revisitada: Zeev Sternhell e os seus críticos*. IN: Críticas e Debates, junho de 1985.

POSSAS, Lídia Maria Vianna. *O Trágico três de outubro. Estudo histórico de um evento*. Bauru, USC, 1993.

REALE, Miguel. *O Estado Moderno*. RJ, Livraria José Olympo Editora, 1ª ed. 1934 - 2ª ed. 1934 - 3ª ed. 1935. IN: Obras Políticas (1ª fase - 1931/1937). Brasília, Cadernos da UnB, 1983, tomo 2 e 3, p. 157.

_____. *O Capitalismo Internacional*. RJ, J. Olympio, 1935.

REICH, W. *La psicologia de masas del fascismo*. DF, México, 1973.

REVEL, Jacques. *Jogos de Escala. A experiência da microanálise*. RJ, FGV, 1998.

RIBEIRO, Ivair. *Sob o Signo do Fascismo e do anti-semitismo: o Integralismo na imprensa de Olímpia/SP (1929-1937)*. Monografia de especialização em História, UNESP, 2002.

SAES, Décio. *Classe Média e política no Brasil 1930 -1964*. In: FAUSTO, Boris. *História da Civilização Brasileira*. SP, DIFEL, 1981.

SALGADO, Plínio. *Manifesto de Outubro de 1932*. SP, Ed. Voz do Oeste, 1982.

SANTOS, V. T. dos. *Os seguidores do Duce: os italianos fascistas no Estado de São Paulo*. Inventário DEOPS, Módulo V - Italianos, Arquivo do Estado/ Imprensa Oficial, São Paulo, 2001.

SILVA, Giselda Brito. *A Ação Integralista Brasileira (AIB-PE): 1932- 1938*. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1996.

SILVIA, Zélia Lopes da. *A domesticação dos Trabalhadores nos anos 30*. São Paulo, Ed. Marco Zero, CNPq, 1990.

SOUZA, Jesse Jane Vieira de. *Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil*. RJ, Editora UFRJ, 2002.

STERNHELL, Zeev. *El nacimiento de la ideologia fascista*. Madrid, Siglo XXI editores, 1994.

TOGLIATTI, P. Lições sobre o fascismo. SP, Ed. Ciências Humanas, 1978.

TOLEDO, Edilene. *O sindicalismo revolucionário em São Paulo e na Itália: circulação de idéias e experiência na militância sindical transnacional entre 1890 e o fascismo*. Campinas, Tese de Doutorado UNICAMP.

TONINI, Veridiana. *Uma relação de Amor e Ódio: o caso Wolfram Metzler (1932-1957)*. Passo Fundo, UPF, 2003.

THOMPSON, E.P. *Costumes em Comum*. SP, Cia das Letras, 2002.

TRENTO, Ângelo. *Fascismo Italiano*. SP, Ática, 1993.

_____. *Relações entre fascismo e Integralismo: o ponto de vista do Ministério dos Negócios estrangeiros italianos*. IN: Ciência e Cultura, XXXIV, 12:1601-1613, 1982.

_____. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo, Nobel, 1989.

TRINDADE, H. *Integralismo (o fascismo brasileiro na década de 30)*. SP/RS, DIFEL, 1974.

_____. *Integralismo: teoria e prática política nos anos 30*. In: FAUSTO, B. (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. SP, DIFEL, 1981, Tomo III, v. 3.

TUCCI CARNEIRO, M.L. *O anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945)*. SP, DIFEL, 1974.

VASCONCELLOS, G. *Ideologia Curupira. Análise do discurso integralista*. SP, Brasiliense, 1979.

VELLOSO, Mônica P. *Brasilidade Verde Amarela: nacionalismo paulista*. RJ, CPDOC, 1987.

VIEIRA, E.P. *Entidades de Classe: mecanismos de pressão política*. Revista Brasileira de Estudos Políticos. Belo Horizonte, UFMG, 65, 1987.

VIEIRA, M.P.A. *Em busca do Sigma: estudo sobre o pensamento de Plínio Salgado às vésperas da AIB*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, São Paulo, 1978.

WILLIAMS, Maragareth Todaro. *Integralism and the Brazilian Catholic Church*. IN: Hahr, vol 54, no 3, agosto 1974.

ZAVERUCHA, J. *A questão do Integralismo diante da herança fascista*. Ciência & Trópico, Recife, 1984.